

É objetivo do Curso de Aprendizes do Evangelho propiciar ao aluno uma visão geral do Velho Testamento, mas, principalmente, o aprofundamento no estudo do Novo Testamento, dando enfoque especial aos ensinamentos do Evangelho e das Epístolas, Segundo o Espiritismo.

Este trabalho tem como objetivo geral, levar o aluno a uma assimilação do conteúdo doutrinário. Para tanto, buscou-se a fidelidade devida aos textos da Codificação, assim como, induzi-lo ao conhecimento de si mesmo, de suas potencialidades e consequente modificação de sua conduta interior perante o mundo e a vida em sociedade.

Quanto ao conteúdo programático, os cursos são constituídos de vinte e quatro lições, contendo a essência dos Livros da Codificação, abordados de forma sucinta e didática.

Nossos livros consistem em textos base, explanados de forma clara e acessível, de forma a permitir ao aluno uma visão metodológica do todo. Nesse aspecto caberá ao expositor desenvolver, completar, aprofundar esses textos de forma precisa e objetiva.

Dessa maneira, a Educação Espírita, em consonância com o nosso tempo, sugerem uma Pedagogia Ativa, ou seja, uma proposta de Educação projetada para o futuro; centrada no sujeito, na Vida.

Área de Ensino

Conteúdo

Apresentação	4
1ª. Aula - Parábolas e Ensinamentos de Jesus Sobre o Reino dos Céus	5
Parte A – O que é Parábola? - Parábola do Semeador	5
Parte B - Parábola do Joio e do Trigo, Parábola do Festim das Bodas, A Porta Estreita	6
2ª. Aula - Parábolas e Ensinamentos de Jesus Sobre o Desapego às Riquezas Terrenas	9
Parte A - Parábola do Rico Insensato, Parábola do Administrador Infiel, Zaqueu, o Publicano	9
Parte B - Parábola do Rico e Lázaro, O Moço Rico e o Perigo das Riquezas, Recompensa Prometida ao Desprendimento	12
3ª. Aula - Parábolas e Ensinamentos de Jesus Sobre a Valorização Do Trabalho	15
Parte A - Parábola dos Talentos, Parábola dos Vinhateiros Homicidas, Reconhece-se o Cristão pelas Suas Obras	15
Parte B - Parábola da Figueira Estéril, Parábola dos Trabalhadores da Última Hora, Os Últimos Serão os Primeiros	17
4ª. Aula - Parábolas e Ensinamentos de Jesus Sobre As Falsas Aparências	21
Parte A - A Parábola do Bom Samaritano, O Maior Mandamento, Fora da Caridade Não Há Salvação	21
Parte B - Parábola do Fariseu e do Publicano, Parábola dos Primeiros Lugares, Quem se Elevar Será Rebaixado	23
5ª. Aula - Parábolas e Ensinamentos de Jesus Sobre a Misericórdia Divina e a Necessidade da Vigilância	26
Parte A - A Parábola do Filho Pródigo, A Parábola da Ovelha Perdida, Ajuda-te que o Céu te Ajudará	26
Parte B - Parábola das Dez Virgens, Parábola do Mordomo, Orai e Vigiai	30
6ª. Aula - Jesus, A Lei e os Profetas	32
Parte A - Jesus e a Tradição dos Antigos	32
Parte B - Não Se Pode Servir a Dois Senhores	35
7ª. Aula - Ensinamentos de Jesus Sobre a Fraternidade	37
Parte A - Discurso Sobre a Fraternidade	37
Parte B - Perdão Das Ofensas	40
8ª. Aula - Ninguém Pode Ver o Reino de Deus se Não Nascer de Novo E a Missão de Jesus	42

Parte A - Reencarnação	42
Parte B - A Missão de Jesus	45
9ª Aula – A Autoridade de Jesus e o Sermão Dos “Ais”	48
Parte A - Jesus e Os Doutores Da Lei	48
Parte B - Sermão Dos “Ais” (Mt 23:13-39)	50
10ª Aula - As Predições do Evangelho e o Sermão Profético	53
Parte A - Predições Do Evangelho	53
Parte B - O Sermão Profético (ou Discurso Escatológico) (Mt 24:1-44; Mt 25:31-46)	56
11ª Aula - O Sermão Do Cenáculo E o Consolador Prometido	58
Parte A - O Sermão Do Cenáculo	58
Parte B - O Consolador Prometido	61
12ª Aula - Desfecho Da Missão Planetária De Jesus	64
Parte A – A Prisão E A Crucificação De Jesus	64
Parte B - Aparições De Jesus Após a Morte	68
13ª. Aula - Atos Dos Apóstolos	70
Parte A - Os Apóstolos Em Jerusalém E o Dia de Pentecostes	70
Parte B - A Atuação Dos Apóstolos e A Primeira Comunidade Cristã	73
14ª Aula - Atos Dos Apóstolos	76
Parte A - Atividade Missionária De Pedro – 1ª Parte	76
Parte B - Atividade Missionária De Pedro - 2ª Parte	79
15ª Aula - Ato Dos Apóstolos	82
Parte A - Saulo e Estevão	82
Parte B - Paulo, O Apóstolo Dos Gentios	85
16ª Aula - As Epístolas Do Novo Testamento	89
Parte A - Introdução	89
Parte B - Epístola De Paulo Aos Filipenses	93
17ª Aula - Epístolas Paulinas	96
Parte A – 1ª Epístola Aos Coríntios	96
Parte B – 2ª Epístola Aos Coríntios	100
18ª Aula - Epístolas Paulinas	103
Parte A - Epístola Aos Romanos	103
Parte B - Epístola Aos Efésios	106
19ª. Aula - Epístolas Paulinas	109
Parte A – Epístolas Pastorais	109
Parte B - Epístola Aos Hebreus	112
20ª Aula - Epístolas Universais	115
Parte A - Introdução	115
Parte B - Epístolas De Pedro	118
21ª Aula - Epístolas Universais	121
Parte A - Epístolas De João	121
Parte B – Epístola De Tiago	124
22ª Aula – O Apocalipse De João	127
Parte A - O Apocalipse	127
Parte B - O Apocalipse A Luz Da Doutrina Espírita	130
23ª Aula - Nova Era	133
Parte A - Sinais Dos Tempos	133
Parte B - Regeneração Da Humanidade	135
24ª Aula - O Espiritismo	138
Parte A - Do Cristianismo Ao Espiritismo	138
Parte B - Missão Do Espiritismo	141

Apresentação

Em virtude da quantidade cada vez maior de alunos, interessados nas mensagens que consolam e esclarecem da Doutrina do Cristianismo Redivivo, toma-se oportuno uma revisão dos textos didáticos, no sentido de adaptá-los a uma pedagogia adequada aos novos tempos.

Se o objetivo da Educação é a libertação total dos educandos, o alcance deste fim deve levar em conta as situações e o horizonte cultural dos mesmos.

Este trabalho tem como objetivo geral, levar o aluno a uma assimilação do conteúdo doutrinário. Para tanto, buscou-se a fidelidade devida aos textos da Codificação, assim como, induzi-lo ao conhecimento de si mesmo, de suas potencialidades e conseqüente modificação de sua conduta interior perante o mundo e a vida em sociedade.

Quanto ao conteúdo programático, os cursos são constituídos de vinte e quatro lições, contendo a essência dos Livros da Codificação, abordados de forma sucinta e didática.

Nossos livros consistem em textos base, explanados de forma clara e acessível, de forma a permitir ao aluno uma visão metodológica do todo. Nesse aspecto caberá ao expositor desenvolver, completar, aprofundar esses textos de forma precisa e objetiva.

Dessa maneira, a Educação Espírita, em consonância com o nosso tempo, sugerem uma Pedagogia Ativa, ou seja, uma proposta de Educação projetada para o futuro; centrada no sujeito, na vida.

- O Livro dos Espíritos constitui a pedra fundamental da Doutrina Espírita, marco inicial da Codificação Espírita. Com relação às demais obras de Allan Kardec, os livros sequenciais partem da base filosófica deste:

- O Livro dos Médiuns: natural que sucedesse com o aprofundamento científico e metodológico dos fenômenos espíritos. Encontra-se sua fonte no Livro II (Cap. VI até o final);

- O Evangelho Segundo o Espiritismo: decorrência do Livro IV em sua abordagem Doutrinária Moral;

- O Céu e o Inferno ou Justiça Divina Segundo o Espiritismo: decorre do Livro IV do Livro dos Espíritos.

- A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo: relaciona-se no Livro I (Cap. II, III e IV), ao Livro II (Cap. IX, X e XI) e partes de capítulos do livro III.

“A educação é um conjunto de hábitos adquiridos” (Livro dos Espíritos, pergunta 685a), onde não basta à educação por si só, mas sim, a concretização da educação espiritual pela conduta de cada um, ou seja, o aprendizado e a prática.

A Federação Espírita do Estado de São Paulo espera, portanto, que esta revisão possa cumprir com as finalidades para as quais foi idealizada e, sobretudo corresponder aos desígnios da Espiritualidade, no sentido de ressaltar sempre o caráter evangélico da Codificação à luz de princípios racionais, no ontem, no hoje e no amanhã.

Área de Ensino

Zulmira da Conceição Chaves Hassesian

1ª. Aula - Parábolas e Ensinamentos de Jesus Sobre o Reino dos Céus

Parte A – O que é Parábola? - Parábola do Semeador

INTRODUÇÃO

O processo de conhecimento humano é algo admirável. Os Homens, passo a passo, caminham a ignorância em direção à Luz. É uma longa jornada. Quando a analisamos, podemos contemplar uma série infindável de matizes.

Numa mesma civilização, por exemplo, vemos que cada nova geração beneficia-se com o legado da geração anterior, e, alicerçando-se naquilo que já foi fundamentado, coloca novos tijolos nesse grande edifício.

De tempos em tempos, no entanto, a Humanidade é contemplada com a vinda de grandes missionários que, pelo reconhecido conhecimento superior que possuem, pela notável ascendência espiritual que denotam, conduzem os Homens a um verdadeiro salto em direção ao progresso.

Todos os povos tiveram seus missionários, seus profetas, seus patriarcas - Homens que trouxeram esclarecimento trouxeram ensinamentos sobre a Lei Divina, sobre a vida espiritual. Eram verdadeiros desbravadores, eis que se inseriam em um meio social muito inferior a condição espiritual que possuíam.

A transmissão de novos ensinamentos é um processo em que podemos assinalar diversas pontes mareantes. Entre as principais, estão: a resistência ao novo, que é uma tendência natural do Ser Humano; a oposição, eis que grupos dominantes sempre temem a disseminação de conhecimento; e a capacidade de aprendizado dos indivíduos, que varia ao infinito.

Por isso, os grandes missionários, quando se dirigiam as pessoas simples, com limitada capacidade de compreensão, usavam, muitas vezes, o método de contar histórias, baseadas nos assuntos da época, usando situações do cotidiano, pois assim deixava, de forma indelével, um grande ensinamento.

Dentre todos os missionários que visitaram a Terra, resplandecera pela eternidade a figura incomparável do Rabi da Galiléia.

Jesus, em sua missão única e insuperável, legou-nos os mais preciosos ensinamentos, as mais valiosas lições, os mais sublimes exemplos!

A multidão - homens, mulheres, crianças, idosos, necessitados e excluídos, famintos de consolo, de amparo e de auxílio - ouviam-no encantados e diziam: **“Nunca alguém falou assim antes!”**

PARÁBOLA DO SEMEADOR

“Eis que O semeador saiu para semear E ao semear uma parte da semente caiu à beira do caminho e as aves vieram e a comeram. Outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra. Logo brotou, porque a terra era pouco profunda. Mas, ao surgir o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou. Outra ainda caiu entre os espinhos. Os espinhos cresceram e a abafaram. Outra parte, finalmente, caiu em terra boa e produziu fruto, umas cem, outra sessenta e outra trinta. Quem tem ouvidos, ouça!” (Mt 13:3-9).

É uma historia comum, mas de imensa beleza e significado: um presente amoroso que Jesus deixou para toda a Humanidade.

Primeiramente, vejamos o significado dos principais simbolismos aqui apresentados:

O Semeador representa Jesus, que semeia sem cessar os corações humanos, sem fazer distinções. A figura do semeador pode também representar todo aquele que semeia o Bem por onde passa. Mas o que simboliza a semente?

A semente simboliza o ensinamento espiritual contido no Evangelho de Jesus. É a Lei de Deus trazida aos Homens.

O terreno simboliza os diferentes estágios evolutivos da alma humana que, no caso, são:

- **À beira do caminho:** terreno que representa as pessoas indiferentes aos ensinamentos espirituais. Elas não são nem boas nem más, mas são como solo estéril, não se comprometem com nada que lhes exija responsabilidade ou esforço para mudar a si mesmas ou o mundo em que vivem. Essas pessoas ainda dormem e precisam despertar para a vida espiritual.

- **O pedregal:** simboliza aqueles que inicialmente se entusiasmam quando ouvem o ensinamento espiritual, mas nas primeiras dificuldades perdem a motivação e desistem, pois não têm ainda perseverança e vontade suficientes. Esse terreno ainda contém mais pedras do que terra: a semente começa a se desenvolver, mas não tem raiz e definha.
- **O espinheiro:** São as pessoas que recebem a semente, deixam-na germinar e gerar uma plantinha, mas, antes que ela se fortaleça e se enraíze, permitem que o orgulho e o egoísmo sufoquem-na. “Abafam” a semente, e deixam passar a oportunidade de se transformar e dar belos frutos. Para estas pessoas, os cuidados do mundo e as suas riquezas têm maior importância do que o ensinamento espiritual.
- **A boa terra:** Solo fértil são as pessoas que estão receptivas aos ensinamentos espirituais, e estão à procura da verdade libertadora. Quando, então, recebem a preciosa semente, protegem-na, cercam-na de cuidados, para que ela tenha condição de germinar e frutificar.

Essa postura de acolher a semente, ou seja, o ensinamento espiritual, e, ainda, cuidar para que ela germine e se desenvolva, requer persistência, esforço, devotamento, boa vontade.

Podemos lembrar, entretanto, que solos férteis podem apresentar diferentes capacidades de produção, e, dessa forma, produzir a trinta, sessenta, cem. Assim também, nós, quando nos tornamos solos férteis, produziremos de acordo com a nossa capacidade: a trinta, a sessenta, a cem.

O importante é que nos esforcemos a fim de produzir tudo àquilo que já somos capazes, gerando os bons frutos que são esperados da boa semente, e, além disso, que nos tomemos pequenos semeadores, seguindo o exemplo do grande semeador: Jesus. Isto é o que se espera de nós, os espíritas.

Esta observação oferece-nos a oportunidade de fazer uma reflexão, no silêncio de nossas almas, para o autoconhecimento; oportunidade de despertar para o desejo de renovação e de produzir os bons frutos.

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XVII, item 4, no tema “Os Bons Espíritas”, Kardec assevera: **“Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral, e pelos esforços que faz para dominar suas mas inclinações.”**

Nenhuma semente perde-se jamais. Cada uma tem o seu tempo de germinar, como tudo na Natureza: há um tempo de nascer, um tempo de crescer, um tempo de amadurecer, um tempo de dar frutos e recomeçar o ciclo bendito da vida, cada vez com mais vigor e beleza.

QUESTÃO REFLEXIVA:

Como tornamo-nos solo fértil para os ensinamentos de Jesus.

Parte B - Parábola do Joio e do Trigo, Parábola do Festim das Bodas, A Porta Estreita

PARÁBOLA DO JOIO E DO TRIGO (OU DA CIZANIA)

“O Reino dos Céus é semelhante ao homem que semeou boa semente no seu campo. Enquanto todos dormiam, veio seu inimigo e semeou o joio no meio do trigo e foi-se embora. Quando o trigo cresceu e começou a granar apareceu também o joio. Os servos do proprietário foram procurá-lo e lhe disseram: ‘Senhor; não semeaste boa semente no teu campo? Como então está cheio de joio? Ao que este respondeu: ‘Um inimigo é que fez isso’. Os servos perguntaram-lhe: ‘Queres, então, que vamos arrancá-lo?’ Ele respondeu: ‘Não, para não acontecer que, ao arrancar o joio, com ele arranqueis também o trigo. Deixai-os crescer juntos até a colheita. No tempo da colheita, direi aos ceifeiros: Arrancai primeiro o joio e atai-o em feixes para ser queimado; quanto ao trigo, recolhei-o no meu celeiro.’.” (Mt 13:24-30).

Nesta parábola, o homem que semeou a boa semente é Jesus; o campo é o mundo; o trigo simboliza os bons, os que se esforçam para seguir a Lei Divina e praticá-la, e o joio são as pessoas que ainda se comprazem na prática do mal, que infringem a Lei de Deus, mas, no entanto, têm a aparência de bons.

Jesus utiliza a figura do joio e do trigo, pois, numa plantação de trigo, muitas vezes encontram-se sementes de joio. E, curiosamente, enquanto a plantação cresce, o joio cresce ao lado do trigo, mas não é reconhecido como tal, pois se assemelham. Somente na hora da colheita é que vemos quais são “os frutos” de cada um deles. Por isso, o Mestre alerta sobre a necessidade de vigilância.

Essa “semente de joio” pode inserir-se em todos os setores da atividade humana, ou seja, pode ser encontrado em um grupo de pessoas, em uma comunidade, ou mesmo em uma filosofia ou doutrina. Quando essa semente de joio representa um indivíduo, a Doutrina Espírita esclarece-nos, em “O Livro dos Espíritos”, na questão 115:

P. “Uns Espíritos foram criados bons e outros maus?”

R. “Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, ou seja, sem conhecimento. Deu a cada um deles uma missão, com o fim de os esclarecer e progressivamente conduzir a perfeição, pelo conhecimento da verdade, e para os aproximar Dele.”

Sabemos que todos os Espíritos foram criados iguais. As diferenças que existem refletem apenas o grau evolutivo de cada um.

Deus, na sua infinita Bondade, oferece a oportunidade de aprendizado a todos. Para que ocorra esse processo de crescimento espiritual, a diversidade é necessária, para que uns aprendam com os outros.

Constitui, a propósito, um dever cristão o ato de partilhar o conhecimento e exemplificar as virtudes.

Quando, porém, persiste a indiferença ao Bem, à resistência as mudanças, ao joio restará renascer em outras searas, compatíveis com sua fase evolutiva, até que aprenda a renovar-se (o joio atirado ao fogo).

Em “A Gênese”, cap. XVII, item 63, Allan Kardec escreve:

“O Bem devendo reinar na Terra, é necessário que dela sejam excluídos os Espíritos endurecidos no mal, e que poderiam ai levar a perturbação. Deus os deixou nela o tempo necessário ao seu melhoramento; mas terão chegado o momento em que o globo deve elevar-se na hierarquia dos mundos, pelo progresso moral de seus habitantes, a permanência nele, como Espíritos e como encarnados, será interdita aqueles que não tiverem aproveitado as instruções que estiveram em condição de receber serão exilados para mundos inferiores, como o foram outrora para a Terra os da raça adâmica, sendo substituídos por Espíritos melhores.”

PARÁBOLA DO FESTIM DAS BODAS (OU DA FESTA DE NÚPCIAS)

“O Reino dos Céus é semelhante a um rei que celebrou as núpcias do seu filho. Enviou seus servos para chamar os convidados as núpcias, mas estes não quiseram vir. Tornou a enviar outros servos, recomendando: ‘Dizei aos convidados: eis que preparei meu banquete, meus touros e cevados já foram abatidos e tudo está pronto. Vinde as núpcias’. Eles, porém, sem darem a menor atenção, foram-se, um para o seu campo, outro para o seu negócio, e os restantes, agarrando os servos, os maltrataram e os mataram. Diante disso, o rei ficou com muita raiva e, mandando as suas tropas, destruiu aqueles homicidas e incendiou-lhes a cidade. Em seguida, disse aos servos: As núpcias estão prontas, mas os convidados não eram dignos. Ide, pois, as encruzilhadas e convidai para as núpcias todos os que encontrardes’. E esses servos, saindo pelos caminhos, reuniram todos os que encontraram, maus e bons, de modo que a sala nupcial ficou cheia de convivas. Quando o rei entrou para examinar os convivas, viu ali um homem sem a veste nupcial e disse-lhe: Amigo, como entraste aqui sem a veste nupcial? ‘Ele, porém, ficou calado. Então disse o rei aos que o serviam: ‘Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o fora, nas trevas exteriores. Ali haverá choro e ranger de dentes. ‘Com efeito, muitos são chamados, mas poucos escolhidos.” (Mt 22:2-14).

Se considerarmos o texto desta parábola ao pé da letra, ficaremos surpresos com a dificuldade encontrada para se aceitar um convite para uma festa de casamento.

Em verdade, Jesus utiliza um banquete nupcial como alegoria ao “banquete espiritual”, ao qual todos somos convidados, através de seu Evangelho, como elucida Kardec em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XVIII, item 2:

“(…) Jesus compara o Reino dos Céus, onde tudo é felicidade e alegria, a uma festa nupcial. Os primeiros convidados são os judeus, que Deus havia chamado em primeiro lugar para o conhecimento de sua lei. Os enviados do rei são os profetas, que convidaram os judeus a seguir o caminho da verdadeira felicidade, mas cujas palavras foram pouco ouvidas, cujas advertências foram desprezadas, e muitos deles foram mesmo massacrados, como os servos da parábola. Os convidados que deixam de comparecer alegando que tinham de cuidar de seus campos e de seus negócios, representam as pessoas mundanas, que, absorvidas pelas coisas terrenas, mostram-se indiferentes para as coisas celestes. (...) e acrescenta que o rei, vendo isso, mandou convidar a todos os que fossem encontrados nas ruas, bons e maus. Fazia entender assim, que a palavra seria pregada a todos os outros povos...”

Como sabemos, os judeus compunham um povo que era reconhecido pela crença monoteísta. Sua história é marcada pelos grandes profetas que, de tempos em tempos, surgiam para trazer as verdades espirituais.

No entanto, muitos deles foram desprezados e, até mesmo, mortos, sacrificados. Kardec, por isso, elucida-nos que os convidados que não quiseram comparecer ao banquete eram os judeus. Vemos, dessa forma, nesta parábola, que o **rei** (Deus) estende seu **convite** a todos os que queiram participar do **banquete** (todos nós), assim como Jesus o faz, não distinguindo as pessoas por etnia, religião, classe social ou nível cultural.

Kardec continua: *“Mas não basta ser convidado; não basta dizer-se cristão, tampouco sentar-se a mesa para participar do banquete celeste. E necessário, antes de tudo, e como condição expressa, vestir a túnica nupcial, ou seja, purificar o coração e praticar a lei segundo o espírito, pois essa lei se encontra inteira nestas palavras: **Fora da caridade não há salvação. Quão poucos se tornam dignos de entrar no Reino dos Céus! Foi por isso que Jesus disse: Muitos serão os chamados e poucos os escolhidos**”.*

Assim como no banquete nupcial é necessário estar adequadamente vestido, para fazer parte do banquete espiritual, é preciso aceitar, compreender e colocar em prática os princípios morais ensinados por Jesus.

A parábola mostra que todos são chamados a participar do banquete espiritual, mas depende da vontade de cada um fazer parte dele. Os que escolherem não participar permanecerão na ignorância espiritual, e no sofrimento que essa condição acarreta, até que acordem para trilhar novos e mais felizes caminhos.

Em todas essas parábolas, Jesus mostra que o Reino dos Céus já está dentro de nós, desde sempre; só depende de nós descobri-lo, exteriorizá-lo e vivê-lo, transformando a nós mesmos e, por consequência, o mundo a nossa volta.

A PORTA ESTREITA

“Entrai pela porta estreita, porque largo e espaçoso é o caminho que conduz a perdição. E muitos são os que entram por ele. Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho que conduz a vida. E poucos são os que o encontram”. (Mt 7:13-14).

Nessa passagem, Jesus aponta-nos o melhor caminho a seguir para a nossa evolução. Mas o que essas “portas” significam?

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XVIII, item 5, Kardec comenta: *“A porta da perdição é larga, porque as más paixões são numerosas e o caminho do mal é o mais frequentado. A da salvação é estreita, porque o homem que deseja transpô-la deve fazer grandes esforços para vencer as suas más tendências, e poucos se resignam a isso.”*

A porta larga representa as ilusões do mundo, as convicções erradas, os maus hábitos, todos resultantes da ignorância, do orgulho, da vaidade, do egoísmo...

Qual aquele que esta totalmente isento dessas más tendências? A vida terrena oferece muitos atrativos: a riqueza, a fama, o poder, o status... Muitos de nós ficamos atraídos pelas coisas da vida material, deixamo-nos envolver pelas sensações exteriores.

Quem escolhe a porta larga enxerga com os olhos do mundo; o caminho é fácil, sedutor e não exige esforço, mas ao fim dele encontramos enganos, desilusões e dor, e só então compreendemos que perdemos um tempo precioso na vida.

Este é realmente o caminho mais trilhado, pois a Humanidade ainda não se deu conta da importância da vida futura, preferindo permanecer no apego as coisas materiais, esquecendo-se dos valores espirituais.

Quem escolhe a **porta estreita** despertou para a verdade, e compreende que esse caminho exige conhecimento, renúncia, vigilância, prudência, humildade e responsabilidade. É o caminho da vida, da felicidade e da luz.

Muitas vezes, não o percebemos com clareza, pois, para optar pelo melhor caminho, é preciso que nos conheçamos, para que possamos transformar-nos.

Em “O Livro dos Espíritos”, questão 919, Santo Agostinho ensina-nos um meio eficaz para nos tomarmos melhores e resistirmos ao mal, aconselhando-nos a recordar todas as noites como foi o nosso dia, o que

fizemos o que dissemos se cumprimos nossos deveres, se alguém poderia ter uma queixa de nos ou se guardamos emoções menos nobres no coração.

A Lei de Deus ensina a Doutrina Espírita, esta escrita em nossa consciência. Podemos, portanto, através da reflexão diária, consultá-la.

No caminho da porta estreita estão todos os desafios da nossa vida. O esforço pessoal para a conquista dos bens espirituais constitui a porta estreita, e não depende de cultura ou crença religiosa, mas, de abrir o coração ao amor e deixá-lo fluir em nossa vida.

Este é o caminho que nos aproxima de Deus e, embora esteja cheio de obstáculos, todos nós somos capazes de superá-los. Ao final da caminhada está a recompensa, porque a escolha foi acertada: a felicidade da vida futura, as bem-aventuranças prometidas por Jesus no Sermão da Montanha.

Podemos viver plenamente nossa vida material e afetiva, dando o justo valor às coisas da Terra, sem apegos e sentimentos de posse.

Nossa vida na Terra é uma dádiva preciosa, uma oportunidade abençoada de crescimento espiritual. Não podemos deixar-nos levar pelas ilusões mundanas.

Sabemos que no estágio atual da Humanidade ainda predomina o mal em seus diversos aspectos. Porém, não estamos obrigados a aderir a esse estado de coisas.

Ainda que não percebamos, muitas pessoas abrem-nos portas, a cada dia, através da palavra falada ou escrita, da ação ou do exemplo. Examinemos por quais portas estamos adentrando, para que não percamos grandes oportunidades de crescimento espiritual.

Devemos vigiar e orar sempre, como nos ensinou o Mestre, para não nos deixarmos levar pela sedução da porta larga. Devemos valorizar cada oportunidade de renovação, vendo em Jesus o Caminho, a Verdade e a Vida.

É da renovação moral de todos nós que virá a renovação moral do planeta e o fim dos males que afligem a Humanidade.

QUESTÃO REFLEXIVA:

Comente o principal ensinamento que nos traz a “Parábola do Joio e do Trigo”.

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém.
- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Ed. FEESP.
- Kardec, Allan - O Livro dos Espíritos Ed. FEESP.
- Godoy, Paulo A. - Casos Controvertidos do Evangelho - Ed. FEESP.
- Schutel, Cairbar - Parábolas e Ensinos de Jesus.
- Almeida, José de Sousa - As Parábolas - Ed. FEESP.

2ª Aula - Parábolas e Ensinamentos de Jesus Sobre o Desapego às Riquezas Terrenas

Parte A - Parábola do Rico Insensato, Parábola do Administrador Infiel, Zaqueu, o Publicano

PARÁBOLA DO RICO INSENSATO (OU DO AVARENTO)

“A terra de um rico produziu muito. Ele, então, refletia: ‘Que hei de fazer? Não tenho onde guardar minha colheita. Depois pensou: ‘Eis o que farei: demolirei meus celeiros, construirei maiores, e lá recolherei todo o meu trigo e os meus bens. E direi a minha alma: Minha alma, tens uma quantidade de bens em reserva para muitos anos; repousa, come, bebe, regala-te’. Mas Deus lhe disse: ‘Insensato, nesta mesma noite ser-te-á reclamada a alma. E as coisas que acumulaste, de quem serão? Assim acontece aquele que ajunta tesouros para si mesmo, e não é rico para Deus.’” (Lc 12:16-21).

Esta parábola foi narrada por Jesus quando lhe foi pedido para interferir na divisão de uma herança entre irmãos (Lc 12: 13-15) e o Mestre respondeu: “Homem, quem me estabeleceu juiz ou árbitro da vossa partilha?”, ou seja, que não competia a ele esse julgamento.

Aproveitou, então, a oportunidade para nos alertar dos perigos que nos oferece qualquer tipo de ganância ou avareza, e a inutilidade desse comportamento, mostrando claramente a transitoriedade dos bens materiais.

Em “O Livro dos Espíritos”, cap. V, “Lei de Conservação”, Kardec questiona os Espíritos a respeito do que é realmente necessário e do que é supérfluo para o homem:

P. 716: *“A Natureza não trouxe o limite do necessário em nossa própria organização?”*

R. *“Sim, mas o homem é insaciável. A Natureza lhe traçou o limite de suas necessidades na sua organização, mas os vícios lhes alteraram a constituição e criaram para ele necessidades artificiais.”*

P. 717: *“Que pensar dos que açambarcam os bens da terra para se proporcionar o supérfluo, em prejuízo dos que não tem sequer o necessário?”*

R: *“Desconhecem a lei de Deus e terão de responder pelas privações que ocasionarem”.*

O rico da parábola simboliza a pessoa que cuida apenas de acumular bens materiais, conseguir fama e poder, nunca estando disposto a dividir o que julga ser seu por direito. As aflições daqueles que lhe estão próximos ou que dele dependem não o sensibiliza nem o preocupa. Para uma pessoa assim estão em segundo plano às necessidades do próximo.

A riqueza bem aplicada é um “talento” (um valor, um bem recebido), que se toma um caminho efetivo para a evolução do Espírito humano rum à perfectibilidade.

A riqueza mal aplicada corresponde a enterrar o “talento” e se toma uma rota arriscada que conduz o Ser ao sofrimento e a dolorosas reparações, podendo prolongar-se por varias encarnações.

É através das vidas sucessivas que os Espíritos experimentam a riqueza e a pobreza, a beleza e a imperfeição física, a intelectualidade e a falta de cultura, para aprenderem a utilizar “seus talentos” em cada uma das situações vividas.

A posse das coisas do mundo é pura ilusão; nós as perdemos facilmente para a doença, para o ladrão, para a morte, para as catástrofes naturais. Por isso, é fundamental movimentar os “talentos” recebidos e através dos bens da Terra, enriquecer o Espírito, pela prática constante da caridade e amor ao próximo, e pelo esforço em nos libertarmos daquilo que nos algema as coisas materiais: a ganância, a avareza, o apego inútil ao que é transitório.

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XVI, item 9, o Espírito Pascal, numa de suas comunicações, diz: *“O homem não possui de seu, senão aquilo que pode levar deste mundo. O que ele encontra ao chegar e o que deixa ao partir goza durante sua permanência na terra; mas, desde que é forçado a deixá-los, é claro que só tem o usufruto, e não a posse real. O que é, então, que ele possui? Nada do que se destina ao uso do corpo, e tudo o que se refere ao uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais. Eis o que ele traz e leva consigo, o que ninguém tem o poder de tirar-lhe, e o que ainda mais lhe servirá no outro mundo do que neste.”*

E ainda no mesmo capítulo, item 11, o Espírito Cheverus discorre, em sua mensagem, a respeito do melhor emprego da fortuna: *“Procurai nestas palavras: ‘Ami-vos uns aos outros’, a solução desse problema, pois nelas está o segredo da boa aplicação das riquezas. O que ama o seu próximo já tem a sua conduta inteiramente traçada, pois a aplicação que agrada a Deus é a da caridade”.*

PARÁBOLA DO ADMINISTRADOR INFIEL

“Um homem rico tinha um administrador que foi denunciado por dissipar os seus bens. Mandou chamá-lo e disse-lhe: ‘Que é isso que ouço dizer de ti? Presta contas da tua administração, pois já não podes ser administrador!’ O administrador então refletiu: ‘Que farei, uma vez que meu senhor me retire à administração? Cavar? Não tenho força. Mendigar? Tenho vergonha... Já sei o que farei para que, uma vez afastado da administração, tenha quem me receba na própria casa.”

“Convocou então os devedores do seu senhor um a um, e disse ao primeiro: ‘Quanta deves ao meu senhor?’ ‘Cem barris de óleo’, respondeu ele. Disse então: ‘Toma tua conta, senta e escreve depressa cinquenta. Depois disse a outro: ‘E tu, quanto deves?’ ‘Cem medidas de trigo’, respondeu. Ele disse: ‘Toma tua conta e escreve oitenta. E o senhor louvou o administrador desonesto por ter agido com prudência.” (Lc 16:1-8).

Muitas parábolas de Jesus possuem um significado bem diverso da literalidade do texto.

Para a compreensão de algumas dessas parábolas, basta apenas entender qual é o valor simbólico de certa palavra, como a parábola do semeador, que, por exemplo, quando compreendemos que a semente significa “o ensinamento contido no Evangelho”, entendemos o valor simbólico do termo e assimilamos a mensagem.

Outras parábolas, no entanto, além do significado simbólico dos termos trazem uma lógica bem diversa. Estas, para serem compreendidas, exigem uma abstração, um desprendimento da primeira impressão, para se encontrar o real significado. Exigem uma indagação:

Se todos os ensinamentos de Jesus pregam a honestidade, a sinceridade, o trabalho... Qual é a mensagem aqui contida?

Analisando esta parábola do administrador infiel, podemos de imediato, questionar: Ora, quem é o senhor, patrão, ou empregador que ao surpreender sou empregado fraudando-o vai elogiá-lo?

Logo, a parábola ressalta, exatamente, a diferença extrema entre a conduta dos “proprietários” da Terra e o verdadeiro proprietário (Deus).

Vejam o significado simbólico dos termos:

- **O Senhor** - representa Deus, o Legítimo Proprietário de todas as coisas;
- **O Administrador** - representa cada um de nós, administrando qualquer bem material que esteja em nossas mãos;
- **Os Devedores** - representam todos os nossos semelhantes, todos aqueles que encontramos em nossa vida.

Revendo a parábola, agora poderemos entender seu significado:

O Senhor (Deus) louvou seu administrador (qualquer um de nós) por atenuar os débitos daqueles devedores (nossos semelhantes), pois essa é uma Lei de Deus, ou seja, que todos nos administremos nossos bens (bens temporários) de forma que favoreça todos nossos semelhantes.

Eis a lógica inversa: enquanto os proprietários que são deste mundo punem seus administradores que não preservam seus bens e não cobram centavo por centavo, o Verdadeiro Proprietário felicita todos seus administradores que são clementes com seus devedores. A lição é valorosa! Há no mundo dois tipos de bens:

- Os bens materiais - estes não nos pertencem de fato, pois somos meros administradores. Eles podem ser-nos retirados em um instante. Nem por lei, nem por decreto, nem pelos mais altos editos da mais alta justiça do mundo eles permanecerão conosco, se assim for a Vontade Divina.
- Os bens espirituais - estes são nossos por direito, pois os adquirimos, através dos tempos, pelo trabalho, pelo estudo, pelo esforço, pela perseverança... Nem paus, nem pedras; nem vento, nem tempestade; nem traça, nem ferrugem; nem bandoleiro algum poderá levá-los. São os verdadeiros tesouros do Espírito, inalienavelmente nossos.

A grande lição desta parábola é o desapego aos bens materiais. Inúmeras vezes acumulamos bens, usamos os recursos egoisticamente ou os destruimos, visando exclusivamente proveitos pessoais, sem levar em conta os legítimos direitos do Legítimo Proprietário: Deus. Jesus mostra-nos, com muita clareza, um caminho para corrigirmos nossa má administração: o desapego e a prática da caridade para com o próximo, e o uso desses bens para multiplicar o progresso e o bem estar coletivo.

Sejamos bons administradores: compartilhem com abundância todos os bens que estiverem sob nossa administração, para nos tornarmos verdadeiros discípulos de Jesus!

ZAQUEU, O PUBLICANO

“E, tendo entrado em Jericó, ele atravessava a cidade. Havia lá um homem chamado Zaqueu, que era rico e chefe dos publicanos. Procurava ver quem era Jesus, mas não o conseguia por causa da multidão, pois era de baixa estatura. Correu então à frente e subiu num sicômoro para ver Jesus que passaria por ali. Quando Jesus chegou ao lugar; levantou os olhos e disse-lhe: ‘Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa’. Ele desceu imediatamente e recebeu-o com alegria. A vista do acontecido, todos murmuravam, dizendo: ‘Foi hospedar-se na casa de pecador!’ Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: ‘Senhor eis que dou a metade dos meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo’. Jesus lhe disse: ‘Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão. Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.’” (Lc 19:1-10).

Na época de Jesus, o Império Romano dominava uma imensa extensão de terras e inúmeros povos, inclusive os judeus, de quem exigiam pesados impostos.

Em Jericó existia um posto de fiscalização e, portanto, havia ali uma grande concentração de publicanos - funcionários encarregados da cobrança desses impostos. Muitos desses publicanos, além do imposto devido, obtinham lucros ilícitos e enriqueciam, fazendo cobranças extorsivas. Caso esses funcionários fossem judeus, além de detestados, eram também considerados traidores da própria raça.

Embora entre eles houvesse pessoas honestas, eram marginalizados e tinham péssima reputação. Eram impedidos, por exemplo, de servir de testemunhas ou ocupar a função de juizes, eram excluídos dos cultos nas sinagogas e até sua família era repudiada pela sociedade.

Zaqueu era um judeu muito rico, chefe dos coletores de impostos; conhecia a Lei de Moisés e os princípios morais que deveria seguir; mas seu modo de vida o havia comprometido perante a Lei de Deus e a Lei humana. Sua atitude, tentando aproximar-se desesperadamente de Jesus, demonstra que interiormente ele estava infeliz, que já ansiava por uma mudança, mas precisava de um estímulo vigoroso, o suficiente para lhe dar esse impulso.

Seu encontro com Jesus, e o acolhimento isento de preconceito que dele recebeu, transformou-o completamente, e ele pode pacificar sua consciência e corrigir os erros de sua vida, decidindo, espontaneamente, repartir com os pobres a metade de sua fortuna acumulada e restituir quatro vezes mais as pessoas a quem havia espoliado. E Jesus lhe disse: **“Zaqueu, hoje entrou a salvação em tua casa!”**

A que salvação se refere o Mestre?

Com certeza, não é a salvação segundo as doutrinas dogmáticas, mas, sim, aquela decorrente da transformação interior, por vontade e esforço próprio.

No livro “Na Hora do Testemunho”, de Herculano Pires, Emmanuel, ao final de sua mensagem “Auto Renovação, diz”: “Usa os bens que a vida te empresta atendendo ao bem dos outros, sem permitir que os bens dos quais te fizeste usufrutuário te acorremem ao poste das aflições inúteis. Serve sem apego. Ama sem escravizar o próximo ou a ti mesmo. E ilumina-te, seguindo adiante. É da Lei Divina que o mundo se transforme independentemente da nossa vontade, mas é igualmente da Lei ao Senhor que a nossa renovação, sejam quais forem as influências exteriores, dependa sempre e exclusivamente de nós.

QUESTÃO REFLEXIVA:

Como cultivamos o desapego?

Parte B - Parábola do Rico e Lázaro, O Moço Rico e o Perigo das Riquezas, Recompensa Prometida ao Desprendimento.

PARÁBOLA DO RICO E LAZARO (OU DO MAU RICO)

“Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banqueteava com requinte. Um pobre, chamado Lázaro, jazia a sua porta, coberto de úlceras. Desejava saciar-se do que caía da mesa do rico... E até os cães vinham lambem-lhe as úlceras. Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado.”

“Na mansão dos mortos, em meio a tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro em seu seio. Então, exclamou: ‘Pai Abraão, tem piedade de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo para me refrescar a língua, pois estou atormentado nesta chama. Abraão respondeu: ‘Filho, lembra-te de que recebeste teus bens durante tua vida, e Lázaro por sua vez os males; agora, porém, ele encontra aqui consolo e tu és atormentado. E além do mais, entre nós e vós existe um grande abismo, a fim de que aqueles que quiserem passar daqui para junto de vós não o possam; nem tampouco atravessem de lá até nós.’”

“Ele replicou: ‘Pai, eu te suplico, envia então Lázaro até a casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos; que leve a eles seu testemunho, para que não venham eles também para este lugar de tormento’. Abraão, porém, respondeu: ‘Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos’. Disse ele: ‘Não, Pai Abraão, mas se alguém dentre os mortos for procurá-los, eles se arrependerão’. Mas Abraão lhe disse: ‘Se não escutam nem a Moisés nem aos Profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão.’” (Le 16:19-31).

Esta parábola chama a atenção para a nossa condição espiritual quando não utilizamos corretamente os bens que recebemos para administrar durante a nossa existência.

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XVI, item 7, diz Kardec: *“A riqueza é, sem dúvida, uma prova mais arriscada, mais perigosa que a miséria, em virtude das excitações e das tentações que oferece, da fascinação que exerce. É o supremo excitante do orgulho, do egoísmo e da vida sensual. (...) Mas, por tornar o caminho mais difícil, não se segue que o torne inviável, e não possa vir a ser um meio de salvação nas mãos do que a sabe utilizar como certos venenos que restabelecem a saúde, quando empregados a propósito e com discernimento.”*

Os dois personagens centrais da parábola representam a Humanidade em suas diferentes atitudes perante a vida e as situações de provações.

O rico representa as pessoas que se extasiam diante das possibilidades materiais, no comer, beber, vestir-se com apuro e luxo, no poder que o dinheiro proporciona, no deslumbramento das posições sociais de destaque.

Essas pessoas vivem voltadas para si mesmas, fechadas no egoísmo, insensíveis a miséria e ao sofrimento alheio. Fecham os olhos a qualquer chamado para a vida espiritual; **embora materialmente ricas, são pobres em virtudes.**

Lázaro personifica os excluídos, os necessitados, os abandonados, mas que, mesmo assim, não se deixam levar pela revolta, permanecem resignados, mantendo a esperança de uma vida melhor. **São ricos em virtudes.**

Assim, Lázaro foi para “o seio de Abraão”. Abraão foi o Patriarca dos Hebreus, personagem extremamente respeitado por todo o povo. Ir para o “seio de Abraão”, nesta parábola, significa o melhor lugar que alguém poderia desejar e alcançar depois da morte. Lázaro merecera-o, pois mesmo numa vida com tantos sofrimentos e privações, conseguiu superá-los com resignação e humildade.

Outro aspecto desta parábola que nos chama a atenção é o apelo do rico para que Abraão enviasse a seus irmãos um dos “mortos” para que lhes falasse sobre a aflição destinada aos sovinas, ou seja, falasse-lhes sobre o destino daqueles que agiam com avareza.

A resposta não podia ser mais apropriada: **“Se não escutam nem a Moisés nem aos Profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão.”**

Temos nestas palavras uma grande verdade contida. Focando, como no caso, especialmente em relação às Escrituras judaicas vemos que o povo judeu possuía um verdadeiro acervo de verdades espirituais, deixadas por Moisés e os demais profetas, que já advertiram acerca da vida futura e da responsabilidade que temos em relação a ela. Isso, no entanto, como mostra a história, não foi suficiente para transformar a maioria dos que, pelo menos em teoria, veneravam seus profetas.

Jesus, apesar de todos os seus ensinamentos e exemplificações, não foi pela maioria daquele povo, ouvido, e muito menos, aceito como o Messias esperado. Dariam eles, então, ouvidos aos “mortos”? Esta lição é valiosa! Meditemos sobre este ensinamento.

O MOÇO RICO E O PERIGO DAS RIQUEZAS

“Ai alguém se aproximou dele e disse: ‘Mestre, que farei de bom para ter a vida eterna?’ Respondeu: ‘Por que me pergunta sobre o que é bom? O Bom é um só. Mas se queres entrar para a vida, guarda os mandamentos’. Ele perguntou-lhe: ‘Quais?’ Jesus respondeu. Estes. Não matarás, não adulterarás, não roubarás, não levantarás falso testemunho; honra teu pai e tua mãe e amarás ao próximo como a ti mesmo’. Disse-lhe então o moço: ‘Tudo isso tenho guardado. Que me falta ainda?’. Jesus lhe respondeu: ‘Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me’. O moço ouvindo essa palavra, saiu pesaroso, pois era possuidor de muitos bens.” (Mt 19:16-22).

Recordando a atitude de Zaqueu, vemos que o moço rico agiu de forma oposta: o jovem, cumpridor da Lei de Deus e de seus deveres na sociedade, não foi capaz de se desapegar dos seus bens materiais; enquanto Zaqueu, quando conheceu Jesus e seus ensinamentos, percebeu que os valores espirituais eram imensamente maiores do que os terrenos, e se dispôs, de imediato, a se despojar de grande parte de sua fortuna em benefício dos necessitados e daqueles que ele havia lesado.

O apego aos bens materiais é um dos mais fortes vínculos que nos acorrentam e atrasam nosso despertamento e desenvolvimento moral. É plenamente compreensível que o Homem fique feliz por ter uma

boa situação financeira, conquistada através do trabalho honesto; mas a riqueza é uma prova difícil, pela sedução a que conduz.

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XVI, item 14, o Espírito Lacordaire ensina: *“É em vão que procurais iludir-vos na vida terrena, colorindo com o nome de virtude o que frequentemente é apenas egoísmo. É em vão que chamais economia e previdência aquilo que é simples cupidez e avareza, ou generosidade o que não passa de prodigalidade a vosso proveito.”*

Quando Jesus diz ao moço rico: *“Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus”*, ele não está sugerindo que nos despojemos de tudo o que temos e que devamos viver miseravelmente ou a custa da caridade alheia, atitude que nos transformaria em irresponsáveis perante nossos deveres para com a sociedade em que vivemos, mas, apenas, que estejamos atentos para que não nos tomemos escravos dos nossos bens materiais.

Lacordaire, na mesma mensagem, explica o que é desapego: *“O desapego dos bens terrenos consiste em considerar a fortuna no seu justo valor; em saber servir-se dela para os outros e não apenas para si mesmo, a não sacrificar por ela os interesses da vida futura, em perdê-la sem reclamar se a Deus retirá-la”*.

RECOMPENSA PROMETIDA AO DESPRENDIMENTO

“Pedro, tomando então a palavra, disse: ‘Eis que negamos tudo e te seguimos. Que receberemos?’ Disse-lhe Jesus: Em verdade eu vos digo a vós que me seguistes: quando as coisas forem renovadas, e o Filho do Homem se assentar no seu trono de glória, vos assentareis, vós também, em doze tronos para julgar às doze tribos de Israel. E quem quer que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos, ou terras por causa do meu nome, receberá muito mais; e terá em herança a vida eterna. Muitos dos primeiros serão os últimos e muitos dos últimos, primeiros.’” (Mt 19:27-30).

Os discípulos haviam deixado tudo para seguir Jesus e se questionavam qual seria então a sua recompensa, que, tesouro seria esse que Jesus prometera ao moço rico caso se decidisse a fazer o mesmo.

Quando analisamos algumas afirmações de Jesus, podemos, num primeiro momento, achar que há alguma contradição. Neste trecho, por exemplo, o Mestre afirma que: *“E quem quer que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai mãe, filhos, ou terras por causa do meu nome, receberá muito mais...”*

Logo, pode surgir a indagação: Devemos então abandonar nossa família? Em primeiro lugar, como afirma constantemente Kardec, os ensinamentos de Jesus compõem um todo harmônico, onde não há, pois, contradições, mas, sim, uma perfeita harmonia. Há, pois, que se encontrar o significado contido no ensinamento.

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XXIII, item 6, Kardec mesmo nos questiona? *“Não temos, aliás, sob os olhos, a aplicação dessas máximas nos sacrifícios dos interesses e das afeições da família pela pátria? Condena-se um filho que deixa o pai, a mãe, os irmãos, a mulher e os próprios filhos, para marchar em defesa de seu país? Não lhe reconhecemos, pelo contrário, o mérito de deixar as doçuras do lar e o calor das amizades para cumprir um dever? Há, pois, deveres que sobrepõe a outros.”*

Vemos, pois, que esse chamamento do Mestre não é para simplesmente deixar a família, mas, para seguir em missão para beneficiar toda uma coletividade. E, não se pode negar, um ato único, quando o indivíduo, imbuído de valores maiores, renuncia ao conforto, as comodidades, ao aconchego da família e dos amigos, por um causa muito maior.

A lição do Mestre é preciosa. Representa o mais puro amor, pois se dirige não a algumas pessoas, mas a todos os semelhantes. No mesmo item acima citado de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Kardec sintetiza: *“Os interesses da vida futura estão acima de todos os interesses e todas as considerações de ordem humana, porque isto concorda com a essência da doutrina de Jesus...”*

Sejamos nós capazes de exercitar tamanho amor!

QUESTÃO REFLEXIVA:

Comente a atitude de Zaqueu ao encontrar Jesus e se dispôr a doar parte de sua riqueza.

Bibliografia:

- A Bíblia de Jerusalém.
- Kardec, Allan - O Livro dos Espíritos - Ed. FEESP.

- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Ed. FEESP
- Almeida, José de Sousa - As Parábolas - Ed. F EESP.
- Calligaris, Rodolfo - Parábolas Evangélicas a Luz do Espiritismo.
- Schutel, Cairbar - Parábolas e Ensinos de Jesus.
- Cerqueira Filho, Alírio de - Parábolas Terapêuticas.
- Pires, J. Herculano - Na Hora do Testemunho.

3ª Aula - Parábolas e Ensinamentos de Jesus Sobre a Valorização Do Trabalho

Parte A - Parábola dos Talentos, Parábola dos Vinhateiros Homicidas, Reconhece-se o Cristão pelas Suas Obras

PARÁBOLA DOS TALENTOS

“Pois será como um homem que, viajando para o estrangeiro, chamou seus servos e entregou-lhes seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dois, a outro um. A cada um de acordo com sua capacidade. E partiu. Imediatamente, o que recebera cinco talentos saiu a trabalhar com eles e ganhou outros cinco. Da mesma maneira, o que recebera dois ganhou outros dois. Mas aquele que recebera um só, tomou-o e foi abrir uma cova no chão. E enterrou o dinheiro do seu senhor. Depois de muito tempo, o senhor daqueles servos voltou e pôs-se a ajustar contas com eles. Chegando aquele que recebera cinco talentos, entregou-lhe outros cinco, dizendo: ‘Senhor tu me confiaste cinco talentos. Aqui estão outros cinco que ganhei!’ Disse-lhe o senhor: ‘Muito bem, servo bom e fiel sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei. Vem alegrar-te com o teu senhor!’ Chegando também o dos dois talentos, disse: ‘Senhor tu me confiaste dois talentos. Aqui estão outros dois talentos que ganhei!’. Disse-lhe o senhor: ‘Muito bem, servo bom e fiel! Sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei. Vem alegrar-te com o teu senhor!’ Por fim, chegando o que recebera um talento, disse: ‘Senhor eu sabia que és homem severo, que colhes onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste. Assim, amedrontado, fui enterrar o teu talento no chão. Aqui tens o que é teu’. A isso respondeu-lhe o senhor: ‘Servo mau e preguiçoso, sabias que colho onde não semeei e que ajunto onde não espalhei? Pois então devias ter depositado o meu dinheiro com os banqueiros e, ao voltar receberia com juros o que é meu. Tira-lhe o talento que tem e dai-o aquele que tem dez, porque a todo aquele que tem será dado e terá em abundância, mas daquele que não tem, até o que tem lhe será tirado. Quanto ao servo inútil, lança-o fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes!’.” (Mt 25: 14-30).

Esta parábola mostra-nos o trabalho que deve ser exercido pelo Homem para que os bens que estão sob sua guarda frutifiquem.

“Talento” era uma moeda de prata da época de Jesus e ele utilizou seu simbolismo para representar os valores morais. Os “talentos” são, portanto, todos os recursos que recebemos para serem empregados na transformação de nos mesmos e na prática contínua da fraternidade.

Nesta parábola, encontramos a figura do homem que viaja o senhor (Deus) e três servos (a Humanidade), que recebem uma incumbência importante, segundo a capacidade de cada um, que era a de cuidar e multiplicar os talentos que seu senhor deixou em suas mãos.

Os dois primeiros Servos sabiam o que o senhor esperava deles e foram previdentes, executando com presteza sua tarefa e foram recompensados por isso: *“Sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei. Vem alegrar-te com o teu senhor”*; mas o terceiro servo, por preguiça, omissão, avareza ou ignorância, nada fez para multiplicar o valor que lhe foi confiado e sofreu as amargas consequências de sua negligência.

Quando reencarnamos, podemos vivenciar extremos opostos: riqueza e pobreza, inteligência ou ausência do conhecimento, etc. Cada uma dessas experiências são oportunidades de crescimento.

Assim, cada um de nós, ao reencarnar, recebe inúmeros “talentos”, podendo ser materiais, como a riqueza, a saúde, a beleza, a posição social; ou espirituais, como a inteligência, a mediunidade, etc.

Pelo livre arbítrio, podemos, entretanto, usá-los de acordo com a nossa vontade, aplicando para o bem ou para o mal. Mas a consequência do emprego que demos a esses bens, determinara nosso estado futuro.

Quando não empregamos esses recursos ou potencialidades em benefício de nosso semelhante é como que se os enterrássemos. Dons preciosos que poderiam vir a beneficiar a muitos, mas ficam, neste caso, “embaixo da terra”.

O resultado futuro está contido na parábola: *“Tirai-lhe o talento... Quanto ao servo inútil, lançai-o fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes!”*

O ensinamento não podia ser mais claro. Segundo nossas decisões, se não multiplicarmos nossos talentos, eles nos serão tomados... e, como ensina-nos a Doutrina Espírita, sentiremos todas as aflições daqueles que “perderam o seu dia”, ou seja, desperdiçaram a sua existência.

Vale, por fim, lembrar que a “Parábola das Dez Minas”, relatada em Lucas (19:11-27), pode ser interpretada do mesmo modo que esta.

PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS (OU DOS LAVRADORES MAUS)

“Havia um proprietário que plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe, abriu nela um lagar e construiu uma torre, Depois disso, arrendou-a a vinhateiros e partiu para o estrangeiro. Chegada á época da colheita, enviou seus servos aos vinhateiros, para receberem os seus frutos. Os vinhateiros, porém, agarraram os servos, espancaram um, mataram outro e apedrejaram o terceiro. Enviou de novo outros servos, em maior número do que os primeiros, mas eles os trataram da mesma forma. Por fim, enviou-lhes o seu filho, imaginando: ‘Respeitarão meu filho’. Os vinhateiros, porém, vendo o filho, confabularam: ‘Este é o herdeiro: vamos! matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança’. Agarrando-o, lançaram-no para fora da vinha e o mataram. Pois bem, quando vier o dono da vinha, que fará com estes vinhateiros?’ Responderam-lhe: ‘Certamente destruirá de maneira horrível esses infames e arrendará a vinha a outros vinhateiros, que lhe entregarão os frutos no tempo devido’. Disse-lhes então Jesus.’ ‘Nunca lestes nas Escrituras: ‘A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular; pelo Senhor foi feito isso e é maravilha aos nossos olhos?’

Por isso vos afirmo que o Reino de Deus vos será tirado e confiado a um povo que o fará produzir seus frutos. Aquele que cair sobre esta pedra ficará em pedaços, e aquele sobre quem ela cair ficará esmagado. “Os chefes dos sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas parábolas, perceberam que Jesus se referia a eles.” (Mt 21:33-45).

A vinha desta parábola foi bem descrita por Jesus. Seu dono não se limitou a plantá-la, mas a cercou, colocou ali um lagar (local usado para a fabricação do vinho), que simboliza os meios de purificação espiritual acessíveis aos homens, e ainda construiu uma torre, onde ficavam guardas para protegê-la. Era uma propriedade muito bem equipada, completa.

Deus é o **proprietário** desta **vinha** (a fazenda equipada), que significa todos os bens que Ele oferece aos homens (os lavradores arrendatários), para fazê-la produzir, dando a eles os meios (o conhecimento de Sua Lei) de vigiarem e protegerem a propriedade.

Esses **vinhateiros** simbolizam aqueles que têm como tarefa ensinar e praticar essa Lei: são os sacerdotes e condutores das inúmeras religiões antigas ou atuais. Os frutos são as ações praticadas durante o arrendamento.

Os primeiros servos, feridos, apedrejados e mortos representam os profetas da Antiguidade como Moises, Daniel, Elias e muitos outros; os outros servos, que vieram depois e eram em maior número, são os que vieram na época de Jesus e que sofreram e foram exterminados por seguirem os ensinamentos do Mestre.

E o filho do dono da vinha é o próprio Jesus! Os sacerdotes e os fariseus compreenderam que Jesus falava deles, pois sabiam que seu comportamento perante a Lei era hipócrita; cultivavam as práticas exteriores e as cerimônias faustosas, e sob um aspecto de severidade moral, tinham uma vida desregrada.

O povo judeu havia sido escolhido e preparado para receber o Messias, por serem monoteístas. E o Mestre avisou-os que o Reino de Deus, que eles não haviam respeitado e compreendido, seria, por isso, entregue a outro povo para que produzisse frutos; a palavra de Deus foi então pregada a outros povos.

Através dos tempos, muitos tiveram a oportunidade de propagar a mensagem de Jesus, ajudando a fazer germinar o Reino dos Céus nos corações humanos; mas não são poucos os que se perderam no orgulho, na vaidade, no apego as ilusões terrenas e não vivenciaram a moral do Evangelho.

O Espiritismo veio então, a seu tempo, recordar e reviver os ensinamentos de Jesus, reascendendo o desejo de cultivar o sentimento de igualdade entre irmãos e a fraternidade entre os povos.

RECONHECE-SE O CRISTÃO PELAS SUAS OBRAS

“Nem todo aquele que me diz ‘Senhor; Senhor’ entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos Céus.” (Mt 7:21).

Esta passagem ressalta a essência do verdadeiro Cristianismo, que implica em constante disposição para o aprendizado e também em ação constante para empregar em nossa vida todos esses ensinamentos preciosos que nos foram deixados por Jesus.

Assim, de nada adiantaria, apenas, dizer-se cristão; de nada adiantaria frequentar todos os eventos religiosos se não houvesse renovação de nada adiantaria esses atos exteriores se a mensagem do Cristo não nos transformasse profundamente, fazendo-nos enxergar novas possibilidades, novas perspectivas de vida, todas elas baseadas nos preceitos ensinados pelo Mestre. Ensinamentos esses que nos conduzem as ações virtuosas, aos atos de compreensão e generosidade.

Os verdadeiros cristãos são, dessa forma, reconhecidos por suas obras. Como nas seguintes frases pronunciadas por Jesus:

“Pelo fruto reconhece-se a árvore”, e ainda: ***“Toda árvore que não der bons frutos será cortada e lançada ao fogo.”*** Eis as palavras do Mestre!

Mas, a História mostra-nos o que muitos homens fizeram com o Cristianismo, desvirtuando a mensagem de Jesus, adequando-a a seus interesses, monopolizando o conhecimento, distorcendo a verdade e corrompendo muitas mentes.

Esta mensagem convida-nos para cultivarmos a árvore da vida, da forma que o Cristo deixou-nos, cuidando dela com amor, e assim ela florescerá.

Nas grandes lições de Jesus, veremos que em todas elas haverá sempre uma ação positiva que somos convocados a empreender. Fazer o bem, a propósito, não é apenas não fazer o mal, mas é agir positivamente: ***“A fé sem obras é morta”***.

Jesus, por isso, não apenas ensinava verbalmente, mas agia sempre com virtude, com generosidade, com a máxima caridade, demonstrando, em todos os momentos, a aplicação da Lei Maior.

É isso que confere a mais absoluta credibilidade as lições do Mestre, pois não houve uma virtude sequer que ele tenha ensinado e não exemplificado. Todas elas foram demonstradas. Ser cristão é bem mais do que ter apenas a crença em Deus, mas é buscar, constantemente, fazer com que essa crença impulsione-nos a grandes passos, a grandes atos de amor, de benevolência, de caridade...

Ser cristão é praticar o bem e se esforçar para propagar a mensagem do Cristo por todos os lugares em que estivermos.

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. XVIII, item 16, o Espírito Simeão afirma: *“Procurai os verdadeiros cristãos e os reconheceréis pelas suas obras”*.

E nos ensina: *“Quais os frutos que a árvore do Cristianismo deve dar; árvore possante, cujos ramos frondosos cobrem com a sua sombra uma parte do mundo, mas ainda não abrigaram a todos os que devem reunir-se em seu redor? Os frutos da árvore da vida são frutos de vida, de esperança e de fé”*.

“(...) Abri, pois, vossos ouvidos e vossos corações, meus bem-amados! Cultivai esta árvore da vida, cujos frutos proporcionam a vida eterna. (...) Ide, pois, procurar os necessitados; conduzi-os sob as ramagens da árvore e partilhai com eles o abrigo que ela vos oferece. (...) Meus irmãos, afastai-vos, pois, dos que vos chamam para apontar os tropeços do caminho, e segui as que vos conduzem a sombra da árvore da vida.”

QUESTÃO REFLEXIVA:

Na vida diária, como você está administrando os “Talentos” que recebeu?

Parte B - Parábola da Figueira Estéril, Parábola dos Trabalhadores da Última Hora, Os Últimos Serão os Primeiros

PARÁBOLA DA FIGUEIRA ESTÉRIL (OU DA FIGUEIRA QUE NÃO DAVA FRUTOS)

“Um homem tinha uma figueira plantada em sua vinha. Veio a ela procurar frutos, mas não encontrou. Então disse ao vinhateiro: ‘Ha três anos que venho buscar frutos nesta figueira e não encontro. Corta-a; por que há de tornar a terra infrutífera?’

Ele, porém, respondeu: ‘Senhor deixa-a ainda este ano para que cave ao redor e coloque adubo. Depois, talvez, dê frutos... Caso contrário, tu a cortarás.’” (Lc 13:6-9).

Quando contou esta parábola, Jesus estava indo para Jerusalém, que, na época, era a sede do poder econômico, político e religioso do povo judeu, e iria ali se confrontar com uma sociedade onde a injustiça era comum, a força militar era dominante e a religião servia para assegurar os privilégios aos sacerdotes e Doutores da Lei.

O **dono da propriedade** é Deus e a **vinha**, a Humanidade, de quem o Pai espera pacientemente os frutos.

A **figueira estéril** pode simbolizar, a princípio, a sociedade que Jesus encontrou em Jerusalém: uma árvore que tinha folhas, mas não dava frutos e nem alimentava o povo faminto.

Ampliando seu simbolismo, a figueira estéril representa todo aquele que é **improdutivo**; representa as pessoas que aparentam ser boas, mas, na realidade, nada produzem de bom; representa aqueles que têm a possibilidade de serem úteis, mas são inertes na prática do Bem.

Elas não acolhem o ensino moral de Jesus, assim tomam-se infrutíferas, e por serem inúteis poderiam ser “cortadas”. No entanto, ainda assim, o dono da vinha conceder-lhes-á a oportunidade de receberem cuidados e “adubo”, para que tenham a chance de produzir frutos no futuro.

Estes frutos podem ser representados por todo bom emprego das faculdades humanas que tragam benefício ao semelhante. Entre essas faculdades, destaca-se a mediunidade, que é um instrumento precioso para gerar bons frutos através da caridade.

Nesse sentido, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XIX, item 10, Kardec faz um alerta aos médiuns, que, em verdade, serve a todos nós: *“Os médiuns são os intérpretes dos Espíritos. (...) Nestes tempos de renovação social, desempenham uma missão especial: São como árvores que devem dispensar o alimento espiritual aos seus irmãos. Por isso, multiplicam-se, de maneira que o alimento seja abundante. (...) Mas se eles desviam de seu fim providencial a faculdade preciosa que lhes foi concedida, se a colocam a serviço de coisas fúteis e prejudiciais, ou dos interesses mundanos; se, em vez de frutos salutares, dão maus frutos; se, recusam-se a torná-la proveitosa para os outros; se nem mesmo para si tiram os proveitos da melhora própria, então, assemelham-se a figueira estéril”.*

Aproveitemos, enquanto é dia, para produzir bons frutos!

PARÁBOLA DOS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA (OU DOS TRABALHADORES DA VINHA)

“Porque o Reino dos Céus é semelhante ao pai de família que saiu de manhã cedo para contratar trabalhadores para a sua vinha. Depois de combinar com os trabalhadores um denário por dia, mandou-os para a vinha. Tornando a sair pela hora terceira, viu outros que estavam na praça, desocupados, e disse-lhes: ‘Ide também vós para a vinha, e eu vos darei o que for justo’ Eles foram. Tornando a sair pela hora sexta e pela hora nona, fez a mesma coisa. Saindo pela hora undécima, encontrou outros que lá estavam e disse-lhes: ‘Por que ficais aí o dia inteiro sem trabalhar?’ Responderam: ‘Porque ninguém nos contratou’. Disse-lhes: Ide, também vós, para a vinha. Chegada a tarde, disse o dono da vinha ao seu administrador.’ ‘Chama as trabalhadores e paga-lhes o salário começando pelos últimos até os primeiros’. Vindo os da hora undécima, receberam um denário cada um. E vindo os primeiros, pensaram que receberiam mais, mas receberam um denário cada um também eles. Ao receber murmuravam contra o pai de família, dizendo.’ ‘Estes últimos fizeram uma hora só e tu os igualaste a nós, que suportamos o peso do dia e o calor do sol’. Ele, então, disse a um deles: Amigo, não fui injusto contigo. Não combinamos um denário? Toma o que é teu e vai. Eu quero dar a este último o mesmo que a ti. Não tenho o direito de fazer o que quero com o que é meu? Ou estás com ciúme porque sou bom? Eis como os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos.” (Mt 20:1-16).

Nesta parábola, Jesus estará incentivando a injustiça, a discórdia e valorizando a inação? Não seria injustiça pagar o mesmo salário, tanto aos que trabalharam doze horas, como aos que trabalharam nove, seis, três ou uma hora?

Transportando esta parábola para o campo da espiritualidade, teremos: a **vinha** é um campo de trabalho; o proprietário é Deus, o Pai Criador; os trabalhadores somos nós, a Humanidade, que, nas mais variadas horas

de nossa existência, somos convidados ao cultivo das virtudes e a cuidar com dedicação do que nos cabe realizar.

Esta é uma parábola que por seu rico simbolismo traz-nos diversos ensinamentos. Encontramos, assim, na bibliografia espírita, mais de uma forma de interpretá-la.

Atendo-nos ao “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, no cap. XX, encontraremos duas interpretações. Vejamos: “O trabalhador da ultima hora tem direito ao salário. Mas, para isso, é necessário **que se tenha conservado com boa vontade à disposição do Senhor** que o devia empregar; e que o atraso não seja fruto da sua preguiça ou da sua má vontade.” (item 2 / grifo nosso).

Como vemos nesta passagem, é ressaltada a condição de disponibilidade, de boa vontade para o trabalho. Refletindo sobre as oportunidades de trabalho que chegam a todos os Homens, notaremos que são muitas as pessoas que desperdiçam inúmeras ocasiões de realizar suas tarefas.

Grande desperdício, repetimos, porque, como nos ensina Doutrina Espírita, a Lei do Trabalho é uma das Leis de Deus. Pelo trabalho alcançamos o progresso intelectual e moral.

O ponto essencial é, repisamos, estarmos disponíveis e de boa vontade, e então a oportunidade aparece, pois, quando nos dispomos a servir, seremos auxiliados pela Espiritualidade Superior a realizar a tarefa que nos compete.

Portanto, não importa qual é a hora que o chamado é feito, mas, sim, a prontidão em atendê-lo. Nesse caso, mereceremos o salário integralmente.

No mesmo capítulo de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, no item 3, encontramos outra instrução acerca desta parábola: “*Últimos a chegar os Espíritos aproveitam o trabalho intelectual dos seus antecessores, porque o homem deve herdar do homem, e porque os trabalhos e seus resultados são coletivos: Deus abençoa a solidariedade.*”

Segundo a Lei de Progresso, que também é uma Lei Divina, a Humanidade avança, passo a passo, sempre adiante. E, figuradamente falando, como se fosse à construção de um grande edifício que vai se elevando as alturas.

Em relação ao avanço do progresso intelectual é surpreendente o estado a que chegamos em tão pouco tempo. Os avanços científicos e tecnológicos são admiráveis.

Especialmente em relação à condição moral, vemos também que a Humanidade dia a dia vai se aprimorando, e costumes bárbaros, que outrora eram comuns, vão sendo deixados de lado, e vão sendo substituídos por outros mais moderados, elevados.

Os homens, hoje, estão mais receptivos para o conhecimento espiritual. Existe, compilado, um verdadeiro acervo de obras que tratam das verdades espirituais. Mas, lembremos, nem sempre foi assim.

Na antiguidade, era grande a dificuldade para obter esses ensinamentos: os livros eram raros, os professores escassos, o analfabetismo era regra, e o conhecimento superior era fechado, pertencia a alguns iniciados.

Embora existissem essas dificuldades apontadas, sempre existiram os trabalhadores da seara do Mestre.

Mas, os trabalhadores daquela primeira hora precisavam de muito esforço, muitas horas de trabalho, para a propagação das verdades espirituais e, assim, obter o seu salário.

Hoje, os trabalhadores da ultima hora - os Espíritos - recebem, como “herança”, todo o resultado desse trabalho, mas tem o compromisso de levar adiante esse processo, de continuar construindo para que, também, deixem um legado as futuras gerações, sendo assim colaboradores diretos de Jesus nesta fase de transição planetária para um Mundo de Regeneração.

No item 5, do mesmo capítulo já citado, há uma mensagem do Espírito de Verdade, incentivando-nos ao trabalho: “*Chegastes no tempo em que se cumprirão as profecias referentes a transformação da Humanidade. Felizes serão os que tiverem trabalhado o campo do Senhor com desinteresse, e movidos apenas pela caridade! Suas jornadas de trabalho serão pagas ao cêntuplo do que tenham esperado. Felizes serão os que houverem dito a seus irmãos: ‘Trabalhemos juntos, e unamos nossos esforços, a fim de que o Senhor; na sua vinda, encontre a obra acabada...*”

OS ÚLTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. XX, item 2 o Espírito Constantino faz uma reflexão sobre as diferentes posturas que um trabalhador poderia adotar.

Em primeiro, há aquele que, com disposição, espera apenas ser chamado para aceitar imediatamente a tarefa. O segundo é preguiçoso e não quer trabalho, mas aceita o salário. E há um terceiro que, além de não se interessar por trabalho algum, usa o seu tempo para fazer o mal, esperando ainda assim ser empregado, propositalmente ao final do dia; a este o Senhor lhe diria: *“Não tenho agora nenhum trabalho para ti. Esperdiçaste o teu tempo, esqueceste o que havias aprendido, não sabes mais trabalhar na minha vinha. Cuida, pois, de aprender de novo, e quando te sentires mais bem disposto, vem procurar-me e te franquearei as minhas terras, onde poderás trabalhar a qualquer hora do dia.”*

“Aprender de novo” é refazer o caminho, pois em cada nova existência o Espírito retoma com novas oportunidades para fazer a tarefa não cumprida.

Na mesma mensagem, Constantino aconselha os espíritas: *“Bons espíritas, meus bem-amados, todos vós sois trabalhadores da última hora. (...) Todos viestes quando chamados, uns mais cedo, outros mais tarde, para a encarnação cujos grilhões carregais. Mas há quantos e quantos séculos o Senhor vos chamava para a sua vinha, sem que aceitásseis o convite? Eis chegado, agora, o momento de receber o salário. Empregai bem esta hora que vos resta. Não vos esqueçais de que a vossa existência por mais longa que vos pareça, não é mais do que um momento muito breve, no imensidade dos tempos que constituem para vos a eternidade”.*

Os Espíritos possuem relativa liberdade para decidirem seus rumos. Não há, ensina-nos a Doutrina Espírita, determinismo absoluto, pois podemos exercer o livre arbítrio e optarmos pelo caminho que nos agrada.

Assim, segundo suas opções, os Espíritos avançam mais ou menos. Muitos, por livre escolha, permanecem, então, estacionários por anos infindáveis, por vários séculos.

Poderá haver, no entanto, um momento em que aquele que desperdiçou quase todo o seu tempo procurará trabalho e não o encontrará. Isso lhe servirá de lição para que aprenda a valorizar as horas. Necessitará, então, de uma nova encarnação para que “aprenda de novo”.

Esse panorama, qual seja: de haver a possibilidade de avançar mais rápido segundo nossas decisões, é, para nós, um estímulo para aproveitarmos as horas para o trabalho dignificante.

Há, ainda, um outro aspecto para se interpretar esse ensinamento. O Espírito Henri Heine, no item 3 do mesmo capítulo, diz que os trabalhadores da primeira hora são os profetas, Moisés e tantos outros Espíritos que reencarnaram ao longo dos séculos, auxiliando o progresso espiritual da Humanidade, nas mais diversas atividades terrenas.

Os espíritas, nessa interpretação, são os últimos a chegar, usufruindo do resultado do trabalho dos que vieram antes, e então: *“... já não trabalham mais nos fundamentos, mas na cúpula do edifício. Seu salário será, portanto, proporcional ao mérito da obra”.*

Essa orientação encerra-se assim: *“Este é um dos verdadeiros sentidos desta parábola, que encerra, como todas as que Jesus dirigiu ao povo, as linhas do futuro, e também, através de suas formas e imagens, a revelação dessa magnífica unidade que harmoniza todas as coisas no universo, dessa solidariedade que liga todos os seres atuais ao passado e ao futuro”.*

QUESTÃO REFLEXIVA:

Como podemos contribuir na seara do Mestre, como “trabalhadores da última hora”?

Bibliografia:

- A Bíblia de Jerusalém.
- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Ed. FEESP
- Kardec, Allan - A Gênese - Ed. FEESP
- Godoy, Paulo Alves - As Maravilhosas Parábolas de Jesus - Ed. FEESP
- Almeida, José de Sousa e - As Parábolas - Ed. FEESP
- Schutel, Cairbar - Parábolas e Ensinos de Jesus.

4ª Aula - Parábolas e Ensinamentos de Jesus Sobre As Falsas Aparências

Parte A - A Parábola do Bom Samaritano, O Maior Mandamento, Fora da Caridade Não Há Salvação.

A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

“Ele, porém, querendo se justificar disse a Jesus.” ‘E quem é o meu próximo?’ Jesus retomou: ‘Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto. Casualmente descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, atravessando esse lugar viu-o e prosseguiu. Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o a hospedaria e dispensou-lhe cuidados. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: ‘Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei’. Qual dos três, em sua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?’ ‘Ele respondeu: Aquele que usou de misericórdia para com ele’. Jesus então lhe disse.” ‘Vai, e também tu, faze o mesmo.’ (Lc 10: 29-37).

Frequentemente os Doutores da Lei provocavam Jesus, para fazê-lo cair em contradição e, então, denegri-lo perante o povo, que sempre o escutava maravilhado. Um dia, um deles, fingindo desconhecer a Lei, perguntou-lhe: *“Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”*, porém, Jesus, que conhecia a sua verdadeira intenção, perguntou-lhe: *“Que está escrito na lei? Como lê?”* Ele, então, respondeu-lhe: ***“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de todo o teu entendimento e ao teu próximo como a ti mesmo”***. Jesus disse: *“Respondeste bem, faze isso e viverás”*. O Doutor da Lei, no entanto, não se deu por vencido e disse a Jesus: *“E quem é o meu próximo?”* Jesus contou-lhe, então, a parábola do samaritano.

Por que teria ele feito essa escolha para exemplificar sua lição moral? Vejamos.

Os samaritanos, recordemos, eram os habitantes da Samaria, região onde moravam os dissidentes de Israel, e, apesar de suas crenças terem a mesma origem, tinham profundas divergências de opiniões religiosas com os judeus. Os judeus tradicionalistas, por sua vez, desprezavam os samaritanos, pois acreditavam que eles eram hereges.

Mas Jesus utiliza, exatamente, a figura do samaritano, considerado, então, herético, para demonstrar que aquilo que realmente importa são as ações, e não apenas a devoção às cerimônias e aos rituais; são os atos concretos e não apenas as palavras vazias, sem obras.

Nesta parábola, quem representa o viajante ferido?

O **viajante ferido** simboliza o nosso próximo, significando qualquer pessoa que encontremos em nosso caminho. Para ser considerado nosso próximo, não existe nenhuma condição, ninguém deve ser excluído, nem por origem, etnia, classe social ou opção religiosa.

O sacerdote e o levita, por outro lado, de quem se esperava muito mais, por terem conhecimento e se julgarem compromissados com a Lei Mosaica, deixaram de auxiliar o desvalido, abandonando-o à sua própria sorte. Voltaram para seus cultos exteriores.

O **sacerdote** e o **levita** representam as pessoas que conhecem bem os princípios religiosos, admiram esses princípios em teoria, mas ainda se apresentam orgulhosos e egoístas, sem amor no coração; evitam envolver-se em problemas que os afastem dos seus interesses pessoais. A religião, para eles, não passa ainda de prática exterior, e não é vivenciada no dia-a-dia.

O **samaritano**, ao contrário, teve uma postura completamente diferente. Encontrou alguém que ele não conhecia um homem “sem nome”, e reconheceu nele, de pronto, um semelhante necessitado. Comovido, sentiu compaixão e o socorreu. Fez tudo que estava ao seu alcance, tanto do ponto de vista material quanto moral.

O ensinamento fundamental desta parábola é a prática incondicional da caridade. Conforme expõe Kardec em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XV item 3: ***“Jesus não faz, portanto, da caridade, uma das condições da salvação, mas a condição única.”***

É preciso agir como o samaritano e enxergar em todos os semelhantes um irmão, que sente, sofre e ama como nos, evitando assim os preconceitos, e as discriminações. O próximo é qualquer pessoa que necessita da nossa

ajuda, da nossa palavra, do nosso sorriso, do nosso estímulo, do nosso cuidado, da nossa proteção, da nossa solidariedade.

Em “Parábolas e Ensinos de Jesus”, Cairbar Schutel escreve: “... Não basta, nem é preciso ser Doutor da Lei, nem sacerdote, nem fariseu, nem católico nem protestante, nem assistir a cultos ou cumprir mandamentos desta ou daquela Igreja, para ter a vida eterna; basta ter coração, alma e cérebro, isto é, ter amor porque o que verdadeiramente tem amor há de auxiliar o seu próximo com tudo o que lhe for possível auxiliar...”.

Aquele que tem verdadeiramente amor, permite que ele transborde de sua alma e faz da caridade o seu lema, aconselhando, protegendo, acolhendo, respeitando, compartilhando, sendo um exemplo vivo de tudo aquilo que diz.

A prática da caridade está ao alcance de todos. Observemos, no nosso dia-a-dia, quantas oportunidades e bênçãos, quantos recursos importantes são colocados ao nosso alcance, para que, agindo dentro dos princípios da moral cristã, possamos conviver fraternalmente com todos nossos semelhantes, como nos ensina o Evangelho do Mestre.

O MAIOR MANDAMENTO

“Os fariseus, ouvindo que ele fechara a boca dos saduceus, reuniram-se em grupo e um deles - a fim de pô-lo à prova - perguntou-lhe: ‘Mestre qual é o maior mandamento da Lei?’ Ele respondeu: ‘Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. Esse é o maior e o primeiro mandamento. O Segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.’” (Mt 22:34-40).

Ao analisarmos a História da Humanidade, vemos que inúmeros missionários foram enviados a todos os povos, em todos os tempos, para ensinar o Maior Mandamento. A Regra de Ouro foi ministrada a todos de acordo com a capacidade de compreensão e exemplificação dos enviados. Entretanto, só Jesus, o Mestre, exemplificou-a em sua plenitude.

Quando Moisés trouxe o Decálogo, apresentou-o, articuladamente, ou seja, item por item, para facilitar a interpretação do povo que, sabemos, era ainda bastante rebelde e ignorante. Não havia, portanto, como simplesmente ensinar-lhes que “amassem a Deus sobre todas as coisas”, mas era antes preciso explicar-lhes como fazê-lo: não furtarás, não dirás falso testemunho, não cobiçarás etc...

Os fariseus e saduceus conheciam plenamente o Decálogo, porém ansiavam por enredar Jesus em alguma resposta que o comprometesse perante o Sinédrio e o povo judeu. Conheciam os mandamentos, mas só os aplicavam quando era de seu interesse. No entanto, Jesus vem não para derrogar a Lei, mas, sim, para lhe dar cumprimento, e sintetiza o Decálogo de forma única e admirável no Maior Mandamento.

É interessante notar, nesta passagem, que sendo Jesus indagado pelos fariseus sobre qual era o Maior Mandamento, respondeu indicando dois mandamentos: o primeiro, amar a Deus sobre todas as coisas, e o Segundo, amar o próximo como a si mesmo.

A verdade é que estão tão interligados que podemos dizer que se trata de um só: é impossível amarmos a Deus, seguirmos as suas Leis, se não amarmos ao próximo, pois amar verdadeiramente a Deus implica em Amor expresso em ações e atitudes, Amor por toda Sua Criação e Suas Criaturas.

Se o Mestre tivesse afirmado que o Maior Mandamento fosse unicamente amar a Deus, isso reforçaria a idéia de uma religiosidade baseada em ritos, oferendas e formalismos: a religião de verbalismos sem obras, fato, aliás, que era circunstância dominante na época.

Não se pode amar verdadeiramente a Deus, sem respeitar e amar a Sua Criação, ou seja, o universo, a nossa casa planetária e tudo o que nela existe, desde a natureza, passando por todos os seres vivos que nela habitam e compartilham conosco esta oportunidade de crescimento e de evolução.

Como bem compreendeu André Luiz: “Mas, entre Deus e você, o próximo é a ponte”. Cada criatura é uma oportunidade bendita de externarmos o nosso amor por Deus, pelo nosso Pai, como nos ensinou o Mestre. Jesus incita-nos a prática do Amor de maneira clara e contundente quando nos orienta a amar o próximo como a nós mesmos.

Mas, reflitamos em que consiste efetivamente o “amar ao próximo como a si mesmo”?

Mais uma vez, a resposta é-nos dada por Jesus: “fazer ao outro o que gostaríamos que nos fizessem”. Isso é muito simples de entender: ora, se tivéssemos fome e não tivéssemos alimento, o que poderíamos querer senão que alguém nos oferecesse algo para comer; e água, se tivéssemos sede; e abrigo, se não tivéssemos onde dormir; atenção, quando tivéssemos algo para falar, e assim por diante.

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XI, item 4, Kardec, com muita propriedade, assevera: *“Amar o próximo como a si mesmo; fazer aos outros como quereríamos que nos fizessem eis a expressão mais completa da caridade, porque ela resume todos os deveres para com o próximo. Não se pode ter; neste caso, guia mais seguro, do que tomando como medida do que se deve fazer aos outros, o que se deseja para si mesmo.”*

FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

Em todos os tempos, inúmeras foram às religiões e filosofias que afloraram pelo mundo. Essas doutrinas eram mais ou menos elevadas, de acordo com o estágio evolutivo daqueles que as formularam. Umas eram mais fechadas, mais exclusivistas, pertenciam apenas a um grupo, que, muitas vezes, achava-se dono da verdade; outras tinham seus conceitos mais ampliados, e visavam uma coletividade, mas, ainda assim, tinham suas imposições. Todas elas tinham o seu lema, mas, em geral, não alcançavam a totalidade dos Homens.

A Doutrina Espírita com a máxima “Fora da caridade não na salvação” vem ampliar a possibilidade de “salvação” para toda a Humanidade.

Mas o que é a salvação?

Vivemos num mundo de provas e expiações, logo, existem aflições, desilusões, tribulações. Todos nós estamos sujeitos a essas vicissitudes. No entanto, quando compreendemos que há uma lei maior de causa e efeito, e, portanto, ha uma razão justa, mesmo que desconhecida momentaneamente, para as nossas dificuldades, sentimo-nos consolados. Começamos a compreender o alcance do Cristo Consolador, quando disse: **“Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e vos darei descanso.”** Eis a salvação! Mesmo neste mundo, quando confiamos em Jesus e nos resignamos a Vontade Divina, o peso do mundo não mais nos oprime!

Por outro lado, pela luz trazida pelo Espiritismo, sabemos que quando deixarmos o plano físico, nossa vida futura será o resultado de nossas escolhas e ações. Se agirmos de forma egoística, indiferentes ao nosso semelhante, frios em relação à dor do próximo, encontraremos, na outra a vida, o “ranger de dentes”.

Entretanto, se praticarmos a caridade Segundo o Mestre ensinou-nos, teremos encontrado o verdadeiro caminho, e, receberemos a “recompensa dos justos”: **“A cada um segundo suas obras!”** Eis a salvação que está ao alcance de todos nós, independentemente de Credo religioso!

Nesse sentido, encontramos esta bela passagem em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XM item 10: *“Meus filhos, na máxima: Fora da caridade não há salvação, estão contidos os destinos dos homens sobre a terra e no céu. Sobre a terra, porque, a sombra desse estandarte, eles viverão em paz; e no céu, porque aqueles que a tiverem praticado encontrarão graça diante do Senhor.”*

“(...) Fazei, pois, que, ao vos vendo, se possa dizer que o verdadeiro espírita e o verdadeiro cristão são uma e a mesma coisa, porque todos os que praticam a caridade são discípulos de Jesus, qualquer que seja o culto a que pertençam.” (grifo nosso).

QUESTÃO REFLEXIVA

Comente: “Fora da caridade não há salvação”.

Parte B - Parábola do Fariseu e do Publicano, Parábola dos Primeiros Lugares, Quem se Elevar Será Rebaixado.

PARÁBOLA DO FARISEU E DO PUBLICANO

“Contou ainda esta parábola para alguns que, convencidos de serem justos, desprezavam os outros: ‘Dois homens subiram ao Templo para orar; um era fariseu e o outro publicano. O fariseu, de pé, orava interiormente deste modo: ‘Ó Deus, eu te dou graças porque não sou como o resto dos homens, ladrões, injustos, adúlteros, nem como esse publicano; jejuo duas vezes por semana, pago o dízimo de todos os meus rendimentos’. O publicano, mantendo-se à distância, não ousava sequer levantar os olhos para o céu, mas batia no peito dizendo: ‘Meu Deus, tem piedade de mim, pecador!’ Eu vos digo que este último desceu para

casa justificado, o outro não. Pois todo o que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado.” (Lc 18:9-14).

Esta parábola apresenta dois personagens principais, que podem, ainda hoje, ilustrar diferentes feições do comportamento humano: o fariseu e o publicano.

Na Introdução de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, item III, Kardec traz-nos informações sobre eles:

- **Fariseus:** Das disputas teológicas e das interpretações divergentes das escrituras, surgiram, entre os judeus, várias seitas, dentre as quais, a dos fariseus, que era a mais influente: *“Observadores servis das práticas exteriores do culto e das cerimônias, tomados de ardoroso proselitismo, inimigos das inovações, afetavam grande severidade de princípios. Mas, sob as aparências de uma devoção meticulosa, escondiam costumes dissolutos, muito orgulho e, sobretudo excessivo desejo de dominação...”*
- **Publicanos:** *“Eram assim chamados, na Roma amiga, os cavaleiros arrendatários das taxas públicas, encarregados da cobrança dos impostos e das rendas de toda espécie, fosse na própria Roma ou em outras partes do Império (...) Os judeus tinham, portanto, horror ao imposto, e, por consequência, a todos os que se encarregavam de arrecadá-lo...”*

Jesus chama a atenção para a postura dos dois personagens: o fariseu, à frente, em pé, julgando-se perfeito e cheio de méritos, enquanto, por puro preconceito, desdenhava do publicano.

Qualquer julgamento que tivermos de nosso semelhante, pelas aparências externas, será um ato inconsiderado, superficial, leviano. Não vemos, a propósito, entre as classes mais desprezadas, entre os mais miseráveis e, às vezes, colocados à margem da sociedade, não vemos emergirem grandes almas? Não vemos, muitas vezes, entre os excluídos, aqueles que demonstram nobreza de caráter, humildade e resignação diante da vida? E, do outro lado, não vemos, no seio de muitos grupos dominantes, que se arrogam todo valor e mérito, não vemos entre eles, por vezes, os piores comportamentos, as piores demonstrações de impiedade?

O Mestre disse: *“Não julgueis para não serdes julgados. Pois com o julgamento com que julgais sereis julgados, e com a medida com que medis sereis medidos. Por que reparas no cisco que está no olho do teu irmão, quando não percebes a trave que está no teu?”* (Mt 7:1-3).

É muito mais fácil enxergarmos o defeito alheio, apontarmos seus erros e julgá-lo com todo o rigor, do que identificarmos e corrigirmos, ou mesmo condenarmos, os nossos próprios enganos.

Já a postura do publicano é em tudo oposta a do fariseu: ficou à distância, de cabeça baixa, humildemente reconhecendo suas imperfeições e pedindo perdão a Deus.

Jesus faz nesta parábola, um paralelo entre o orgulho e a humildade. O orgulho é uma das imperfeições morais mais prevalentes na Humanidade. Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. IX, item 9, um Espírito Protetor diz: *“O orgulho vos leva a vos julgardes mais do que sois, a não aceitar uma comparação que vos possa rebaixar e a vos considerardes, ao contrário, de tal maneira acima de vossos irmãos, seja na finura de espírito, seja no tocante a posição social, seja ainda em relação às vantagens pessoais, que o menor paralelo vos irrita e vos fere.”*

A humildade é a virtude que nos permite o autoconhecimento, e nos traz o sentimento de respeito, referência e submissão a Vontade Divina.

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. VII, item II, o Espírito Lacordaire afirma em sua mensagem: *“A humildade é uma virtude bem esquecida entre vós. (...) E, no entanto, sem humildade, podeis ser caridosos para o vosso próximo? Oh! não, porque esse sentimento nivela os homens, mostra-lhes que são irmãos, que devem ajudar-se mutuamente, e os encaminha para o bem. Sem a humildade, enfeitai-vos de virtudes que não possuíis como se vestísseis um hábito para ocultar as deformidades do corpo. Lembrai-vos D’aquele que nos salva; lembrai-vos da sua humildade, que o fez tão grande e o elevou acima de todos os profetas.”*

A parábola leva-nos, também, a refletir sobre as condições da prece para que ela seja eficaz: é imprescindível cultivarmos pensamentos e sentimentos amorosos e fraternos; a humildade e a sinceridade devem estar no coração, nos olhos e nas palavras. Se orarmos apenas com os lábios, enquanto o orgulho domina nossa alma, a prece será vazia e sem objetivo. Busquemos sempre seguir o exemplo de Jesus.

PARÁBOLA DOS PRIMEIROS LUGARES (OU DOS ÚLTIMOS LUGARES)

“Em seguida contou uma parábola aos convidados, ao notar como eles escolhiam os primeiros lugares. Disse-lhes: ‘Quando alguém te convidar para uma festa de casamento, não te ponhas no primeiro lugar; não aconteça que alguém mais digno do que tu tenha sido convidado por ele, e quem convidou a ti e a ele venha a tu dizer: ‘Cede-lhe o lugar deverás, então, todo envergonhado, ocupar o último lugar. Pelo contrário, quando fores convidado, ocupa o último lugar de modo que, ao chegar quem te convidou, te diga: ‘Amigo, vem mais para cima’. E isso será para ti uma honra em presença de todos os convivas. Pois todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado’. (LC 14: 7-11).

Jesus não perdia nenhuma oportunidade de ensinar os valores morais e, nesta ocasião, observando o comportamento dos convidados num banquete na casa de um dos chefes dos fariseus, notou como eles corriam para pegar os primeiros assentos a mesa, cada qual buscando colocar-se em maior evidência do que o outro.

Esse desejo incontrolável de estar em evidência, de se assentar nos primeiros lugares é, ainda hoje, plenamente atual. Existe, de fato, um verdadeiro clamor em nosso mundo incentivando-nos a sermos os primeiros, a sermos os “melhores”, a sempre competirmos com nosso semelhante por posições de destaque...

E muitos dos que correm para pegar esses “primeiros assentos”, na verdade, nem sequer possuem o mérito para ocupar tal posição. Por isso ensina Jesus: *“Quando alguém te convidar para uma festa de casamento, não te ponhas no primeiro lugar; não aconteça que alguém mais digno do que tu tenha sido convidado por ele, e quem convidou a ti e a ele venha a te dizer: ‘Cede-lhe o lugar’.*”

Mas todo aquele que, ansiosamente, buscar esses “primeiros lugares”, sem merecimento para tal, serão, pois, convidados a ceder o lugar: ***“Deverá, então, todo envergonhado, ocupar o último lugar”.***

O ensinamento de Jesus é valioso. Transcendendo o simbolismo da parábola, e abarcando todas as circunstâncias da vida, significa que jamais alguém poderá ficar ocupando um lugar que não lhe pertença. A Lei Divina sempre prevalecera. A certeza dessa verdade traz-nos paz ao coração, pois nos lembra de que não precisamos disputar, acirradamente, pelas coisas materiais, eis que tudo que nos pertença, de acordo com a Lei Divina, será, no devido tempo, entregue a nos. Dir-nos-ão: ***‘Amigo, vem mais para cima’.***

Busquemos então seguir o exemplo do Mestre, e serem aqueles que vencem as ilusões do mundo, essas miragens por onde muitos já se perderam. ***“De que vale ao homem ganhar o mundo, se perder sua alma”.***

Almejemos, então, serem aqueles que, convictos da Soberana Justiça, da Soberana Bondade, desejam servir antes do que ser servidos!

QUEM SE ELEVAR SERA REBAIXADO

A advertência de Jesus: ***“Pois todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado”*** é encontrada na “Parábola dos Primeiros Lugares”, na “Parábola do Fariseu e do Publicano”, além das várias ocasiões em que Jesus, falando a multidão que o seguia e a seus discípulos, expôs a hipocrisia e a vaidade dos escribas e fariseus.

Jesus coloca sempre, como condição primeira e essencial da felicidade futura, a humildade, que nos facilita o caminho para as outras virtudes espirituais, e aponta o orgulho como o grande obstáculo ao progresso do Espírito.

Quando, certa vez, os discípulos perguntaram-lhe quem era o maior no Reino dos Céus, ele chamou uma criança, colocou-a como exemplo da simplicidade de coração e disse: *“Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus. Aquele, portanto, que se tornar pequenino como esta criança, esse é o maior no Reino dos Céus”.* (Mt 18:3-4).

Os ensinamentos de Jesus compõem um verdadeiro acervo de verdades que transcendem, ultrapassam, contrariam a lógica dos valores do mundo. E preciso ter humildade e “ouvidos de ouvir” para compreender suas lições.

Devemos também considerar que, por vezes, as palavras podem ter um significado no âmbito dos valores do mundo e outro significado no âmbito dos valores espirituais. Vejamos essas duas palavras: exaltar e humilhar.

Exaltar - De acordo com a sua aceção mais comum, exaltar pode ser o ato de se vangloriar, de se elevar, de se colocar bem no alto.

Muitos, bem o sabemos, fazem isso constantemente, e atribuem a si mesmos títulos e virtudes que não possuem. São, nesse primeiro sentido, “exaltados”.

Há, entretanto, outro sentido para exaltar. É aquele em que alguém, pelo seu real valor, pela sua demonstração contínua de estudo, trabalho, esforço, é reconhecido pelo verdadeiro mérito.

Portanto, se, transitoriamente, neste mundo, alguém exaltar a si mesmo ou exaltar alguém sem mérito, isso não ocorrerá no plano espiritual, onde todos serão reconhecidos segundo suas obras.

Humilhar - Em sentido geral humilhar é rebaixar moralmente, oprimir, causar vexame, ultrajar, tratar com menosprezo.

Segundo os Valores mundanos, toda vez que alguém não reage a alguma agressão, que não se levanta de forma imponente, que não responde na mesma moeda aos ataques, é, então, considerado humilhado.

Para o cristão, porém, todos os atos considerados pelo mundo como “humilhação”, em absoluto, não representam humilhação verdadeira, mas, ao contrário, representam o mais puro entendimento da Lei Divina, a mais pura compreensão das lições do Mestre, que nos ensinou a “dar a outra face”, ou seja, a “pagar o mal com o bem”.

Então, podemos sintetizar:

- Quem se elevar (exaltar-se), segundo os valores do mundo, será rebaixado (humilhado), segundo os valores espirituais, e
- Quem se rebaixar (humilhar-se), segundo os valores do mundo, será elevado (exaltado), segundo os valores espirituais.

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. VII, item 6, Kardec comenta:

“O Espiritismo vem confirmar a teoria pelo exemplo, ao mostrar que os grandes no mundo dos Espíritos são os que foram pequenos na Terra, e que frequentemente são bem pequenos os que foram grandes e poderosos. E que os primeiros levaram consigo, ao morrer aquilo que unicamente constitui a Verdadeira grandeza no céu, e que nunca se perde: as virtudes; enquanto os outros tiveram de deixar aquilo que os fazia grandes na Terra, e que não se pode levar: a fortuna, os títulos, a glória, a linhagem.”

Quando recordamos os inesquecíveis exemplos do Mestre, com sua coragem inigualável - a Verdadeira coragem - diante de quem os mais perversos tremiam em seu íntimo, eis que reconhecia alguém de imensurável autoridade - a Verdadeira autoridade, a moral - compreendemos que Jesus, por insuperavelmente ter se feito “o menor”, por ter suportado as mais cruéis agressões sem reagir, por ter “oferecido a outra face”, por todos os atos únicos, será exaltado, eternamente, por todos seus discípulos fiéis. Prestemos atenção as suas orientações: “(...) *aquele que quiser tomar-se grande entre vós, seja aquele que serve, e o que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o vosso servo...*” (Mt 20:26-27).

Em “alturas” que nem podemos ainda imaginar, ascendeu o Mestre... Que seu sublime exemplo ressoe pela eternidade!

QUESTÃO REFLEXIVA:

Como combater o orgulho na nossa vida diária?

Bibliografia:

- A Bíblia de Jerusalém.
- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Ed. FEESP.
- Godoy, Paulo Alves - As Maravilhosas Parábolas de Jesus - Ed. FEESP.
- Almeida, José de Sousa e - As Parábolas - Ed. FEESP.
- Calligaris, Rodolfo - Parábolas Evangélicas.
- Schutel, Cairbar - Parábolas e Ensinos de Jesus.

5ª Aula - Parábolas e Ensinamentos de Jesus Sobre a Misericórdia Divina e a Necessidade da Vigilância

Parte A - A Parábola do Filho Pródigo, A Parábola da Ovelha Perdida, Ajuda-te que o Céu te Ajudará.

A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

“Um homem tinha dois filhos. O mais jovem disse ao pai: ‘Pai, dá-me a parte da herança que me cabe’. E o pai dividiu a herança entre eles. Poucos dias depois, juntando todos os seus haveres, o filho mais jovem partiu para uma região longínqua e ali dissipou sua herança numa vida devassa.

E gastou tudo. Sobreveio aquela região uma grande fome e ele começou a passar privações. Foi, então, empregar-se com um dos homens daquela região, que o mandou para seus campos cuidar dos porcos. Ele queria matar a fome com as bolotas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. E caindo em si, disse: ‘Quantos empregados de meu pai tem pão com fartura, e eu aqui, morrendo de fome! Vou-me embora, procurar meu pai e dizer-lhe: ‘Pai pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como um dos teus empregados’. Partiu, então, e foi ao encontro de seu pai.

Ele estava ainda ao longe, quando seu pai viu-o, encheu-se de compaixão, correu e lançou-se lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos. O filho, então, disse-lhe: ‘Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho’. Mas o pai disse aos seus servos: ‘Ide depressa, trazei a melhor túnica e revesti-o com ela, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. Trazei o novilho cevado e matai-o; comamos e festejemos, pois este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado! E começaram a festejar.

Seu filho mais velho estava no campo. Quando voltava, já perto de casa ouviu músicas e danças. Chamando um servo, perguntou-lhe o que estava acontecendo. Este lhe disse: ‘É teu irmão que voltou e teu pai matou o novilho cevado, porque o recuperou com saúde’. Então, ele ficou com muita raiva e não queria entrar seu pai saiu para suplicar-lhe. Ele, porém, respondeu a seu pai: ‘Há tantos anos que te sirvo, e jamais transgredi um só dos teus mandamentos, e nunca me deste um cabrito para festejar com meus amigos. Contudo, veio esse teu filho, que devorou teus bens com prostitutas, e para ele matas o novilho cevado!’

Mas o pai lhe disse: ‘Filho, tu estas sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas era preciso que festejássemos e nos alegrássemos, pois esse teu irmão estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado!’.” (Lc 15:11-32).

Esta é uma das mais belas e conhecidas parábolas contadas por Jesus, e nos traz a oportunidade para meditarmos acerca de uma infinidade de sentimentos ainda arraigados nos corações humanos: o egoísmo, a indiferença em relação aos dons recebidos, a inveja, o ciúme, a ausência de compaixão.

Ressalta ainda a importância do perdão e da busca da transformação interior, e, principalmente, mostra a presença infalível da Bondade, da Misericórdia e da Justiça Divinas.

Nesta alegoria trazida pelo Mestre, temos três figuras centrais: o pai representa Deus e os dois filhos simbolizam a Humanidade em suas diversas faces:

O filho pródigo é o dissipador, “sem juízo”, extremamente ligado à materialidade, aos gozos terrenos, mas que depois se torna o filho que ao cair em si e ao reconhecer que todo o seu sofrimento foi fruto de suas más escolhas, retoma arrependido e procura o perdão do pai, que o recebe com alegria e compaixão.

O filho obediente é aquele cumpre seus deveres, mas, no fundo, é ciumento, egoísta, sem compaixão: “*Há tantos anos que te sirvo, e jamais transgredi um só dos teus mandamentos, e nunca me deste um cabrito para festejar com meus amigos*”. Revoltado nega-se a compreender e aceitar a misericórdia do pai: “*(...) Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas era preciso que festejássemos e nos alegrássemos, pois este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado.*”

Podemos ainda extrair deste contexto:

- A “**herança**” é a potencialidade do Espírito, os “talentos”, os recursos que Deus oferece-nos para que os transformemos em qualidades espirituais plenas e os utilizemos para a prática do Bem;
- A “**região longínqua**” é o nosso distanciamento da Lei Divina, quando escolhemos dissipar os bens que o Pai ofertou-nos, perdendo oportunidades valiosas de crescimento;
- A “**fome**”, que o filho sofre depois de uma vida de devassidão, é a ausência dos valores espirituais, de amor, daquilo que existe com fartura na Casa do Pai;
- Voltar a “**Casa do Pai**” significa reencontrar-se e buscar o amparo da Lei Divina, buscar a Misericórdia Divina, ou seja, o reencontro com o Pai Criador.

Esta parábola oferece-nos inúmeros ensinamentos para nossa reflexão. Como estamos todos submetidos à Lei de Ação e Reação, criamos, para nós mesmos, situações felizes ou infelizes, segundo as nossas escolhas. Por vezes, deixamos de observar as Leis de Deus e utilizamos o nosso livre arbítrio de forma errônea; saímos em busca das ilusões mundanas, pensando, assim, encontrar a felicidade.

Jesus mostra-nos a necessidade de cultivarmos a humildade para voltar atrás, de reconhecer o erro e pedir perdão; de buscar a coragem para recomeçar.

A experiência do sofrimento traz-nos sabedoria quando a lição é aprendida. Não importa quantas reencarnações já tivemos e ainda teremos, nem as opções equivocadas que fizemos; por mais graves que tenham sido, voltaremos a Casa do Pai, ao encontro do Amor e da felicidade: o Pai sempre nos oferece infinitas oportunidades de refazermos os nossos aprendizados.

O Pai jamais repudia o filho que errou e volta arrependido, ou mesmo o filho que teve uma atitude egoísta e impiedosa para com seu irmão: respeita o tempo de cada um.

É isto que o irmão mais velho do filho pródigo ainda não podia entender: a alegria de seu pai, simbolizando o Amor Incondicional do Pai Criador, quando conscientemente o filho pródigo retornou ao caminho do Bem: *“... pois esse teu irmão estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado...”*

Na obra “Parábolas e Ensinos de Jesus”, Cairbar Schutel discorre: *“Quando à criatura humana, num momento de irreflexão se afasta de Deus, e, dissipando os bens que o Criador a todos doou, se entrega a toda sorte de dissoluções, a dor e à miséria, esses terríveis agulhões do Progresso Espiritual ferem rijo a sua alma orgulhosa até que, num momento supremo de angústia, ela possa elevar-se para Deus e deliberar reentrar no caminho da perfectibilidade. E então que, como o Filho Pródigo, o homem transviado, tocado pelo arrependimento, volta-se para o Pai carinhoso e diz. ‘Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho...’ E Deus, nosso amoroso Criador que já o havia visto em caminho para Ele se aproximar e rogar; abre aquele filho as portas da regeneração e lhe faculta todas as dádivas, todos os dons necessários para esse grandioso trabalho da perfeição espiritual.”*

Esta parábola, em última análise, desperta-nos para ver quão infinita é a Misericórdia Divina.

Nos próprios, precisamos lembrar, quando nos afastamos da Lei Divina, também nos tornamos filhos pródigos. Porém, quando despertamos, percebemos o engano cometido e buscamos corrigi-lo, somos sempre bem-vindos a “Casa do Pai”.

Essa certeza, desperta-nos, ainda, para o desejo de agir fraternalmente, acolhendo, segundo nossas possibilidades, todos aqueles “filhos pródigos” que encontrarmos pelo caminho, ajudando-os a também reencontrarem o caminho da “Casa do Pai”.

A PARÁBOLA DA OVELHA PERDIDA (OU DESGARRADA)

“Qual de vós, tendo cem ovelhas e perder uma, não abandona as noventa e nove no deserto e vai em busca daquela que se perdeu, até encontrá-la? E achando-a, alegre a põe sobre os ombros e, de volta para casa, convoca os amigos e os vizinhos, dizendo-lhes: ‘Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida! Eu vos digo que do mesmo modo haverá mais alegria no céu por um só pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento.” (Lc 15:4-7).

A “Parábola da Ovelha Perdida” traz ensinamentos semelhantes ao da “Parábola da Dracma Perdida”:

- o empenho da Espiritualidade em nos proteger;
- a inexistência de erro que não possa ser reparado;
- a inexistência de condenação por toda a eternidade;
- alegria dos Benfeitores Espirituais quando “somos encontrados”.

Desde o Velho Testamento encontramos a mesma simbologia sobre a Providência Divina, ou seja, a Proteção Divina que se estende a todos os seus filhos, “as ovelhas”, como vemos em Ezequiel 34:11-12 e 16: *“...Certamente eu mesmo cuidarei do meu rebanho e dele me ocuparei. Como o pastor cuida do seu rebanho, quando está no meio das suas ovelhas dispersas, assim cuidarei das minhas ovelhas e as recolherei de todos os lugares por onde se dispersaram em dia de nuvem e escuridão. (...) Buscarei a ovelha que estiver perdida, reconduzirei a que estiver desgarrada, pensarei a que estiver fraturada e restaurarei a que estiver abatida”.*

Deus, em Sua Infinita Bondade, é um Pai Amoroso, que respeita a liberdade de escolha de seus filhos, porque, em sua profunda sabedoria, conhece a alma de cada um, e sabe que nenhum Espírito permanecerá eternamente perdido nos desvios do caminho, condenados para sempre ao sofrimento e as trevas da ignorância.

Chegará o momento em que, compreendendo as Leis Divinas, retomaremos a Casa Paterna, e seremos acolhidos com imensa alegria: *“haverá mais alegria no céu por um só pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento.”*

É, realmente, confortadora a idéia de que nenhuma ovelha será deixada para trás, que nenhuma ovelha será perdida.

Diferentemente de muitas outras doutrinas, que pregavam ou ainda pregam as penas eternas, o Espiritismo, retirando o véu que encobria o conhecimento sobre nossa condição futura, demonstra que todos alcançarão a felicidade plena.

Não há, assim, almas perdidas, não há segregação definitiva, não há escuridão eterna, todos encontrarão a Luz. Somente a doce voz do Mestre continuara ecoando aos nossos ouvidos chamando-nos persistentemente ao seu encontro.

E vivenciando os ensinamentos do Cristo, procuraremos aqueles que estão à margem, aqueles que foram excluídos, aqueles que foram abandonados e desprezados, aqueles que ainda estão nas trevas. Quando apreendermos verdadeiramente as lições inolvidáveis do Mestre, o meigo Pastor das almas da Terra poderemos tornar-nos pequeninos pastores, auxiliando-o a conduzir o rebanho terreno rumo a felicidade e a plenitude desejadas.

AJUDA-TE QUE O CÉU TE AJUDARÁ

“Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto; pois todo o que pede recebe; o que busca acha e ao que bate se lhe abrirá”. (Mt 7:7-8).

Estas afirmações, pronunciadas por Jesus no Sermão do Monte, fazem-nos refletir:

Bastaria, então, que pedíssemos em prece para que tudo nos fosse concedido?

Naturalmente que não. Imaginemos, por exemplo, se os pais dessem aos filhos tudo que eles quisessem. Não seria, muitas vezes, prejudicial? O bom pai e a boa mãe são aqueles que se importa com o bem estar de seus filhos e buscam orientá-los, a todo o momento, através do “sim” e do “não”.

Em geral, as crianças não conseguem perceber o mal que certas coisas poderiam causar-lhes. No entanto, quando adultas, elas agradecerão aos seus pais por livrá-las do mal quando eram pequenas, e por direcioná-las ao Bem.

Deus, em sua Infinita Sabedoria, sabe o que melhor nos convém. Nem tudo o que queremos nos convém para a nossa melhoria espiritual.

Por isso, o que em realidade devemos pedir?

Lembremos que antes da passagem de Jesus por Israel, naquela região, o que as pessoas costumavam pedir em suas orações era, em geral, coisas materiais, como haviam clamado pela “terra prometida onde abundava o leite e o mel”.

Os ensinamentos de Jesus vêm conclamar-nos a não pedir patrimônios materiais, mas, sim, a força para desenvolvermos as virtudes'. Reflitamos sobre essas virtudes: coragem, resignação, paciência, esperança...

Do que mais precisaríamos?

Se pensarmos em todas as circunstâncias difíceis da vida que nos podem ocorrer, podemos ficar imaginando uma serie de soluções. Mas de todas as soluções que pudermos imaginar, as únicas que realmente serão estáveis, duradouras, e eficazes são nossas disposições íntimas, nossos sentimentos de boa vontade.

Os bens materiais, eventualmente, podem ser perdidos em um único instante. As virtudes, no entanto, jamais se perdem.

Por isso, se orarmos com fervor, receberemos inspirações dos Mensageiros Celestiais que renovarão nossa esperança e nos trarão a sustentação necessária para enfrentarmos qualquer situação que apareça em nosso caminho. Poderemos, assim, vivenciar todas as provações da vida, sem nos abalarmos: o Pai jamais coloca um fardo maior do que aquele que o filho pode carregar.

Em “O Evangelho Segundo O Espiritismo”, cap. XXV item 5, encontramos: *“Segundo a compreensão moral, essas palavras significam o seguinte: Pedi a luz que deve clarear o vosso caminho, e ela vos será dada, pedi a força de resistir ao mal, e a tereis; pedi a assistência dos Bons Espíritos, e eles virão ajudar-vos, e, como o anjo de Tobias, vos servirão de guias; pedi bons conselhos, e jamais vos serão recusados; batei ai nossa porta, e ela*

vos será aberta; mas pedi sinceramente, com fé, fervor e confiança; apresentai-vos com humildade e não com arrogância, sem o que sereis abandonados as vossas próprias forças, e as próprias quedas que sofrerdes constituirão a punição do vosso orgulho.”

Outro aspecto relevante na afirmação “Ajuda-te, que o Céu te ajudará” é que, podemos notar, há uma situação condicional, ou seja, a primeira ação é sempre nossa: primeiro temos que nos ajudar, e então o Céu nos ajudará. Para caminharmos adiante, somos nós que temos que dar os primeiros passos.

É preciso que cada um faça a sua parte: para receberem, devem pedir; para acharem, devem buscar; para entrarem, devem bater... Isso significa, em outras palavras, que é preciso trabalhar para conseguir realizar os nossos propósitos.

O trabalho desenvolve a inteligência e gera o progresso!

Essas duas Leis - a Lei do Trabalho e a Lei do Progresso – São Leis Divinas. Kardec, oportunamente, comenta no item três do mesmo capítulo acima citado que: “*Se Deus tivesse liberado o homem do trabalho físico, seus membros seriam atrofiados; se o livrasse do trabalho intelectual, seu espírito permaneceria na infância...*”

Vemos, pois, que todas as coisas têm um propósito, uma razão de ser, e nos só nos tornamos melhores quando utilizamos nossos dons físicos e intelectuais. Assim, continua o codificador: “*...Busca e acharás; trabalha e produzirás; e desta maneira serás filho das tuas obras, terás o mérito da sua realização e serás recompensado Segundo o que tiveres feito.*”

Ajudemo-nos: Busquemos o trabalho e o estudo, e o “Céu” nos ajudará.

QUESTÃO REFLEXIVA:

Comente os ensinamentos que lhe chamaram a atenção na Parábola do Filho Pródigo.

Parte B - Parábola das Dez Virgens, Parábola do Mordomo, Orai e Vigiai.

PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS (OU AS VIRGENS INSENSATAS E AS PRUDENTES)

“Então o reino dos Céus será semelhante a dez virgens que, tomando suas lâmpadas, saíram ao encontro do noivo. Cinco, eram insensatas e Cinco, prudentes. As insensatas, ao pegarem as lâmpadas, não levaram azeite consigo, enquanto as prudentes levaram vasos de azeite com suas lâmpadas. Atrasando o noivo, todas elas acabaram cochilando e dormindo. À meia-noite, ouviu-se um grito: ‘O noivo vem aí! Saí ao seu encontro!’ Todas as virgens levantaram-se, então, e trataram de aprontar as lâmpadas. As insensatas disseram as prudentes: ‘Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas apagam-se’. As prudentes responderam: ‘De modo algum, o azeite poderia não bastar para nós e para vós. Ide antes aos que vendem e comprai para vós’. Enquanto foram comprar o azeite, o noivo chegou e as que estavam prontas entraram com ele para o banquete de núpcias. E fechou-se a porta. Finalmente, chegaram às outras virgens, dizendo: Senhor, senhor; abre-nos!’ Mas ele respondeu: ‘Em verdade vos digo não vos conheço!’ Vigiai, portanto, porque não sabeis nem o dia nem a hora.” (Mt 25:1-13).

As reencarnações terrenas - oportunidades para novos aprendizados, para novas provas e reparação de equívocos passados - contam-se aos milhares todos os dias. Dependendo da condição espiritual, as novas existências são solicitadas, e em parte planejadas, por nós, ainda no mundo espiritual.

Quando mergulhados no corpo físico, porém, despreocupamo-nos daquilo que nos propusemos ao reencarnar, permitindo que nossas imperfeições morais tomem vulto e, por vezes, dominem nossa vida. Nem sequer nos recordamos da importância do aprimoramento para podermos participar do “banquete espiritual”, quando retomarmos ao mundo dos Espíritos.

Esta parábola mostra-nos a importância da vigilância e da prudência para que trabalhemos, constante e incessantemente, praticando o bem e a caridade, pois, em determinado momento, que nos é desconhecido, deixaremos o corpo físico e teremos que nos confrontar com aquilo que plantamos.

Não é na hora da morte ou nos últimos momentos de nossa reencarnação que, subitamente, procederemos às transformações necessárias para angariar os tesouros espirituais que garantirão a nossa entrada no “Reino dos Céus”.

As **virgens prudentes** (em algumas versões: previdentes ou sensatas) representam as pessoas que compreendem os objetivos da sua encarnação e procuram viver, da melhor forma, os ensinamentos evangélicos, esforçando-se na renovação de seus valores, afastando as imperfeições e hábitos menos nobres.

As **virgens insensatas** (em algumas versões imprudentes, néscias, ou loucas) são as pessoas que vivem e morrem se preocupando apenas consigo mesmas, ligadas as ilusões da matéria, sem se atentarem para a prática do Bem, esquecendo-se de adquirir os tesouros “que as traças não corroem”, ou seja, os do Espírito.

O “**noivo**” (ou esposo) é Jesus, que se uniu a Humanidade (esposa), representada pelas virgens; sua chegada significa o convite para o “**banquete espiritual**”, através de seus ensinamentos morais. A aceitação desse convite dependera da prudência (preparo) ou insensatez (despreparo) dos Homens. Os que o aceitarem ingressarão em uma Nova Era, que se assentara na moral do Cristo: um mundo novo de paz e alegria, onde o Bem suplantara o Mal.

As **lâmpadas** representam a nossa luz interior, a essência divina que existe em nós, que não deve ficar apagada ou escondida, mas deve brilhar para iluminar o nosso caminho e o dos que o compartilham conosco.

O azeite é o combustível que deve abastecer as lâmpadas e representa as qualidades espirituais que vamos adquirindo durante as nossas estadias na Terra. Essas aquisições são pessoais e intransferíveis, e, por esse motivo, as virgens da parábola não puderam dividir com as virgens insensatas o azeite que, prudentemente, haviam levado consigo.

Como não haviam reservado azeite (renovação interior e boas obras), elas se atrasaram ao procurá-lo apressadamente e, ao voltar, encontraram a porta fechada. Restou-lhes, então, retomar a vida terrena para adquirir sua provisão do “azeite” da prática do amor fraterno, através de novas experiências vividas durante a reencarnação.

“Vigiai, portanto, porque não sabeis nem o dia nem a hora”, diz Jesus na parábola; por isso, o verdadeiro cristão deve “vigiar e orar” sempre, estar disposto e disponível para trabalhar na seara do Mestre, com entusiasmo e boa vontade, **por menor que seja a tarefa**; utilizar de prudência em todas as suas ações, adquirindo a serenidade suficiente em seu coração para um dia, retomar a pátria espiritual.

PARÁBOLA DO MORDOMO

“Quem é, pois, o servo fiel e prudente que o senhor constituiu sobre a criadagem, para dar-lhe o alimento em tempo oportuno? Feliz aquele servo que o Senhor ao chegar encontrar assim ocupado. Em verdade vos digo, ele o constituirá sobre todos os seus bens. Se aquele mau servo disser em seu coração: ‘Meu Senhor tarda’, e começar a espancar seus companheiros, a comer e beber em companhia dos beberrões, o senhor daquele servo virá em dia imprevisto e hora ignorada. Ele o partirá ao meio e lhe designará seu lugar entre os hipócritas. Ali haverá choro e ranger de dentes.” (Mt 24:45-51).

Esta parábola tem sentido semelhante a “Parábola das Dez Virgens”: indica-nos a necessidade do trabalho, da prudência, da honestidade de propósitos. Convida-nos, também, a vigilância de nos mesmos, dos nossos pensamentos e atitudes, pois não nos é dado conhecer em que momento seremos provados como verdadeiros discípulos de Jesus.

A parábola trata do **servo fiel e prudente**, aquele que é responsável por todas as tarefas que assume e cumpre seus deveres com respeito e humildade, honrando o salário que lhe foi oferecido; que cuida do seu progresso espiritual e se preocupa com seus companheiros, amparando-os nas necessidades materiais e partilhando com eles seus valores morais. Este é o servo a quem o Senhor confiará os seus bens, e ele terá condições de entrar no “Reino dos Céus” e de participar do “banquete espiritual”.

O **mau servo** é o que não se preocupa com o momento da chegada do seu Senhor e maltrata seus companheiros, entrega-se aos maus hábitos, a ignorância, ao egoísmo, a violência... Há muitas espécies de servos infiéis e imprudentes, tantas quantas são as imperfeições humanas; mas todos recebem, pela Bondade do Pai, inúmeras oportunidades de se tornarem servos fiéis, dependendo apenas de cada um: a escolha do caminho e a recompensa ou o sofrimento que venham a receber.

Na narração de Lucas (12:47-48), evidencia-se, ainda mais, a questão da Justiça e da Bondade Divina: *“Aquele servo que conheceu a vontade de seu senhor mas não se preparou e não agiu conforme sua vontade, será açoitado muitas vezes. Todavia, aquele que não a conheceu e tiver feito coisas dignas de chicotadas, será açoitado poucas vezes”.*

Quando temos consciência de que estamos infringindo deliberadamente a Lei Divina, por nossa livre escolha, passaremos por aprendizados mais difíceis, por vezes bastante dolorosos, para que possamos harmonizar-nos novamente com ela. Entretanto, para aquele dentre nos que desrespeitar a Lei por ignorância, por ainda não conhecer ou não compreender a Vontade do Pai, as faltas serão atenuadas, e receberá novas oportunidades reencarnatórias para seu aprendizado.

ORAI E VIGIAI

“Vigiai e orai para não entrar em tentação: pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca.” (Mc 14:38).

Reencarnamos, trazendo conosco toda a bagagem espiritual adquirida nas múltiplas jornadas passadas, e carregamos tanto as virtudes conquistadas, como também os desequilíbrios ainda não superados. E aqui, na escola terrena, que temos a oportunidade de nos reajustarmos, corrigindo e renovando as nossas disposições íntimas.

Assim sendo, tentações de toda a espécie permeiam a nossa vida, algumas surgindo das nossas próprias tendências, outras como sugestões sedutoras de desencarnados ou encarnados, que se aproveitando de nossas más paixões, buscam manter-nos na inferioridade.

Quando Jesus recomenda-nos o “Vigia e Oraí”, está incentivando-nos a não nos deixarmos acorrentar as perturbações e seduções deste mundo. Precisamos ter firmeza e estar conscientes de que depende somente do nosso esforço individual direcionar o nosso pensamento para o Bem, escolher os valores morais que nos convém, exercitando a humildade, a paciência, o perdão, a fraternidade e permanecendo, constantemente, em sintonia com o Plano Maior através da prece sincera.

Alerta-nos Vinicius, em sua obra “Em Tomo do Mestre”, a importância de vigiarmos a nós mesmos: *“Confiai em Deus e na sua justiça. Desconfiai dos homens, da tentação e das fascinações do século; mas, sobretudo, desconfiai de vós mesmos.”*

Mais uma vez, através do “Orai e Vigiaí”, o Mestre trouxe-nos uma verdadeira norma de conduta para que pudéssemos manter-nos física e espiritualmente saudáveis.

QUESTÃO REFLEXIVA:

O que representa em nossa vida diária “Vigiar e Orar”?

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém.
- Kardec, Allan - O Livro dos Espíritos - Ed. FEESP.
- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Ed. FEESP.
- Almeida, José de Sousa e - As Parábolas - Ed. FEESP.
- Schutel, Cairbar - Parábolas e Ensinos de Jesus.
- Godoy, Paulo Alves - O Evangelho Pede Licença - Ed. FEESP.
- Vinicius - Em Torno do Mestre.

6ª. Aula - Jesus, A Lei e os Profetas.

Parte A - Jesus e a Tradição dos Antigos

OS SÃOS NÃO PRECISAM DE MÉDICO

“Aconteceu que estando ele a mesa em casa, vieram muitos publicanos e pecadores e se assentaram à mesa com Jesus e seus discípulos. Os fariseus, vendo isso, perguntaram aos discípulos: ‘Por que come o vosso Mestre com os publicanos e os pecadores?’ Ele, ao ouvir o que diziam, respondeu: ‘Não são os que tem saúde que precisam de médico, e sim os doentes. Ide, pois, e aprendei o que significa. Misericórdia quero, e não o sacrifício. Com efeito, eu não vim chamar justos, mas pecadores’.” (Mt 9:10-13).

Os fariseus, como sabemos, sempre buscavam encontrar um meio de acusar Jesus. Assim, procuravam fazê-lo cair em alguma contradição em relação à Lei Mosaica.

Nesta passagem vemos os fariseus questionarem aos discípulos por que Jesus comia com os pecadores. Mas quem seriam estes supostos pecadores?

Inicialmente, podemos lembrar que Moisés, que nos trouxe os Dez Mandamentos, inaugurando uma nova era espiritual para a Humanidade, chamava de infiéis a todos aqueles que não observavam as Leis de Deus.

Esse conceito, porém, deturpou-se com o passar do tempo, e os Doutores da Lei, na época de Jesus, negligenciaram as Leis Divinas e se apegando as regras exteriores e aos ritualismos religiosos, acabaram por designar como pecadores aqueles que não cumpriam essas regras e não praticavam esses rituais.

Em consequência dessas convicções, ou seja, de considerar como pecado as violações as regras exteriores, chamavam de pecadores a muitas pessoas, como os publicanos, que eram os cobradores de impostos; os samaritanos, eis que tinham regras próprias em relação a religião; e muitos outros que viviam a margem da sociedade.

Devemos esclarecer a esta altura que o termo “pecado” não é acolhido pela Doutrina dos Espíritos, pois é um conceito das doutrinas dogmáticas, que pregam as penas eternas.

O Espiritismo, no entanto, vê cada uma das imperfeições humanas como decorrentes da ignorância espiritual. Essas faltas, portanto, não resultam em condenação eterna, pois a cada nova existência o Espírito vai se depurando e se aperfeiçoando.

Ressalvamos que o conceito de pecado trazido pelas doutrinas dogmáticas modernas é, em certo aspecto, diferente das crenças dos judeus a época de Jesus, assim como outros conceitos que eram um tanto obscuros, como a reencarnação então chamada de ressurreição.

Retomando a passagem que analisamos, que nos desperta reflexões sobre a verdadeira postura fraterna, vemos que Jesus, ao contrário dos fariseus, dirigia seus ensinamentos a todos, sem exceções. O Mestre aproveitava todas as oportunidades para ensinar e vivenciar as suas lições, e assim convivía tanto com os Doutores da Lei, bem como com aqueles que eram considerados pecadores, pois **“os são não precisam de médico”**.

Nestas palavras encontramos a essência do Cristianismo: consolar e auxiliar os mais necessitados, os que se sentem deserdados, os ignorantes, e todos aqueles que buscam o conhecimento, buscam um caminho de espiritualização, em uma palavra: buscam a Luz.

Neste simbolismo de médico e doente, podemos imaginar: o que seria se um médico, que tem a função de atender os doentes do corpo, não atendesse aqueles que o procurassem, ou ainda, se fizesse distinções entre um e outro doente, rejeitando os mais enfermos?

Da mesma forma, podemos perguntar: o que seria se um cristão, que optou por vivenciar as lições de Jesus, não acolhesse os sofredores, não amparasse os necessitados, não consolasse os aflitos e os que choram?

Esse cristão, podemos afirmar, não teria compreendido os ensinamentos do Mestre.

Jesus convida-nos, assim, a exercer a caridade verdadeira, sem qualquer discriminação, e a todos acolher, em qualquer tempo e lugar.

JESUS É O SENHOR DO SÁBADO

“Por esse tempo, Jesus passou, num sábado, pelas plantações. Os seus discípulos, que estavam conforme, puseram-se a arrancar espigas e a comê-las. Os fariseus, vendo isso disseram: ‘Olha só! Os teus discípulos a fazerem o que não é lícito fazer num sábado!’ Mas ele respondeu-lhes: ‘Não lestes o que fez Davi e seus companheiros quando tiveram fome? Como entrou na Casa de Deus e como eles comeram os pães da proposição, que não era lícito comer nem a ele, nem aos que estavam com ele, mas exclusivamente aos sacerdotes? Ou não lestes na Lei que com seus deveres sabáticos os sacerdotes no Templo violam o sábado e ficam sem culpa? Digo-vos que aqui está? algo maior do que o Templo. Se soubésseis o que significa: Misericórdia é que eu quero e não sacrifício, não condenaríeis os que não têm culpa. Pois o Filho do Homem é senhor do sábado.’” (Mt 12:1-8).

A regra de observação ao dia do sábado está contida nos Dez Mandamentos. Foi instituída pela necessidade de se ter um dia para se dedicar ao culto religioso, e ainda para o descanso dos servos, assim como dos animais que precisavam de um dia de repouso.

Podemos ressaltar que, especialmente em relação à dedicação ao culto religioso, esse dia fazia-se necessário, pois os hebreus, quando deixaram o Egito, tinham incorporado muitos dos costumes daquela terra e se

mostravam muito apegados aos valores materiais. Era preciso, então, estipular um dia para que, com a família reunida, fosse realizado o culto a Deus.

Essa convenção, de certa forma, foi mantida até nossos dias, pois é comum, em quase todas as sociedades, destinar-se um dia para o descanso do trabalho, bem como, em algumas religiões, estipular-se um dia especial para o culto religioso.

No entanto, tal instituto - o sábado ou outro dia que se designar - não pode ser tomado em absoluto, e ser obstáculo para o exercício da verdadeira religiosidade.

Eis, a propósito, o motivo do ensinamento de Jesus em relação ao sábado.

Em “A Gênese”, cap. XV, item 23, Kardec ressalta que: *“Jesus parecia empenhar-se em operar suas curas no dia do sábado, para ter ocasião de protestar contra o rigorismo dos fariseus quanto a guardar o sábado de qualquer atividade. Queria lhes mostrar que a verdadeira piedade não consiste na observância das práticas exteriores e das coisas formais, mas está nos sentimentos do coração. Justifica-se dizendo: ‘Meu Pai não cessa de agir até o presente, e atuo também incessantemente’; isto é, ‘Deus não suspende de nenhum modo suas obras nem sua ação sobre as coisas da Natureza, no dia de sábado; Ele continua ordenando produzir o que é necessário a vossa alimentação e a vossa saúde, e sou o exemplo dEle.’”*

Nesta síntese do codificador, vemos que o apego a letra não representa o verdadeiro cumprimento a Lei Divina, mas a verdadeira observância reside, como asseverou Kardec, nos atos derivados dos sentimentos do coração, ou seja, a compaixão, a piedade, a misericórdia.

Eis porque Jesus disse: **“Misericórdia é que eu quero e não sacrifício.”**

Muitas vezes, nos desperdiçamos grandes oportunidades de elevação espiritual por estarmos muito apegados as convenções humanas. Nesse sentido, Emmanuel, na obra “Pão Nosso”, lição nº 30, instruí-nos: *“As convenções definem, catalogam, especificam e enumeram, mas não devem tyrannizar a existência. Lembra-te de que foram dispostas no caminho a fim de te servirem. Respeitas, na feição justa e construtiva; contudo, não as convertas em cárcere.”*

MÃOS LAVADAS OU TRADIÇÃO DOS ANTIGOS

“Nesse tempo, chegaram-se a Jesus fariseus e escribas vindos de Jerusalém e disseram: ‘Por que os teus discípulos violam a tradição dos antigos? Pois que não lavam as mãos quando comem.’ Ele respondeu-lhes: ‘E vós, por que violais o mandamento de Deus por causa da vossa tradição? Com efeito, Deus disse: Honra pai e mãe e aquele que mal disser pai ou mãe certamente deve morrer. Vós, porém, dizeis: Aquele que disser ao pai ou à mãe ‘Aquilo que de mim poderias receber foi consagrado a Deus’, esse não está obrigado a honrar pai ou mãe. E assim invalidastes a Palavra de Deus por causa da vossa tradição. Hipócritas! Bem profetizou Isaías a vosso respeito, quando disse: Este povo me honra com os lábios, mas o coração está longe de mim. Em vão me prestam culto, pois o que ensinam são apenas mandamentos humanos’.” (Mt 15:1-9).

Nesta outra passagem, uma vez mais, encontramos os fariseus questionando as posturas dos discípulos de Jesus, alegando que eles estariam violando a tradição dos antigos.

Jesus, que conhecia suas intenções e seus atos, desmascarava-os, lembrando-os que eles transgrediam os Mandamentos de acordo com as suas conveniências, como em relação ao dever de honrar pai e mãe.

Conforme nos ensina Kardec em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. VIII, item 10: *“Como era mais fácil observar a prática dos atos exteriores, do que reformar-se moralmente, de lavar as mãos do que limpar o coração, os homens se iludiam a si mesmos, acreditando-se quites com a justiça de Deus, porque se habituavam a essas práticas e continuavam como eram, sem se modificarem, pois lhe ensinavam que Deus não exigia nada mais.”*

Aqui, podemos recordar que, dentre as diversas normas e costumes instituídos entre o povo hebreu, muitos eram motivados por necessidades reais de educação e higiene. Dentre esta última, está a de lavar as mãos antes da alimentação.

Esta regra, que nos parece óbvia, não era usual a época, como muitas outras necessárias a higiene. Assim, pois, era preciso estabelecer regras obrigatórias até que o habito se tomasse natural entre eles.

Com o passar do tempo, essa regra de higiene tomou-se um ritual, ao qual se atribuía maior importância do que o cumprimento dos Mandamentos, como vemos na exortação de Jesus.

No entanto, temos que considerar que, na verdade, as práticas exteriores não são mais importantes que a adoração verdadeira, no interior do Ser, que implica em buscar a prática das virtudes e da caridade, como vemos no mesmo item de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” acima citado:

“A finalidade da religião é conduzir o homem a Deus. Mas o homem não chega a Deus enquanto não se fizer perfeito. Toda religião, portanto, que não melhorar o homem, não atinge a sua finalidade.”

(...) “Não é suficiente ter as aparências da pureza; é necessário antes de tudo ter a pureza de coração.”

QUESTÃO REFLEXIVA:

Comente os ensinamentos de Jesus: “Os sãos não precisam de médico.”

Parte B - Não Se Pode Servir a Dois Senhores

MERCADORES DO TEMPLO

“E entrando no Templo, começou a expulsar os vendedores, dizendo-lhes: ‘Está escrito: Minha casa será uma casa de oração. Vós, porém, fizestes dela um covil de ladrões!’.” (Lc 19:45-46).

Os homens, em todos os tempos, buscaram adorar a Deus de diferentes formas. Para isso, pensaram ser necessário construir uma casa de oração onde pudessem reunir-se e se aproximar mais da Divindade. O povo hebreu tinha no Templo de Jerusalém a sua casa de adoração, e era da lei judaica a obrigatoriedade de comparecimento, em determinadas ocasiões, onde eram celebradas datas importantes para os hebreus, relacionadas à sua vida religiosa.

Na vida religiosa dos judeus, destacavam-se rituais com sacrifícios de bois, cordeiros, pombas, rolinhas, que eram obrigatórios de acordo com o acontecimento da vida do indivíduo ou da festividade a ser comemorada. Por exemplo, na purificação da mulher após o parto, na circuncisão, na festa da Páscoa.

Esses sacrifícios eram intermediados pelos sacerdotes, que praticavam o holocausto do animal, ou seja, a queima do animal sobre o altar, ofertando-a a Deus. Os animais eram geralmente adquiridos dentro do próprio Templo, onde eram vendidos por um preço estipulado pelos sacerdotes, podendo aumentar conforme a ocasião.

Jesus nasceu no seio do povo hebreu e foi criado dentro das tradições judaicas; com certeza conhecia e respeitava sobremaneira a religiosidade do povo e a sua maneira de exteriorizá-la. Mais do que ninguém, sabia que tanto o indivíduo quanto a coletividade expressam sua religiosidade de acordo com seu nível evolutivo.

Portanto, a sua severa reprimenda, à condenação que nos chega através do relato evangélico, relaciona-se ao abuso, ao excesso de mercantilismo, de comercialização que existia no Templo, e que desviava do verdadeiro sentimento religioso.

A busca da espiritualização, a necessidade da ligação do indivíduo a Deus estava sendo ofuscada pela materialidade que regia as relações comerciais no Templo, e Jesus chamou a atenção para o fato a fim de que isto não mais passasse despercebido, nem naquele momento, nem em nenhum outro.

Jesus demonstrava, assim, a necessidade de nos mantermos atentos com a comercialização das coisas sagradas, pois a nossa relação com Deus deve ser uma relação essencialmente espiritual, íntima, sem a necessidade de intermediários, como nos ensina a Doutrina dos Espíritos.

Devemos precaver-nos para não nos deixarmos contaminar por preceitos materiais, que jamais serão capazes de substituir a veracidade e a beleza da nossa ligação com Deus.

Conforme ensinou Jesus a mulher samaritana: *“Mas vem a hora - e é agora - em que as verdadeiros adoradores adorando o Pai em espírito e verdade, pois tais são os adoradores que o Pai procura.” (Jo 4:23)*, ou seja, o verdadeiro templo de adoração ao Pai é no interior de cada um de nós.

O TRIBUTO A CESAR

“Então os fariseus foram reunir-se para tramar como apanhá-lo por alguma palavra. E lhe enviaram as seus discípulos, juntamente com os herodianos, para lhe dizerem: ‘Mestre, sabemos que és verdadeiro e que, de

fato, ensinas o caminho de Deus. Não dás preferência a ninguém, pois não consideras um homem pela aparência. Dize-nos, pois, que te parece: é lícito pagar imposto a Cesar ou não? 'Jesus, porém, percebendo a sua malícia, disse: 'Hipócritas! Por que me pondeis aprova? Mostrai-me a moeda do imposto. 'Apresentaram-lhe um denário. Disse ele: 'De quem é esta imagem e a inscrição? 'Responderam.' 'De César". Então Ihes disse: 'Dai, pois, o que é de César a César; e o que é de Deus, a Deus.' Ao ouvirem isso, ficaram surpresos e, deixando-o, foram-se embora." (Mt 22:15-22).

Para que possamos melhor compreender esta passagem evangélica, devemos lembrar-nos que a Palestina, na época de Jesus, encontrava-se sob o domínio do Império Romano. Devido a esse domínio, o povo judeu era obrigado a pagar uma serie de impostos a Roma, o que desagradava profundamente a todo o povo.

A classe sacerdotal judaica, uma vez mais, questionava Jesus de modo a colocá-lo em posição difícil. Caso Jesus dissesse algo contra o pagamento do tributo, o imposto a César, seria tachado de subversivo, de rebelde, e poderia ser indiciado junto às autoridades romanas; caso dissesse algo a favor, estaria afrontando a tradição judaica que repudiava o pagamento de impostos a povos invasores.

Jesus, porém, conhecia bem o que ia nos corações daqueles que buscavam apanhá-lo nessa cilada. Utilizando-se da sabedoria que Ihes era peculiar, perguntou aos fariseus de quem era a imagem e a inscrição na moeda. Aos responderem que era de César, deram a Jesus a oportunidade de ensinar o respeito devido as Leis da sociedade humana e as Leis de Deus, colocando as coisas em seu devido lugar.

Como nos adverte Kardec em "O Evangelho Segundo o Espiritismo", cap. XI, item 7: "Esta máxima: 'Dai a César o que é de César' não deve ser entendida de maneira restritiva e absoluta." (...) "Condene todo prejuízo moral e material causado aos outros, toda a violação dos seus interesses, e prescreve o respeito aos direitos de cada um, como cada um deseja ver os seus respeitados. Estende-se ao cumprimento dos deveres contraídos para com a família, a sociedade, a autoridade, bem como para todos os indivíduos."

Temos, como cidadãos do mundo material, o compromisso de cumprirmos as nossas obrigações perante as Leis que nos regem neste mundo, mesmo que as Leis ainda sejam imperfeitas.

Como nos ensina Emmanuel, em sua obra 'Pão Nosso', lição nº 102: "Se há erros nas leis, lembremos a extensão de nossos débitos para com a Providência Divina e colaboremos com a governança humana, oferecendo-lhe o nosso concurso em trabalho e boa-vontade, conscientes de que desatenção ou revolta não nos resolvem os problemas."

O respeito às Leis Divinas inicia-se com o respeito que temos pelo nosso próximo. As virtudes da obediência e da resignação são fundamentais para que possamos, através do consentimento da razão e do coração, submetendo-nos a Vontade do Pai Criador e buscarmos viver de acordo com os preceitos que regem todas as criaturas e toda a Criação.

A regra básica para que possamos nos relacionar uns com os outros, dentro dos ensinamentos evangélicos, foi-nos dada pelo Mestre, quando nos orientou que procurássemos fazer aos outros o que gostaríamos que nos fizessem. Dessa maneira, colocando-nos no lugar do outro, vamos aprendendo a nos respeitar e a nos amar, de acordo com o Maior Mandamento.

NÃO SE PODE SERVIR A DOIS SENHORES

"Ninguém pode servir a dois senhores. Com efeito, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará ao primeiro e desprezará o segundo. Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro." (Mt 6:24).

Quando buscamos um novo rumo para nossa vida, sempre precisamos fazer muitas escolhas. Quando, em especial, buscamos as lições de Jesus e procuramos segui-las, muitas são as mudanças que devemos implementar.

Dessa forma, quando desejamos buscar a transformação interior, precisamos abandonar muitos hábitos antigos. Mais que isso, precisamos renunciar a determinadas coisas, determinadas posições, que não nos são mais adequadas.

A perseverança e a dedicação em se renovar, não obstante todo o esforço empreendido conduz a satisfação daquele que pauta sua vida nos valores morais.

Nesta passagem, Jesus adverte-nos sobre a importância de escolhermos a quem devotamos a nossa fidelidade, a nossa prioridade enquanto seres imortais que caminham rumo à perfeição relativa. Isso porque há uma impossibilidade em seguir caminhos cujos objetivos são diversos.

Para servir a Deus são necessárias as virtudes da abnegação, da humildade, da compaixão que nos permitem sentir a dor de nosso semelhante e despertam a nossa vontade de auxiliar, de aliviar, de consolar; por outro lado, quando se opta em servir exclusivamente ao dinheiro, o indivíduo acaba por se tornar egoísta e ganancioso, não se importando com seus semelhantes.

A riqueza material, por si só, temos que frisar, não é obstáculo absoluto à salvação dos que a possuem, eis que ela é um dos instrumentos de que se serve a Providência Divina para impulsionar o progresso humano. Contudo, o excesso de apego às riquezas pode conduzir a avareza, a insensibilidade e ao orgulho.

O apóstolo Paulo, em sua Primeira Carta a Timóteo, cap. 6, versículo 10, esclarece: *“Porque a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro, por cujo desenfreado desejo alguns se afastaram da fé, e a si mesmos se afligem com múltiplos tormentos.”*

A cobiça, tal é sua reprovação perante as Leis de Deus, que sua prática já é condenada no Decálogo: *“Não cobiçarás...”*.

Podemos lembrar também que, dentre todos os ensinamentos dos antigos profetas hebreus, a ganância sempre foi considerada reprovável diante de Deus.

Sendo assim, compreendemos que para realmente servirmos a Deus temos que cultivar o desapego e praticar a caridade desinteressada.

Especialmente a nós, Aprendizes do Evangelho, cabe-nos a busca do aprimoramento, para nos tornarmos bons servidores.

“Servir é a honra que nos compete.” - Emmanuel.

QUESTÃO REFLEXIVA:

Como podemos nos tornar melhores servidores da causa do Mestre?

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém.
- Kardec, Allan - A Gênese - Ed. FEESP.
- Kardec, Allan - O Livro dos Espíritos - Ed. FEESP.
- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Ed. FEESP.
- Xavier, Francisco C./Emmanuel - Pão Nosso.

7ª. Aula - Ensinaamentos de Jesus Sobre a Fraternidade

Parte A - Discurso Sobre a Fraternidade

O MAIOR NO REINO DOS CÉUS

“Nessa ocasião, os discípulos aproximaram-se de Jesus e lhe perguntaram: ‘Quem é o maior no Reino dos Céus?’ Ele chamou perto de si uma criança, colocou-a no meio deles e disse: ‘Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus. Aquele, portanto, que se tomar pequenino como esta criança, esse é o maior no Reino dos Céus.’” (Mt 18:1-4).

As lições de Jesus, em relação aos ensinamentos morais, representam uma sabedoria tão sublime que muitos ainda não conseguem compreender.

Em nosso mundo, as pessoas, em sua maioria, estão sempre disputando por poder, por fama, por serem reconhecidas como as melhores. Há um verdadeiro fascínio pelas coisas externas, pelas aparências, pelo desejo de ser o maior, de estar em evidência.

Essa tendência, de certa forma, podemos dizer que seja natural para todos aqueles que ainda não ouviram o Evangelho, a Boa Nova, pois, neste caso, ainda estão presas aos paradigmas, aos valores mundanos. Presas porque só a verdade é libertadora. Disse Jesus: ***“... conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”***. (Jo 8:32).

Há, pois, um momento na vida de todas as pessoas, em que se busca um caminho diferente, busca-se um ensinamento de sabedoria, de religiosidade. E, podemos dizer que esse momento, é apenas um início de uma longa caminhada.

Ressaltamos que é um início, pois, como vemos, mesmo dentre aqueles que buscam seguir uma religião, seguir uma vida baseados em princípios de sabedoria e religiosidade, muitos ainda não se desprenderam totalmente dos valores do mundo.

Quantos não foram aqueles que, dizendo-se cristãos, deturparam as mensagens de Jesus, adaptaram-na para servir interesses próprios, para atender caprichos e conveniências de épocas? Quantos não foram aqueles que buscaram a glória do mundo, que disputaram por cargos e funções de relevância, disputaram por reconhecimento público, disputaram por excesso de bens materiais apenas para si?

Nada, bem sabemos, poderia estar mais distante das sublimes lições do Mestre Jesus.

Refletindo sobre esse panorama, entendemos o quão demorado é quebrarmos as nossas antigas crenças e valores, o quão demorado é realmente despertarmos para o significado real do Evangelho. É, às vezes, como um processo de desconstrução, pedra a pedra, ou, se preferirmos, de dilapidação. E bem sabemos o quão trabalhoso é para se dilapidar um diamante.

Então, é preciso esforço e constante vigilância para vencermos as tendências naturais.

Essa tendência natural consiste, muitas vezes, no fato de alguém se achar melhor do que realmente é. Os Homens, então, quando se auto avaliam acreditam ser mais importantes, mais sábios, mais justos, mais humildes do que realmente são.

Havendo essa convicção, essa crença, constata-se que muito há que se aprender sobre as lições do Cristo, porque a pessoa verdadeiramente humilde não ressalta as próprias qualidades, não se vangloria das próprias virtudes.

Jesus traz-nos esse ensinamento usando a imagem da criança: “... ***se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus.***”

Então precisamos ser como as crianças? O que significa ser como as crianças?

É que a infância pode ser considerada como um símbolo de pureza e simplicidade. Vejamos: Como agem as crianças? E como elas reagem as mais diversas situações?

As crianças, quando ainda bem pequenas, são sinceras, espontâneas e não ocultam suas emoções como os adultos que, ao contrário, nem sempre costumam dizer a verdade; os adultos costumam falar uma coisa mesmo estando pensando em outra.

As crianças são simples; estão quase sempre sorrindo e felizes a maior parte do tempo. As crianças brincam, sorriem, correm, gritam, e são felizes com muito pouco, com muita simplicidade.

E as crianças ao se relacionarem com outras crianças?

Por acaso, elas se importam se a outra criança é rica ou pobre, se tem beleza física ou não, se é de uma raça ou de outra, se está bem vestida ou não?

Obviamente que não. Se, por exemplo, colocarmos algumas crianças, das mais diversas origens e situações sociais, numa mesma sala e as deixarmos, em poucos segundos estarão totalmente integradas e interagindo.

Os adultos, em sua maioria, ao contrário, quase sempre conseguem encontrar alguma dificuldade em aceitar as circunstâncias, aceitar seu semelhante, seja por motivos de origem, classe social, etc...

O adulto é capaz de conceber um sem número de motivos para se queixar.

Onde está a simplicidade?

Vemos, dessa forma, pelo exemplo das crianças, que é muito mais fácil alcançar a felicidade se nos tornarmos mais puros, mais simples.

É o caminho ensinado e exemplificado por Jesus, para alcançarmos o “Reino dos Céus”.

O ESCÂNDALO

“E aquele que receber uma criança como esta por causa do meu nome, recebe a mim. Caso alguém escandalize um destes pequeninos que crêem em mim, melhor seria que lhe pendurassem ao pescoço uma pesada mó e fosse precipitado nas profundezas do mar. Ai do mundo por causa dos escândalos! É necessário que haja escândalos, mas ai do homem pelo qual o escândalo vem! Se tua mão ou teu pé te escandalizam, corta-os e atira-os para longe de ti. Melhor é que entres mutilado ou manco para a vida do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres atirado no fogo eterno. E se teu olho te escandaliza, arranca-o e atira-o para longe de ti. Melhor é que entres com um olho só para a vida do que, tendo dois olhos, seres atirado na geena de fogo.” (Mt 18:5-9)

Muitas das lições de Jesus, baseadas em fortes simbolismos, exigem uma reflexão serena para alcançarmos o verdadeiro significado, eis que se tomarmos ao pé da letra, chegaríamos a verdadeiros absurdos.

Essas figuras enérgicas eram necessárias a época em que Jesus ensinava, eis que era a linguagem que eles, os hebreus, estavam acostumados, pois se assemelhava, neste ponto, a fala de Moisés e dos profetas.

Regra geral de todo ensinamento, a propósito, é que ele seja capaz de alcançar as pessoas a que se dirige. Cada época de uma civilização é, pois, marcada pelo seu grau de conhecimento e pela sua capacidade de entender o mundo e as lições dos grandes missionários. Quanto mais avança certa civilização, mais vai se tomando capaz de entender conceitos de forma mais suave, mais equilibrada, em uma palavra: mais racional.

Quando meditamos sobre as lições de Jesus, buscamos então encontrar a verdadeira essência.

Primeiramente, em relação à palavra escândalo, encontramos nas palavras de Kardec em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. VIII, item 12, o seu significado. Vejamos: *“Em seu sentido vulgar; escândalo é tudo aquilo que choca a moral ou as conveniências, de maneira ostensiva.” (...)* *“No sentido evangélico, a acepção da palavra escândalo, tão frequentemente empregada, é muito mais ampla, motivo porque não é compreendida em certos casos. Escândalo não é somente o que choca a consciência alheia, mas tudo o que resulta dos vícios e das imperfeições humanas, todas as más ações do indivíduo para indivíduo, com ou sem repercussões. O escândalo, nesse caso, é o resultado efetivo do mau moral.”*

Jesus, como vimos no trecho do Evangelho de Mateus anteriormente citado, diz que: *“É necessário que haja escândalos”*. Daí podemos questionar: Se todo o ensinamento do Mestre é para conduzir a Humanidade ao caminho do Bem, por que, então, é necessário que haja escândalos?

É que o livre arbítrio do ser humano é inviolável. Cada pessoa, por suas próprias escolhas, Vai escolher um ou outro caminho. Quando opta por seguir o caminho do Bem, não estará gerando resultados futuros que tragam dor e aflição; por outro lado, quando é movido pelo egoísmo e outras más paixões, chegará o momento em que será arrastado para uma situação escandalosa, aflitiva, dolorosa, que o faça refletir e despertar para o Bem.

Há, dessa forma, duas maneiras de se aprender. Uma é pelo exercício da razão, da ponderação, do uso do bom senso; a outra, quando o ser está resignado ao mal, é pela dor gerada pelos escândalos do mundo.

Os escândalos devem, então, ocorrer para que a Lei se cumpra, devem ocorrer para que o Espírito desperte, saia do entorpecimento moral, acorde para a vida e desenvolva sua sensibilidade, sua capacidade de amar.

Mas quando Jesus diz: *“mas ai do homem pelo qual o escândalo vem”*, significa que embora o mal ainda predomine neste mundo em que vivemos, e, por consequência, muitos escândalos ocorrerão, o homem que for o causador do escândalo sofrerá no futuro, diante da Lei de Ação e Reação, os efeitos lesivos de sua má conduta.

E quando Jesus conclui que: *“Se tua mão ou teu pé te escandalizam, corta-os e atira-os para longe de ti”*, obviamente que não devemos tomar essas palavras ao pé da letra, pois, regra geral, a letra é morta e o que realmente importa é o seu real significado.

Kardec explica que: *“... significa simplesmente a necessidade de destruímos em nos todas as causas de escândalo, ou seja, do mal. É necessário arrancar do coração todo sentimento impuro e toda tendência viciosa.”* (ESE, VIII, item 17).

O Espiritismo, trazendo a chave para a compreensão de muitas passagens do Evangelho, mostra-nos que todos os ensinamentos de Jesus representam a moral por excelência, pois, embora as palavras tenham sido fortes para se adequarem a época em que foram pronunciadas, seu significado sublime permanece, basta que nos procuremos.

A ORAÇÃO EM COMUNIDADE

“Em verdade ainda vos digo: se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir isso lhes será concedido por meu Pai que está nos céus. Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles.” (Mt 18:19-20).

Nestas palavras inesquecíveis e eternas de Jesus, repousamos nossa esperança em podermos estar sempre próximos ao Mestre.

Quando buscamos o caminho do Bem, pela lei de sintonia, aproximamo-nos daqueles com que temos afinidade e também buscamos trilhar uma senda baseada em valores morais.

Ainda pela lei de sintonia, quando perseveramos no Bem, tomamo-nos receptivos aos Bons Espíritos que, reconhecendo nosso esforço, auxiliam-nos a superar todas nossas dificuldades.

Esse auxílio, obviamente, não é para nos eximir de passar pelas provações, até porque isso em nada nos beneficiaria, pois é através das dificuldades que crescemos, mas, esse auxílio, é para nos inspirar fé e coragem para avançarmos.

Quando ingressamos, então, nesse caminho novo, alicerçado nas lições do Evangelho, começamos a formar novos grupos de trabalho, grupos de amigos... todos voltados a prática do Bem.

Nesse momento, então, nossa vida transforma-se, começamos a dar passos mais vigorosos. E quando a meditação e a prece começam a fazer parte de nossa rotina, avançamos ainda mais.

Dois ou mais, unidos em pensamento e em nome de Jesus, serão sempre ouvidos e acompanhados pelo Mestre Maior.

Sim! Jesus, nosso Irmão Maior e nosso Mestre sempre nos acompanhará quando nosso compromisso for com o Bem e a Verdade. Oremos e confiemos em Jesus!

QUESTÃO REFLEXIVA:

De acordo com nossas possibilidades, que ações fraternas devemos fazer para alcançar o “Reino dos Céus”?

Parte B - Perdão Das Ofensas

CORREÇÃO FRATERNA

“Se o teu irmão pecar vai corrigi-lo a sós. Se ele te ouvir ganhaste o teu irmão. Se não te ouvir, porém, toma contigo mais uma ou duas pessoas, para que toda questão seja decidida pela palavra de duas ou três testemunhas.” (Mt 18:15-16).

A moderação, a discrição, a sensatez devem sempre ser à base de nossas ações.

Muitas vezes, convivendo com nossos semelhantes, momentos há em que vemos alguém agir de forma dura, egoística, agressiva.

Nessas circunstâncias, se o momento for oportuno, e estivermos tocados de compaixão pelo nosso semelhante, e, então, despertar em nós um impulso de aconselhá-lo, evidenciando um erro, apenas poderemos fazê-lo, como ensinou Jesus, com discrição e cautela. Isso porque todo escândalo deve ser evitado.

Quando falamos em observar as ações de nosso semelhante, poderia, em uma primeira impressão, aparentar que estaríamos fazendo um julgamento. E certo é que nunca devemos julgar ninguém.

Mas o ato de julgar que é condenável é aquele em que nos fazemos um juízo de condenação de nosso semelhante, faltando, assim, com a caridade. Esse julgar é sim reprovável, pois nos não temos condição alguma de, nesse sentido, julgar nosso semelhante, pois apenas a Deus, que sabe a intenção de cada ação, cabe a análise da ação de cada Ser.

Existe, porém, o ato de discernir, ou seja, de analisar e distinguir, diferenciar uma coisa de outra. Quando, então, avaliamos e ponderamos sobre um certo fato, podemos, pela razão, situá-lo dentro de um sistema de valores. Podemos, assim, pelo sentimento amoroso e, especialmente, pela lógica e pela razão, Segundo nossa capacidade de entendimento, afirmar se tal ato representa o bem ou mal, se a conduta é virtuosa ou não.

Usando essa nossa faculdade, poderemos atuar positivamente no mundo, ensinando, exemplificando, corrigindo... mas, **corrigindo fraternalmente**.

Isso implica em uma ação suave, respeitosa, afável, nunca constringendo alguém, mas sempre agindo de forma a acolher e ensinar amorosamente, agindo com caridade, cujo sentido, podemos encontrar na resposta a questão 886 de “O Livros dos Espíritos”:

“Benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias, perdão das ofensas.”

PERDÃO DAS OFENSAS

“Então Pedro chegando-se a ele, perguntou-lhe: ‘Senhor quantas vezes devo perdoar ao irmão que pecar contra mim? Até sete vezes?’. Jesus respondeu-lhe: ‘Não te digo até sete, mas até setenta e sete vezes.’” (Mt 18:21-22).

Nesta passagem, Jesus diz quantas vezes devemos perdoar nosso próximo.

Haveria então certa quantidade limite de vezes que deveríamos perdoar nosso próximo? E depois, estaríamos dispensados de perdoar?

Obviamente que não.

É que o número sete, como se sabe, tinha para os judeus um significado cabalístico e simbólico que representava o infinito. Em outras palavras, temos então: perdoar todas às vezes, tantas vezes quantas forem às agressões. Esse ideal cristão é o grande objetivo a ser alcançado, a ser trilhado passo a passo, eis que é uma grande conquista.

Para muitos de nós, os impulsos mais espontâneos são de ataque, de repelir a agressão, de revanche, de condenação, de ressentimento, de mágoa, etc...

Avançar e evoluir é preciso!

Esse avanço é proporcional aos nossos esforços em estudar e vivenciar o Evangelho e a Doutrina Espírita.

Pelo estudo, compreendemos uma série de circunstâncias da vida e do mundo que antes nem desconfiávamos.

Descobrimos que cada ser só pode agir de acordo com o seu entendimento, e seria, pois, falta de caridade desejar que ele fosse mais do que realmente é.”

Descobrimos ainda que nossos atos são valorosos quando agimos virtuosamente, e que todo ato de desamor será uma semente plantada que gerará uma colheita obrigatória e proporcional ao mal praticado.

Estudando a Doutrina, aprendemos a compreender e ter compaixão pelo nosso semelhante, não por obrigação, por medo de punição, mas pela razão, e também pelo sentimento do coração.

As mensagens de Jesus despertam-nos para a vida, despertam-nos para o desenvolvimento de nossas potencialidades.

Aquele que aprendeu a perdoar descobriu que essa é a única atitude que nos liberta e nos traz paz verdadeira. O exercício constante do perdão vai elevando-nos a níveis cada vez mais sublimes de consciência.

Portanto, mesmo diante de ofensas físicas e morais é possível ficarmos inabaláveis na fé, intocáveis em nossa integridade moral, inalcançáveis pelas ofensas inferiores... ficamos invulneráveis. Que possamos sempre exercer o perdão e experimentar tais estados sublimes de consciência.

PARÁBOLA DO DEVEDOR IMPLACÁVEL

“Eis porque o Reino dos Céus é semelhante a um rei que resolveu acertar contas com os seus servos. Ao começar o acerto, trouxeram-lhe um que devia dez mil talentos. Não tendo este com que pagar o senhor ordenou que o vendessem juntamente com a mulher e com os filhos e todos os seus bens, para o pagamento da dívida. O servo, porém, caiu aos seus pés e, prostrado, suplicava-lhe: ‘Dá-me um prazo e eu te pagarei tudo.’ Diante disso, o senhor compadecendo-se do servo, soltou-o e perdoou-lhe a dívida. Mas, quando saiu dali, esse servo encontrou um dos seus companheiros de servidão, que lhe devia cem denários e, agarrando-o pelo pescoço, pôs-se a sufocá-lo e a insistir: ‘Paga-me o que me debes.’ O companheiro, caindo a seus pés, rogava-lhe: ‘Dá-me um prazo e eu te pagarei.’ Mas ele não quis ouvi-lo; antes, retirou-se e mandou lançá-lo na prisão até que pagasse o que devia. Vendo os companheiros de serviço o que acontecera, ficaram muitos penalizados e, procurando o senhor; contaram-lhe todo o acontecido. Então o senhor mandou chamar aquele servo e lhe disse: ‘Servo mau, eu te perdoei toda tua dívida, porque me rogaste. Não devias, também tu, ter compaixão do teu companheiro, como eu tive compaixão de ti?’ Assim, encolerizado, o seu senhor o entregou aos verdugos,

até que pagasse toda a sua dívida. Eis como meu Pai celeste agirá convosco, se cada um de vos não perdoar de coração, ao seu irmão.” (Mt 18:23-35).

O que faz com que o Homem sempre use um juízo mais duro contra os outros do que contra si mesmo?

O que faz com que ele deseje ser tratado com piedade e misericórdia, se ele próprio não usa da compaixão para com seu semelhante?

A “cegueira” é a resposta.

Quanto mais próximo do primitivismo, da ignorância, menos o indivíduo é capaz de ver e compreender as circunstâncias. Quanto mais avança em estudo e aprendizado, mais se torna capaz de olhar para o mundo e para as pessoas com uma visão mais abrangente, mais coerente, mais sábia.

Na parábola acima transcrita, vemos que o servo que havia sido perdoado pelo seu senhor, não foi capaz, ele próprio, de perdoar aquele que lhe devia, assim, recebeu a punição de seu senhor.

Quando refletimos sobre essa parábola, podemos perguntar-nos: Será que todas as vezes que pedimos e ansiamos por perdão... Será que nós também perdoaríamos nosso semelhante pelos mesmos motivos? Será que pelas mesmas falhas que cometemos diariamente nós somos complacentes quando nosso próximo também as comete?

Esses questionamentos devem sempre ser objeto de nossas reflexões, pois não há crescimento sem autoconhecimento, não há crescimento sem esforço para renovar as próprias condutas.

Sendo certo que pode haver mérito pelas nossas ações, tanto maior será o mérito quando agirmos baseados no Bem.

Esse mérito que conquistamos é exatamente o que nos legitima a também pedir perdão e, especialmente, a merecer o perdão para nós mesmos. Precisamos fazer por merecer!

Joanna de Angelis, na obra “Libertação pelo Amor”, lição 20, inspira-nos: *“A saúde integral resulta de inúmeros fatores entre os quais a dádiva da compaixão. Disputa a honra de ser aquele que concede a paz, distendendo a mão de benevolência em solidariedade paternal ao agressor.”*

QUESTÃO REFLEXIVA

Comente a importância do perdão em nossa vida.

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém.
- Kardec, Allan - O Livro dos Espíritos - Ed. FEESP.
- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Ed. FEESP.
- Franco, Divaldo/Joanna de Angelis - Libertação pelo Amor.

8ª. Aula - Ninguém Pode Ver o Reino de Deus se Não Nascer de Novo E a Missão de Jesus

Parte A - Reencarnação

O ADVENTO DE ELIAS

“Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos Céus sofre violência, e violentos se apoderam dele. Porque todos os profetas bem como a Lei profetizaram, até João. E, se quiserdes dar crédito, ele é o Elias que deve vir. Quem tem ouvidos, ouça!” (Mt 11:12-15).

O princípio da reencarnação é explicitamente tratado na Bíblia, como vemos, por exemplo, nesta passagem. Mesmo no Antigo Testamento podemos encontrar citações sobre a reencarnação, como indica Kardec em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. IV itens 13 e 14, quando faz referência aos livros de Isaías e de Jó.

A verdade, muitas vezes, está acessível, clara, mas, no entanto, ocorre que cada indivíduo só vê e ouve aquilo que quer; eis a razão da afirmação de Jesus: **“Quem tem ouvidos, ouça!”**.

Muitos teólogos dogmáticos rebateram, e ainda rebatem o princípio da reencarnação, alegando que ele não se encontra expresso na Bíblia. Contudo, como citamos, tal princípio encontra-se presente tanto no Novo como no Antigo Testamento.

A crença na reencarnação, como afirma Kardec em “O Evangelho Segundo Espiritismo”, no mesmo capítulo acima citado, no item 4, ‘fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de ressurreição’. Aquela época, no entanto, esse conceito, como muitos outros, eram obscuros, vagos, pois o conhecimento sobre a ligação entre o corpo e o Espírito era incompleto.

Eles, então, acreditavam que, após a morte, era possível retomar a vida corpórea, porém não tinham idéia de como isso ocorria. Assim, eles chamavam de ressurreição o que, apropriadamente, a Doutrina Espírita chama de reencarnação.

A absoluta impossibilidade da ressurreição há sempre que se repetir, reside no fato de que após a morte do corpo físico, ocorre à desagregação da matéria, e os elementos que o constituíam dispersam-se na natureza. Fato este que hoje a ciência demonstra de forma categórica.

Analisando a passagem do Evangelho de Mateus acima transcrita, constatamos que não há figuras, não há simbolismos, não é uma parábola.

Jesus afirma, de forma categórica, sobre João, que: “ele é o Elias que deve vir”. Nada poderia ser mais expreso.

Ainda no Evangelho de Mateus, no cap. 17, versículos 12 a 13, vemos outra afirmação sobre a reencarnação de Elias: *“Eu vos digo, porém, que Elias já veio, mas não o reconheceram. Ao contrário, fizeram com ele tudo quanto quiseram. (...) Então os discípulos entenderam que se referia a João Batista.”*

Um dos pontos que chama a atenção nesta passagem é a tranquila aceitação dos discípulos quanto à volta de Elias reencarnado. Vemos que Jesus apenas afirma que Elias voltou e eles próprios deduzem que se tratava de João.

Em muitas outras passagens, podemos encontrar os discípulos com certa dificuldade em compreender os ensinamentos de Jesus. Este não é o caso em relação à crença no retorno a vida corporal, pois esta já fazia parte de suas convicções, como bem pudemos perceber.

Ainda vemos, de forma evidente, essa convicção no Evangelho de João, cap. 9, versículos 1 a 3:

“Ao passar ele viu um homem, cego de nascença. Seus discípulos lhe perguntaram: ‘Rabi, quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?’.”

Pela pergunta dirigida a Jesus, fica clara a crença na preexistência da alma, pois se ele era cego de nascença, e se não houvesse “pecado” de seus pais, só poderia ser dele mesmo numa vida anterior, segundo acreditavam os discípulos.

O COLÓQUIO COM NICODEMOS

“Havia, entre os fariseus, um homem chamado Nicodemos, um notável entre os judeus. A noite ele veio encontrar Jesus e lhe disse: ‘Rabi, sabemos que vens da parte de Deus como mestre, pois ninguém pode fazer os sinais que fazes, se Deus não estiver com ele’ Jesus lhe respondeu: ‘Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus’.

Disse-lhe Nicodemos: ‘Como pode um homem nascer; Sendo já velho? Poderá entrar segunda vez no seio de sua mãe e nascer?’ Respondeu-lhe Jesus: ‘Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus’.” (Jo 3:1-5).

Quando abordamos a reencarnação, buscando sua confirmação no Novo Testamento, uma das passagens mais significativas e notáveis é esta do colóquio, ou seja, do diálogo entre Jesus e Nicodemos.

Primeiramente, podemos observar que Nicodemos, embora fariseu, mostrava-se receptivo aos ensinamentos do Mestre. Na obra “Boa Nova, lição 14, o Espírito Humberto de Campos, através da psicografia de Francisco C. Xavier, afirma: *“Entre estes, figurava Nicodemos, fariseu notável pelo coração bem formado e pelos dotes da inteligência. Assim, uma noite, ao cabo de grandes preocupações e longos raciocínios, procurou a Jesus, em particular seduzido pela magnanimidade de suas ações e pela grandeza de sua doutrina salvadora.”*

Um ponto digno de nota na passagem evangélica acima transcrita é que Nicodemos, não obstante todo o conhecimento que possuía como Doutor da Lei, também não compreendia os mecanismos da reencarnação.

Como sempre nos alerta Kardec, Jesus, ao ensinar, falava de acordo com a possibilidade de entendimento de cada um e, em especial, quando o momento era propício. Sendo assim, por vezes, era necessário falar por parábolas, figuras ou símbolos.

Ao tratar da reencarnação, aqui, Jesus utilizou os termos “água” e “Espírito”, ao afirmar: “... *quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus*”.

Mas o que significa, afinal, “nascer da água e do Espírito”?

A resposta encontramos em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, no cap. IV, item 8. Explica o codificador, inicialmente, o significado dessas palavras:

Água - fora de seu sentido específico, a água era considerada o elemento primordial gerador da vida, da matéria, como se pode notar nas seguintes frases extraídas da Bíblia, do livro da Genesis e indicadas por Kardec: “que o firmamento seja feito no meio das águas”, “que as águas produzam animais viventes...”. Constata-se que era, portanto, o símbolo da natureza material;

Espírito - era o símbolo da natureza inteligente e, por consequência, independente, distinto, diferente da matéria.

Em síntese, temos que: nascer da água significa nascer no corpo físico, que é um corpo gerado pelos pais biológicos, e tem uma existência transitória, regida pelas leis físicas, da matéria. Em relação a nascer do Espírito, há, aqui, a indicação positiva de que há uma independência do Espírito em relação ao seu corpo material; logo, embora em cada existência tenhamos um corpo físico diferente, o Espírito é sempre o mesmo.

Este episódio - o de Nicodemos - é, repisamos, um dos mais evidentes e notários que afirmam a pluralidade das existências.

Muitos teólogos, bem sabemos, tudo fizeram para tentar encontrar outro significado para a passagem; um que se adequasse aos seus dogmas. Outros, ainda, ao traduzirem a Bíblia, por oportunismo, buscaram adulterar as palavras de Jesus, como alerta-nos Kardec no item 7, do mesmo capítulo acima indicado, ao ressaltar que muitos substituíram a expressão “Espírito” para “Espírito Santo”, o que, diz o codificador “*não corresponde ao mesmo pensamento*”.

Em que pese esses intentos, a verdade será um dia conhecida de todos. A Nicodemos, questionou Jesus ainda: “*És mestre em Israel e ignoras estas coisas?*”.

Nesse dia inesquecível, podemos imaginar que Nicodemos deve ter ficado confundido, talvez pensativo, refletindo sobre os mistérios das “coisas do céu”, sobre as possibilidades infinitas da vida e da jornada do Espírito imortal.

A todos aqueles que quiserem “ver”, o Evangelho é um livro aberto de conhecimento e da suprema Sabedoria trazida pelo Mestre sublime. Que “os que têm olhos” vejam!

CONHECEREIS A VERDADE E A VERDADE VOS LIBERTARÁ

“Disse, então, Jesus aos judeus que nele haviam crido: *‘Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.’*” (Jo 8:31-32).

Nesta frase de Jesus - conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará - temos uma sentença; mais do que uma simples possibilidade, encontramos um determinismo, uma circunstância inevitável: todos os Espíritos estão fadados à evolução.

O Espírito, podemos lembrar, nasce simples e ignorante. É da Lei que, através de uma série de existências, vá avançando em conhecimento e moralidade ate atingir a perfeição relativa.

Entre esses extremos, o ser estará, pelo seu esforço, conquistando gradualmente o conhecimento. Assim, nesse caminhar, o pensamento vai se construindo e o sentimento religioso vai se aprimorando e se fortalecendo.

Vemos que as diversas religiões, em seu início, tinham práticas rudimentares e tribais; ao avançarem, instituíram vários dogmas e rituais.

Nesse momento, em que o indivíduo encontra-se inserido numa religião dogmática, por um lado a sua fé não é raciocinada, quando aceita todos os dogmas sem questionamento; por outro, pode acabar por dar maior importância às práticas exteriores.

Este, a propósito, era o cenário dominante a época de Jesus; eis porque o Mestre se empenhava em ensinar o verdadeiro caminho de adoração a Deus.

Neste estágio, em que o indivíduo se encontra limitado por conceitos fechados e por práticas exclusivamente ritualísticas, encontramos-lo como que encarcerado.

Toda ignorância, não importa o grau, sempre gerará uma visão deficiente da realidade, gerará decepções, medos, angústias, desconfiança e, às vezes, ceticismo e incredulidade.

Quando o Ser, em seu avançar, começa a rejeitar conceitos antigos, sente a necessidade de buscar novos conhecimentos.

A época de Jesus, como constantemente afirma Kardec, o momento era propício ao advento da Boa Nova. Os ensinamentos do Mestre representam, pois, a Lei Divina e a Moral universal.

Em cada um de seus ensinamentos, Jesus procura nos despertar para a Verdade. Essa Verdade, quando estamos receptivos e humildes para ouvi-la e acolhê-la, propicia-nos a Libertação.

Essa Libertação é o rompimento de todas as amarras que nos prendem aos valores do mundo, que podem induzir-nos ao egoísmo, as disputas, a discórdia e ao desamor.

Todos esses sentimentos negativos trazem-nos sofrimento, aflição, desequilíbrio físico e espiritual.

A verdade, ao contrário, conduz-nos aos sentimentos de fraternidade, solidariedade e nos torna capazes de perdoar nossos semelhantes, compartilhar nossos recursos materiais e espirituais.

Jesus, nosso Mestre Maior, através da exemplificação de seu Amor incondicional, trouxe-nos a verdade que nos liberará.

Ao Espiritismo, coube a importante missão de resgatar os ensinamentos do Cristo, em sua essência e em sua magnitude, tomando a verdade mais acessível a todos que a buscam.

QUESTÃO REFLEXIVA:

Como a verdade trazida por Jesus influi em nossa vida?

Parte B - A Missão de Jesus

JESUS O PÃO DA VIDA E A FONTE DA ÁGUA VIVA

“No dia seguinte, a multidão que permanecera no outro lado do mar percebeu que aí havia um único barco e que Jesus não entrara nele com os seus discípulos; os discípulos haviam partido sozinhos. Outros barcos chegaram de Tiberíades, perto do lugar onde haviam comido pão. Quando a multidão viu que Jesus não estava ali, nem seus discípulos, subiu aos barcos e veio para Cafarnaum, a procura de Jesus. Encontrando-o do outro lado do mar; disseram-lhe: ‘Rabi, quando chegaste aqui?’ Respondeu-lhes Jesus: ‘Em verdade, em verdade, vos digo: vos me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos saciastes. Trabalhai, não pelo alimento que se perde, mas pelo alimento que permanece até a vida eterna, alimento que o Filho do Homem vos dará, pois Deus, o Pai, o marcou com seu selo.’”

(...) “Jesus lhes disse: ‘Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim, nunca mais terá fome, e o que crê em mim nunca mais terá sede.’” (Jo 6:22-27 e 35).

Este ensinamento de Jesus ocorre após a passagem bíblica em que se narra a multiplicação dos pães.

Jesus assevera que as pessoas o procuravam, neste momento, não pelo desejo de ouvir seus ensinamentos, mas para se beneficiar com a distribuição de pães.

Nesta lição, o Pão da Vida, o Mestre, utiliza a palavra “pão” em seu sentido figurado. Assim teríamos dois significados para essa palavra:

- O primeiro, o sentido literal, representa o alimento material, que nutre o corpo físico e mantém a vida;
- O Segundo, o sentido figurado, representa o alimento espiritual que “alimenta” o Espírito.

Quando analisamos o Ser em sua jornada, podemos nos deter, para observação e aprendizado, em cada uma de suas etapas.

Há um momento em que apenas lhe interessa a saciedade dos interesses materiais, dos sentidos, das paixões do mundo. Neste estágio ele é como que “surdo” aos ensinamentos espirituais. Muitas vezes, trata as maiores verdades com ironia e ceticismo.

Seguindo sua caminhada, há outro momento em que ele começa a despertar para o conhecimento espiritual. No entanto, como é da Lei, as progressões são gradativas, passo a passo. Assim, ainda nesta etapa, haverá muitos conceitos que não foram assimilados em sua verdadeira essência.

Em consequência, mesmo buscando seguir um caminho de espiritualização, ainda estará preso a muitos interesses materiais. Por vezes, então, terá condutas incompatíveis com os conhecimentos adquiridos, e poderá, eventualmente, querer fazer barganha com Deus para obtenção de privilégios e de ser poupado de passar pelas provações comuns a Humanidade.

Mas há um momento especial em que o Ser realmente desperta para a verdade e começa a compreender as mensagens do Mestre e a buscar o alimento espiritual.

No diálogo entre Jesus e a mulher samaritana, que abaixo transcrevemos, encontra-se essa mesma lição de Jesus. Vejamos: *“Jesus lhe respondeu: ‘Aquele que bebe desta água terá sede novamente; mas quem beber da água que lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele fonte de água jorrando para a vida eterna.’* (Jo 4:13-14).

Essa Água aqui tratada iguala-se ao Pão da Vida, pois traz a mesma simbologia. A água, também, tem um sentido literal e outro figurado; interessa-nos destacar este último.

Quando o Espírito, como falamos acima, está buscando sua renovação, sentirá necessidade, cada vez mais, de se nutrir do alimento espiritual.

É porque todos os antigos valores vão perdendo sua importância, vão ficando sem significado. É o momento da transformação interior, em que os antigos interesses não mais correspondem aos nossos anseios, então, surge uma espécie de vazio.

O impulso em direção aos novos valores deriva, assim, da necessidade de preencher aquele vazio. O Espírito, neste momento, apenas encontrará satisfação na busca do conhecimento dos assuntos relevantes, na busca da Verdade.

A fome, a sede, figuradamente falando, só serão saciadas com esse alimento espiritual, que é a mensagem trazida por Jesus e contida no seu Evangelho.

Quando realmente começamos a “ver”, e nos sintonizamos com a Boa Nova, reconhecemos seu verdadeiro valor. Todas as dores, todas as aflições, todas as provações da vida encontram ali o sustentáculo para que possamos prosseguir com resignação e fé.

O mundo e todas as doutrinas materialistas são incapazes de nos dar a verdadeira esperança.

A Boa Nova de Jesus é, dessa forma, o bálsamo para qualquer dor, é o consolo nos momentos de desespero, é a esperança de que após a “tempestade” dias melhores virão. O Evangelho é a Luz que norteia nosso caminho evolutivo.

O BOM PASTOR

“Eu sou o bom pastor: o bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas.”

(...) “Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem.”

(...) “Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil: devo conduzi-las também; elas ouvirão minha voz; então haverá um só rebanho, um só pastor.” (Jo 10:11-16).

Estas suaves palavras de Jesus soam como um poema eterno de encantadora beleza.

Permitamo-nos adentrar a esta composição de sabedoria, mas, especialmente, de indizível Amor, para tentamos alcançar, compreender a mensagem do Mestre.

Jesus, não obstante a inquestionável elevação de seus ensinamentos, utilizava-se, geralmente, de palavras simples, de figuras conhecidas, de símbolos comuns a época.

Mas embora suas lições sejam marcadas pela simplicidade, o alcance de cada de uma delas é admirável. Portanto, precisamos transcender, abstrair-se, ir além da figura, do símbolo, para encontrar a verdadeira essência, segundo a nossa possibilidade.

Dissemos segundo a nossa possibilidade, pois, como é da Lei, estamos constantemente aprendendo e, por consequência, ocorrerá que ao ler e refletir sobre o mesmo ensinamento, a mesma passagem, a mesma frase

de Jesus, ao avançarmos, seremos capazes de ver além, de ver de forma mais abrangente do que a primeira vez. Isto é, ressalte-se, um verdadeiro estímulo ao estudo e a meditação.

Nesta passagem única, Jesus mostra a magnitude de seu Amor pela Humanidade.

De forma simbólica, compara-se a um pastor de ovelhas.

A um pastor, bem sabemos, cabe a proteção, a guarda, o cuidado de todas as suas ovelhas. Esta função ele fará segundo sua capacidade, sua habilidade.

Um “bom” pastor fará ainda mais. Não simplesmente cuidará de suas ovelhas, mas dará sua vida por elas.

Jesus, nosso Mestre inigualável, é o Bom Pastor, por excelência, pois, em verdade, ofereceu-nos amparo e consolo, ofereceu-nos um ensinamento supremo, exemplificou-nos a fraternidade sublime... deu toda sua atenção, todo seu carinho, todo seu imensurável Amor... deu sua vida por suas ovelhas.

Somos capazes de reconhecer a grandiosidade de sua ação?

Figuradamente falando, nos somos as “ovelhas”. Somos, então, capazes de “ouvir a sua voz”?

Quando despertamos para a vida, despertamos para o amor e a caridade, começamos a ouvir a sua voz.

Neste mundo há, no entanto, aqueles que ainda não o “ouvem”. Mas, denuncia Jesus: *“elas ouvirão minha voz; então haverá um só rebanho, um só pastor.”*

Nestas comoventes palavras do Mestre, lancemos todo nosso pensamento, toda nossa emoção, toda nossa esperança.

Sim. Na Terra, um dia, a “voz” de Jesus será universal, e ressoará em todos os lugares e todas as “ovelhas” o ouvirão. Nesse grande dia, veremos a vitória do Bem sobre o Mal, a vitória da Sabedoria sobre a Ignorância. Veremos Jesus, o sublime Pastor, a nos conduzir em direção a Luz.

A MISSÃO DE JESUS

“Eu, a luz, vim ao mundo para que aquele que crê em mim não permaneça nas trevas. Se alguém ouvir minhas palavras e não as guardar eu não o julgo, pois não vim para julgar o mundo, mas para salvar o mundo.” (Jo 12:46-47).

A benevolência e a compaixão estão presentes nestas afirmações de Jesus.

O Mestre, em sua infinita compreensão de nossas limitações, não veio para nos julgar, mas, para nos “salvar”.

Refletindo sobre assunto tão sério, o advento de Jesus, remetamo-nos as palavras de Emmanuel em “A Caminho da Luz”, cap. XII: *“Começava a era definitiva da maioria espiritual da Humanidade terrestre, de vez que Jesus, com sua exemplificação divina, entregaria o código da fraternidade e do amor a todos os corações”.*

Nesta afirmação de Emmanuel, encontramos uma bela síntese da missão de Jesus: entregar o **“código da fraternidade e do amor a todos os corações”**.

É que o Amor é o único sentimento verdadeiramente capaz de libertar o ser da ignorância e das trevas. Jesus, “a Luz”, veio em missão de nos “salvar” no sentido de nos despertar para a verdadeira vida, a vida do Espírito.

Na mesma obra citada a pouco, prossegue Emmanuel: *“De suas lições inesquecíveis, decorrem consequências para todos os departamentos da existência planetária, no sentido de se renovarem os institutos sociais e políticos da Humanidade, com a transformação moral dos homens dentre de uma nova era de justiça econômica e de Concórdia universal”.*

Nesse grande passo da Humanidade, não podemos, se desejamos a vitória do Bem, ser apenas espectadores, mas precisamos ser efetivos participantes, ou, em outras palavras, ser verdadeiros discípulos de Jesus, ser cristãos, e aproveitar cada oportunidade que nos seja oferecida para exemplificar o Bem.

QUESTÃO REFLEXIVA:

Temos “ouvido” a voz de Jesus e usado todo nosso potencial para implantar o Bem na Terra?

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém.
- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Ed. FEESP.
- Xavier, Francisco C./Humberto de Campos – Boa Nova.
- Xavier, Francisco C./Emmanuel – A Caminho da Luz.
- Franco, Divaldo P./Amélia Rodrigues – Luz no Mundo.

- Franco, Divaldo P./Amélia Rodrigues – Primícias do Reino.

9ª Aula – A Autoridade de Jesus e o Sermão Dos “Ais

Parte A - Jesus e Os Doutores Da Lei

OS FARISEUS E OS SADUCEUS PEDEM UM SINAL

“Os fariseus e os saduceus vieram até ele e pediram-lhe, para pô-lo á prova que lhes mostrasse um sinal vindo do céu. Mas Jesus lhes respondeu: ‘Ao entardecer dizeis: Vai fazer bom tempo, porque o céu está avermelhado; e de manhã: Hoje teremos tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. O aspecto do céu sabeis interpretar, mas os sinais dos tempos, não sois capazes! Geração má e adúltera! Reclama um sinal e de sinal, não lhe será dado, senão o sinal de Jonas’. E, deixando-os, foi-se embora.” (Mt 16:1-4).

Em seu caminho, Jesus sempre se defrontava com os Doutores da Lei, que, incessantemente, queriam pô-lo a prova, queriam fazê-lo cair em contradição, ou, de alguma forma, constrangê-lo. Neste relato de Mateus, os fariseus e os saduceus pedem um “sinal vindo do céu”.

Mas Jesus, conhecendo a dureza de seus corações e a malícia de suas intenções, ressalta-lhes a cegueira, alertando-os para o fato de que as coisas mais simples, como os sinais meteorológicos, os indícios das condições atmosféricas, ou seja, olhar para o céu e saber se vai chover ou fazer sol, isso eles podiam ver, pois só depende da visão dos olhos materiais, não, porém, os “sinais dos tempos”, pois isto depende da percepção do Espírito. Esta última, devemos ainda lembrar, demanda humildade e boas intenções.

Duas expressões são dignas de nota nesta abordagem.

A primeira é a expressão “**sinal do céu**”, muito utilizada, a época, entre os hebreus. É que toda a sua história é povoada de fatos ditos “miraculosos”, prodigiosos; as narrativas do Antigo Testamento são recheadas de descrições de cenas maravilhosas, extraordinárias, como todos os relatos admiráveis dos feitos de Moisés. Ao tempo de Moisés, vale lembrar, o povo, incansavelmente, pedia “sinais dos céus”.

A Segunda expressão: “**sinais dos tempos**”, é um termo que, em sentido amplo, pode ser aplicado em diversos contextos. Aqui, em sentido restrito, utiliza-se, especialmente, para designar os sinais que poderiam ser percebidos quando da “chegada do Messias”. Jesus, podemos lembrar, fez alusão a esses sinais quando quis indicar sua condição messiânica, como podemos encontrar no Evangelho de Mateus:

‘És tu aquele que há de vir ou devemos esperar outro?’ Jesus respondeu-lhes: ‘Ide contar a João o que ouvís e vedes: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados.’.” (Mt 11:3-5).

Essa mesma narrativa, que também podemos encontrar em Lucas, cap. 7, versículo 22, refere-se às predições do profeta Isaias, e eram, dessa forma, os sinais do início da era messiânica.

Neste ponto, podemos indagar: Ora, se os sinais indicados por Jesus eram tão evidentes, tão notórios, tão claros, e correspondiam exatamente as profecias de Isaias, as quais eram muito conhecidas, como, afinal, os Doutores da Lei não podiam “ver”?

A resposta deve ser categórica: é que todo Espírito só vê aquilo que quer ver! É que todas as más paixões entorpecem a alma, tomando-a cega as maiores verdades.

Kardec, em “O Livro dos Médiuns”, primeira parte, cap. III, faz uma interessante classificação didática dos diversos momentos do Ser em seu trânsito entre o ceticismo absoluto até a verdadeira crença. Vejamos o item 22: *“Ao lado dos materialistas, propriamente ditos, há uma terceira classe de incrédulos que, embora espiritualistas, pelo menos em nome, não são menos refratários ao Espiritismo: São os incrédulos de má vontade. Esses não querem crer porque isso lhes perturbaria o gozo dos prazeres materiais. Temem encontrar a condenação de sua ambição, do seu egoísmo e das vaidades humanas em que se deliciam. Fecham os olhos para não ver e tapam os ouvidos para não ouvir.”*

Não obstante, neste trecho, o codificador ter se referido à crença no Espiritismo, o que nos interessa é o perfil assinalado. Essa descrição formulada por Kardec pode, integralmente, ser aplicada aos Doutores da Lei a época de Jesus, principalmente pelo fato de que eles temiam a condenação de suas ações egoísticas e, dessa forma, “tapavam” os ouvidos.

Por não estarem realmente dispostos a compreender, Jesus diz-lhes que nem um outro sinal lhes será dado, a não ser o sinal de Jonas.

Esse “sinal de Jonas”, Jesus a ele já havia se referido, conforme consta do cap. 12, versículos 40-41, do Evangelho de Mateus: *“Pois, como Jonas esteve no ventre do monstro marinho três dias e três noites...”*

No Antigo Testamento, no próprio livro do profeta Jonas (século IV a.C.), encontramos a narrativa da jornada no ventre do “grande peixe”, e de outros sinais que teriam ocorrido em sua missão; descrições estas que contém os mesmos elementos característicos do Antigo Testamento: os sinais prodigiosos do céu.

A todas as pessoas de boa-fé, humildes e desejosas de compreender, podemos lembrar as palavras de Jesus a Tomé: aquele que não acreditou porque não viu. *“Jesus lhe disse: ‘Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram!’.”* (Jo 20:29).

O FERMENTO DOS FARISEUS E DOS SADUCEUS

“Ao passarem para a outra margem do lago os discípulos esqueceram-se de levar pães. Como Jesus lhes dissesse: ‘Cuidado acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus!’ puseram-se a refletir entre si: ‘ele disse isso porque não trouxemos pães Jesus, percebendo, disse: ‘Homens fracos na fé! Por que refletis entre vos por não terdes pães? Ainda não entendeis, nem vos lembrais dos cinco pães para cinco mil homens e de quantos cestos recolhestes? Nem dos sete pães para quatro mil homens e de quantos cestos recolhestes? Como não entendeis que eu não falava de pães quando vos disse: Acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus? ‘Então compreenderam que não dissera: Acautelai-vos do fermento do pão, mas sim do ensinamento dos fariseus e dos saduceus.’” (Mt 16:5-12).

Neste ensinamento de Jesus, os discípulos, inicialmente, não compreenderam seu significado, e, por não terem levado pão para a jornada, acreditaram que o Mestre estava referindo-se ao alimento material. Após novo esclarecimento, entenderam o uso figurado do termo fermento.

A palavra fermento pode então ser utilizada em dois sentidos: o literal ou o figurado.

Em sentido literal, como bem sabemos, fermento é a substância que, adicionada a outros ingredientes, desencadeia o processo químico denominado “fermentação”, resultando na alteração da estrutura, volume, consistência de um ou mais elementos. O fermento é a substância que faz, por exemplo, a massa de pão e a massa de bolo crescer e se avolumar.

Em sentido figurado, fermento seria toda ação ou postura capaz de desencadear um processo de elaboração, crescimento, expansão e propagação de idéias, doutrinas ou sistemas quaisquer. Logo, essa figura não tem em si mesma, um valor predefinido, não contém um julgamento de mérito, ou seja, não indica se é algo positivo ou negativo.

Por esse motivo exposto, a palavra fermento, como podemos constatar em outros trechos do Evangelho, é utilizada indicando um processo positivo, de crescimento e propagação do Bem.

Nesta passagem que ora analisamos, indica um processo negativo, de expansão do Mal. Por isso, Jesus, no Evangelho de Lucas, cap. 12, versículo 1, diz, expressamente: *“... Acautelai-vos do fermento - isto é, da hipocrisia - dos fariseus.”*

Ressaltemos este ponto: a cautela não é pelo fermento em si, mas pelo fermento dos fariseus, que, reconhecidamente, agiam de má-fé e com propósitos obscuros.

Citemos um trecho da obra “Até os Fins dos Tempos”, de Amélia Rodrigues, psicografada por Divaldo Franco, que faz referência ao “fermento dos fariseus no capítulo “O Reino Transitório e o Permanente”. Diz a autora: *“A hipocrisia é morbo da alma que contamina e deixa sequelas devastadoras por onde passa, e se tornará característica predominante no comportamento dos fariseus, que se perdiam em discussões estéreis a proveito próprio, sem nenhuma consideração por quem quer que seja.”*

A hipocrisia, a má-fé, o orgulho são chagas que podem, como o fermento, avolumar e perverter muitas mentes. Precisamos estar atentos a esse “fermento dos fariseus”, ainda presente em nossos dias. Mudam-se os nomes, mas a mentalidade de muitos ainda pode ser comparada a dos fariseus da época de Jesus.

Assim, prossegue a autora espiritual acima citada: *“Por isso mesmo, a maledicência, a calúnia, a informação malsã não têm lugar na convivência saudável, naquela que é inspirada pelo Evangelho, porquanto tudo se torna conhecido e desvelado.”*

PERGUNTAS SOBRE A AUTORIDADE DE JESUS

“Vindo ele ao Templo, estava a ensinar quando os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo se aproximaram e perguntaram-lhe: ‘Com que autoridade fazes essas coisas? E quem te concedeu essa autoridade?’ Jesus respondeu: ‘Também eu vos proporei uma só questão: ‘Se me responderdes, também eu vos direi com que autoridade faço estas coisas: O batismo de João, de onde era? Do Céu ou dos homens? ‘Eles, porém, arrazoavam entre si, dizendo: ‘Se respondermos ‘Do Céu’, ele nos dirá: ‘Por que então não crestes nele? Se respondermos ‘Dos homens’, temos medo da multidão, pois todos consideram João como profeta’. Diante disso, responderam a Jesus: ‘Não sabemos’. Ao que ele também respondeu ‘Nem eu vos digo com que autoridade faço estas coisas’.” (Mt 21:23-27).

Neste intrigante diálogo, podemos notar, em especial, a ausência de sinceridade daqueles que, no caso, dirigiram-se a Jesus - os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo. Há uma deliberada e visível intenção de confrontar, constranger e denegrir.

Podemos concluir que se trata de uma ação maquinada, artilosa, astuciosa, eis que, como se vê, a pergunta tem o tom de confronto, de afronta, de injúria.

Jesus, então, não lhes passou nenhum ensinamento direto. O Mestre, lembremos, nunca impôs o conhecimento. Ouviam-no aqueles que queriam.

Lembremos, também, que dentre aqueles que o ouviam, haviam os que estava mais ou menos preparados. Outros, no entanto, não desejavam ouvi-lo, mas apenas tentavam tirar-lhe a autoridade.

Essa autoridade não é, obviamente, aquela formal, concedida oficialmente pelo mundo, mas é outro tipo de autoridade. E a autoridade que os hebreus atribuíam a Moisés e aos demais profetas, ou seja, aquela que seria concedida diretamente por Deus. Não reconhecendo Jesus como profeta ou como o Messias, interpelaram-no para lhe perguntar, em outras palavras:

Quem lhe deu essa autoridade?

Eles se referiam a autoridade de falar nas sinagogas com conhecimento superior, falar em nome de Deus, autoridade de expulsar os Espíritos maus, autoridade de curar os doentes, etc.

Refletindo sobre a autoridade de Jesus, fazemos, naturalmente, a associação com a sua superioridade. Kardec, em “A Gênese”, cap. XV, item 2, diz sobre Jesus: *“Como homem, tinha a organização dos seres carnis; mas como Espírito puro, desligado da matéria, deveria viver da vida espiritual mais do que da vida corporal, cujas fraquezas Ele não possuía. **A superioridade de Jesus sobre os homens não se prendia as qualidades particulares de seu corpo, mas as de seu Espírito, que dominava a matéria de maneira absoluta, e as de seu perispírito tirado da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres.**”* (grifo nosso).

QUESTÃO REFLEXIVA:

Relembrado a frase de Jesus: “Felizes os que não viram e creram”, refletimos: Será que nós sempre acreditamos sem ver, ou, às vezes, também desejamos “sinais”?

Parte B - Sermão Dos “Ais” (Mt 23:13-39)

O Sermão dos “Ais” foi proferido em um momento em que Jesus, uma vez mais, alertava o povo e seus discípulos sobre a conduta dos escribas e fariseus que tinham um discurso, dirigido ao povo, que exaltava a observância da Lei e os Profetas, mas que eles próprios não praticavam.

Inicialmente, lembremos a descrição de Kardec em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, em sua introdução, sobre essas duas classes:

Fariseus - *“Os Fariseus desempenhavam papel ativo nas controvérsias religiosas. Observadores servis das práticas exteriores do culto e das cerimônias, tomados de ardoroso proselitismo, inimigos das inovações, afetavam grande severidade de princípios. Mas, sob as aparências de uma devoção meticulosa, escondiam costumes dissolutos, muito orgulho, e sobretudo excessivo desejo de dominação. A religião, para eles, era mais um meio de subir do que objeto de uma fé sincera.”*

Escribas - *“Nome dado, a princípio, aqueles que tinham o encargo de escrever a lei e explicá-la, e a certos intendentos dos exércitos judeus. Mais tarde, essa designação foi aplicada especialmente aos doutores que ensinavam a lei de Moisés e a interpretavam para o povo. Faziam causa comum com os Fariseus, participando dos seus princípios e de sua aversão aos inovadores. Por isso, Jesus os envolve na mesma reprovação.”*

Neste sermão, Jesus apresenta, de forma enérgica, uma série de condutas dos escribas e fariseus que mereciam forte reprovação moral, como segue:

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque bloqueais o Reino dos Céus diante dos homens! Pois vos mesmos não entraís, nem deixais entrar os que o querem!”

Nesta primeira exortação, Jesus faz referência ao “Reino dos Céus”.

Pelo estudo da Doutrina Espírita, sabemos que esse termo, constantemente empregado por Jesus, não designa um local geográfico, um lugar estático nas alturas, destinado aos “eleitos”; mas, na verdade, trata-se de um estado de consciência de harmonia e plenitude. Para atingir esse estado é necessária a prática constante dos preceitos contidos na Lei Divina.

No entanto, os escribas e fariseus não a observavam. Logo, como eram responsáveis por ministrar o conhecimento da Lei ao povo, constituído, em sua maioria, por pessoas ignorantes, acabavam, pelos maus exemplos, a induzir os homens ao erro.

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito, mas, quando conseguís conquistá-lo, vos o tornais duas vezes mais digno da geena do que vós!”

Ressalta-se, neste ponto, o empenho que os fariseus e os escribas tinham em fazer prosélitos, ou seja, fazer novos adeptos de sua religião.

Entretanto, quando conseguiam converter alguém, em vez de direcioná-lo a prática da religião, em sua essência, ao contrário, incentivavam as práticas exteriores, afastando os homens de sua renovação interior. Tão grave era este desvio, que o Mestre dizia que o novo convertido acabava por se tomar digno da “geena”.

Este termo “geena”, cabe anotar, tinha o significado de “inferno”. Era utilizado pelo Mestre, pois fazia parte da crença dos judeus. Salientamos, porém, que, conforme elucida a Doutrina Espírita, tal lugar, de condenação ao “fogo eterno”, não existe.

“Ai de vós, condutores cegos, que dizeis: ‘Se alguém jurar pelo santuário, seu juramento não o obriga, mas se jurar pelo ouro do santuário, seu juramento o obriga’. Insensatos e cegos Que é maior o ouro ou Santuário que santifica o ouro? Dizeis mais: ‘Se alguém jurar pelo altar; não é nada, mas se jurar pela oferta que esta sobre o altar; fica obrigado’. Cegos! Que é maior a oferta ou o altar que santifica a oferta? Pois aquele que jura pelo altar; jura por ele e por tudo que nele esta. E aquele que jura pelo santuário, jura por ele e por aquele que nele habita. E, por fim, aquele que jura pelo céu, jura pelo trono de Deus e por aquele que nele está sentado.”

Esta exortação chama a nossa atenção para aquilo que é mais importante. No ato devocional do fiel, quando apresentava suas oferendas ao Templo, estava ele exercitando um ritual de acordo com os costumes religiosos da época. Essa prática deveria representar a exteriorização do sentimento íntimo de devoção a Deus. Esse, portanto, era o verdadeiro objetivo da prática devocional externa.

Mas, muitos a faziam de forma maquinal, vazia, sem sentimentos de adoração a Deus. Essa superficialidade terminava apenas em obrigações para manter as aparências.

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, mas omitis as coisas mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Importava praticar estas coisas, mas sem omitir aquelas. Condutores cegos, que coais o mosquito e engolis o camelo!”

A busca da espiritualização não deve violar, abruptamente, os costumes e as tradições religiosas. Deve-se respeitar todos os preceitos referentes à verdadeira adoração. Podemos lembrar que Jesus, a propósito, afirmou que não veio para destruir a Lei nem os Profetas.

Esse caminho, obviamente, conduz, em última instancia, ao conhecimento da Verdade e, em se libertando da ignorância, a vivência plena das Leis Divinas.

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que limpais o exterior do copo e do prato, mas por dentro estais cheios de rapina e intemperança! Fariseu cego, limpa primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo!”

Que mais importa ao Homem para sua transformação interior?

Bem sabemos que é a reformulação de seus valores.

Impossível é ao Homem obter a iluminação espiritual, caso sua atenção ‘esteja voltada apenas para o exterior. Quando procura seguir os Mandamentos que, em sua essência, demandam o comportamento íntegro e o respeito aos semelhantes, e se empenha em purificar os pensamentos e harmonizar as emoções, é porque realmente compreendeu o significado legítimo da religião.

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Sóis semelhantes a sepulcros caiados, que por fora parecem belos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda podridão. Assim também vós: por fora pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e iniquidade.”

Jesus, neste outro trecho, uma vez mais evidencia a necessidade de compreendermos que o que importa não é a aparência de virtude, mas, sim, o ato de ser virtuoso.

A reafirmação deste preceito decorre da natural tendência do homem em permanecer na superficialidade das coisas, e, desse modo, de não buscar a essência da religiosidade.

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que edificais os túmulos dos profetas e enfeitais os sepulcros dos justos e dizeis: ‘Se estivéssemos vivos nos dias dos nossos pais, não teríamos sido cúmplices deles no derramar o sangue dos profetas’. Com isso testificais, contra vós, que sois filhos daqueles que mataram os profetas. Completai, pois, a medida dos vossos pais!”

Deus, por Sua Misericórdia, sempre enviou, a todas as partes do mundo, missionários encarregados de trazer os preceitos divinos. Os hebreus, desse modo, também tiveram seus profetas.

Ocorre, no entanto, que nem sempre eles foram ouvidos, e, várias vezes, foram rejeitados. Os escribas e fariseus, como seus pais, do mesmo modo, veneravam, exteriormente, seus profetas, mas, em verdade, não os respeitavam.

Além dos sete “ais” que constam do Evangelho de Mateus, os quais transcrevemos acima, temos que registrar que no Evangelho de Marcos 12:38-40, há outra exortação de Jesus reprovando a conduta dos escribas, motivo pelo qual muitos autores fazem alusão a oito “ais”.

Esta outra advertência, acrescentamos, pode ser encontrada também no Evangelho de Lucas 20:46-47. Eis a passagem anotada em Marcos:

“...Guardai-vos dos escribas que gostam de circular de toga, de ser saudados nas praças públicas, e de ocupar os primeiros lugares nas sinagogas e os lugares de honra nos banquetes; mas devoram as casas das viúvas e simulam fazer longas preces. Esses receberão condenação mais severa.”

Como podemos notar, a natureza da advertência é a mesma. Aqui, há ainda o agravante da conduta oportunista em obter lucro com o sofrimento alheio.

O Sermão dos “ais” é concluído por Jesus com a clássica passagem abaixo que traduz sua imensa compaixão pela Humanidade: *“Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas as que te são enviados, quantas vezes que eu quis ajuntar as teus filhas, como a galinha recolhe seus pintinhos debaixo das asas, e não o quiseste!”*

Este Sermão de Jesus, que, de forma vigorosa, conclama ao despertar, leva-nos a reflexão sobre quais são as condutas que verdadeiramente representam o sentimento de religiosidade.

Todas as más condutas aqui indicadas levam-nos, ainda, a meditação sobre outros ensinamentos de Jesus, onde sempre encontraremos o incentivo a virtude.

Especialmente a nos espíritas, lembra-nos, também, este Sermão dos “ais” que as práticas exteriores não são mais necessárias aqueles que interiorizaram o conhecimento da Boa Nova e exercem a verdadeira adoração a Deus, que é a prática plena da Lei de Amor e Caridade.

QUESTÃO REFLEXIVA

Por que muitos Homens ainda têm dificuldade de se libertar das práticas religiosas exteriores?

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém.
- Kardec, Allan - A Gênese - Ed. FEESP.
- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo Ed. FEESP.

- Godoy, Paulo A. - Os Quatro Sermões de Jesus - Ed. FEESP.
- Franco Divaldo/Amélia Rodrigues - Até o Fim dos Tempos.

10ª Aula - As Predições do Evangelho e o Sermão Profético

Parte A - Predições Do Evangelho

TEORIA DA PRESCIÊNCIA

Na obra “A Gênese”, cap. XVI, Allan Kardec aborda as predições segundo o Espiritismo. Inicia o capítulo discorrendo sobre a teoria da presciência.

Presciência é o conhecimento antecipado de um fato, ou seja, é a ciência de um acontecimento antes que ele ocorra. Pode ser apenas um pressentimento, um presságio, ou mesmo, a visão integral de algo que ainda está por vir.

Mas como, afinal, é possível conhecer o futuro?

Kardec apresenta uma excelente figura para entendermos esse mecanismo; supõe dois homens: um, no alto de uma montanha; outro, caminhando por uma estrada. Esse viajante, então, sabe que aquele caminho levará a certo destino, mas poderá não saber de muitos perigos que o aguardam, como algum precipício em que ele possa cair, um bando de ladrões que o aguardem em tocaia para o roubarem; tudo isso é, para ele, como se fosse o futuro. Para aquele homem que está no alto da montanha, essas mesmas circunstâncias, como podem ser vistas ao mesmo tempo, são para ele como se fosse o presente. Se esse homem descesse e dissesse ao viajante os perigos que lhe esperam, seria como se estivesse prevendo o futuro.

Em síntese, afirma o codificador no item 3 do referido capítulo: *“Os Espíritos desmaterializados são como o homem da montanha; o espaço e a duração desaparecem para eles. Mas a extensão e a penetração de sua vista são proporcionais a sua purificação e à sua elevação na hierarquia espiritual...”*

Por esse enunciado, concluímos que em Jesus, por sua excelência moral, essa faculdade estendia-se para além do que podemos imaginar.

Há, nos Evangelhos, diversas passagens em que Jesus faz predições. No discurso apostólico, após ter nomeado os doze discípulos, o Mestre passa-lhes uma série de recomendações e exortações. Faz também, nessa mesma ocasião, algumas previsões sobre a tarefa dos apóstolos, como veremos a seguir.

PERSEGUIÇÃO AOS MISSIONÁRIOS

“Guardai-vos dos homens: eles vos entregarão aos sinédrios e vos flagelarão em suas sinagogas. E, por causa de mim, sereis conduzidos a presença de governadores e de reis, para dar testemunho perante eles e perante as nações. Quando vos entregarem, não fiqueis preocupados em saber como ou o que haveis de falar naquele momento vos será indicado o que deveis falar porque não sereis vós que falareis, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós.

O irmão entregará o irmão à morte e o pai entregará o filho. Os filhos se levantarão contra os pais e os farão morrer E sereis odiados por todos por causa do meu nome. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo.

Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra. E se vos perseguirem nesta, tornai a fugir para terceira. Em verdade vos digo que não acabareis de percorrer a cidade de Israel até que venha o Filho do Homem.

O discípulo não está acima do mestre, nem o servo acima do seu senhor. Basta que o discípulo se torne como o mestre e o servo como o seu senhor. Se chamarem Beelzebu ao chefe da casa, que não dirão de seus familiares!” (Mt 10:17-25).

Notamos, logo no início dessa passagem, que a missão dos apóstolos seria cheia de provações. Eles seriam perseguidos, entregues as autoridades, flagelados, etc.

Os apóstolos há que se lembrar, acompanharam Jesus por apenas três anos. A partir daí, podemos perguntar: quantos de nós seríamos capazes de, após três anos de aprendizado do Evangelho, enfrentar tais provações, ou seja, de ser perseguidos, levados as autoridades, receber punições, ou outras imposições?

Jesus conhecia plenamente seus apóstolos, pois podia sondar-lhes a alma, e sabia que eles eram capazes de cumprir a tarefa que cabia a cada um.

Na frase: *“Naquele momento vos será indicado o que deveis falar porque não sereis vós que falareis...”* fica claro que Jesus estava se referindo a faculdade mediúnica da psicofonia que eles possuíam e que iriam exercitar.

Em seu apostolado, os discípulos, pela sinceridade de suas intenções, pela perseverança em seguir o Mestre, pelo sacrifício pessoal a que estavam dispostos, foram constantemente auxiliados pela legião de Espíritos Benfeitores que estavam sob a direção de Jesus.

Lembremos ainda, para fazer constar, que nas narrativas evangélicas, além da psicofonia, encontraremos os discípulos manifestando várias outras faculdades mediúnicas.

No trecho: *“O irmão entregará o irmão a morte e o pai entregará o filho.”*, Jesus prediz o resultado da propagação da Boa Nova. Mas, podemos indagar: como é possível que uma mensagem sublime de amor e entendimento possa opor pais e filhos?

É que, como bem sabemos, nem todos desejam a vitória do Bem. Quantos não desejavam, e nos dias de hoje não desejam, a manutenção da obscuridade? Quantos não lutam contra toda nova idéia? Quantos, para manter seus privilégios e satisfações materiais, não combatem o Cristianismo?

No entanto, queiram eles ou não, como é da Lei, um dia verão a luz.

E, ao fim da citação que analisamos, afirma Jesus aos seus discípulos: *“Basta que o discípulo se torne como o mestre e o servo como o seu senhor.”*

Por certo, o discípulo não pode ser superior ao seu mestre, pois este o ensinou. Mas esta afirmação tem outras implicações. Especialmente, podemos ressaltar que ser um discípulo é muito mais que um simples “ouvir”, um mero conhecer teórico; é, na verdade, um aprendizado real, que implica em exercer cada um dos ensinamentos adquiridos.

Logo, assim como Jesus ensinou e, principalmente, exemplificou, os seus verdadeiros discípulos deveriam segui-lo integralmente. O Mestre seria perseguido, apresentado as autoridades e martirizado; por isso, aos apóstolos, caberia o mesmo caminho dos mártires. E assim ocorreu.

Hoje, são outros os tempos, mas a mensagem aos que desejam ser seus discípulos ainda esta “viva”: para seguir o Mestre há que se vivenciar o Evangelho.

NINGUÉM É PROFETA NA SUA TERRA

“Quando Jesus acabou de contar essas parábolas, partiu dali e, dirigindo-se para sua pátria, pôs-se a ensinar as pessoas que estavam na sinagoga, de tal sorte que elas se maravilharam e diziam: ‘De onde lhe vêm essa sabedoria e esses milagres? Não é ele o filho do carpinteiro? Não se chama a mãe dele Maria e os seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? E as suas irmãs não vivem todas entre nós? Donde então lhe vêm todas essas coisas?’ E se escandalizavam dele. Mas Jesus lhes disse: ‘Não há profeta sem honra, exceto em sua pátria e em sua casa’. E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles.” (Mt 13:53-58).

Há uma tendência natural do Homem de não valorizar aqueles com os quais convive diretamente. Refletindo sobre essa disposição, podemos indagar sobre o porquê disso.

Especialmente em relação a Jesus, encontramos a resposta na própria passagem de Mateus: *“Não é ele o filho do carpinteiro? Não se chama a mãe dele Maria e os seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? E as suas irmãs não vivem todas entre nós?”*

Aos olhos de seus conterrâneos, Jesus era um homem comum. Eles o viram crescer junto a Maria, viram-no com seu pai na carpintaria, e convivendo com os demais familiares. Nazaré era um vilarejo simples, e nem sequer era bem visto pelos próprios judeus.

Logo, eles estavam surpresos, pois eles tinham nascido e crescido no mesmo lugar e, relativamente, nas mesmas condições. Como se justificaria, então, Jesus destacar-se em sabedoria e inteligência, se em sua família ninguém havia se destacado?

Há nesse pensamento um orgulho oculto, pois eles não aceitavam a manifestação da superioridade de Jesus, seja por sua elevada sabedoria, seja pelas curas que realizava.

Dessa forma, diz o texto: *“E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles.”*

É oportuno lembrar que a fé é uma condição fundamental para que recebamos o socorro físico e espiritual. Em Nazaré, não ocorreram muitas curas, devido à falta de fé do povo que ali residia.

AS TENTAÇÕES DE PEDRO

“A partir dessa época, Jesus começou a mostrar aos seus discípulos ser necessário que fosse a Jerusalém e sofresse muito por parte dos anciãos, dos chefes dos sacerdotes e dos escribas, e que fosse morto e ressurgisse ao terceiro dia. Pedro, tomando-o a parte, começou a repreendê-lo, dizendo: ‘Deus não o permitas, Senhor! Isso jamais te acontecerá!’ Ele, porém, voltando-se para Pedro, disse: Afasta-te de mim, Satanás! Tu me serves de pedra de tropeço, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens! (Mt 16:21-23)

“Jesus disse-lhes então: ‘Essa noite todos vós vos escandalizareis por minha causa, pois está escrito: Ferirei o pastor e as ovelhas do rebanho se dispersarão. Mas, depois que eu ressurgir vos precederei na Galiléia’. Pedro, tomando a palavra, disse-lhe: ‘Ainda que todos se escandalizem por tua causa, eu jamais me escandalizarei’. Jesus declarou: ‘Em verdade te digo que esta noite, antes que o galo cante, me negarás três vezes! ‘Ao que Pedro disse: ‘Mesmo que tiver de morrer contigo, não te negarei’. O mesmo disseram todos os discípulos.” (Mt 26:31-35)

Jesus, conforme transcrições acima, começava a preparar seus discípulos para o final que o aguardava. Desse modo, prediz a sua trajetória desde a entrada em Jerusalém, sua morte e o reaparecimento após o terceiro dia. Com esse anúncio, os discípulos ficaram apreensivos. Este fato poderia causar-nos surpresa, pois eles conheciam as profecias sobre a vinda do Cristo, sua missão e a final condenação pelos homens. Por que, então, ficaram temerosos?

É que eles tinham se acostumado a conviver com o Mestre, presenciar sua autoridade moral, realizando curas e expulsando os maus Espíritos, assim como manifestando sua superioridade diante dos sacerdotes, fariseus, herodianos, etc.

Quando, pois, Jesus anunciou esses acontecimentos finais, os discípulos, embora plenamente dispostos a segui-lo, demonstraram suas limitações, como todo ser humano, então sentiram medo.

Na ocasião relatada, Pedro, movido por influência espiritual inferior, dirige-se ao Mestre de forma lisonjeira, de certa forma questionando sua missão; e Jesus, percebendo a influenciação, adverte-o energicamente.

Ao dizer: *“por que não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens!”*, Jesus ressalta que a sua missão é fundamentada na Vontade Divina, e exige sacrifício e renúncia, ao contrário dos valores dos homens, que buscam defender apenas os seus próprios interesses. Poderia causar-nos estranheza o fato de Pedro, apóstolo escolhido por Jesus, estar vulnerável aos Espíritos inferiores. Porém, como nos ensina a Doutrina Espírita, a mediunidade é uma faculdade do Espírito, que lhe permite ser o intermediário entre o mundo físico e espiritual. Esta intermediação é realizada de acordo com a sintonia vibratória do médium; logo, ele poderá ser instrumento de Espíritos superiores ou inferiores.

Pedro, nesse momento, por invigilância, deixou-se influenciar pela espiritualidade inferior.

Como enfatiza Kardec em *“O Evangelho Segundo o Espiritismo”*, cap. XXIV item 12: *“O bom médium não é, portanto, aquele que tem facilidade de comunicação, mas o que é simpático aos Bons Espíritos e só por eles é assistido.”*

Na segunda passagem acima citada, Jesus prediz a negação de Pedro, ao que este afirma que jamais o abandonaria. Conforme previu o Mestre, de fato, Pedro, antes de o galo cantar, negou-o três vezes. Então, podemos perguntar: Por que Pedro, que confiava em Jesus e o amava, pode negá-lo?

Aqui, repetimos, por causa da fragilidade humana, da falta de fé. A coragem, enfim, como virtude, precisa ser adquirida. E ela só pode ser alcançada com muito trabalho e muita determinação. Pedro, “a Rocha”, como Jesus o chamou, apesar desse momento de hesitação, na hora certa, assumiu plenamente sua missão. Na Casa do Caminho, revelou-se como grande líder dos apóstolos, sendo aquele que pacificava e harmonizava; como divulgador do Cristianismo, fortaleceu as bases da Doutrina Redentora.

Na obra *“Há Flores no Caminho”*, psicografada por Divaldo Franco, no episódio nº 14, Amélia Rodrigues, sintetiza: *“Joeirando-se, entretanto, na fé augusta e no sacrifício, sustentou os irmãos com todas as forças da alma, evitando dissensões com a sua humildade e autoridade, infundindo ânimo até o momento em que, integrado ao espírito do Cristo, deixou-se arrastar a rude crucificação, da qual se ergueu em asas de luz, símbolo que se fez da fraqueza momentânea e da resistência veraz diante de toda e qualquer tentação.”*

Questão reflexiva:

Como podemos fortalecer-nos para evitarmos as influências espirituais negativas em nosso dia-a-dia.

Parte B - O Sermão Profético (ou Discurso Escatológico) (Mt 24:1-44; Mt 25:31-46)

O Sermão Profético, também chamado de Discurso Escatológico, pronunciado por Jesus no Monte das Oliveiras, foi dirigido aos seus discípulos.

Jesus, nesse discurso, prediz, entre outras coisas, a destruição do grande Templo, a ruína de Jerusalém, o advento de muitas guerras, o surgimento de muitos falsos profetas, a perseguição aos discípulos, e, ainda, apresenta uma série de parábolas que conclamam a vigilância, ao trabalho e a perseverança no Bem.

Foi particularmente, repetimos, dirigido aos seus discípulos, pois, como muitas outras verdades, nem todos seriam capazes de suportá-las. Esse princípio, em especial aqui se aplica, pois quantos seriam capazes de ouvir tais profecias sobre o princípio das dores, as guerras, os morticínios, o final dos tempos? Quantos não acabariam por interpretar literalmente algumas frases usadas apenas em seu sentido figurado como: *“as estrelas cairão do céu”*?

Tudo tem seu momento. Os discípulos, enfim, estavam preparados para ouvir tais predições.

Este sermão é proferido logo após Jesus e seus discípulos terem deixado o Templo de Jerusalém, em um momento em que eles – os discípulos - tinham ficado muito impressionados com a magnitude e luxuosidade daquela construção suntuosa. Vejamos a narrativa de Mateus:

A DESTRUIÇÃO DO TEMPLO

“Jesus saiu do Templo, e como se afastava, os discípulos o alcançaram para fazê-lo notar as construções do Templo. Mas eles responderam-lhes: ‘Vedes tudo isso? Em verdade vos digo: não ficará aqui pedra sobre pedra: tudo será destruído’. (Mt 24:1-2).

O Templo de Jerusalém, a época de Jesus, era uma construção colossal, e eram abundantes o mármore e o ouro, o que fazia o historiador judeu, com cidadania romana, Flavio Josefo exclamar que não havia no Templo um só ponto que não encantasse os olhos e a alma.

Na obra *“Dias Venturosos”*, psicografado por Divaldo Franco, no episódio nº 11, Amélia Rodrigues descreve: *“Jerusalém era uma cidade esplêndida, que ostentava seu suntuoso Templo no monte Moriá. Tratava-se de uma Edificação imponente, representando o orgulho da raça hebreia...”* (...) *“Ninguém que se adentrasse no Templo, que não se curvasse a sua grandiosa majestade. Colunas trabalhadas em pórfiro da melhor qualidade, formando átrios e salas sucessivas, atingia o máximo esplendor na parte interior; onde se encontrava o Santuário propriamente dito, em magnífico salão, no qual se guardavam os objetos sagrados, entre outros, a arca da aliança, os papiros e pergaminhos da mais recuada tradição.”*

No entanto, essa beleza externa, contrastava com os sentimentos e intenções da maioria de seus frequentadores. Como prossegue a autora espiritual: *“Rico de aparência, o monumento vivia vazio de fé e repleto do orgulho vão daqueles que o frequentavam. Dentro e fora ostentava poder e glória, fortuna e vaidade, mas também intrigas infinitas, rudes disputas, afrontas e misérias numerosas...”*

Há, de fato, em muitos de nós, uma tendência de admirarmos as grandes obras externas, mais do que com as *“obras internas”*; de admirarmos mais as conquistas materiais do que as conquistas pessoais. É muito fácil ver o brilho do ouro; sábio, no entanto, é *“ver”* as coisas de real valor.

De que serve um Templo, cujo objetivo é a adoração a Deus, se esse objetivo foi esquecido ou mutilado? Onde não existe respeito, amor, devoção, fraternidade, não existe a verdadeira religiosidade.

Esse Templo, conforme profetizou Jesus, foi arrasado no ano 7º d.C., pelo general romano Tito, e não restou *‘pedra sobre pedra’*.

Allan Kardec, em *“A Gênese”*, cap. XVII, item 21, afirma: *“A vista espiritual, que era permanente nEle, assim como a penetração do pensamento, devia lhe mostrar as circunstâncias e a época fatal. Pela mesma razão, Ele podia prever a ruína do Templo, a de Jerusalém, as infelicidades que iam atingir seus habitantes, e a dispersão dos judeus.”*

Após a profecia da destruição do Templo, quando chegaram ao Monte das Oliveiras, os discípulos de Jesus, talvez tristes, melancólicos, talvez temerosos, perguntaram quando que isso iria acontecer, e o Mestre começa por anunciar-lhes o “princípio das dores”.

O PRINCÍPIO DAS DORES

“Jesus respondeu: ‘Atenção para que ninguém vos engane. Pois muitos virão em meu nome, dizendo: ‘O Cristo sou eu’, e enganarão a muitos. Haveis de ouvir falar sobre guerras e rumores de guerras. Cuidado para não vos alarmardes. É preciso que essas coisas aconteçam, mas ainda não é o fim. Pois se levantarão nação contra nação e reino contra reino. E haverá fome e terremotos em todos os lugares. Tudo isso será o princípio das dores. Nesse tempo, vos entregarão a tribulação e vos matarão, e sereis odiados de todos os povos por causa de meu nome. E então muitos sucumbirão, haverá traições e guerras intestinas. (...) ‘Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo. E este Evangelho do Reino será proclamado no mundo inteiro, como testamento para todas as nações. E então virá o fim.’” (Mt 24:4-10 e 13-14).

As palavras, muitas vezes, podem impressionar mais do que os fatos. Isso porque elas trazem nossa consciência para determinados fatos que eventualmente não estávamos percebendo. Por vezes, quando não somos nós as “vítimas”, deixamos de notar muitas coisas, ou seja, tomamo-nos insensíveis.

É certo que em todos os tempos tem havido guerras, e os povos tem se agredido mutuamente. A própria história judaica é composta de conflitos armados, aflições, fome. Mas Jesus ressalta que todas essas coisas ainda acontecerão, pois é preciso que elas ocorram para que a Lei se cumpra.

Os mundos progridem, tal é a Lei. Mas se os homens tentam evitar esse progresso, obstruindo-o pelas más paixões, pelas perversões, pela dureza de coração, ocorrerão às grandes comoções morais e físicas para desperta-los. Kardec, comentando a questão nº 783 de “O Livro dos Espíritos”, assevera: *“O homem não pode permanecer perpetuamente na ignorância, porque deve chegar ao fim determinado pela Providência...”* (...) *“O homem geralmente não percebe, nessas comoções, mais do que a desordem e a confusão momentâneas que o atingem nos seus interesses materiais, mas aquele que eleva o seu pensamento acima dos interesses pessoais admira os desígnios da Providência, que do mal faz surgir o bem. São a tempestade e o furacão que saneiam a atmosfera, depois de a haverem revolvido.”* (grifo nosso).

Como não poderia deixar de ser, os discípulos de Jesus, como foi previsto, foram perseguidos e martirizados. Mas eles estavam preparados para a missão e a cumpriram com louvor.

Em relação a proclamação do “Evangelho do Reino” no mundo inteiro, temos o pleno conhecimento de que a mensagem de Jesus foi propagada por todo o mundo e cada dia mais se expande até que se tome universal aqui na Terra.

Mas o Mestre previu que, então, seria o fim.

Qual fim seria esse?

Quando o ensinamento sublime de Jesus tiver conquistado todos os corações aqui na Terra, aí será o fim: o fim do egoísmo, o fim da maldade, o fim da ignorância. Em outras palavras, como ensina o Espiritismo: será o fim dos tempos de um mundo de expiação e prova, para o início de um mundo de regeneração. Assim: ***“Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo.”***

A GRANDE TRIBULAÇÃO DE JERUSALÉM

(...) “Pois naquele tempo haverá grande tribulação, tal como não houve desde o princípio do mundo até agora, nem tornará a haver jamais. E se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma vida se salvaria. Mas, por causa dos eleitos, aqueles dias sendo abreviados.” (Mt 24:21-22).

A luz da Doutrina Espírita, podemos, com serenidade, compreender muitas afirmações de Jesus que fazem diversas outras correntes religiosas debaterem-se, interminavelmente, quando procuram interpretá-las.

Em primeiro, sabemos que não existem “eleitos” no sentido teológico do termo, ou seja, Espíritos criados especialmente dotados de inteligência e moral. Há, sim, Espíritos que, mediante trabalho, esforço e luta, adquiriram reconhecida elevação e são, então, escolhidos para realizarem missões entre os homens.

Esses “eleitos”, nesse sentido, em todos os tempos, conduzem a Humanidade a um despertar, a um avanço, a uma renovação. Havendo, desse modo, avanço, muitas tribulações podem tornar-se desnecessárias. Eis o motivo porque “aqueles dias serão abreviados”.

Jerusalém, é certo, passou por seu tormento, e, devemos lembrar, ainda passa por algumas comoções; mas chegará o dia que todas essas agitações cessarão, todos os clamores desaparecerão, todas as vozes silenciarão... e, diga-se, não pela força, mas pelo Amor.

O ÚLTIMO JULGAMENTO

“Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono de sua glória. E serão reunidas em sua presença todas as razões e ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos bodes, e porá as ovelhas a sua direita e os bodes a sua esquerda. Então dirá o rei aos que estiverem a sua direita: ‘Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me’. Então os justos lhe responderão: ‘Senhor quando foi que te vimos com fome e te alimentamos, com sede e te demos de beber? Que não foi que te vimos forasteiro e te recolhemos ou nu e te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso e fomos te ver?’ Ao que lhes responderá o rei: ‘Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim fizestes’. Em seguida, dirá aos que estiverem a sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos. Porque tive fome e não me destes de comer tive sede e não me destes de beber. Fui forasteiro e não me recolhastes. Estive nu e não me vestistes, doente e preso e não me visitastes’. Então, também eles responderão: ‘Senhor quando é que te vimos com fome ou com sede, forasteiro ou nu, doente ou preso, e não te socorremos?’ E ele responderá com estas palavras: ‘Em verdade vos digo: todas às vezes que o deixastes de fazer a um desses mais pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer’. E irão estes para o castigo eterno enquanto os justos irão para a vida eterna.” (Mt 25:31-46).

Deste poema de eterna beleza, sobressai a verdadeira essência do Cristianismo.

Não, não é uma religião dogmática, onde se cruzam os braços diante de imposições de conceitos teológicos; mas, onde, sim, é usada a inteligência, porém, principalmente, os sentimentos mais nobres são aflorados.

Não é um conjunto interminável de observância a ritos e práticas externas, mas, sim, é um esforço sincero em direção a renovação... renovação verdadeira que demanda atos positivos de bondade e compreensão.

Não é a simples convivência assídua entre seus adeptos, em encontros regimentalmente observados; mas é a união verdadeira, fraternal, que gera auxílio mútuo e se expande a todos os “próximos”, como fez o samaritano.

Ser cristão é perseverar, diariamente, para seguir os ensinamentos preciosos do Mestre Jesus, fazendo com que a cada dia sejamos melhores do que no dia anterior. Grandes passos são estes!

Aos que buscarem o Bem, em todos os momentos, auxiliando cada “pequenino” que encontrar no caminho, um dirá Jesus: **“Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo.”**

QUESTÃO REFLEXIVA

Temos empregado, em nossa vida, todo o potencial de amar de que somos capazes, para acolher os “pequeninos”?

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém.
- Kardec, Allan - A Gênese - Ed. FEESP.
- Kardec, Allan - O Livro dos Espíritos - Ed. FEESP.
- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Ed. FEESP.
- Franco, Divaldo/Amélia Rodrigues - Ha Flores no Caminho.
- Franco, Divaldo/Amélia Rodrigues - Dias Venturosos.

11ª Aula - O Sermão Do Cenáculo e o Consolador Prometido

Parte A - O Sermão do Cenáculo

Quando sua hora já estava se aproximando, Jesus, antes da festa da Páscoa judaica (quando se comemorava a libertação do dos hebreus do cativeiro no Egito), reuniu-se com seus discípulos para a realização da ceia que ficaria eternizada como “A Última Ceia”.

Naquela ocasião, Jesus pronunciou seu último sermão aos discípulos: O Sermão do Cenáculo, eis que se denominava cenáculo a sala em que se comia a ceia ou o jantar.

O Mestre, nesse inesquecível episódio, anunciou aos discípulos a sua partida, pois a Lei das Escrituras tinha que ser cumprida. Falou-lhes, então, sobre a traição de Judas e sobre o caminho de martírio que deveria percorrer.

Mas, especialmente, notando o temor de seus discípulos, convocou-os a ter fé, a perseverar; falou-lhes sobre a missão que lhes cabia, sobre a vinda do Consolador...

Um dos momentos mais significativos da Última Ceia, não há dúvida, foi o lava-pés. Vejamos a narração contida no Evangelho de João:

O LAVA-PÉS

"Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim."

(..) "Chega, então, a Simão Pedro, que lhe diz: 'Senhor tu, lavar-me os pés?!' Respondeu-lhe Jesus: 'O que faço, não compreendes agora, mas o compreenderás mais tarde'. Disse-lhe Pedro: 'Jamais me lavarás os pés!' Jesus respondeu-lhe: 'Se eu não te lavar não terás parte comigo. Simão Pedro lhe disse: 'Senhor não apenas meus pés, mas também as mãos e a cabeça.' Jesus lhe disse: 'Quem se banhou não tem necessidade de se lavar; porque está inteiramente puro. Vós também estais puro, mas não todos. 'Ele sabia, com efeito, quem o entregaria; por isso, disse: 'Nem todos estais puros.'

Depois que lhes lavou os pés, retomou o manto, voltou à mesa e lhes disse: 'Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, pois eu o sou. Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor; vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais.

Em verdade, em verdade, vos digo: 'o servo não é maior do que o seu senhor nem o enviado maior do que quem o enviou. Se compreenderdes isso e o praticardes, felizes sereis.'." (Jo 13:1-17).

A Humanidade, em geral, tem uma dificuldade para entender grandes verdades. É que essas verdades são, por vezes, contrárias ao senso comum.

Se considerarmos o conjunto dos valores do mundo, notaremos que há uma tendência em atribuir demasiada importância, credibilidade, respeitabilidade aqueles que figuram em destaque na sociedade frente aos valores mundanos; aqueles que possuem títulos, que ocupam cargos, ou que possuem muitos bens materiais.

Essa circunstância é exatamente o fator determinante de tal crença, ou seja, de que os maiores seriam os melhores. Isto também era verdadeiro a época do Mestre.

No entanto, os ensinamentos de Jesus vieram para inverter essa ordem, essa crença infundada. Houve, na verdade, um empenho do Cristo em demonstrar o contrário pela exposição da Boa Nova e, principalmente, por sua exemplificação.

Nesta passagem, deixou-nos o Mestre a sublime demonstração de humildade, quando protagonizou o episódio do lava-pés. Remontando aquela época, podemos citar que o lava-pés era um costume habitual. Porém, cabia aos Servos lavar os pés de seus senhores e não o inverso.

Esse costume, como tantos outros, sempre privilegia os senhores, aqueles que exercem o poder transitório da Terra. É, pois, um hábito que exclui os mais simples, pois estes, em geral, sempre serão aqueles que devem servir.

Mas, como disse o Mestre: **"Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos."** (Mc 10:45).

A exemplificação de Jesus, repetimos, neste episódio, é a mais pura consolidação de seu ensino.

Os discípulos, no entanto, ou Pedro, em especial, simboliza a Humanidade em sua resistência a aceitação desse preceito, ou seja, que o maior é aquele que se faz menor.

Na obra "Boa Nova", lição 25, Humberto de Campos, pela psicografia de Francisco C. Xavier, narra a explicação do Mestre: *"Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou. Se eu, Senhor e Mestre, vos lavo os pés, deveis igualmente lavar os pés uns dos outros no caminho da vida, porque no Reino do Bem e da Verdade o maior será sempre aquele que se fez sinceramente o menor de todos."*

O ANÚNCIO DA TRAIÇÃO DE JUDAS E A DESPEDIDA

“Tendo dito isso, Jesus perturbou-se em seu espírito e declarou: ‘Em verdade, em verdade, vos digo: um de vos me entregará.’

Os discípulos entreolhavam-se, sem saber de quem falava. Estava à mesa, ao lado de Jesus, um de seus discípulos, aquele que Jesus amava. Simão Pedro faz-lhe, então, sinal e diz-lhe: ‘Pergunta-lhe quem é aquele de quem fala. ‘Ele, então, reclinando-se sobre o peito de Jesus, diz-lhe: ‘Quem é, Senhor?’ Responde Jesus: ‘É aquele a quem eu der o pão que umedecerei no molho.’ Tendo umedecido o pão, ele o toma e dá a Judas, filho de Simão Iscariotes. Depois do pão, entrou nele satanás. Jesus lhe diz: ‘Faze depressa o que estas fazendo. ‘Nenhum dos que estavam a mesa compreendeu porque lhe dissera isso. Como era Judas quem guardava a bolsa comum, alguns pensavam que Jesus lhe dissera: ‘Compra o necessário para a festa’, ou que desse algo aos pobres. Tomando, então, o pedaço de pão, Judas saiu imediatamente. Era noite.” (Jo 13:21-36).

Entre os judeus, era dominante a crença de que o Messias que deveria vir seria um líder guerreiro, um libertador político, enfim, alguém que usaria a força para por fim a dominação romana e estabelecer a “glória” do povo de Israel.

Judas, da mesma forma, mantinha essa esperança. Assim, podemos afirmar que ele não compreendeu a verdadeira essência da missão de Jesus.

Ao agir como agiu, teria, por isso, desejado a condenação de Jesus?

A esse questionamento, encontramos a resposta na mesma obra acima citada, lição 24, onde Humberto de Campos narra: *“A madrugada o encontrou decidido na embriaguez de seus sonhos ilusórios. Entregaria o Mestre aos homens do poder em troca de sua nomeação oficial para dirigir a atividade dos companheiros. Teria autoridade e privilégios políticos. Satisfaria as suas ambições, aparentemente justas, com o fim de organizar a vitória Cristã no seio de seu povo. Depois de atingir o alto cargo com que contava, libertaria Jesus e lhe dirigiria os dons espirituais, de modo a utilizá-los para a conversão de seus amigos e protetores prestigiosos.”*

Como vemos nessa narrativa, Judas, embora amasse Jesus, deixou-se levar pela cobiça e pelo desejo de poder. Por invigilância, como consta do relato, deixou-se ainda ser influenciado pela espiritualidade inferior.

É relevante notar que Jesus, quando se dirigiu a Judas, estava ciente de suas intenções, pois podia sondar-lhe a alma. Mas por que, então, não tentou impedi-lo?

Jesus, como constantemente repetiu, tinha vindo para cumprir a Lei. Como haviam previsto os antigos profetas, o Messias seria aquele que traria a mensagem redentora a Humanidade; porém, pela incompreensão dos Homens, seria por eles sacrificado. Assim, deixaria o exemplo indelével de renúncia e Amor incondicional por todos nós.

Para nós, desta narrativa, fica o ensinamento da necessidade de vigilância, em todos os momentos, para que não nos deixemos levar pelas nossas limitações e pelas influências negativas que nos cercam, mesmo quando nos propomos a trilhar o caminho do Bem.

EU SOU O CAMINHO A VERDADE E A VIDA

“Tomé lhe diz: ‘Senhor não sabemos aonde vais. Como podemos conhecer o caminho?’

Diz-lhe Jesus: ‘Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim. Se me conheceis, também conhecereis meu Pai. Desde agora o conheceis e o vistes.’” (Jo 14:5-7).

Esta afirmação de Jesus: **“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida.”**, está entre aquelas que se eternizaram através dos séculos, pois é uma síntese de sua doutrina, da natureza divina de sua mensagem e do propósito final. Com efeito, cada uma das palavras dessa afirmativa, contém todo um ensinamento. Vejamos:

O Caminho

O Espírito, bem sabemos, nasce simples e ignorante. Em sua jornada evolutiva há um impulso natural e constante ao aprendizado. Esse desejo de conhecer é, pois, o que anima a incansável busca do Espírito de se melhorar, de se aprimorar, tomando-o capaz de escolher a melhor trajetória para se evitar sofrimentos e aflições e alcançar a felicidade.

Na História da Humanidade, muitos foram os missionários enviados para nortear os Homens, resgatando-os da ignorância, e conduzindo-os para um caminho de sabedoria. No entanto, todos eles, em algum momento de suas missões, sentiram medo, hesitação, e, por vezes, equivocaram-se.

Em Jesus, encontramos o ápice desse ato de condução: condução amorosa, segura e exata para seguirmos rumo à plenitude.

A Verdade

Em nosso mundo temos um grandioso acervo, através de inúmeras obras, que nos trazem arte, cultura, ciência, filosofia e religiosidade. Especialmente em relação à religiosidade, são muitos os livros chamados sagrados.

Contudo, como a Humanidade é um constante avançar, esse conhecimento vai sendo depurado, aprimorado; vai se mantendo a essência divina e se extraindo as impropriedades, os desvios acrescentados pela natureza humana.

O ensino moral de Jesus, como afirma Kardec na Introdução de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", permanece inatacável, e prossegue: *"É o terreno em que todos os cultos podem encontrar-se, a bandeira sob a qual todos podem abrigar-se, por mais diferentes que sejam as suas crenças. Porque nunca foi objeto de disputas religiosas, sempre e por toda parte provocadas pelos dogmas."*

A Vida

Aqui na Terra, muito grande ainda é o apego às coisas materiais, as paixões humanas. Essa condição, quando ao extremo, leva o Ser à "cegueira" para a verdadeira vida.

Essa circunstância de "não ver", de "não ouvir", é, justamente, o que impede, temporariamente, o Homem de perceber suas potencialidades e se libertar do casulo da ignorância. Por isso, figuradamente falando, essa condição assemelha-se a morte: morte espiritual.

Jesus é Vida. Jesus é o Médico das Almas, eis que seus ensinamentos, seus exemplos, vêm despertar-nos do entorpecimento, da inação, do comodismo, para a plenitude da Vida.

SE ALGUEM ME AMA, GUARDARÁ MINHA PALAVRA

"Judas - não Iscariotes - lhe diz: 'Senhor por que te manifestarás a nós e não ao mundo?'

Respondeu-lhe Jesus: 'Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada. Quem não me ama não guarda minhas palavras; e minha palavra não é minha, mas do Pai que me enviou.'" (Jo 14:22-24).

Jesus, reiteradamente, dizia: *"os que tiverem ouvido de ouvir ouçam."*

Notamos que Judas Tadeu, neste trecho, surpreende-se por Jesus fazer a eles revelações que não faria ao povo em geral. Nem todos estão prontos; para certos conhecimentos. Lembremos à máxima: "Quando o discípulo está pronto, o Mestre aparece." Os discípulos estavam prontos para a missão que lhes competia.

No Sermão do Cenáculo, Jesus fez muitas revelações que, repetimos, nem todos estavam preparados para ouvir. Mas, ao mesmo tempo, trouxe lições sublimes de perseverança, de fé, e, especialmente, do Amor incondicional.

O amor por Jesus traduz-se pela nossa perseverança em seguir os seus ensinamentos, ou seja, guardando a sua palavra, que representa a Lei Divina.

QUESTÃO REFLEXIVA

Comente a afirmação de Jesus: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida".

Parte B - O Consolador Prometido

O ANÚNCIO DA VINDA DO CONSOLADOR

"Se me amais, observareis meus mandamentos, e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito, para que convosco permaneça para sempre, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher porque não o vê nem o conhece. Vós o conheceis, porque permanece convosco. Não vos deixarei órfãos. Eu virei a vós." (Jo 14:15-18).

"Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que vos disse." (Jo 14:26).

No Sermão do Cenáculo, Jesus prometeu aos seus discípulos a vinda do Consolador.

Podemos observar, no entanto, que o Mestre exortou-os a observação de seus mandamentos para, então, rogar ao Pai que lhes enviasse o Paráclito.

Estando os discípulos temerosos com as palavras de Jesus, consola-os ainda o Mestre dizendo: *“Não vos deixarei órfãos.”*

Refletindo sobre a promessa de Jesus, podemos indagar: Por que o Mestre anunciou que o Consolador não poderia ser “acolhido” naquele momento?

Como bem sabemos, a Humanidade passa por diferentes fases. Assim, figuradamente falando, começou na sua infância e caminha até atingir a sua maturidade. Essa maturidade será alcançada quando os Homens aplicarem sua capacidade intelectual, observando todos os princípios da Moral ensinada pelo Cristo.

Quando, então, observamos essa evolução, veremos que no passado distante predominava a barbárie e a selvageria. Mesmo na época dos antigos profetas hebreus, os costumes eram rudes e vigorava a “Lei do Olho por Olho”. Por isso, Moisés, que trouxe a Primeira Revelação, agia, muitas vezes, com severidade.

Houve, pois, necessidade de um grande avanço até que chegasse o momento propício para o advento do Cristo, que trouxe a Segunda Revelação.

Deste processo evolutivo, emerge um princípio: todo novo conhecimento exige uma base anterior que o fundamente, e certa receptividade para que haja aceitação.

Jesus trouxe muitos ensinamentos, mas muitas explicações ficariam para um momento futuro. Como podemos ver no Evangelho de João cap. 16, versículo 12: *“Tenho ainda muito que vos dizer, mas não podeis agora suportar.”*

Não era próprio aquele momento. Apenas no futuro seriam ensinadas todas as coisas e recordado tudo o que já havia sido dito. Ensinar todas as coisas, pois, repetimos, todo novo ensinamento exige uma base anterior. Mas por que recordar tudo o que já havia sido dito?

É que Jesus sabia que seus ensinamentos seriam deturpados que as paixões humanas ainda predominariam; que a ânsia de poder sobrepor-se-ia, por vezes, ao seu Evangelho de Luz. Após 18 séculos da promessa do Mestre, veio o Consolador...

A VINDA DO PARÁCLITO

“No entanto, eu vos digo a verdade, é de vosso interesse que eu parta, pois, se não for o Paráclito não virá a vós. Mas se for; enviá-lo-ei a vos.” (Jo 16:7).

“Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos guiará na verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras.” (Jo 16: 13).

O advento da Doutrina Espírita veio dar cumprimento a promessa do Cristo, pois é o Consolador Prometido.

Conforme se encontra na obra “Espiritismo de A a Z”, o Espírito de Verdade é: “uma plêiade de Espíritos”, e não, como se poderia pensar, apenas um Espírito.

O Paráclito ou Espírito de Verdade, diz Kardec, no cap. VI, item 4, de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, é quem preside o restabelecimento da Doutrina Espírita.

As impregnações dogmáticas que haviam sido incorporadas ao Cristianismo fizeram que, no século do positivismo, o materialismo se expandisse de tal maneira que afastaria o Homem racional da Igreja, pois o que ela pregava transbordava incoerência e contradizia a razão.

Então, exatamente nesse século de predominância do materialismo na Europa, é chegada à hora do advento do Espiritismo, pois ocorria uma verdadeira revolução no conhecimento científico.

Na antiguidade, claro, houve muitos iluminados, mas o conhecimento era, como sempre lembra Kardec, hermético, fechado, limitado a poucos que podiam compreender.

Mas, no século do positivismo, diz comumente Kardec, a Humanidade já estava pronta para receber em larga escala, com grande estrondo, a divulgação da Doutrina Espírita, pois o alicerce já estava preparado.

Então não era apenas a França que estava preparada, mas a manifestação dos Espíritos, no século dezanove, foi generalizada, em diversas partes do mundo, no México, nos Estados Unidos, na Argélia, na Rússia, etc. ...

E esse caráter de universalidade é, justamente - como sempre ressalta Kardec - o que confere maior credibilidade, veracidade as revelações, pois da análise das inúmeras comunicações obtidas, nas mais diversas partes do mundo, constata-se que as verdades reveladas são as mesmas, obtidas nos grandes ou pequenos centros, de médiuns altamente intelectualizados, ou mesmo de médiuns analfabetos. Uma grande unidade em todo o ensinamento espírita podia ser observada.

E, especialmente, há que se ressaltar, toda a revelação espírita era coerente com a mensagem do Cristo. Muitas das lições que foram apresentadas em palavras figuradas, agora eram trazidas com todas as letras. Vemos que nenhuma nova moral foi trazida, pois os princípios morais do Espiritismo são os mesmos princípios morais de Jesus.

No mesmo capítulo acima citado, de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, item 4, o codificador, discorrendo sobre o advento da Doutrina Espírita, sintetiza: *“Ele chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas, fazendo compreender o que o Cristo só disse em parábolas. O Cristo disse: ‘que ouçam os que têm ouvidos para ouvir’. O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porque ele fala sem figuras e alegorias. Levanta o véu propositadamente lançado sobre certos mistérios, e vem, por fim, trazer uma suprema consolação aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, ao dar uma causa justa e um objetivo útil a todas as dores.”*

Portanto, o Espiritismo veio explicar quem somos nós, de onde viemos e para onde vamos; veio ensinar que somos Espíritos imortais, destinados a felicidade eterna; veio demonstrar que Deus é soberanamente Justo e Bom; e que todas as coisas que nos pareciam injustas têm uma razão de ser.

Eis o Consolador prometido!

A ORAÇÃO DE JESUS POR SEUS DISCÍPULOS

“Assim falou Jesus, e, erguendo os olhos ao céu, disse: ‘Pai, chegou a hora.’ Glorifica teu Filho, para que teu Filho te glorifique, e que, pelo poder que lhe deste sobre toda carne, ele dá a vida eterna a todos os que lhe deste!

Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo.

Eu te glorifiquei na terra, concluí a obra que me encarregaste de realizar.

(...) Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste. Eram teus e os deste a mim e eles guardaram tua palavra.

(...) Já não estou no mundo; mas eles permanecem no mundo e eu volto a ti.

(...) Eu lhes dei tua palavra, mas o mundo os odiou porque não são do mundo, como eu não sou do mundo.

(...) Não rogo somente por eles, mas pelos que, por meio de sua palavra crerão em mim: a fim de que todos sejam um.

Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tudo me enviaste.

(...) Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver; também eles estejam comigo, para que contemplem minha glória, que me deste, porque me amaste antes da fundação do mundo.

(...) Eu lhes dei a conhecer o teu nome e lhes darei a conhecê-lo a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles. (Jo 17:1-26).

Voltemos aos últimos instantes daquela noite inesquecível no Cenáculo. Jesus está com seus discípulos. Eles estão apreensivos; podem pressentir o desfecho culminante que se aproxima.

Os discípulos aguardavam. Embora ansiosos, ainda estavam enlevados, maravilhados com a sublime demonstração de humildade protagonizada pelo Mestre: o lava-pés. Jesus, que havia se feito o menor, era, por isso, em absoluto, o maior.

Nesse instante, o Mestre dirige-se ao Pai Criador e faz uma fervorosa prece. Suas palavras, proferidas naquele momento inolvidável, soariam, eternamente, como um canto de rara beleza.

O Cristo havia cumprido plenamente sua missão: ***“Eu te glorifiquei na terra, concluí a obra que me encarregaste de realizar.”***

Todos os atos de Jesus representam a mais pura virtude. Não houve hesitações, não houve dúvidas, não houve palavras desperdiçadas, não houve ocasiões perdidas para exemplificar o Amor maior. Todos os seus passos

refletem o compromisso absoluto com sua missão; todos os seus ensinamentos representam a perfeita Moral; todo o seu testemunho reflete a Lei Divina.

Mas no mundo havia, e ainda há, muita ignorância. Essa condição de ignorância faz com que as pessoas afastem-se do verdadeiro caminho, faz com que, temporariamente, reneguem as potencialidades da alma: potencialidade de “ver” mais, de “ouvir” mais, de buscar a ligação com Deus.

Enquanto se encontra nessas “trevas”, o Ser, ao ouvir falar sobre o caminho do Bem, ouvir falar sobre a verdadeira grandeza, sobre a Lei do Amor, ele renegará a Verdade, e, por vezes, odiará aqueles que a anunciam.

Por isso disse Jesus: “Eu lhes dei tua palavra, mas o mundo os odiou porque não são do mundo, como eu não sou do mundo.”

Jesus, entre os Homens frios, entre aqueles que tinham a aparência de “santo”, mas o coração petrificado pelo egoísmo, pelo orgulho e pela vaidade, entre aqueles que queriam manter seus privilégios através da ignorância do povo, entre esses Jesus foi odiado. Foi odiado porque não pertencia a esse mundo: mundo de iniquidade, mundo de falsos valores, mundo de ignorância.

Assim como o Mestre, seus fiéis discípulos seriam odiados por aqueles que cultivavam os valores desse mundo das coisas materiais. Seriam também perseguidos, seriam, por muitos, objeto de desprezo, de ironia, de indiferença.

No entanto, ao mesmo tempo, seriam ouvidos por tantos outros; seriam acolhidos por todos aqueles que estivessem cansados de seus fardos, cansados da iniquidade, cansados da vida mundana; seriam ouvidos por todos aqueles que estavam desejosos de aprender e crescer, desejosos de se libertar pela verdade.

Jesus era, pois, do “mundo” dos valores espirituais, onde as Leis Divinas reinam de forma soberana, absoluta, onde apenas o Bem vence.

Mas Jesus era o Mestre maior, e, mesmo diante de toda a ignorância dos Homens, a todos perdoou. Seu Amor infinito é capaz de envolver a todos nós. Um dia, toda a Humanidade o ouvirá, e, então, todos seremos como “Um”. Por isso disse: *“Não rogo somente por eles, mas pelos que, por meio de sua palavra creem em mim: a fim de que todos sejam um.”*

Quando todos forem capazes de encontrar a Luz, forem capazes de reconhecer no Evangelho de Jesus a mais sublime canção sobre a Verdade e a Eternidade, então todos nos seremos “Um”, eis que seremos movidos apenas pela Lei do Amor, e reinará a amizade, a fraternidade, a caridade universal. O Mal será erradicado, extinto, aqui da Terra, e não mais haverá a multidão de aflitos, de crianças abandonadas, de idosos desamparados, de famintos sem nem um pedaço de pão. Todos esses males, essas aflições, desaparecerão.

Todos nos seremos “Um” e poderemos, nesse grande dia, com a Humanidade renovada, ouvir juntos a Voz do sublime Pastor.

Que possamos, cada um de nós, tomar parte na expansão do Evangelho, através de nossa palavra, anunciando a Boa Nova, e principalmente, exemplificando como Jesus nos ensinou.

QUESTÃO REFLEXIVA:

O que podemos fazer para divulgar ainda mais o Evangelho de Jesus, para que, um dia, todos nós sejamos “Um”?

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém.
- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Ed. FEESP
- Xavier, Francisco C./Humberto de Campos - Boa Nova.
- Espiritismo de A a Z - Ed. FEB.
- Franco, Divaldo P./Amélia Rodrigues - Sou Eu.

12ª Aula - Desfecho Da Missão Planetária De Jesus

Parte A – A Prisão e a Crucificação de Jesus

PRISÃO DE JESUS

“Tendo dito isso, Jesus foi com seus discípulos para o outro lado da torrente do Cedron. Havia ali um jardim, onde Jesus entrou esse com seus discípulos. Ora, Judas, que o traía, conhecia também esse lugar porque, frequentemente, Jesus e seus discípulos ai se reuniam. Judas, então, levando a coorte e guardas destacados pelos chefes dos sacerdotes e pelos fariseus, ai chega, com lanternas archotes e armas. Sabendo Jesus tudo que lhe aconteceria adiantou-se e lhes disse: ‘A quem procurais?’ Responderam: ‘Jesus o Nazareu’. Disse-lhes: ‘Sou eu’. Judas, que o traía, estava também com eles. Quando Jesus lhes disse: ‘Sou eu’, recuaram e caíram por terra. Perguntou-lhes, então, novamente: ‘A quem procurais?’ Disseram: ‘Jesus, o Nazareu’. Jesus respondeu: ‘Eu vos disse que sou eu. Se, então, é a mim que procurais, deixai que estes se retirem a fim de se realizar a palavra que diz: Não perdi nenhum dos que me deste. Então, Simão Pedro que trazia uma espada, tirou-a, feriu o servo do Sumo Sacerdote a quem decepou a orelha direita. O nome do servo era Malco. Jesus disse a Pedro: ‘Embainha a tua espada. Deixarei eu de beber o cálice que o Pai me deu?’.” (Jo 18:1-11).

Neste momento culminante, Jesus mostra sua verdadeira realeza: nem um Segundo sequer de medo, de dúvida, de hesitação, mas, ao contrário, a mais plena convicção, a serenidade absoluta, a sublimidade de sentimentos, a compaixão incondicional pelos agressores.

O Mestre, não obstante sua condição infinitamente superior, entrega-se, sem resistências; deixa-se conduzir docilmente a prisão. Em Jesus, encontramos o exemplo máximo da moral superior, da renúncia sem limites, da demonstração do Amor incondicional.

Refletindo sobre a passagem acima transcrita, constatamos que muitos são os pontos marcantes em que podemos fixar-nos. Vejamos a seguinte afirmação de Jesus: “Sou eu”, os soldados “recuaram e caíram por terra.”

Ora, vemos que os captores, aqueles que o perseguiram para prendê-lo, eram compostos por guardas destacados pelos chefes dos sacerdotes e pelos fariseus, além de uma coorte, que era um destacamento da guarnição romana em Jerusalém.

Então, por que eles recuaram e caíram por terra?! Com certeza, pela condição inigualável de Jesus. Sua presença única: firme, mas, ao mesmo tempo, dócil; olhos que refletiam a mais íntegra dignidade, uma natural superioridade, e, ao mesmo tempo, a simplicidade e a compassividade que refletia um Amor indescritível. Eis a palavra:

Os guardas tremeram, hesitaram, como muitas vezes antes já o haviam feito. Recordemos, por exemplo, uma passagem contida em João, cap. 7, versículo 45: “Os guardas, então, voltaram aos chefes dos sacerdotes e aos fariseus e estes lhes perguntaram: “Por que não o trouxestes?” Responderam os guardas: “Jamais um homem falou assim!”

Neste formidável relato, marcado pela espontaneidade dos guardas, notamos quão impressionados ficaram eles após terem ouvido Jesus. Tinham ido para, cruelmente, prendê-lo; mas, surpreendentemente, foram tocados no coração pela mensagem sublime do Mestre, e, aos seus chefes, absolutamente perplexos, justificavam: “**Jamais um homem falou assim!**”

Mas, então, era chegada a hora. Assim, mesmo após o impacto da afirmação de Jesus “Sou eu”, os soldados logo se recompuseram.

Ao se aproximarem os soldados de Jesus, no entanto, Pedro, que muito amava o Mestre, mas, de certa forma, não entendendo o caráter absolutamente pacífico da missão de Jesus, desembainha sua espada e decepa a orelha do soldado Malco. Jesus, então, como vemos em Mateus, cap. 26, versículo 52, exorta-o: “**Guarda tua espada no seu lugar, pois todos os que pegam a espada pela espada perecerão.**” E em Lucas, cap. 22, versículo 51, temos: “**Deixai! Basta! E tocando-lhe a orelha curou-o.**”

Com a prisão do Mestre, os discípulos fogem, como vemos em Marcos, cap. 14, versículo 5: “Então, abandonando, fugiram todos.”, mas, notemos, assim pediu o Mestre: “Se, então, é a mim que procurais, deixai que estes se retirem, a fim de se realizar a palavra que diz: Não perdi nenhum dos que me deste”. E em Mateus, cap. 27, versículos 3 a 5, encontramos o fim trágico de Judas Iscariotes:

“Então, Judas, que entregara, vendo que Jesus fora condenado, sentiu remorsos e veio devolver aos chefes dos sacerdotes e aos anciãos as trinta moedas de prata, dizendo: ‘Pequei, entregando sangue inocente’. Mas estes

responderam: ‘Que temos nós com isso? O problema é teu’. Ele, atirando as moedas no Templo, retirou-se e foi enforçar-se.”

Nesta narrativa de Mateus, vemos que Judas, em que pese seu ato infamante de entregar Jesus, tal foi seu remorso, que tirou sua própria vida. Seu desejo, como já falamos em aula anterior, não era o de ver a condenação de Jesus a morte.

A nós Espíritas, que buscamos desenvolver o Amor incondicional ensinado por Jesus, cabe-nos apenas compreender tal ato como decorrente da natural fraqueza humana, a que todos podem incorrer ou já incorreram no passado longínquo.

Jesus, o Mestre incomparável, no episódio de sua prisão, mostra-nos o verdadeiro Amor, pois, mesmo aos seus perseguidores, de nada se queixou; ao contrário, foi-lhes fraternal, solidário e, ao soldado ferido, ofereceu-lhe a cura.

JESUS DIANTE DE PILATOS

“Então de Caifás conduziram Jesus ao pretório. Era de manhã. Eles não entraram no pretório para não se contaminarem e poderem comer a Páscoa. Pilatos, então, saiu para a fora ao encontro deles e disse: ‘Que acusação trazeis contra este homem?’ Responderam-lhe: ‘Se não fosse mau feitor; não entregaríamos a ti’. Disse-lhes Pilatos: ‘Tomai-o vós mesmos, e julgai-o conforme vossa Lei.’ Disseram-lhe os judeus: ‘Não nos é permitido condenar ninguém a morte’, a fim de se cumprir a palavra de Jesus, com a qual indicara de que morte deveria morrer.

Então Pilatos entrou novamente no pretório, chamou Jesus e lhe disse: ‘Tu és rei dos judeus?’ Jesus lhe respondeu: ‘Falas assim por ti mesmo ou outros te disseram isso de mim?’ Respondeu Pilatos: ‘Sou, por acaso, judeu? Teu povo e os chefes dos sacerdotes entregaram-te a mim. Que fizeste?’ Jesus respondeu: ‘Meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse desse mundo, meus súditos teriam combatido para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas meu reino não é daqui’.” (Jo 18:28-40).

Como fazer para condenar um justo? Eis que Jesus era o justo, por excelência! De que, então, poderiam acusá-lo?

Seus acusadores, não tendo motivo real para acusá-lo, buscavam um artifício vil e pérfido para condená-lo, como vemos em Mateus, cap. 26, versículos 59 e 6, quando Jesus encontrava-se diante do Sumo Sacerdote Caifás: **“Ora, os chefes dos sacerdotes e todo Sinédrio procuravam um falso testemunho contra Jesus, a fim de matá-lo, mas nada encontraram, embora se apresentassem muitas falsas testemunhas.”** (grifo nosso).

Naquela noite fatídica, vemos aflorar todo ódio mortal que os sacerdotes tinham por Jesus. Estavam decididos a tudo fazer para condená-lo. Queriam a pena capital. Mas o Sinédrio não tinha tal autoridade: condenar alguém a morte; então foram até Pilatos, o governador que representava o Império Romano.

Pilatos, podemos ver de forma uniforme nos Evangelhos, demonstra resistência à condenação de Jesus. Em Lucas, cap. 23, versículo 4, encontramos-lo dizendo: **“Não encontro nesse homem motivo algum de condenação.”**, e no versículo 22: **“Que mal fez esse homem?”**

A mulher de Pilatos, lembremos, já o havia advertido, como narra Mateus, no cap. 27, versículo 19: **“Enquanto estava sentado no tribunal, sua mulher lhe mandou dizer: ‘Não te envolvas com esse justo, porque muito sofri hoje em sonho por causa dele’.”**

Pilatos, ainda tenta outro recurso. Durante aquele período de festa, era costume o governador soltar um prisioneiro que a multidão solicitasse, e, por acaso, havia um prisioneiro chamado Barrabás, condenado por motim e homicídio. (Lc 23: 19).

Seria uma tendência lógica - podemos nos imaginar - que optariam pela manutenção da prisão do bandido homicida e pediriam para soltar Jesus, o justo. Pilatos, então, perguntou: **“Quem quereis que vos solte, Barrabás ou Jesus, que chamam Cristo?”** (Mt 27:17).

Ouviu-se, então, naquele momento de insanidade, apenas o brado vociferante da multidão ensandecida: **“Morra esse homem! Solta-nos Barrabás!”** (Lc 23:18).

Pilatos, então, não querendo comprometer-se - descreve Mateus no cap. 27, versículo 24:

“Vindo Pilatos que nada conseguia, mas, ao contrário, a desordem aumentava, pegou água e, lavando as mãos na presença da multidão, disse: ‘Estou inocente desse sangue. A responsabilidade é vossa.’”

De todo o episódio da prisão de Jesus, extraímos profundos ensinamentos. Um dos mais marcantes é a resposta do Mestre a Pilatos: **“Meu reino não é deste mundo.”**, diz-lhe Jesus. O reino de Pilatos, ou mesmo dos sacerdotes, sabemos, é o reino deste mundo, dessa forma, transitório, inconstante, sujeito as vicissitudes e aos caprichos e as paixões humanas. O Reino de Jesus é de origem divina, constante e eterno, pois representa a Lei de Deus.

Na obra “Dias Venturosos”, pela psicografia de Divaldo Franco, a autora Amélia Rodrigues, na mensagem nº 21: “Reino de Luz”, explica que há dois reinos e expõe: “Não podiam compreender Jesus e seu reino, esses indivíduos; reino que é destituído de características externas, que não promove ruídos nem agita bandeiras que tremulam sob cadáveres nos Campos bélicos da Terra. Os seus reinos se fixam sobre ruínas e são cobertos de sombras. O reino de Jesus se levanta nas terras aliás do bem e é vestido de luz. Os reinos do mundo são feitos de esplendor rápido e decadência demorada. O reino de Jesus é erguido vagarosamente e esplende para sempre. O reino terrestre muda de comando, e de Jesus permanece sob sua governança.”

CRUCIFICAÇÃO E SEPULTAMENTO

“E ele saiu, carregando sua cruz, e chegou ao chamado lugar da Caveira’ - em hebraico chamado Gólgota - onde crucificaram: e, com ele, dois outros: um de cada lado e Jesus no meio. Pilatos redigiu também um letrado e o fez colocar sob a cruz; nele estava escrito: ‘Jesus Nazareu, rei dos judeus’. Esse letrado, muitos judeus o levaram, porque lugar onde Jesus fora crucificado era próximo da cidade; e estava escrito em hebraico, latim e grego.

Disseram então a Pilatos os chefes dos sacerdotes dos judeus: ‘Não escrevas: ‘O rei dos judeus’, mas: ‘Este homem disse: ‘Eu sou o rei dos judeus’. ‘Pilatos respondeu: ‘O que escrevi, escrevi.’.” (Jo 19:17-22).

“Depois, José de Arimatéia, que era discípulo de Jesus, mas secretamente, por medo dos judeus, pediu a Pilatos que lhe permitisse retirar corpo de Jesus. Pilatos o permitiu. Vieram, então, e retiraram seu corpo. Nicodemos, aquele que anteriormente procurara Jesus a noite, também veio, trazendo cerca de cem libras de uma mistura de mirra e aloés. Eles tomaram então o corpo de Jesus e o envolveram em faixas de linho com os aromas, como os judeus costumam sepultar. Havia um jardim, no lugar onde ele fora crucificado e, no jardim, um sepulcro novo, no qual ninguém fora ainda colocado. Ali, então, por causa da preparação dos judeus e porque sepulcro estava próximo, eles depuseram Jesus.” (Jo 19:38-42).

Como estava escrito, Jesus, pela crueldade sem limite dos homens, foi levado a cruz. Que fizera o Mestre para merecer tal infamante condenação?

Jesus, o Mestre incomparável, foi aquele que trazia a luz; aos fracos e oprimidos, trouxe-lhes ânimo para que se levantassem e perseverassem até o fim; aos desesperados e aflitos, trouxe-lhes esperança; aos sobrecarregados e cansados, trouxe-lhes encorajamento para que suportassem seus fardos; aos condenados e acusados pelos homens preconceituosos, deu-lhes o amparo. Em todos os momentos, sua ação foi caridosa, compassiva, amorosa.

Como, então, puderam os Homens condená-lo? Pela dureza de seus corações; pelo desejo insaciável de poder, hegemonia, dominação; pela ganância incontrolável por todas as más paixões que afastam o Homem do Criador.

Para aqueles que o condenaram, restariam seus templos de pedra, recheados com metais preciosos, belos aos olhos, mas gélidos aos corações; restaria, quando despertassem, a culpa dolorosa por rejeitar aquele que era o Bom Pastor; restaria remorso imensurável e dilacerante por condenar aquele que veio em nome de Deus.

Da obra “Maria, Mãe de Jesus”, organizado por Edison Carneiro, com textos e comunicações recebidas por Francisco C. Xavier e Yvonne A. Pereira, extraímos uma reflexão de Maria, no tópico “No Calvário”, nesses momentos finais: *“Sim... Jesus era seu filho, todavia, antes de tudo, era Mensageiro de Deus. Ela possuía desejos humanos, mas o Supremo Senhor guardava eternos e insondáveis desígnios o carinho materno poderia sofrer, contudo, a Vontade Celeste regozijava-se. Poderia haver lágrimas em seus olhos, mas brilhariam festas de vitória no Reino de Deus. Suplicara aparentemente em vão, porquanto, certo, o Todo-Poderoso atendera-lhe os rogos, não segundo os seus anseios de mãe e sim de acordo com os seus planos divinos! ... ”*

QUESTÃO REFLEXIVA:

O que representa, para nós, o grandioso exemplo de Jesus de não reagir à violência e perdoar seus agressores?

Parte B - Aparições de Jesus Após a Morte

AS APARIÇÕES A LUZ DO ESPIRITISMO

Na antiguidade, muitos fenômenos - que hoje são plenamente explicados pela Doutrina Espírita - eram considerados maravilhosos, sobrenaturais. Acreditava-se que Deus, por Sua Vontade, estaria revogando, alterando Suas Leis.

O Espiritismo vem, verdadeiramente, trazer luz a uma série de fenômenos, arrancando-os do domínio do maravilhoso e do sobrenatural, demonstrando que eles são regidos por leis que podem ser constatadas pela observação metódica e científica.

As aparições, em especial, são não há dúvida, uma das que mais causam impressão aos indivíduos. Kardec, em “O Livro dos Médiuns”, 2ª parte, cap. VI, item 1, inicia afirmando: *“De todas as manifestações espíritas, as mais interessantes são sem dúvida aquelas pelas quais os Espíritos podem se tornar visíveis.”*

A chave para a compreensão desse fenômeno foi à constatação da existência do corpo semimaterial o perispírito. No item 15 do mesmo capítulo acima citado, expõe Kardec: *“O perispírito, por sua própria natureza, é invisível no estado normal. Isso é comum a uma infinidade de fluidos que sabemos existirem e que jamais vimos. Mas ele pode também, à semelhança de certos fluidos, passar por modificações que tornem visível, seja por uma espécie de condensação ou por uma mudança em suas disposições moleculares, e é então que nos aparece de maneira vaporosa. A condensação pode chegar ao ponto de dar ao perispírito as propriedades de um corpo sólido e tangível, mas que pode instantaneamente voltar ao seu estado etéreo e invisível. (É necessário não tomar ao pé da letra a palavra condensação, pois só a empregamos por falta de outra e como simples recurso de comparação.)”*

Como podemos ver por essa clara elucidação, nada há de inverossímil em muitas das aparições que são narradas em todos os tempos, pois se tem aqui uma explicação absolutamente esclarecedora.

As aparições de Jesus, lembra o codificador em “A Gênese”, no cap. XV item 61, que: “são relatadas por todos os evangelistas com detalhes circunstanciados que não permitem duvidar da realidade do fato.”

Ainda poderíamos perguntar:

Se Jesus já havia deixado todo seu ensinamento moral aos Homens, por que, então, houve sua aparição?

Vejamos o item 1, subitem 5a, de “O Livro dos Médiuns”:

P. Qual o objetivo dos Espíritos que aparecem com boa intenção?

R. Consolar os que lamentam a sua partida; provar-lhes que continuam a existir e estão perto deles; dar conselhos e, algumas vezes, pedir assistência para si mesmos.

Nesta resposta dos Espíritos, encontramos uma perfeita síntese da finalidade maior das aparições.

Jesus, com exceção da última parte: “pedir assistência”, eis que era ele que sempre assistia, em relação aos demais pontos: “consolar”, “provar que continuava a existir” e “dar conselhos”, atuou plenamente nesse sentido, como veremos adiante.

APARIÇÃO A MARIA MADALENA

“Maria estava junto ao sepulcro, de fora, chorando. Enquanto chorava, inclinou-se para interior do sepulcro e viu dois anjos, vestidos de branco, sentados no lugar onde corpo de Jesus fora colocado, um na cabeceira e outro aos pés. Disseram-lhe então: ‘Mulher por que choras?’ Ela lhes diz: ‘Porque levaram meu Senhor e não sei onde puseram!’ Dizendo isso, voltou-se e viu Jesus de pé. Mas não sabia que era Jesus. Jesus lhe diz: ‘Mulher por que choras? A quem procuras?’ Pensando ser jardineiro, ela lhe diz: ‘Senhor se foste tu que levaste, dize-me onde puseste e eu irei buscar!’ Diz-lhe Jesus: ‘Maria!’ Voltando-se, ela diz em hebraico: ‘Rabbuni!’, que quer dizer ‘Mestre’. Jesus lhe diz: ‘Não me toques, pois ainda não subi ao Pai. Vai, porém, aos meus irmãos, e dize-lhes: Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus.’ Maria Madalena foi anunciar aos discípulos.’ ‘Vi o Senhor’, e as coisas que ele lhe disse.” (Jo 2:11-18).

Jesus tinha que trilhar o caminho dos mártires, assim estava escrito nas antigas profecias; a Lei tinha que ser cumprida.

Aos seus discípulos, disse o Mestre, expressamente, que retomaria no terceiro dia, como previram os profetas.

Mas a natureza humana, muitas vezes, deixa-se abater com facilidade. Pelas narrativas evangélicas, vemos nos discípulos todo um pesar, uma tristeza sem fim, uma lamentação inconsolável.

Na obra “Há Flores no Caminho”, psicografado por Divaldo Franco, Amélia Rodrigues, na mensagem nº. 24, “Amanhecer da Ressurreição”, descreve: “As sombras que mantinham os discípulos em amargura, defluíam do remorso, da mágoa, da dor ante espetáculo inesperado, que culminara na tragédia do Gólgota.

Vencidos aqueles momentos rudes, atordoantes, insinuaram-se-lhes e neles se agasalharam as angustias e os arrependimentos...

Subitamente perceberam imensa, a falta impreenchível que Mestre lhes deixara nos sentimentos.”

O Mestre havia partido. Parece que eles haviam esquecido suas palavras, quando afirmou que voltaria.

Maria Madalena, aquela que, dentre os discípulos de Jesus, é um dos maiores exemplos de renovação, de mudança de valores, havia acolhido integralmente a mensagem de Jesus.

Naquela manhã pesarosa, Maria Madalena estava como os demais, sentindo a dor inconsolável da partida do Mestre, seria a primeira a vê-lo ressurgir.

Há verdadeira beleza na narrativa de seu reencontro com o Mestre, quando ele lhe diz: “Mulher, por que choras?”, e ela, em seu lamento, responde: “Porque levaram meu Senhor...”; e na felicidade indizível ao reconhecê-lo e exclamar “Rabbuni!” (conforme nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém “Rabbuni” é um tratamento mais solene do que Rabi).

Na obra “Maria, Mãe de Jesus”, encontramos estas palavras: “... Maria julgou a princípio que via o jardineiro. Antes da certeza, a perquirição da mente precedendo a consolidação da fé. Embriagada de júbilo, a convertida de Magdala transmite a boa nova aos discípulos confundidos. Os olhos sombrios de quase todos se enchem de novo brilho.”

APARIÇÃO AOS DISCÍPULOS

“A tarde desse mesmo dia, primeiro da semana, estando fechadas as portas onde se achavam os discípulos, por medo dos judeus, Jesus veio e, pondo-se no meio deles, lhes disse: ‘A paz esteja convosco!’ Tendo dito isso, mostrou-lhes as mãos e lado. Os discípulos, então, ficaram cheios de alegria por verem Senhor: Ele lhes disse de novo: ‘À paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, também eu vos envio.’ (...)

Um dos Doze, Tomé, chamado Dídimo, não estava com eles, quando veio Jesus. Os outros discípulos, então, lhe disseram: ‘Vimos o Senhor!’ Mas ele lhes disse: ‘Se eu não vir em suas mãos lugar dos cravos e se não puser meu dedo no lugar dos cravos e minha mão no seu lado, não creerei’. Oito dias depois, achavam-se os discípulos, de novo, dentro de casa, e Tomé com eles. Jesus veio, estando a portas fechadas, pôs-se no meio deles e disse: ‘A paz esteja convosco!’ Disse depois a Tomé: ‘Põe teu dedo aqui e vê minhas mãos! Estende tua mão e põe-na no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê!’ Respondeu-lhe Tomé: ‘Meu Senhor e meu Deus!’ Jesus lhe disse: ‘Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram!’” (Jo 2: 19-29).

Confusos, atordoados, os discípulos encontravam-se refugiados. A multidão que pedira a morte de Jesus estava descontrolada, a cidade estava alvoroçada, tensa. Os discípulos temiam por sua vida.

Qual não foi a alegria que eles sentiram ao verem Jesus novamente entre eles, naquele momento tão difícil para todos?

Com certeza, ficaram exultantes, sentiram-se esperançosos, confortados na presença do Mestre. Ao vê-lo, reacende neles a crença na imortalidade da alma: A morte não existe. Jesus estava vivo!

Nesse dia glorioso, eles reencontraram o Mestre. Tomé, no entanto, que não estava presente, não acreditou quando lhe disseram. Somente quando Jesus apareceu novamente foi que ele acreditou. Por isso Mestre lhe disse: **“Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram!”**

Uma das limitações humanas que mais dificulta progresso espiritual é a incredulidade, a falta de fé. Falta de fé em si mesmo, falta de fé em Jesus, falta de fé em Deus. Quando, ao contrário, Homem tem fé, traz uma convicção íntima que lhe confere certeza na imortalidade do Espírito e na vida futura.

APARIÇÃO A MARGEM DO LAGO DE TIBERÍADES

“Depois disso, Jesus manifestou-se novamente aos discípulos, as margens do mar de Tiberíades. Manifestou-se assim: Estavam juntos Simão Pedro e Tomé, chamado Dídimo, Natanael que era de Caná da Galiléia, os filhos

de Zebedeu e dois outros de seus discípulos. Simão Pedro lhes disse: 'Vou pescar'. Eles lhe disseram: 'Vamos nós também contigo'. Saíram e subiram ao barco e, naquela noite, nada apanharam.

Já amanhecera. Jesus estava de pé, na praia, mas os discípulos não sabiam que era Jesus. Então Jesus lhes disse: 'Jovens, acaso tendes algum peixe?' Responderam-lhe. 'Não!' Disse-lhes. 'Lançai a rede a direita do barco e achareis.' Largaram, então, e já não tinham força para puxá-la, por causa da quantidade de peixes. Aquele discípulo que Jesus amava disse então a Pedro: 'É o Senhor!' Simão Pedro, ouvindo dizer 'É o Senhor!', vestiu a roupa –porque estava nu - e atirou-se ao mar. Os outros discípulos, que não estavam longe da terra, mas cerca de duzentos côvados, vieram com barco, arrastando a rede com os peixes." (Jo 21:1-8).

Além da aparição descrita nesta outra passagem, Jesus apareceria outras vezes aos seus discípulos. O Mestre queria, definitivamente, confirmar suas palavras, confirmar que Espírito sobrevive à matéria.

Especialmente aos seus discípulos mais próximos, Jesus precisava infundir-lhes convicção plena, para que se fortalecessem na fé, e desenvolvessem a coragem necessária para enfrentar a grande missão que os aguardava. Quando chegasse o momento, deveriam seguir e fazer a divulgação da Doutrina redentora do Cristo.

Em suas jornadas, a defesa da Doutrina Crista os conduziria a valorosos testemunhos de renúncia, abnegação e humildade.

De fato, os discípulos, cada um deles, trilhou o caminho dos mártires.

Hoje, contemplando sobre esses inesquecíveis exemplos, podemos deixar-nos levar pela inspiração de também seguir o exemplo dos abnegados discípulos do Mestre e nos tomarmos humildes servidores de sua seara.

QUESTÃO REFLEXIVA:

Comente: "Felizes os que não viram e creram!"

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém;
- Kardec, Allan - A Gênese - Ed. FEESP;
- Kardec, Allan - Livro dos Médiuns - Ed. FEESP;
- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Ed. FEESP;
- Franco, Divaldo/Amélia Rodrigues - Dias Venturosos;
- Carneiro, Edison/ Francisco C. Xavier/Yvonne A. Pereira - Maria, Mãe de Jesus.

13ª. Aula - Atos Dos Apóstolos

Parte A - Os Apóstolos em Jerusalém e o Dia de Pentecostes

INTRODUÇÃO AO "ATOS DOS APÓSTOLOS"

"Atos dos Apóstolos" é o livro do Novo Testamento que foi escrito por Lucas, o mesmo autor do 3º Evangelho.

Diferentemente dos demais discípulos, que eram, em sua maioria, homens simples, muitos deles pescadores, Lucas era médico, havia nascido em Antioquia, era fluente na língua grega - a língua culta da época.

Lucas não foi um discípulo direto de Jesus. Sua conversão aconteceu ouvindo as exposições de Paulo. Aqui, devemos lembrar que o apóstolo Paulo também não foi discípulo direto de Jesus, seu chamado foi posterior à partida de Jesus.

"Ato dos Apóstolos" é uma obra em que Lucas narra como foi o início da missão dos apóstolos de Jesus; descreve a formação das primeiras comunidades cristãs; conta como se deu o ministério dos apóstolos, especialmente, de Pedro e de Paulo; mostra, enfim, como foi à expansão do Cristianismo.

Provavelmente, como cita a maioria dos estudiosos, esse livro foi redigido entre os anos de 61 a 63 d.C.

De valor inestimável, temos nesse livro um canto de louvor ao Cristianismo nascente, dos homens que o consolidaram, com manifestações de fé inigualável, e da Espiritualidade Superior que os sustentou sob a amorosa liderança de Jesus.

OS APÓSTOLOS EM JERUSALÉM

“Então, do monte chamado das Oliveiras, voltaram a Jerusalém. A distância é pequena: a de uma caminhada de sábado. Tendo entrado na cidade, subiu a sala de cima, onde costumavam ficar. Eram Pedro e João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, o Zelota; e Judas, filho de Tiago. Todos estes, unânimes, perseveravam na oração com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus, e com seus irmãos.” (At 1:12-14).

Em Jerusalém, após a partida do Mestre, ainda ressoava a sua mensagem de Amor. Essa grande cidade era o palco das principais atividades da sociedade judaica. Além das práticas religiosas que eram direcionadas para o grande Templo, aquele centro urbano era o núcleo da atividade social e política da época. Para lá, por exemplo, acorriam às multidões para as celebrações das festas religiosas, como a comemoração da Páscoa.

Diante da importância daquela grande cidade, pouco antes de sua partida, Jesus orientou aos seus apóstolos que, inicialmente, permanecessem em Jerusalém, como podemos verificar em Lucas, cap. 24, versículo 47.

Os discípulos, após o choque da despedida do Mestre, tiveram a esperança restabelecida com o reaparecimento de Jesus. Na obra “Dias Venturosos”, psicografado por Divaldo Franco, Amélia Rodrigues, na mensagem nº 22, descreve: *“Reconfortados pela sua ressurreição, cantavam-lhes nas almas as festivas reminiscências dos reencontros com o amigo redivivo, em exuberante vitalidade, que nunca mais desapareceria das suas existências.*

(...) As notícias do retorno do Mestre produziram diferentes reações, como seria de esperar-se: alegria e curiosidade nas massas, medo e perversidade nos culpados.

Desejando silenciar a Voz da Verdade, tornaram-na mais potente; pretendendo matar o Cantor fizeram-no mais vivo, e objetivando anular-lhe a mensagem, abriram mais amplo espaço para fazê-la ouvida.”

A missão deveria continuar. Era imperioso que a tarefa continuasse e o Evangelho fosse propagado por todos os cantos. Eles estavam dispostos. Jesus os acompanharia!

A ESCOLHA DE MATIAS

“Naqueles dias, Pedro levantou-se no meio dos irmãos - o número das pessoas reunidas era de mais ou menos cento e vinte - e disse: ‘Irmãos, era preciso que se cumprisse a Escritura em que, por boca de Davi, o Espírito Santo havia de antemão falado a respeito de Judas, que se tornou guia daqueles que prenderam a Jesus. Ele era contado entre os nossos e recebera sua parte neste ministério. Ora, este homem adquiriu um terreno com o salário da iniquidade...

(...) É necessário, pois, que, dentre estes homens que nos acompanharam todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu em nosso meio, a começar do batismo de João até o dia em que dentre nos foi arrebatado, um destes se torne conosco testemunha da sua ressurreição’.

Apresentaram então dois: José, chamado Barsabás e cognominado Justo, e Matias. E fizeram essa oração: ‘Tu, Senhor: que conheces coração de todos, mostra-nos qual desses dois escolheste, a fim de ocupar; no ministério do apostolado, lugar que Judas abandonou, para dirigir-se ao lugar que era seu’.

Lançaram sortes sobre eles, e a sorte veio a cair em Matias, que foi então associado aos onze apóstolos.” (At 1:15-26).

Jesus havia escolhido doze apóstolos, mas, após o trágico fim de Judas, apenas onze apóstolos haviam restado. O número doze, precisamos recordar, era muito significativo para os hebreus, pois simbolizava as “Doze Tribos” de Israel, que haviam se formado da descendência do patriarca Jacó.

Os hebreus há que se acrescentar, formavam um povo arraigado nas tradições antigas, nos seus antigos profetas. Os grandes eventos encenados por seus ancestrais tinham um enorme valor emblemático, simbólico que lhes conferia satisfação e orgulho.

Quando Jesus, então, escolheu os “doze”, foi exatamente pelo reconhecido significado que esse número tinha. O Mestre jamais violou consciências, jamais impôs uma revolução forçada aos costumes e tradições dos antigos. Jesus não tinha vindo para destruir a “Lei e os Profetas”. Tudo tem seu tempo.

O número “doze” deveria ser mantido. Pedro, que começava a emergir como o líder dos discípulos, reúne-os, em assembleia, para eleição de um novo integrante.

Quais deveriam ser os requisitos para alguém receber tão importante incumbência de ser um apóstolo de Jesus?

Vejamos as exigências contidas na afirmação de Pedro:

“homens que nos acompanharam todo tempo em que o Senhor Jesus viveu em nosso meio”.

Não poderia, obviamente, ser alguém que não tivesse convivido com Jesus, presenciado seus sublimes exemplos, sido testemunha das incontáveis curas, acompanhado o Mestre incomparável em cada um de seus feitos que transbordavam sabedoria, compreensão e humildade.

Tinha que ser alguém que tivesse firme convicção e fé, alguém que fosse capaz de propagar o Evangelho da forma pura que foi apresentado por Jesus. E havia, como vemos no Evangelho de Lucas, no cap. 1, Versículo 1, mais setenta e dois discípulos a quem Jesus contou, pessoalmente, a tarefa de anunciar o “Reino de Deus”.

Matias, provavelmente, deveria ser um desses setenta e dois discípulos que já seguiam o Cristo.

“a começar do batismo de João”.

João, o Batista, foi, sem dúvida, um dos maiores profetas que antecederam Jesus; ele foi o seu precursor.

Ele era respeitado pelo povo, que o reconhecia como profeta. Muitos dos discípulos de Jesus tinham sido discípulos de João Batista. Não havia - afirmou o Mestre - dentre os nascidos de mulher, ninguém maior que João Batista.

Foi a partir do batismo realizado por João que Jesus iniciou sua vida pública, eis o motivo da importância que Pedro lhe atribuiu.

“um destes se torne conosco testemunha da sua ressurreição”.

O reaparecimento de Jesus após a crucificação é um dos momentos mais marcantes de sua missão. Esse é um ponto capital do Cristianismo, pois demonstra que a vida continua após a morte do corpo físico, demonstra a imortalidade da alma.

Aquele que seria designado como o 12º apóstolo deveria, pois, sem vacilações, ser testemunha plena de todos os atos de Jesus e de seu reaparecimento. Deveria estar convicto para dizer bem alto: Jesus está vivo!

É interessante notar em relação a Matias, como também em relação a muitos outros discípulos que compuseram o Colegiado Apostólico, que não há muitos dados sobre o desempenho de sua missão e o caminho que seguiu.

No entanto, não podemos esquecer que aqueles que buscam o “Reino de Deus” e perseveram em sua divulgação, não buscam méritos para si mesmos, mas têm por objetivo a implantação do Evangelho na Terra. Como disse o Mestre: “Maior será aquele que se fizer menor.”

Matias, por certo, confiante no Mestre Maior, deve ter executado com pleno êxito sua missão.

O DIA DE PENTECOSTES

“Tendo-se completado dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, que encheu toda a casa onde se encontravam. Apareceram-Lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que pousaram sobre cada um deles. E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme Espírito lhes concedia se exprimirem.

Achavam-se então em Jerusalém judeus piedosos, vindos de todas as nações que há debaixo do céu. Com ruído que se produziu, a multidão acorreu e ficou perplexa, pois cada qual os ouvia falar em seu próprio idioma. Estupefatos e surpresos, diziam: ‘Não são, acaso, galileus todos esses que falam? Como é, pois, que os ouvimos falar cada um de nos, no próprio idioma em que nascemos? Partos, medos e elamitas; habitantes da Mesopotâmia, da Judéia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia próximas de Cirene; romanos que aqui residem; tanto judeus quanto prosélitos, cretenses e árabes, nós os ouvimos anunciar em nossas próprias línguas as maravilhas de Deus!’ Estavam todos estupefatos. E, atônitos, perguntavam uns aos outros: ‘Que vem a ser isto?’ Outros, porém, zombavam: ‘Estão cheios de vinho doce!’”
(At 2:1-13).

O dia de Pentecostes é uma das datas mais significativas para o Cristianismo. É considerado, por muitas correntes da teologia Cristã, como sendo o dia da vinda do Paráclito, ou seja, o Consolador Prometido.

No entanto, como os Espíritos Superiores, de forma categórica, elucidaram a Kardec, o Consolador não poderia ter vindo naquela época, pois o próprio Cristo havia advertido que as pessoas ainda não estavam preparadas para sua vinda.

O dia de Pentecostes cabe-nos inicialmente observar, foi instituído por Moisés, conforme podemos encontrar no livro do Êxodo, cap. 23, versículos 14 a 17, e cap. 34, versículos 18 a 23. Tratava-se de uma festa em comemoração as colheitas. Ela ocorria, exatamente, cinco dias após a Páscoa judaica.

Esse grande evento acontecia em Jerusalém. Nesse dia, afluíam para as comemorações, além dos hebreus, vários outros povos estrangeiros. Muitos vinham para comerciar, muitos outros vinham para participar das festividades. Por suas origens diversas, havia pessoas que falavam os mais variados idiomas e dialetos.

Os discípulos estavam presentes nesse dia de Pentecostes, que estava acontecendo cinco dias após a Páscoa judaica em que ocorreu a crucificação do Cristo.

No final do dia, encerradas as comemorações, conforme transcrito na passagem acima houve uma eclosão de manifestações mediúnicas.

Os apóstolos, então, plenamente envolvidos pelo Plano Espiritual Superior, manifestaram a xenoglossia, ou seja, a faculdade mediúnica de falar em línguas estrangeiras que sejam estranhas ao médium.

Temos que lembrar que os discípulos de Jesus, quando o Mestre ainda os preparava para suas missões, foram, em certa ocasião, convocados ao trabalho, conforme encontramos em Mateus, cap. 1, versículo 1:

“Chamou as doze discípulos e deu-lhes autoridade de expulsar os espíritos impuros e de curar toda sorte de males e enfermidades.”

As faculdades mediúnicas, como ensina Kardec, depende de uma disposição orgânica. Os discípulos, assim, possuíam-nas, mas Jesus convoca-os a exercitá-las, inculcando-lhes fé. E eles, de fato, exercitaram-na como podemos ver nos Evangelhos.

No Pentecostes, entretanto, houve uma manifestação rara pela proporção que tomou. Todos os discípulos manifestaram a mediunidade ao mesmo tempo.

O evento foi tão impressionante que eles próprios ficaram surpresos. A multidão, então, ocorreu até eles, e as pessoas ficaram perplexas, com que ouviam: o Evangelho era pregado em seus próprios idiomas!

Os cétricos - eis que os incrédulos existem em todos os tempos - zombavam e diziam: “Estão cheios de vinho doce.”

Nesse dia, que, repetimos, é um marco na história da mediunidade, ocorreu à consolidação da missão dos apóstolos. A partir daquele dia, eles seguiriam confiantes e comprometidos com suas tarefas.

QUESTÃO REFLEXIVA:

Quais condutas devem ser observadas, hoje em dia, por àqueles que desejam tornar discípulos de Jesus?

Parte B - A Atuação dos Apóstolos e a Primeira Comunidade Cristã

DISCURSO DE PEDRO A MULTIDÃO

“Pedro, então, de pé, junto com as onze, levantou a voz e assim lhes falou: ‘Homens da Judéia e todos vós, habitantes de Jerusalém, tomai conhecimento disto e prestai ouvidos as minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como pensais, pois esta é apenas a terceira hora do dia. O que está acontecendo é que foi dito por intermédio do profeta: ‘Sucederá nos últimos dias, diz Deus, que derramarei do meu Espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão. Sim, sobre meus servos e minhas servas derramarei do meu Espírito.’

(...) Homens de Israel, ouvi estas palavras! Jesus o Nazareu, foi por Deus aprovado diante de vós com milagres, prodígios e sinais, que Deus operou por meio dele entre vós, como bem sabeis. Este homem, entregue segundo desígnio determinado e a presciência de Deus, vós matastes, crucificando - pela mão dos ímpios. Mas Deus ressuscitou, libertando-o das angústias do Hades, pois não era possível que ele fosse retido em seu poder

(...) Saiba, portanto, com certeza, toda a casa de Israel: Deus constituiu Senhor e Cristo, este Jesus a quem vós crucificastes.” (At 2:14-36).

Após aquele inesquecível episódio do Pentecostes, muitos estavam, então, assombrados; outros, entretanto, estavam cétricos.

Pedro, que cada vez mais consolidava sua liderança, levanta-se... ergue sua voz diante da multidão, e inicia lembrando-os sobre a predição do profeta Joel (Joel 3: 1): **“Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão.”**

Os antigos profetas hebreus, como podemos ver no Antigo Testamento, faziam muitas predições para séculos que estavam por vir. O profeta Joel (sec. IV a.C.), em seu livro, prediz “juízo das nações” e a “vitória” final de lahweh.

Em momento anterior a esse “juízo dos povos” e a essa “era paradisíaca”, prevê o profeta Joel, exatamente, a difusão, sem precedentes, da manifestação da faculdade mediúnica de forma generalizada nos jovens, nos anciãos, e, ainda, outros “sinais nos céus e na terra”.

As profecias, entre o povo hebreu, repitamos, é algo indissociável, inseparável de sua cultura. É, entretanto, interessante notar que, na verdade, pouco ouvido eles davam a esses profetas. Cultuavam-nos como heróis de sua história, mas, na prática, parece que duvidavam de suas profecias.

Não os vemos - os hebreus à época de Moisés - blasfemarem e confrontarem o grande profeta? Quantos outros profetas não foram rejeitados em sua época? Quantas não foram às profecias desprezadas no momento em que se cumpriam? A vinda do Cristo não estava prevista? Não rejeitaram eles o Cristo? Por isso disse Jesus: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados...”

Isso nos leva a refletir e perguntar: Como é possível que nem os Doutores da Lei, que conheciam como ninguém as Escrituras, que diariamente citavam os profetas, que repetiam suas predições, como é possível que nem eles pudessem “enxergar” o cumprimento da Lei?

É que essa “cegueira” é movida pelo egoísmo, movida por todas as más paixões que impedem o ser de avançar. Para alcançar a real compreensão, essa “visão” da verdade, é preciso ser humilde de coração, é preciso ser submisso à Lei de Deus.

Mas, assim como havia muitos que renegaram o Cristo e seu Evangelho, muitos outros se encontravam sedentos da Doutrina Redentora.

Pedro, tomado por inspiração divina, conclama-os a “ver”, convoca-os a lembrar das profecias, a compreender que o que tinha ocorrido estava previsto nas Escrituras.

Ele lembra o Mestre, e o episódio do Gólgota em que, pela impiedade dos Homens, foi o Cristo levado ao madeiro da infâmia.

Mas prossegue o grande apóstolo e testemunha a vitória de Jesus sobre a morte física, pois Deus havia atuado “libertando-o das angústias do Hades” (“do Hades”, conforme nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém, significa: “da morte”).

Sim, o Cristo Vive! Naquele dia, quanta esperança foi derramada a todos aqueles de boa vontade, a todos aqueles que desejavam acreditar no verdadeiro Messias.

OS PRIMEIROS CRISTÃOS E A PRIMEIRA COMUNIDADE CRISTÃ

“Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, a comunhão fraterna, à fração do povo e as orações.

Apossava-se de todos temor pois numerosos eram os prodígios e sinais que se realizavam por meio dos apóstolos.

Todos os que tinham abraçada a fé reuniam-se e punham em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um. Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração.

Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescentava a cada dia ao seu número os que seriam salvos.” (At 2:42-47).

Qual outra Doutrina Moral foi capaz de tais formidáveis manifestações de seus fiéis?

Vejamos essas admiráveis ações: **“vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo a necessidade de cada um.”**

A mensagem do Cristo havia invadido-lhes a alma.

Naqueles dias, os discípulos de Jesus estavam exultantes, os ensinamentos do Mestre estavam propagando-se; o fermento da esperança fazia com que mais e mais almas procurassem a mensagem libertadora do Cristo.

Era preciso estabelecer-se. Era preciso fundar uma base para o Cristianismo nascente, a primeira delas seria a “Casa do Caminho”. Ali os discípulos, organizados, propagariam o Evangelho e acolheriam a multidão de aflitos. Na obra ‘Dias Venturosos’, psicografado por Divaldo Franco, Amélia Rodrigues, na mensagem nº 25, narra: *“A igreja dos cristãos reunia-se todos os dias e todas as noites para comentar os feitos e as palavras do doce e enérgico Rabi, assim como para orar e amar. Os seus membros criaram a primeira comunidade fraternal da Humanidade sob a inspiração do Primeiro Mandamento.”*

De forma inigualável, a Boa Nova, como um bálsamo, alcançava os corações necessitados de amor, amparo, consolo. A mesma autora acima citada, na obra “Luz do Mundo”, também psicografada por Divaldo Franco, na mensagem nº 23, expõe: *“Os homens esfaimados, as criaturas exauridas de sofrer; os corações cansados e cheios de decepções - eis o barro que teriam de movimentar para transformar em ânfora capaz de reter elixir divino, conservando puras as suas excelentes qualidades.”*

Na obra ‘Lázaro Redivivo’, lição 28, o irmão X, afirma: *“Suas reuniões íntimas prosseguiram regulares e as assembleias de caráter público efetuavam-se sem impedimento. As fileiras intermináveis de pobres e infelizes, procedentes dos ‘vales de imundos’, lhes batiam a porta, recendo carinhosa atenção, e esse espírito de serviço aos filhos do desamparo conquistou-lhes, pouco a pouco, valiosos títulos de respeitabilidade...”*

Quão inspiradores são esses relatos dos passos dos primeiros discípulos do Evangelho de Jesus!

SINAIS E PRODÍGIOS REALIZADOS PELOS APÓSTOLOS

“Pelas mãos dos apóstolos faziam-se numerosos sinais e prodígios no meio do povo...”

Costumavam estar; todos juntos, de comum acordo, no pórtico de Salomão, e nenhum dos outros ousava juntar-se a eles, embora povo os engrandecesse. Mais e mais aderiam ao Senhor pela fé, multidões de homens e de mulheres.

...a ponto de levarem as doentes até para as ruas, colocando-os sobre os leitos e em macas, para que ao passar Pedro, ao menos sua sombra cobrisse algum deles. Também das cidades vizinhas de Jerusalém acorria à multidão, trazendo enfermos e atormentados por espíritos impuros, os quais eram todos curados.” (At 5:12-16).

Nesta impressionante passagem, vemos o vigor, a magnitude, a grandiosidade desses primeiros passos dos apóstolos de Jesus.

Onde mais encontramos tamanha comoção? O início do Cristianismo é uma das mais belas páginas de nossa História. Considerando toda a História da Humanidade, que ainda continua sendo escrita, encontraremos momentos de opressão, mas outros de liberdade; encontraremos períodos obscuros, mas outros de claridade e luz intensa.

Jesus é a Luz do Mundo, suas palavras compõem uma sublime poesia de eterna sabedoria, seus ensinamentos, como um farol que clareia as trevas, brilha resplandecente. A seus fiéis seguidores fica a missão de propagar a Boa Nova por toda a Terra.

Seus apóstolos, nesta narrativa, vemo-los exercendo plenamente seus ministérios. Pela boa vontade, pela humildade, pela pureza de coração, pela submissão a Vontade Divina, por perseverarem incansavelmente, vemos quão admiráveis são suas ações.

A multidão de aflitos e sofredores, testemunhando suas condutas irrepreensíveis, suas valorosas palavras de esperança... acorria para ouvir o Evangelho e obterem a cura para seus males.

Na obra “Lázaro Redivivo”, na mesma lição já citada, psicografado por Francisco Xavier, o Irmão X, sintetiza: *“A ressurreição encheu-lhes a alma de energias sublimes e até então desconhecidas. Que não fariam pelo Mestre ressuscitado? Iriam ao fim do mundo ensinar a Boa Nova, venceriam trevas e espinhos, pertenceriam a Ele para sempre.”*

Em reflexão, ficamos admirados. Que fé surpreendente era despertada **“a ponto de levarem os doentes até para as ruas; colocando-os sobre os leitos e em macas, para que ao passar Pedro, ao menos sua sombra cobrisse algum deles.”**

Sob o amparo amigo de Jesus, quão emocionante não foram esses dias gloriosos desses valorosos discípulos. Imaginemos o fervor da multidão, acreditando que sim, há esperança, sim, as profecias cumpriam-se, sim, o “Reino de Deus” está ao alcance de todos.

Que nós sejamos capazes de possuir essa mesma fé que motivou os primeiros cristãos!

QUESTÃO REFLEXIVA:

Porque muitas vezes hesitamos e não usamos todo nosso potencial para anunciar o “Reino de Deus”, como fizeram os primeiros discípulos de Jesus?

Bibliografia:

- A Bíblia de Jerusalém.
- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Ed. FEESP.
- Xavier, Francisco C./Irmão X - Lázaro Redivivo.
- Franco, Divaldo/Amélia Rodrigues - Dias Venturosos.
- Franco, Divaldo/Amélia Rodrigues - Luz do Mundo.

14ª Aula - Atos Dos Apóstolos

Parte A - Atividade Missionária De Pedro – 1ª Parte

A CASA DO CAMINHO

Era um casarão de grandes proporções e paupérrimo em sua feição exterior. A construção não obedecia a qualquer planificação anterior. Velhas tamareiras circundavam a Casa.

Conforme narram os Espíritos Emmanuel e Amélia Rodrigues, situava-se a margem da estrada entre Jerusalém e Jope. Fora erguida pelas mãos amorosas de Simão Pedro, ajudado por alguns companheiros afeiçoados a Mensagem ainda viva em suas mentes e seus corações.

Nascida para socorrer aqueles que não tinham onde repousar as fadigas nem os desgastes orgânicos, era um reduto de amor evocando a presença do Mestre inolvidável.

Lentamente, foram surgindo os moribundos que não tinham para onde seguir: crianças abandonadas e velhinhos desvalidos, perturbados da mente e obsessos que ali eram deixados com indiferença. Chamando a si os aflitos e os enfermos, a Casa do Caminho inaugurou no mundo a fórmula da verdadeira benemerência social.

As primeiras organizações de assistência ergueram-se com o esforço dos apóstolos, ao influxo amoroso das lições do Mestre. Recolhendo-se ali com a família, Pedro era auxiliado particularmente por Tiago, filho de Alfeu, e por João; mas, Filipe e suas filhas também se instalaram em Jerusalém, vindo a cooperar no grande esforço fraternal. Ali, as mãos espalmadas da caridade sustentavam a fé, a fim de que nunca se apagasse a luz da esperança.

O pescador de Cafarnaum era a figura central da atividade socorrista, em volta de quem circulavam os problemas e afazeres complexos.

Simão Pedro permanecia, não raro, até avançadas horas no atendimento aos combalidos, aos atormentados e desfalecentes. Somente quando a noite cintilante de estrelas anunciava a sua plenitude, é que ele, já bem cansado, buscava o colchão grosseiro para o repouso de poucas horas.

O verbo nos seus lábios, vertido do coração sensível, adquiria tons de beleza, autenticada pelo magnetismo da sua vivência.

Em meio aos casos mais dolorosos, Pedro, ouvindo as conversas dos alienados nos compartimentos próximos, latido dos cães esfomeados em derredor e a musica mágica da natureza, percebia, não raro, o vulto alvo e luminoso do Mestre, sereno, como na ocasião em que caminhou sobre as ondas do mar na direção do barco a lhe dizer

“- Simão, a chama que coze o pão atrai a mariposa que, descuidada, nela se consome... O discípulo do meu Evangelho é um ponto vivo de referência onde se encontre, atraindo as atenções e sendo vítima das circunstâncias, em constante perigo, nunca, porém, em abandono, esquecido do meu amor.

Não te martirizes, nem temas. A água refrescante e cristalina que mata a sede é também usada para diluir venenos terríveis de ação rápida.

Cada alma vê, no próximo, aquilo que tem no seu ínterim; e cada coração recebe a Mensagem de acordo com a própria necessidade.

Permanece fiel e não desfaleças em ocasião alguma...” (“Pelos Caminhos de Jesus”, lição 2, Amélia Rodrigues).

Nesse cenário, Simão amou a todos com muita intensidade, jamais se omitiu ou temeu, até o momento do martírio na cruz, de cabeça para baixo, em Roma, vários anos mais tarde...

CURA DE UM COXO (At 3:1-10)

O Homem generoso, distribuindo daquilo que tem, fixa em si mesmo a luz e a alegria que nascem dessas dádivas, somente quando as realiza com o sentimento de amor, que, no fundo, é a sua riqueza imperecível e legítima.

“Pedro e João estavam subindo ao Templo para a oração da hora nona. Trouxeram então, um homem que era aleijado de nascença, e que todos os dias era deixado a porta do Templo, chamada Formosa, para pedir esmolas aos que entravam. Vindo Pedro e João, que iam entrar no Templo, implorou que lhe dessem uma esmola. Pedro, porém, fitando nele os olhos, junto com João, disse-Lhe: ‘Olha para nós! ‘Ele os olhava atentamente, esperando receber deles alguma coisa. Mas Pedro lhe disse: ‘Nem ouro nem prata possuo. O que tenho, porém, isto te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareu, anda!’ E, tomando-o pela mão direita, ergueu-o. No mesmo instante seus pés e calcanhares se firmaram; de um salto pôs-se em pé e começou a andar E entrou com eles no Templo, andando, saltando e louvando a Deus. Todo o povo viu-o andar e louvar a Deus; reconheciam-no, pois era ele quem esmolava, assentado junto a Porta Formosa do Templo. E ficaram cheios de admiração e de assombro pelo que lhe sucedera.” (At. 3: 1-10).

Verificamos, na passagem da cura acima transcrita, o quanto os apóstolos Pedro e João estavam sintonizados com a Espiritualidade Superior.

Como nos ensina a Doutrina Espírita, nos processos de cura tão formidáveis como este, são necessárias diversas condições. Entre elas podemos destacar a fé daquele que cura, assim como daquele que é curado, pois ao primeiro é necessária a convicção e ao segundo a receptividade. E, especialmente, é indispensável à pureza de intenções, e o desejo verdadeiro de auxiliar, pois, assim, é estabelecida, em conjunto com os Benfeitores Espirituais, a Corrente magnética curadora.

Quem espera pelo ouro ou pela prata, a fim de contribuir nas boas obras, em verdade ainda se encontra distante da possibilidade de ajudar a si próprio. Mas, lembrando a confiança em Jesus, a coragem e as palavras amorosas de Pedro, que venhamos a dar de nos mesmos, no esforço da própria iluminação.

DISCURSO DE PEDRO AO POVO NO TEMPLO (At 3:11-26)

“A vista disso, Pedro dirigiu-se ao povo: ‘Homens de Israel, por que vos admirais assim? Ou por que fixais os olhos em nós, como se por nosso próprio poder ou piedade tivéssemos feito este homem andar? O Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó, o Deus de nossos pais glorificou seu servo Jesus, a quem vos entregastes e negastes diante de Pilatos, quando este já estava decidido a soltá-lo.” (At 3:11-13).

Uma vez curado, o ex-coxo não largou mais Pedro e João. E todo o povo, assombrado, correu para junto deles, no chamado Pórtico de Salomão. Vendo isso, Pedro dirigiu-se as pessoas e teve oportunidade de anunciar o Evangelho de Jesus.

A fé que vem por meio de Jesus, essa sim houvera restituído a saúde e fortalecido o homem que todos viam e reconheciam como o antigo coxo que pedia esmolas.

Enunciou, então, a parte mais importante do ensinamento quando disse: **“Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, a fim de que sejam apagados os vossos pecados, e deste modo venham da face do Senhor os tempos do refrigério.”** (At 3:19).

Os crentes ainda distanciados do sentido do Evangelho de Jesus quase sempre imaginam que se livrarão das dificuldades com as cerimônias exteriores; outros acreditam que se identificarão com os céus tão somente pelo cantar de alguns hinos, enquanto enorme percentagem de espíritas se crê na intimidade de supremas revelações, apenas pelo fato de haver frequentado algumas sessões. Tudo isso constitui preparação valiosa, mas não é tudo.

Há um esforço iluminativo para o interior, sem o qual Homem algum penetrará no santuário da Verdade Divina.

A palavra de Pedro a massa popular contém a síntese do vasto programa de transformação essencial, a que toda criatura submeter-se-á para a felicidade da união com o Cristo. Uma vez que ninguém atinge, em um só passo, a eterna claridade, há estações indispensáveis para essa realização.

Conforme nos ensina a Doutrina Espírita, o autoconhecimento e a renovação interior são as chaves para o sucesso espiritual de todos nós.

A PRISÃO DE PEDRO E DE JOÃO (At 4:1-22)

“Falavam eles ao povo, quando sobrevieram os sacerdotes, o oficial do Templo e os saduceus, contrariados por vê-los ensinar ao povo e anunciar, em Jesus, a ressurreição dos mortos. Lançaram as mãos neles e os recolheram ao cárcere até a manhã seguinte, pois já estava entardecendo. Entretanto, muitos dos que tinham ouvido a Palavra abraçaram a fé. E seu número, contando-se apenas os homens, chegou a cerca de Cinco mil.” (At 4:1-4).

Após o ato de prisão acima narrado, os maiores do judaísmo reuniram-se em Jerusalém no dia seguinte, para deliberar a respeito da situação de Pedro e João, fazendo-os comparecer diante deles para os interrogarem a respeito da cura do coxo.

Profundamente inspirado, Pedro apresentou com lógica os seus argumentos, dizendo que eles estavam sendo julgados por terem feito o bem e a caridade em nome e através de Jesus Cristo, o Nazareno, que fora crucificado, mas ressurgira dos mortos.

“E ele a pedra desprezada por vós, os construtores, mas que se tornou a pedra angular Pois não há, debaixo do céu, outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos.” (At 4: 11-12).

Os interrogadores ficaram admirados ao verem a coragem com que Pedro e João falavam, sendo pessoas simples e sem instrução. Verificaram que eles tinham andado com Jesus, mas vendo, junto a eles, em pé, o homem que tinha sido curado, nada podiam dizer em contrário. Então os mandaram sair do Sinédrio e começaram a discutir entre si:

“Que faremos com estes homens? Que por eles realizou-se um sinal notório é claramente manifesto a todos os habitantes de Jerusalém, e não podemos negá-lo. Mas, para que isto não se divulgue ainda mais entre povo, proibamo-los, com ameaças, de tornarem a falar neste nome a quem quer que seja.” (At 4: 16-17).

Chamaram de novo Pedro e João e lhes ordenaram que, de modo algum, falassem ou ensinassem em nome de Jesus. Pedro e João responderam:

“Julgai se é justo, aos olhos de Deus, obedecer mais a vós do que a Deus. Pois não podemos, nós, deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos.” (At 4: 19-20).

Insistindo em suas ameaças, mas como não tinham meio de castigá-los, deixaram Pedro e João em liberdade, por causa do povo, pois, todos glorificavam a Deus pelo que havia acontecido. O homem beneficiado por este sinal da cura tinha mais de quarenta anos.

Quanta beleza encontramos nessa passagem de Atos dos Apóstolos! Quantos corações conquistados por um ato simples de amor. Através dela, percebemos a conjugação entre homens de valor e Espíritos na divulgação da mensagem de Jesus, naqueles primeiros dias do Cristianismo.

Pedro não temeu a morte. Ele recebeu a responsabilidade da divulgação da mensagem do Amor e do Bem e a defendeu como quem reconhece não haver tarefa maior na Terra.

CURAS, PRISÕES E O PARECER DE GAMALIEL (At 5:1-42)

“Pelas mãos dos apóstolos faziam-se numerosos sinais e prodígios no meio do povo...”

(...) a ponto de levarem os doentes até para as ruas, colocando-os sobre leitos e em macas, para que, ao passar Pedro, ao menos sua sombra cobrisse algum deles.” (At 5: 12-15).

O sumo sacerdote e seus seguidores encheram-se de cólera e mandaram prender os apóstolos. Soltos com o auxílio da Espiritualidade, voltaram a pregar no Templo (At 5:17-42). Sendo mais uma vez capturados e colocados diante do Sinédrio, exaltaram o Messias na figura de Jesus.

Ao ouvirem isso, os maiores ficaram furiosos e queriam matá-los. Levantou-se, no Sinédrio, um fariseu chamado Gamaliel, Doutor da Lei e Mestre de Saulo de Tarso (At 22:13), estimado por todo povo. Ele mandou que os acusados saíssem por um instante.

Conta-nos o Espírito Emmanuel, por meio das mãos abençoadas de Chico Xavier, no livro “Paulo e Estevão”, que, anteriormente, os discípulos do Mestre, cientes da simpatia de Gamaliel pela causa, convidaram-no a visitar as instalações humildes da “Casa do Caminho”.

Simão Pedro, profundamente respeitoso, explicou-lhe as finalidades da instituição e, carinhosamente, ofereceu-lhe uma cópia, em pergaminho, de todas as anotações de Mateus sobre a personalidade do Cristo e seus gloriosos ensinamentos.

Gamaliel, atencioso, agradeceu ao ex-pescador, tratando-o igualmente com deferência e consideração. Chegados à longa enfermaria, em que se aglomeravam os mais diversos doentes, o grande rabino de Jerusalém não pode ocultar a máxima impressão, comovido até as lágrimas com o quadro que se lhe deparava aos olhos espantados.

O grande doutor compreendeu o êxito da nova doutrina. Aquele Jesus desconhecido, ignorado da sociedade mais culta de Jerusalém, triunfava no coração dos infelizes, pela contribuição de amor desinteressado que trouxera aos mais deserdados da sorte.

Gamaliel sabia que os galileus não seriam isentos de perseguição e emitiu alguns conselhos, visando aparar os golpes da violência, que, cedo ou tarde, haveriam de chegar.

Pedro, João e Tiago agradeceram, sensibilizados, a carinhosa admoestação, e o velho rabino regressou ao lar, profundamente impressionado com as lições do dia.

Por ocasião da prisão, diante do Sinédrio, levantando-se em defesa dos apóstolos, cuja obra conhecera falou: *“Varões de Israel, atentai bem no que fareis a estes homens (...) Agora, portanto, digo-vos, deixai de ocupar-vos com esses homens. Soltai-os. Pois, se seu intento ou sua obra provém dos homens, destruir-se-á por si mesma; se vem de Deus, porém, não podereis destruí-los. Não aconteça que vos encontreis movendo guerra a Deus. Concordaram, então, com ele”* (At. 5:34-39).

Os membros do conselho aceitaram o parecer de Gamaliel. Chamaram os apóstolos, mandaram açoitá-los, proibiram que falassem no nome de Jesus e soltaram-nos. E eles todos os dias, no Templo e pelas casas, não cessavam de ensinar e anunciar que Jesus era o Cristo esperado.

QUESTÃO REFLEXIVA:

Comente a postura de Gamaliel frente aos apóstolos.

Parte B - Atividade Missionária De Pedro - 2ª Parte

Os apóstolos, em suas atividades missionárias, prosseguiram anunciando a Boa Nova. Agiam não apenas na Casa do Caminho, mas suas ações estendiam-se por toda a Palestina.

Em certa feita, Filipe desceu a cidade de Samaria e começou a anunciar Jesus a população. Então, ocorreu que muitos possessos foram libertados de seu jugo obsessivo. Foram curados também inúmeros paráliticos, sendo grande a alegria na cidade.

SIMÃO, O MAGO (At 8:4-25)

“Ora, vivia há tempo, na cidade, um homem chamado Simão, qual, praticando a magia, excitava a admiração do povo de Samaria e pretendia ser alguém importante. Todos, do menor ao maior lhe davam atenção, dizendo: ‘Este homem é Poder de Deus, que se chama o Grande.’

Davam-lhe atenção porque ele, por muito tempo os fascinara com suas artes mágicas. Quando, porém, acreditaram em Filipe, que lhes anunciara a Boa Nova do Reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, homens e mulheres faziam se batizar.” (At.8:9-12).

Simão, o mago, como foi descrito acima, possuía alguns pendores mediúnicos e muitos lhe davam ouvidos. Entretanto, após a pregação de Filipe, e se tomou adepto da nova doutrina.

Os apóstolos que estavam em Jerusalém souberam que a Samaria acolhera a palavra de Deus e para lá enviaram Pedro e João que, lá chegando, impunham as mãos nos recém-convertidos, despertando-lhes a faculdade mediúnica.

Ora, Simão, que já havia observado os prodígios operados por Filipe, não conhecia esse novo dom, ficando, por isso, maravilhado e desejoso de possuí-lo. Como ele poderia fazer para alcançar seu intento?

Simão aflagava a idéia de consultá-los a respeito de seus dons espirituais. Considerava ele que não poderia haver maior tesouro para triunfar na vida. .. Certamente, pensava em mercadejar nesse ministério.

Contudo, os missionários de Jesus ganhavam apenas a Misericórdia de Deus, uma vez que não seria lícito mercadejar com o que pertence ao Pai.

Provavelmente, Simão estava convicto de que traziam com eles certos talismãs e se dispunha a comprá-los por qualquer preço. Não seria crível que eles fizessem semelhantes obras sem a contribuição de sortilégios - pensava. Mas, o Apóstolo somente conhecia um “sortilégio” eficiente: o da fé em Deus com o sacrifício de si mesmo.

Para Simão, entretanto, a vida tinha suas necessidades urgentes. Era indispensável prever e amealhar recursos. Ele estava disposto a entregar aos Apóstolos o seu dinheiro em troca desse dom.

Pedro, conhecedor do coração humano, contemplou Simão cheio de comiseração por sua ignorância. Mas precisava adverti-lo com energia, para nos deixar o exemplo de que a Divindade não se subordina, e nem se deve pagar com o dinheiro da Terra, as coisas dos Céus.

“Pereça o teu dinheiro, e tu com ele, porque julgaste poder comprar com dinheiro dom de Deus! Não terás parte nem herança neste ministério, porque o teu coração não é reto diante de Deus. Arrepende-te, pois, dessa tua maldade e ora ao Senhor; para que te possa ser perdoado este pensamento do teu coração; pois eu te vejo na amargura do fel e nos lagos da iniquidade.” (At 8:2-23).

Simão, inteligente, compreendeu logo o que Pedro dissera, e lhe rogou, como a João, para que nada lhe acontecesse por aquela sua ousadia, e pediu aos Apóstolos que intercedessem por ele junto ao Senhor.

PEDRO EM LIDA E JOPE (At 9:32-43)

“Aconteceu que Pedro, que se deslocava por toda parte, desceu também para junto dos santos que moravam em Lida. Encontrou ali um homem chamado Enéias, que há oito anos estava de cama: era paralítico. Pedro então lhe disse: ‘Enéias, Jesus Cristo te cura! Levanta-te e arruma teu leito.’ Ele imediatamente levantou-se.” (At 9:32-34).

“Ora, em Jope havia uma discípula, chamada Tabita, em grego Dorcas, notável pelas boas obras e esmolas que fazia. Aconteceu que naqueles dias caiu doente e morreu (...). Como Lida está perto de Jope, os discípulos, sabendo que Pedro lá se encontrava, enviaram-lhe dois homens com esse pedido: ‘Não te demores em vir ter conosco.’”

Pedro atendeu e veio com eles. (...) Pedro, mandando que todas saíssem, pôs-se de joelhos e orou. Voltando-se então para o corpo, disse: ‘Tabita, levanta-te!’ Ela abriu os olhos e, vendo Pedro, sentou-se. Este, dando-lhe a mão, fê-la erguer-se.” (At 9:36-41).

Verificamos em “Atos dos Apóstolos”, nos trechos transcritos, esses dois interessantes casos de cura pelas mãos de Pedro.

Cairbar Schutel, em sua obra “Vida e Atos dos Apóstolos”, destaca que uma das principais características dos Apóstolos era a cura dos enfermos. Pedro possuía esse dom e o exercia com muita frequência.

As curas espirituais produziam grande contribuição para a conversão dos incrédulos. Não era só o enfermo curado que se convertia, mas todos os que tinham conhecimento do caso.

Dotado de faculdades magnéticas e ainda auxiliado pelos Bons Espíritos, agindo em nome de Jesus, Pedro fez inúmeras conversões, mais por meio das curas do que pelo uso da palavra.

A cura é um fato que toca logo o coração, ou o sentimento dos envolvidos. Enéias e Tabita, tendo recebido os fluidos vitalizantes de que necessitavam, ergueram-se e ficaram sãos.

Especialmente em relação à Tabita, podemos observar que suas boas obras justificavam o merecimento de receber as benesses dos Espíritos do Senhor.

Esses casos de “ressurreição” não se deram, como se vê, só no tempo em que Jesus cumpria o seu messianato, mas também no tempo dos discípulos. Em Tabita, como em outros casos, não havia o desligamento completo do Espírito do corpo físico.

Pedro não se contenta em pronunciar lindas palavras aos seus ouvidos, renovando-lhe as forças gerais: dá-lhe as mãos para que se levante. O ensinamento é dos mais simbólicos.

Observamos muitos companheiros a se erguerem para o conhecimento, para a alegria e para a virtude, banhados pela divina claridade do Mestre e que podem levantar milhares de criaturas para a Esfera Superior. Para isso, não bastara à pregação pura e simples. E imprescindível usar nossas próprias mãos na tarefa do Bem.

PEDRO E O CENTURIÃO ROMANO (At 10:1-43)

“Vivia em Cesaréia um homem chamado Cornélio, centurião da coorte itálica. Era piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa; dava muitas esmolas ao povo judeu e orava a Deus constantemente.

Ele viu claramente, em visão, cerca da hora nona do dia, o Anjo do Senhor entrando em sua casa e chamando-o: ‘Cornélio!’ Fixando os olhos nele e cheio de temor perguntou-Lhe: ‘Que há, Senhor?’ E o Anjo lhe disse: ‘Tuas orações e tuas esmolas subiram até a presença de Deus e Ele se lembrou de ti. Agora, pois, envia alguns homens a Jope e manda chamar Simão, cognominado Pedro.’” (At 1:1-5).

Por onde passava, o discípulo de Jesus ia deixando um rastro de luz e esperança. Mais do que pelas palavras, deixava que as ações falassem por si, assim como o Mestre havia feito.

O trabalho prosseguia árduo, mas gratificante. Lentamente, através de muito esforço e sacrifício, o Evangelho ia sendo levado e atraía cada vez mais adeptos. Pedro sentia-se feliz. Amava sobremaneira o Mestre e cada vez que pregava ou curava em nome de Jesus, era como se o visse ao seu lado, sorrindo ternamente, encorajando-o a prosseguir. Cada desvalido que o procurava era uma nova oportunidade de estar mais próximo do Mestre.

Eis que, certo dia, em êxtase, teve uma visão:

“Viu céu aberto e um objeto que descia, semelhante a um grande lençol, baixado a terra pelas quatro pontas. Dentro havia todos os quadrúpedes e répteis da terra, e aves do céu. Uma voz lhe falou: ‘Levanta-te, Pedro, imola e come!’ Pedro, porém, replicou: De modo nenhum, Senhor pois jamais comi coisa alguma profana e impura!’ De novo pela Segunda vez, a voz lhe falou: ‘Ao que Deus purificou, não chames tu de profano’. Sucedeu isto por três vezes, e logo o objeto foi recolhido ao céu.” (At 10:11-16).

Esta visão preparou-o para o encontro a seguir. Cornélio, homem temente a Deus, já havia sido inspirado a procurar Pedro. Era necessário que a divulgação do Evangelho chegasse a outros povos não judeus - “os gentios” - como eram denominados. Era necessário que as barreiras de etnia fossem suplantadas, ultrapassadas, para que a Mensagem Divina chegasse a todos os corações. O apóstolo abnegado, compreendendo a orientação espiritual, profere:

“Dou-me conta, em verdade, que Deus não faz acepção de pessoas, mas que, em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça, Lhe é agradável. Tal é a palavra que ele enviou aos israelitas, dando-lhes a boa nova da paz por Jesus Cristo, que é o Senhor de todos.” (At 10:34-36).

As barreiras da intolerância começavam a ser rompidas. O missionário do Cristo prosseguiria exemplificando a Boa Nova a todos que encontrava.

LIBERTAÇÃO DE PEDRO (At 12:1-19)

“Nessa mesma ocasião o rei Herodes começou a tomar medidas visando a maltratar alguns membros da Igreja. Assim, mandou matar a espada Tiago, irmão de João. E, vendo que isso agrada aos judeus, mandou também prender Pedro. (...) Mas, enquanto Pedro era mantido na prisão, a Igreja fazia ardentemente oração a Deus, em favor dele.” (At 12:1-5).

A vida dos apóstolos foi cheia de sofrimentos de um lado e de triunfos de outro. As perseguições, as calúnias, as injúrias, as prisões cobriam sempre com desdouro os discípulos de Jesus; mas, por outro lado, os Espíritos operavam, por seu intermédio, maravilhas que lhes davam alegrias, felicidades íntimas e muita gratidão a Deus.

Pedro, acompanhado sempre pelo Plano Espiritual Superior, fazia prodígios, e maravilhas operavam-se aos olhos de todos. O famoso pescador de Cafarnaum foi, de fato, um dos grandes irmãos dos infelizes.

Como narrado acima, Herodes lançou-o na prisão, onde foi guardado por quatro turnos de quatro soldados, pois tinha a intenção de apresentá-lo ao povo depois da festa da Páscoa. Enquanto Pedro era mantido na prisão, a Igreja orava a Deus, continuamente, por ele.

Na noite anterior a que Herodes o faria comparecer ante o tribunal, Pedro dormia entre dois soldados, preso com duas correntes, enquanto guardas vigiavam a porta da prisão. E eis que apareceu um anjo do Senhor, e uma luz iluminou a cela. O anjo tocou o ombro de Pedro, acordou-o e disse: *“Levanta-te depressa!”* As correntes caíram-lhe das mãos. O anjo continuou: *“Cinge-te e calça as sandálias!”* Pedro obedeceu, e anjo lhe disse: *“Envolve-te no manto e segue-me!”* Pedro acompanhou-o, sem saber se a intervenção do anjo era realidade; pensava que era uma visão. Depois de passarem pela primeira e pela segundo guarda, chegaram ao portão de ferro que dava para a cidade. O portão abriu-se sozinho. Eles saíram, caminharam por uma rua, e logo depois o anjo o deixou. Somente, então Pedro caiu em si e disse:

“Agora sei realmente que Senhor enviou seu Anjo, livrando-me das mãos de Herodes e de toda expectativa do povo judeu.” (At 12:11).

Tendo-se orientado, foi à casa de Maria, a mãe de João Marcos. Lá estavam muitos reunidos para orar. Bateu no portão de entrada e uma criada chamada Rosa foi atender. Ela reconheceu a voz de Pedro, mas tamanha foi a sua alegria que, em vez de abrir a porta, entrou correndo para contar que Pedro estava ali diante da porta. *“Estás louca!”* disseram-lhe. Mas ela insistiu. Disseram então: *“Então é seu anjo”*. E Pedro continuava a bater. Finalmente abriram a porta, viram que era ele e ficaram atônitos. Com a mão, Pedro fez sinal para que ficassem calados. Contou-lhes como o Senhor o fizera sair da prisão e acrescentou: *“Anunciai isto a Tiago e aos irmãos”* e partiu dali para outro lugar.

Ao amanhecer, houve grande confusão entre os soldados: que fim levou Pedro? Herodes o mandou procurar, mas não conseguiu localizá-lo.

A contribuição recebida por Pedro, no cárcere, representa lição para todos nos. Sob cadeias pesadíssimas, o pescador de Cafarnaum vê se aproximar anjo do Senhor, que o liberta, atravessa em sua companhia os primeiros perigos da prisão, caminha ao lado do mensageiro, ao longo da rua; contudo, o emissário afasta-se, deixando-o, novamente, entregue a própria liberdade, de maneira a não lhe desvalorizar as iniciativas.

Os auxílios do invisível são incontestáveis e jamais falham em suas múltiplas expressões, no momento oportuno; mas é imprescindível não nos viciemos com essa espécie de cooperação, aprendendo a caminhar sozinhos, usando a independência e a vontade no que é justo e útil, convictos de que nos encontramos no mundo para aprender, não nos sendo permitido reclamar dos instrutores a solução de problemas necessários a nossa condição de alunos, dentro do livre arbítrio que nos é concedido.

QUESTÃO REFLEXIVA:

Comente a importância de Pedro para o Cristianismo nascente.

Bibliografia:

- A Bíblia de Jerusalém
- Xavier, Francisco C. /Emmanuel - Pão Nosso.
- Xavier, Francisco C. /Emmanuel - Fonte Viva.
- Xavier, Francisco C. /Emmanuel - Caminho, Verdade e Vida.
- Xavier, Francisco C. /Emmanuel - Paulo e Estevão.
- Franco, Divaldo Pereira/Amélia Rodrigues - Pelos Caminhos de Jesus.
- Schutel, Cairbar -Vida e Atos dos Apóstolos

15ª Aula - Ato Dos Apóstolos

Parte A - Saulo e Estevão

SAULO, O DOUTOR DA LEI

A sociedade judaica, à época de Jesus, era composta por diversas classes que se dividiam, especialmente, por convicções religiosas ou políticas.

Kardec, na introdução de *“O Evangelho Segundo Espiritismo”*, afirma que a mais influente seita era a dos fariseus, que eram defensores severos da Lei Mosaica. Suas convicções levavam a discussões intermináveis pela interpretação das Escrituras.

Em Israel, aqueles que se dedicavam ao rigoroso estudo da Lei, detendo-se em cada particularidade, eram chamados *“Doutores da Lei”*. Saulo era um deles.

Nascido em Tarso, na Cilícia (atual Turquia), entre 1 a 5 d.C. (cf. Bíblia de Jerusalém), era filho de Isaac, pertencente à tribo de Benjamin. Como era costume à época, seu pai, que era um mercador de tecidos e fabricante de tendas, ensinou-lhe ofício de tecelão.

Ainda jovem, foi levado por seu pai a Escola do Templo de Jerusalém, tomando-se discípulo de Gamaliel. Notavelmente brilhante, era um de seus alunos mais fervorosos e devotados.

ESTEVÃO, PRIMEIRO MÁRTIR (At 6:8-15/At 7)

“Estevão, cheio de graça e de poder operava prodígios e grandes sinais entre o povo. Intervieram então alguns da sinagoga chamado dos libertos, dos cireneus e alexandrinos, dos da Cilícia e da Ásia, e puseram-se a discutir com Estevão. Mas não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito com qual ele falava. Subornaram então alguns para dizerem: ‘Ouvimo-lo pronunciar palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus.’ Amotinaram assim a povo, os anciões e os escribas e, chegando de improviso, prenderam-no e o levaram à presença do Sinédrio. Lá apresentaram testemunhas falsas que depuseram: ‘Este homem não cessa de falar contra este lugar santo e contra a Lei. Pois ouvimo-lo dizer repetidamente que esse Jesus, o Nazareu, destruirá este lugar e modificará as costumes que Moisés nos transmitiu.’ ‘Todos as membros da Sinédrio, com os olhos fixos nele, tiveram a impressão de ver em seu rosto o rosto de um anjo.” (At 6: 8-15).

“Estevão, porém, repleto do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus, e Jesus, de pé, à direita de Deus. E disse: ‘Eu vejo os céus abertos, e o Filho do Homem, de pé, à direita de Deus. Eles, porém, dando grandes gritos, taparam os ouvidos e precipitaram-se sobre ele. E, arrastando-o para fora da cidade, começaram a apedrejá-lo. As testemunhas depuseram seus mantos aos pés de um jovem chamada Saulo. E apedrejaram Estevão, enquanto ele dizia esta invocação: ‘Senhor Jesus, recebe meu espírito’. Depois, caindo de joelhos, gritou em voz alta: ‘Senhor não lhes leves em conta este pecado’. E, dizendo isto, adormeceu.” (At 7: 55-60).

Nesta impressionante passagem, encontramos a grandiosa figura de Estevão, o primeiro mártir do Cristianismo.

Embora não haja, no Novo Testamento, muitas referências sobre a sua trajetória, os pequenos trechos que encontramos mostram-nos toda a intensidade de sua devoção, todo seu empenho, todo seu esforço e sacrifício para a divulgação do Cristianismo nascente.

Na obra “Paulo e Estevão”, psicografada por Francisco C. Xavier, pelo Espírito Emmanuel, conhecemos sua epopeia.

Especialmente, vale lembrar que Estevão, antes de abraçar o Cristianismo, assim como sua irmã Abigail, era fervoroso adepto da religião judaica.

Em certo momento de sua vida, ao proteger seu pai em defesa de suas terras, foi preso e condenado às galeras.

Essa pena, onde muitos encontravam a morte, consistia no aprisionamento em porões de navios, onde o ambiente era insalubre, sendo obrigados, de forma impiedosa, a remar, com um mínimo de repouso e alimentação escassa.

Após uma série de momentos de tribulação, foi acolhido na Casa do Caminho por Pedro que, então, passou a ser o seu orientador, e mudou-lhe o nome para Estevão.

A partir desse momento, ele se torna um grande divulgador da Boa Nova. Dotado de grande magnetismo, tocava os corações com seu verbo inflamado, e, através de suas faculdades mediúnicas, tornara-se um valioso instrumento da Espiritualidade.

Sua dedicação, sua fé, sua presença acolhedora e caridosa arrebanhava multidões... muitos abandonavam o Templo para ouvi-lo pregar o Evangelho de Jesus

Os sacerdotes, os Doutores da Lei, todos aqueles que queriam manter a hegemonia e o poder sobre a nação, por meio de uma religião formal, estavam enfurecidos e obstinados a perseguir os “caminheiros”.

Saulo de Tarso, o Doutor da Lei, tornou-se, nesse momento, seu principal perseguidor. Em determinado momento, então, condenou Estevão a morte por apedrejamento.

Nesse instante culminante, Estevão, que verdadeiramente havia se inspirado pelas lições do Mestre, que com grande renúncia havia se entregado a propagação do Evangelho... nesse momento final, exemplificou a verdadeira força, a verdadeira coragem, a verdadeira grandeza... como havia ensinado Jesus, sem resistir, pacificamente, demonstrou sua capacidade plena de amar e, por seus verdugos, orou a Deus pedindo que fossem perdoados...

Seu exemplo, inesquecível e comovente, jamais será esquecido por todos os verdadeiros cristãos!

Diante da conduta irreprovável de Estevão, esse episódio marcou para sempre a vida e a trajetória de Saulo. Ele nunca mais seria o mesmo!

Afirma Emmanuel, no prefácio de sua incomparável obra “Paulo e Estevão”:

“Sem Estevão, não teríamos Paulo de Tarso. O grande mártir do Cristianismo nascente alcançou influência muito mais vasta na experiência paulina, do que poderíamos imaginar tão só pelos textos conhecidos nos estudos terrestres.”

CONVERSÃO DE SAULO - (At 9:1-19)

“Saulo respirando ainda ameaças de morte contra os discípulos do Senhor dirigiu-se ao sumo sacerdote. Foi pedir-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de poder trazer para Jerusalém, presos, os que lá encontrassem pertencendo ao Caminho, quer homens, quer mulheres.

Estando ele em viagem e aproximando-se de Damasco, subitamente uma luz vinda do céu envolveu de claridade. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: ‘Saulo, Saulo, por que me persegues?’ Ele perguntou. ‘Quem és, Senhor?’ E a resposta: ‘Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas levanta-te, entra na cidade, e te dirão que debes fazer.’ Os homens que com ele viajavam detiveram-se, emudecidos de espanto, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém. Saulo ergueu-se do chão. Mas, embora tivesse os olhos abertos, não via nada. Conduzindo-o, então, pela mão, fizeram-no entrar em Damasco. Esteve três dias sem ver; e nada comeu, nem bebeu.

Ora, vivia em Damasco um discípulo, chamado Ananias. O Senhor lhe disse em visão: Ananias! ‘Ele respondeu: ‘Estou aqui, Senhor!’ E o Senhor prosseguiu: levanta-te, vai pela rua chamada Direita e procura, na casa de Judas, por alguém de nome Saulo, de Tarso. (...) Ananias partiu. Entrou na casa, impôs sobre ele as mãos e disse: ‘Saulo, meu irmão, o Senhor Jesus, me enviou, o mesmo que te apareceu no caminho por onde vinhas. E para que recuperes a vista e fiques repleto do Espírito Santo. Logo caíram-lhe dos olhos, umas como escamas, e recuperou a vista. Recebeu, então, o batismo e, tendo tornado alimento, sentiu-se reconfortado.” (Atos 9:1-19).

Poucos momentos são tão decisivos na vida de alguém. Dentre as diversas conversões que temos relatos, a de Saulo é uma das mais impressionantes, e, ainda hoje, emociona a todos aqueles que ouvem a sua história.

Ele havia saído à captura dos cristãos; seu coração estava cheio de ódio daqueles “caminheiros” que, segundo acreditava, eram blasfemadores, violadores da Lei. Não haveria trégua: ele os perseguiria até o fim! Mas... então... às portas de Damasco...

Tal episódio, surpreendente e intrigante, faz-nos refletir: Como é possível que alguém tão convicto de suas posições, tão arraigado as suas tradições, judeu ortodoxo, defensor rigoroso da Lei Mosaica, possa, em um átimo de segundo, sofrer uma transformação tão intensa, de tal magnitude?

É que Saulo havia encontrado Jesus. A mensagem sublime do Mestre havia inundado sua alma, conduzindo-a a nova compreensão da Lei Divina.

Saulo, lembremos, embora fosse defensor da Lei Mosaica, fazia-o com verdadeira devoção, e desejava, dentro do seu entendimento, o Bem.

Jesus, que podia sondar as almas, reconhecendo-lhe o potencial, veio, em pessoa, convocá-lo a sua Seara.

Saulo, que até então negava Jesus, reconhece: então era verdade! Ele estava em choque. Suas crenças desmoronaram, alicerces de suas convicções tinha afundado.

A partir daquele dia, ele estaria a serviço do Mestre para toda e qualquer tarefa. **Ele era “Vaso Escolhido”.**

PREGAÇÃO EM DAMASCO E ENCONTRO COM BARNABÉ (At 9:19-3)

“Saulo esteve alguns dias com os discípulos em Damasco e, imediatamente, nas sinagogas, começou a proclamar Jesus, afirmando que é o Filho de Deus. Todos os que ouviam ficavam estupefatos e diziam: ‘Mas

não é este que devastava em Jerusalém os que invocavam esse nome, e veio para cá expressamente com fim de prendê-los e conduzi-los aos chefes dos sacerdotes?’ (...)

Decorridos muitos dias, os judeus deliberaram entre si como matá-lo. Mas Saulo teve conhecimento dessa trama. Vigiavam até as portas da cidade, de dia e de noite, para o matarem. Então os discípulos, uma noite, fizeram-no descer pela muralha, oculto num cesto.

Tendo chegado a Jerusalém, tentava associar-se aos discípulos; mas todos tinham medo dele, não acreditando que fosse, de fato, discípulo. Então Barnabé tomou-o consigo, levou-o aos apóstolos e contou-lhes como, no caminho, Saulo vira o Senhor qual lhe dirigiu a palavra; e com que intrepidez, em Damasco, falara no nome de Jesus. Daí por diante, ia e vinha entre eles, em Jerusalém, falando com intrepidez no nome do Senhor.” (At 9:19-28).

Aqueles que conheciam Saulo não podiam compreender o que poderia ter-lhe ocorrido para apresentar tão súbita transformação.

Muitos achavam que era loucura, que o sol do deserto tinha-lhe afetado o discernimento.

E se não estivesse louco - deviam pensar: Como poderia ter se tornado um seguidor do “carpinteiro”?!?

Ninguém compreendia. Os próprios apóstolos de Jesus ficaram surpresos com essa transformação.

Foi Barnabé, também um integrante da Casa do Caminho, que intercedeu por Saulo junto aos demais apóstolos, e, então, movidos pelo amor cristão, os discípulos aceitaram-no como um deles. Desse episódio, nasceria a fraterna amizade de Saulo e Barnabé.

QUESTÃO REFLEXIVA:

“Será que nós já encontramos o nosso ‘Caminho de Damasco’, a tal ponto de nos dispormos a servir a Jesus”?

Parte B - Paulo, O Apóstolo Dos Gentios

Paulo é uma das figuras mais extraordinárias do Cristianismo nascente. Seu trabalho foi monumental. Após sua conversão ele empenharia todo seu Ser na causa abraçada.

Propagar o Evangelho entre os povos pagãos do ocidente e do oriente seria seu ideal, e para isso Paulo realizará três grandes missões sairá em jornadas para alcançar terras longínquas, enfrentaria povos bárbaros, populações hostis, autoridades impiedosas e cruéis... mas não se abateria jamais...

PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA (At 13 e 14)

“Havia em Antioquia, na Igreja local, profetas e doutores: Barnabé, Simeão cognominado Níger; Lúcio de Cirene, e ainda Manaém, companheiro de infância do tetrarca Herodes, e Saulo. Celebrando eles culto em honra do Senhor e jejuando, disse-lhes o Espírito Santo: ‘Separai para mim Barnabé e Saulo, para a obra a qual os destinei’. Então, depois de terem jejuado e orado, impuseram-lhes as mãos e despediram-nos.” (At 13:1-3).

Por Volta do ano 40 d.C., Paulo, que ainda se chamava Saulo, encontrava-se na igreja (comunidade) de Antioquia, celebrando o culto e jejuando, conforme costume da época.

Durante o culto, ocorre uma manifestação mediúnica, e, então, ouve-se: **“Separai para mim Barnabé e Saulo, para a obra à qual os destinei.”**

O chamado fora feito. Não havia equívoco. Ali, Paulo recebera sua incumbência: deveriam, ele e Barnabé, seguir para anunciar a Boa Nova a outros povos. João Marcos, o jovem sobrinho de Barnabé, seria seu acompanhante.

Inspirados, felizes por serem convocados a servir o Mestre, iniciariam a primeira viagem apostólica. Seriam momentos marcados pela coragem, pela fé inabalável, pelo exemplo de plena devoção...

O ponto inicial foi à cidade de Antioquia da Síria. Foi nesta cidade, que segundo Emmanuel, Paulo abraçou Tito pela primeira vez. Dali partiriam e percorreriam inúmeras localidades, como: ilha de Chipre, Pafos, Panfília, Antioquia de Pisídia, Listra, e outras.

Em seu itinerário, alguns momentos seriam marcantes. Vejamos alguns deles:

A cura e a conversão do Procônsul Sérgio Paulo

Morava em Pafos o Procônsul Sérgio Paulo. Providencialmente, era o mesmo que havia conhecido Estevão, quando este era um prisioneiro nas Galeras.

Sérgio Paulo, há quase um ano, encontrava-se novamente enfermo. Havia um mago judeu, chamado de Barjesus ou Elimas, que vinha lhe assistindo. Era, no entanto, um falso profeta.

Naquele cenário, Paulo e Barnabé, compareceram no palácio, a pedido do Procônsul, e o curaram. Agradecido, Sérgio Paulo converteu-se ao Cristianismo. Foi a partir desse episódio que Saulo adotou o nome romano de **Paulo**.

A desistência de João Marcos

A certa altura, quando Paulo e Barnabé decidiram dirigir-se para Antioquia de Pisídia, João Marcos desistiu de acompanhá-los e retomou a Jerusalém.

De fato, o caminho dos missionários é cheio de pedras e espinhos. O jovem sobrinho de Barnabé não suportou a aspereza da jornada. Seu momento ainda não havia chegado.

A cura de um coxo

Em Listra, ao encontrar um homem que era coxo de nascença, Paulo, movido por compaixão, e apercebendo-lhe a fé viva, dirigiu-lhe o olhar e lhe disse: *“Levanta-te direito sobre teus pés!”* (At 14:10); e no mesmo instante, num salto, curado, ele andou.

Aquele mesmo local seria palco de injúrias e agressões ao grande apóstolo. Ele seria apedrejado e expulso da cidade. Mas, pela sua determinação, pela sua fé, isso não o faria desistir de sua missão. Ele iria até o final.

CONCÍLIO DE JERUSALÉM (At 15:1-34)

“Entretanto, haviam descido alguns da Judéia e começaram a ensinar os irmãos: ‘Se não vos circuncidardes segundo a norma de Moisés, não podereis salvar-vos. Surgindo daí uma agitação e tornando-se veemente a discussão de Paulo e Barnabé com eles, decidiu-se que Paulo e Barnabé e alguns outros dos seus subiriam a Jerusalém, aos apóstolos e anciãos, para tratar da questão.

(...) Tornando-se acesa a discussão, levantou-se Pedro e disse: ‘Irmãos, vos sabeis que, desde os primeiros dias, aprouve a Deus, entre vós, que por minha boca ouvissem os gentios a palavra da Boa Nova e abraçassem a fé. Ora, o conhecedor dos corações, que é Deus, deu testemunho em favor deles, concedendo-lhes o Espírito Santo assim como a nós. Não fez distinção alguma entre nós e eles, purificando seus corações pela fé. Agora, pois, porque tentais a Deus, impondo ao pescoço dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem mesmo nós podemos suportar? Ao contrário é pela graça do Senhor Jesus que nos cremos ser salvos, da mesma forma que eles.

(...) Quando cessaram de falar Tiago tomou a palavra, dizendo: ‘... Eis porque, pessoalmente, julgo que não se devam molestar aqueles que dentre os gentios, se convertem a Deus. Mas se lhes escreva que se abstenham do que está contaminado pelos ídolos, das uniões ilegítimas, das carnes sufocadas e do sangue’.” (At 15: 1-20).

Concílio é uma assembleia, uma reunião, convocada para se decidir sobre uma questão doutrinária, sobre um dogma, sobre uma 'regra que esteja em vigor, sobre um princípio teológico. Ao final dos debates chega-se, então, a um consenso sobre certo assunto, ao qual, de regra, as partes aceitam e se resignam.

Esse Concílio de Jerusalém tinha por objetivo principal a decisão sobre a imposição ou não de costumes judaicos aos recém convertidos, muitos deles não judeus. Entre esses costumes destacava-se a circuncisão.

A circuncisão é um ritual previsto no Antigo Testamento (Lv 12:3), que devia ser realizado em todas as crianças do sexo masculino, no oitavo dia de vida, e consistia em retirar parte da pele que cobre a glândula do órgão genital. Simbolizava a aliança de Deus com Abraão, sendo perpetuada por seus descendentes.

Na época do Cristianismo nascente, duas correntes polarizavam-se. Uma pela manutenção, outra pela não exigência da imposição de tal costume aos novos convertidos.

Neste Concílio, destaca-se a presença ponderada e conciliadora do apóstolo Pedro. Pedro, por certo, ainda trazia consigo a imagem amorosa do Mestre. A inquirição direta, sem subterfúgios: “Pedro, filho de João, tu me amas mais do que estes?” Segue a sua resposta clara e firme: “Sim, Senhor sabes que te amo.” O doce apelo do Mestre chega-lhe aos ouvidos: Apascenta meus cordeiros.”

E assim, Pedro o fez. Não havia sido nada fácil, desde os primeiros tempos, manter os companheiros unidos diante das cruéis perseguições sofridas. Porém, agora, uma nova tormenta formava-se no horizonte: posições extremadas de amigos tão próximos, tão dedicados a Causa do Mestre. O que fazer?

Paulo havia trazido um novo dinamismo ao Cristianismo; seu verbo enérgico, sua presença magnética, havia vitalizado a Doutrina Redentora. Atraía um sem numero de pessoas a pregação do Evangelho; vários núcleos

cristãos desabrochavam sob seu forte impulso. Mas muitos dos novos cristãos eram gentios, ou seja, não judeus, e não compreendiam, nem aceitavam os costumes judaicos. Paulo defendia o direito dos gentios de não serem obrigados a aceitar costumes, como a circuncisão.

Tiago, por outro lado, era companheiro da primeira hora. Estivera com ele e João desde o início, e sua presença, por várias vezes, havia salvado do fechamento a Casa do Caminho. Os judeus simpatizavam com sua postura frente à Lei Mosaica.

Entre os dois amigos, o que fazer? O que o Mestre faria? As palavras de Jesus ressoavam-lhe profundamente: 'Apascenta meus cordeiros.' E desse modo, quando a discussão fazia-se mais acalorada, veio-lhe a inspiração.

Tomando a palavra, ponderou com equilíbrio e moderação: não eram os atos exteriores que determinavam os seguidores do Cristo, mas, sim, o interior purificado, inundado de fé verdadeira que permitia a aceitação pura e simples dos ensinamentos do Mestre! Era por aquilo que ia no coração de cada um deles que seriam reconhecidos como cristãos.

Uma aragem diferente inundou o ambiente. Os ânimos foram apaziguados. Tiago, ao reconhecer no verbo do amigo a inspiração divina, acatou-lhe a sabedoria. Suas condições foram facilmente aceitas: abster-se da adoração a ídolos, de uniões ilegítimas e de se alimentar de animais sufocados.

Nova atmosfera de alegria e fraternidade podia ser sentida. Paulo e Barnabé regozijaram-se: levariam boas notícias aos companheiros! Mais uma vez, Pedro sentiu intensamente a presença do Senhor. Respirou aliviado. A pedido do Mestre continuaria a apascentar os cordeiros...

SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA (At 15:36-41;16; 17; 18:1-23)

"Depois de alguns dias, disse Paulo a Barnabé: 'Voltemos agora a visitar os irmãos por todas as cidades onde anunciamos a palavra do Senhor para ver como estão'. Mas Barnabé queria levar consigo também João, cognominado Marcos, enquanto Paulo exigia que não se levasse aquele que os deixara desde a Panfília e não os acompanhara no trabalho. A irritação tornou-se tal que eles se separaram um do outro, Barnabé, pois, tomando Marcos consigo, embarcou para Chipre. Quanto a Paulo, escolheu Silas e partiu, recomendado a graça de Deus pelos irmãos." (At 15:36-40).

Apos o Concílio de Jerusalém, por volta de 47-51 d.C., Paulo e Barnabé dariam início a sua 2ª viagem missionária, considerada a sua viagem mais importante. Já havia decorrido algum tempo desde a primeira jornada, quando haviam fundado diversos núcleos cristãos pelos locais por onde passaram. Era preciso retornar para avaliar o progresso daquelas comunidades.

Ao planejarem essa nova viagem, no entanto, ocorre uma divergência de intenções: Barnabé queria, novamente, levar seu sobrinho João Marcos; Paulo discordava, pois não o achava preparado, eis que já havia desistido na primeira viagem. Sendo assim, acabaram tomando rumos diferentes. Contudo, seus objetivos permaneceram os mesmos: anunciar a Boa Nova.

Nessa nova jornada, Paulo, tendo Silas como fiel companheiro, cruzou várias cidades, alcançando, nos extremos, a região da Macedônia. Timóteo e Lucas também participaram desta viagem; percorreram várias cidades até se encontrarem com Paulo e Silas em Tessalônica. Alguns dos episódios mais relevantes são:

• Encontro com Timóteo em Listra

Em Listra, Paulo, segundo Emmanuel na obra já citada, reencontra Timóteo. Instantaneamente, Paulo reconhecera naquele jovem um fervoroso cristão, um futuro e valoroso servidor. Timóteo o acompanharia por toda a jornada e se tornaria um de seus fiéis companheiros por toda a sua vida.'

• A Visão sobre a Macedônia

Quando estava em Trôade, Paulo, durante a noite, tem uma visão: um macedônio, de pé diante dele, pediu-lhe que fosse a Macedônia e os ajudasse. Prontamente, partiram para lá. Neste fato, podemos, claramente, ver a atuação da Providência Divina. Eles, então inspirados, atenderam o chamado.

• Paulo em Atenas

Paulo era um admirador da cultura grega. Sonhava em divulgar o Evangelho naquela magna cidade, um dos berços culturais da Humanidade. Acreditava que entre aqueles homens cultos o Evangelho de Jesus, por sua elevação, seria plenamente aceito. Grande decepção!

Foi rejeitado, tratado com indiferença por uns, zombado por outros. A velha cidade, embora tivesse atingido seu apogeu intelectual, ressentia pela frieza de seus habitantes.

• Paulo em Corinto

Paulo reencontrou em Corinto dois grandes amigos: Priscila e Áquila, que foram seus companheiros atuantes nos três anos em que ele permaneceu trabalhando e meditando no deserto, antes de iniciar a sua missão. Foi em Corinto que Paulo fundou a mais importante de todas as comunidades cristãs por ele estabelecidas; lá permaneceu durante dezoito meses.

Concluindo sua viagem, ele retornou a Antioquia da Síria, passando, entre outras cidades, por Éfeso, Cesaréia e Jerusalém. O grande apóstolo havia trazido contribuições monetárias a Casa do Caminho que se encontrava em sérias dificuldades; entregou-as a Simão Pedro, que as recebeu emocionado. Paulo relatou sua jornada aos apóstolos, que ficaram exultantes: a Doutrina do Cristo florescia!

TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA (At 18:23-28; 19; 2; 21:1-19)

“Passado algum tempo, partiu de novo e percorreu sucessivamente a região da Galácia e da Frigia, confirmando todos os discípulos.” (At 18:23)

Era o ano de 52, Roma prosseguia soberana, o Imperador era Cláudio, e Israel continuava subjugada ao seu domínio. As perseguições contra os cristãos aumentavam. A vertiginosa expansão do Cristianismo assustava as autoridades políticas e religiosas.

Paulo havia recebido muitas mensagens; as comunidades que ele fundara solicitavam sua presença.

Impossível ser-lhe-ia atender, pessoalmente, todas elas. Exatamente com o fim de falar a essas comunidades, levar-lhes esclarecimento, motivação, incentivar-lhes a fé, ele redigia suas epístolas. Nesse período, ele já havia escrito suas primeiras cartas dirigidas aos núcleos cristãos.

Mas era preciso voltar à estrada. Partiu, tendo Lucas como seu valoroso companheiro.

• Em Éfeso

O apóstolo João aguardava-o em Éfeso. A comunidade cristã, nesta cidade, vivia momentos difíceis, sofrendo fortes perseguições dos judeus ortodoxos. Ali, Paulo permaneceria por três anos.

Nessa estadia, muitos foram os episódios marcantes. A mensagem de Jesus continuava atingindo os corações. Porém, as exposições de Paulo, que despertavam até mesmo os pagãos, culminaram por gerar certo desprezo, por exemplo, pelo culto a divindade considerada protetora da cidade: a deusa Diana, criando embates entre os negociantes de ouro e a comunidade Cristã.

Muitas outras comoções ocorreram. Esse foi um período decisivo para aquele núcleo. Com a vigorosa atuação de Paulo e sua oratória inflamada, reacendeu a fé; com seu grande magnetismo, realizou inúmeras curas; com sua personalidade única, com sua liderança e conduta moral irrepreensível, a comunidade foi restabelecida.

• Ágabo, o profeta

Prosseguindo em sua jornada, visitando várias cidades, a certa altura, chega a Cesaréia. Permanecendo ali alguns dias, encontrou-se com um profeta chamado Ágabo que o advertiu a não retornar a Jerusalém, pois lá ele seria preso. Paulo, decidido, responde: “Pois estou pronto, não somente a ser preso, mas até a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus.” (At 21:13).

Como havia afirmado, convicto, seguiu para Jerusalém. Ali se cumpriu a predição de Ágabo: Paulo foi maltratado, flagelado e preso. Mas sua fé não se abalou!

EPÍLOGO DA MISSÃO DE PAULO (At 21:20-40 e 22 a 28)

Paulo tinha sido condenado injustamente pelo Sinédrio. Por ter a cidadania romana, foi conduzido a Cesaréia aos cuidados do governador Félix, onde permaneceria encarcerado durante dois anos.

Seu processo encontrava-se estacionado. Embora as autoridades judaicas pleiteassem a transferência de Paulo para a jurisdição do Sinédrio, o governador não cedeu. Durante esse período, ele foi tratado com relativa liberdade: recebia visitas, escrevia cartas às comunidades cristãs, e divulgava o Evangelho dentro da prisão e para o próprio governador.

Ocorreu então, que o governador Felix foi transferido e substituído por Pórcio Festo. Ao saberem da mudança, os judeus voltam a pleitear a transferência de Paulo para Jerusalém.

Na obra “Paulo e Estevão”, Emmanuel, em acréscimo ao relato bíblico, apresenta novos detalhes. Afirma o Benfeitor que Paulo, ao saber, por intermédio de Lucas, que os judeus tramavam para conseguir sua condenação à crucificação, usa a prerrogativa de cidadão romano e ‘apela a César’.

Em sua trama ignominiosa, pretendiam as autoridades judaicas que na execução de Paulo fosse repetido o episódio do Gólgota. Seria no mesmo lugar e ao lado de dois ladrões.'

Isso seria ultrajante! Pensava o grande apóstolo. Ele não se achava digno de protagonizar o mesmo martírio infligido a Jesus. Poderia aceitar todas as condenações, mesmo a morte; não, porém, esta, que objetivava a banalização do exemplo inigualável do Cristo. Por isso, ele apelou para ir a Roma, frustrando assim, o pérfido plano dos judeus.

Paulo, comovido, despediu-se dos companheiros, e navegou em direção a Roma. Em Roma, obteve o benefício de cumprir prisão domiciliar. Assim permaneceu por mais dois anos. Nesse período, ele participou ativamente da propagação da mensagem cristã na capital do Império.

Desta forma, encerra-se a narrativa contida em “Atos dos Apóstolos”. Emmanuel, porém, na obra já citada, narra sua saga até o momento final. Quando a perseguição aos cristãos fez-se mais sentida, certa feita, enquanto pregava nas catacumbas, foi preso pelas autoridades romanas, e condenado a morte.

Como fiel discípulo, de Jesus, recebia agora a pena capital. Ele não resistiu. Como o Mestre havia exemplificado, ele aceitou pacificamente o seu fim. Sua missão estava completa! Também o seu exemplo ficará imortalizado na História do Cristianismo.

Em memória de sua coragem inigualável, de sua entrega sem limites, de sua perseverança até o final, lembremos de seu clamor:

“Muitas vezes, vi-me em perigo de morte. Dos judeus recebi cinco vezes quarenta golpes menos um. Três vezes fui flagelado. Uma vez, apedrejado. Três vezes naufraguei. Passei um dia e uma noite em alto-mar. Fiz numerosas viagens. São perigo nos rios, perigos dos ladrões, perigos por parte dos meus irmãos de estirpe, perigos dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar; perigos dos falsos irmãos! (...) Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem tropeça, sem que eu também fique febril? Se é preciso gloriar-se, de minha fraqueza é que me gloriarei.” (2 Co 11:23-30).

Que exemplo de Paulo possa inspirar-nos sempre!

QUESTÃO REFLEXIVA:

Comente a contribuição do apóstolo Paulo para a expansão do Cristianismo.

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém.
- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Ed. FEESP.
- Xavier, Francisco C./Emmanuel - Paulo e Estevão.
- Corbin, Alain - Historia do Cristianismo.
- Atlas Bíblico Interdisciplinar - Escritura - Historia - Geografia - Arqueologia - Teologia - Ed. Paulus.

16ª Aula - As Epístolas Do Novo Testamento

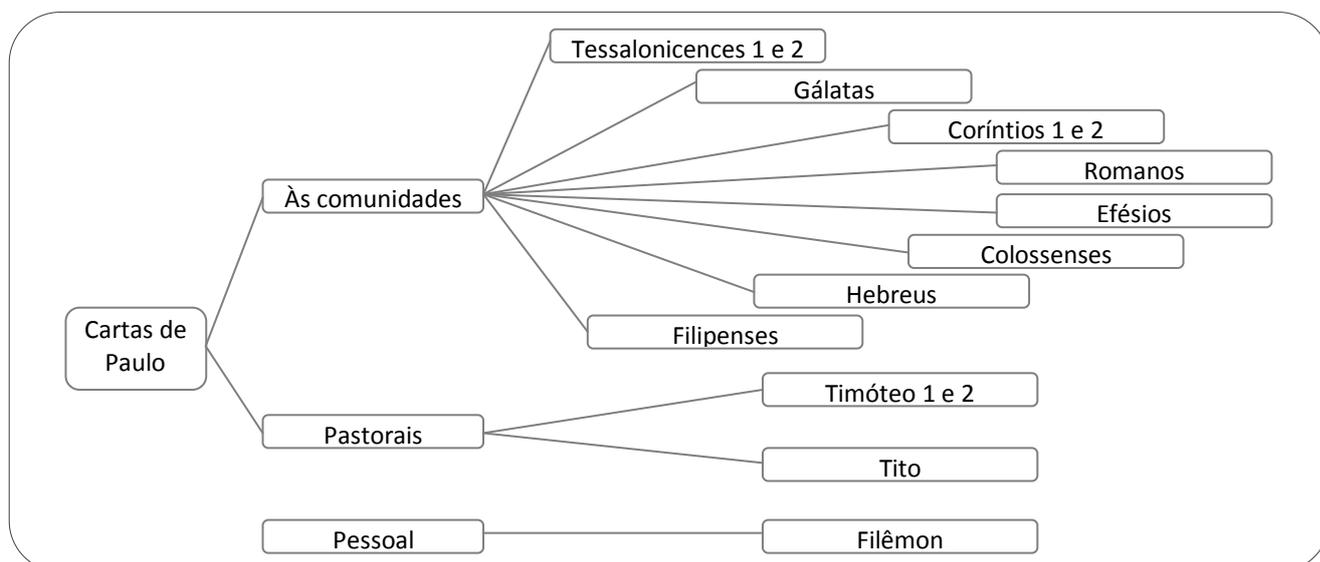
Parte A - Introdução

O Novo Testamento é composto pelos quatro Evangelhos, pelo livro profético do Apocalipse e pelo conjunto das epístolas.

Epístolas são cartas que foram escritas por alguns dos apóstolos e seguidores de Jesus, destinadas aos cristãos. São 21 cartas no total: 14 de Paulo, 2 de Pedro, 3 de João, 1 de Judas e 1 de Tiago.

Das 14 cartas de Paulo, 1 foram dirigidas às comunidades específicas por ele fundadas; 3 epístolas, chamadas pastorais, foram escritas a Timóteo (2) e a Tito (1); e há, ainda, 1 carta pessoal endereçada a Filêmon.

Muitas cartas que circulavam pela cristandade, e eram atribuídas aos apóstolos, foram catalogadas como apócrifas, ou seja, não foram consideradas autênticas pelos concílios. Exemplos: carta de Paulo aos Laodicenses, correspondência entre Paulo e Sêneca, epístola de Barnabé, carta de Pedro a Tiago.



AS CARTAS DE PAULO

Notícias da Espiritualidade

Paulo, o grande apóstolo dos gentios, tinha uma terna solicitude por todos os núcleos cristãos. Em seu ardor missionário, o intrépido trabalhador, após verificar que as sementes do Evangelho já haviam germinado em terra fértil, partia em demanda de outras terras, como dizia ele, para desbravar caminhos e ensolarar corações com as benesses da Boa Nova.

No entanto, inúmeras solicitações chegavam de suas igrejas amadas, pedindo a sua presença, as suas orientações, os seus conselhos. Importante é ressaltar que Paulo, em seus escritos, refere-se constantemente as igrejas cristãs. Quando usava esse termo “igreja”, em verdade, estava designando as diversas comunidades cristãs que haviam se formado.

Conta-nos Emmanuel, em “Paulo e Estevão”, capítulo VII, 2ª parte, que os assuntos eram urgentes e variados. Os irmãos carinhosos e confiantes contavam com a sua dedicação.

Como atender a todos? Buscava na luz da oração a inspiração necessária... E uma Voz fazia-se ouvir, trazendo-lhe a solução almejada: *“Poderás resolver problema escrevendo a todos os irmãos em meu nome; os de boa-vontade saberão compreender porque o valor da tarefa não está na presença pessoal do missionário, mas no conteúdo espiritual do seu verbo, da sua exemplificação e da sua vida. Doravante, Estevão permanecerá mais conchegado a ti, transmitindo-te meus pensamentos, e trabalho de evangelização poderá ampliar-se em benefício dos sofrimentos e das necessidades do mundo.”*

Assim, prossegue Emmanuel, começou o movimento dessas cartas imortais, cuja essência espiritual provinha da esfera do Cristo, através da contribuição amorosa de Estevão.

Embora destinadas às igrejas específicas, seu conteúdo dirige-se aos cristãos de todos os tempos. As epístolas não constituem tratados teológicos; na realidade, são escritos que respondem a situações concretas, fruto das solicitações ou necessidades das igrejas.

No entanto, ao lado das respostas as situações específicas, em todas Paulo abordava os seguintes temas fundamentais:

- a imortalidade da alma, comprovada pela “ressurreição” de Jesus,
- a Lei do Amor, revelada pelo Mestre como caminho para Deus, e
- a necessidade da renovação interior como condição essencial para seguir os passos de Jesus.

Do conjunto de 14 epístolas, 9 serão abordadas com mais profundidade, em função da abrangência do programa. Quanto às demais, faremos a seguir uma breve apresentação.

EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

Paulo escreveu duas epístolas aos Tessalonicenses. Escritas em Corinto, por volta de 51 d.C., foram as primeiras epístolas escritas por Paulo e são, provavelmente, os documentos cristãos mais antigos.

Paulo, Silas, Lucas e Timóteo deram os primeiros passos para instituir uma comunidade Crista em Tessalônica, durante a 2ª viagem missionária. Tessalônica era a cidade mais populosa da Macedônia, até o século III d.C.

O tema central das duas cartas decorre de questões levantadas pela comunidade sobre a 'segunda vinda' do Cristo e o conseqüente dia do 'juízo final'.

Neste ponto, precisamos observar que, especialmente no primeiro século, era corrente a crença que o Cristo retomaria em breve (segunda vinda).

Em ambas as cartas, o conteúdo da resposta de Paulo está em conformidade com o Sermão Profético proferido por Jesus, contido no capítulo 24 do Evangelho de Mateus.

Nestas epístolas, Paulo enaltece a fé que havia entre eles e procura encorajá-los a perseverarem, apesar das tribulações; exorta-os, ainda, a prática do bem e, cada vez mais, a busca do progresso espiritual.

A Primeira Carta

Na comunidade de Tessalônica, o destino daqueles que haviam morrido antes da esperada volta de Jesus havia se tornado uma grande preocupação. Então, nesta 1ª Carta, Paulo procura dissipar essa inquietação.

Primeiramente, Paulo reafirma que a "ressurreição" dos mortos é uma realidade, e, que por ocasião da segunda vinda de Jesus, tanto os que morreram após se renovarem com a mensagem do Cristo, assim como os que estavam vivos e praticando os seus ensinamentos, todos eles se encontrariam com o Mestre e: **"assim, estaremos para sempre com Senhor. Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras"** (I Ts 4:17-18).

Não sabemos quando se dará a vinda de Jesus, diz Paulo: *"Portanto, não durmamos, a exemplo dos outros; mas vigiemos e sejamos sóbrios. Quem dorme, dorme de noite; quem se embriaga, embriaga-se de noite. Nós, pelo contrário, que somos do dia, sejamos sóbrios. Revestidos da couraça da fé e da caridade e do capacete da esperança da salvação."* (I Ts 5:6-8).

A Segunda Carta

Após a 1ª epístola, ainda havia certa ansiedade quanto à data em que Jesus viria, a qual se acreditava ser iminente. Este será tema central da 2ª epístola.

"Quanta a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e à nossa reunião com ele, rogamo-vos, irmãos, que não percais tão depressa a serenidade de espírito, e não vos perturbeis nem por palavra profética, nem por carta que se diga vir de nós, como se Dia do Senhor já estivesse próximo." (II Ts 2:1-2).

Importante destacar a recomendação de Paulo quanto à necessidade de analisar conteúdo das comunicações espirituais a luz dos ensinamentos que ele ministrava (concordes com as revelações de Jesus) e de rejeitar as comunicações espirituais, cujo teor se apresentasse divergente destes ensinamentos.

Quando se daria a vinda do Senhor?

Paulo afirma que a vinda de Jesus será precedida de muitos sinais: ocorrerá o esfriamento da fé e, então, Homem tornar-se-á ímpio, ou seja, descrente e impiedoso. E todos os que se deixarem seduzir pelo ímpio e praticarem a injustiça serão condenados.

Paulo alertava para a necessidade da vigilância em relação aqueles que mesmo produzindo prodígios eram, em verdade, falsos profetas.

É importante ressaltar que a linguagem utilizada para descrever a segunda vinda do Cristo e o juízo final é simbólica. Dai o imperativo de tirar véu da letra para interpretar segundo espírito que vivifica, ou seja, buscando a essência espiritual.

O segundo advento do Cristo e juízo final, temas que estão interligados, foram objeto de análise de Kardec em "A Gênese", capítulo XVII, item 45:

"Jesus anuncia Seu segundo advento, mas não diz que voltará a Terra com um corpo carnal, nem que o Consolador será personificado nEle. Ele se apresenta como devendo vir em Espírito, na glória de Seu Pai, julgar mérito e demérito, e recompensar a cada um segundo suas obras, quando os tempos se completarem..."

E no item 67 afirma:

"A qualificação de juízo final não é exata, já que os Espíritos passam por semelhante tribunal a cada renovação dos mundos que habitam, até que tenham atingido certo grau de perfeição. Não existe, portanto, para falar propriamente, juízo final, mas Existem juízos gerais em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos, em consequência das quais se operam as grandes emigrações ou imigrações de Espíritos."

EPÍSTOLA AOS GÁLATAS

Logo depois que Paulo fundou as igrejas da Galácia, os chamados “judaizantes” começaram a pregar um evangelho diferente dos ensinamentos de Jesus, semeando confusão e divisão nas comunidades. Os “judaizantes” eram judeus convertidos ao Cristianismo, que preconizavam a necessidade de submeter os gentios a circuncisão e a observância da Lei Mosaica.

Em função disto, Paulo escreveu a epístola aos Gálatas. É uma carta de repreensão, pois parte dos gálatas estavam sendo desleais ao Evangelho ministrado por ele. Nesta Carta, Paulo reafirma sua autoridade apostólica, esclarece uma vez mais os pontos fundamentais do Evangelho e solicita a eles que retomem os seus ensinamentos.

A divisão que vinha ocorrendo não se justificava, pois Jesus abolira a separação que existia entre os homens: *“Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem, nem mulher; pois todos vós sóis um só em Cristo Jesus.”* (Gl 3:28).

Jesus revelou que plano da redenção, da “salvação” e para todos, pois Deus não faz distinção entre as pessoas. Com Jesus, compreendemos que se faz necessário libertarmos-nos de crenças antigas, sobretudo a crença de que simplesmente cumprimento de rituais exteriores pode conduzir Homem a Deus: ***“Pois, em Cristo Jesus, nem a circuncisão tem valor; nem a incircuncisão, mas apenas a fé agindo pela caridade”***. (Gl 5:6; grifo nosso).

Paulo conclama os cristãos a edificação do homem novo pela prática da caridade: *“Pois toda a Lei está contida numa só palavra: ‘Amarás a teu próximo como a ti mesmo.’* (Gl 5:14).

EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES

Esta epístola foi escrita a igreja de Colossas, no vale do Lico, província da Ásia Menor. Foi escrita de Roma, por volta do ano 61 d.C. Esta comunidade não foi fundada por Paulo, mas graças aos esforços de Epafras, um de seus colaboradores que, visitando Paulo, trouxe-lhe notícias do progresso do Evangelho no vale do Lico. Entretanto, a igreja também sofria a influência de elementos perturbadores, que poderiam subverter Evangelho.

A carta foi escrita em resposta a esta necessidade urgente de orientá-los. A perturbação provinha, uma vez mais, de falsos doutores que, neste caso, estavam misturando a Lei Mosaica e ao Evangelho uma série de crenças originárias do Paganismo, como culto aos anjos e as forças cósmicas, a observância concernente ao calendário com relação às datas de festas, de luas novas, e também sobre regras alimentares, etc.

Esses doutores, assim, referendavam a autoridade dos seus ensinamentos nessas tradições. Eles alegavam que o Homem alcançaria a salvação através da observância a esses preceitos e práticas litúrgicas e místicas.

Paulo afirma que Jesus trouxe a reconciliação entre os homens, ensinando que Amor conduz a Deus: *“Portanto, assim como recebestes a Cristo Jesus Senhor assim nele andai...”* (Cl 2:6).

Em relação aqueles que prosseguiram insistindo na necessidade do cumprimento de regras exteriores, Paulo adverte: *“Tomai cuidado para que ninguém vos escravize por vãs e enganosas especulações da ‘filosofia’, segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não segundo Cristo.”* (Cl 2:8).

“Tudo isso está fadado ao desaparecimento por desgaste como preceitos e ensinamentos dos homens.” (Cl 2:22).

Quanto às palavras de Jesus, são palavras de vida eterna. Portanto, que: *“A Palavra de Cristo habite em vós ricamente...”* (Cl 3:16).

EPÍSTOLA A FILÊMOM

A carta foi escrita entre 58 a 6 d.C, em Roma, onde Paulo encontrava-se preso e foi endereçada a Filêmon, abastado cristão de Colossas, Nesta carta, Paulo intercede por Onésimo, escravo de Filemon, que havia de algum modo lhe causado dano.

De acordo com as leis que regiam a escravidão, Paulo sabia que Onésimo precisava ser devolvido ao seu senhor. Na carta, Paulo implora a Filemon, que perdoe Onésimo, reconhecendo- como um irmão na fé e pede que liberte para que ele pudesse continuar a servir com ele. A pedido de Paulo, a reconciliação entre Filemon e Onésimo deu-se nos princípios do amor e do perdão.

QUESTÃO REFLEXIVA:

Comente a importância que tiveram as Cartas de Paulo.

Parte B - Epístola De Paulo Aos Filipenses

INTRODUÇÃO

Em Filipos, situada na Macedônia, encontrava-se uma igreja muito amada por Paulo. Foi a primeira igreja fundada por ele na Europa, durante a 2ª viagem missionária. Desde então os laços mais puros e fraternos estabeleceram-se entre Paulo e esta comunidade.

Os corações que ali ele havia conquistado para Jesus testemunharam-lhe verdadeira afeição, enviando-lhe socorro quando ele estava em Tessalônica, e depois, em Corinto. E Paulo escreve justamente para agradecer os novos recursos que lhe foram enviados por Epafrodito.

Sabemos que Paulo estava preso quando escreveu esta carta, mas há dúvidas se ele estava em Roma, em Éfeso ou em Cesaréia e, portanto, o ano também é incerto.

É a mais pessoal de todas as suas epístolas. Nela, Paulo discorre sobre a conduta que os cristãos devem ter neste mundo, como **“luz a brilhar no meio das trevas”**.

CONTEÚDO

Paulo inicia a carta, agradecendo a Deus pela fé frutífera que havia entre eles, pela solidariedade que eles manifestaram para com ele em suas prisões. Expressa o seu imenso afeto, dizendo: *“Deus me é testemunha de que vos amo a todos com a ternura de Cristo Jesus.”* (Fl 1:8), e coloca que em suas orações a Deus, ele pedia: *“... que vosso amor cresça cada vez mais, em conhecimento e em sensibilidade, afim de poderdes discernir que é importante, para que sejais puros e irreprováveis no dia de Cristo...”* (Fl 1:9-10).

Benefícios proporcionados pelo seu cativo Paulo comenta que as suas prisões e a forma como ele as vivenciava redundaram em benefício do Evangelho, pois muitos se fortaleceram na fé e passaram a divulgar a Boa Nova com mais coragem. Embora entre estes houvesse quem pregasse Evangelho motivado por inveja, rivalidade, que importava, no entanto, era que o Cristo era anunciado e isto o alegrava sobremaneira.

Interessante notar que hoje, como ontem, nem todos os que falam no Evangelho fazem imbuídos do sincero propósito de levar esclarecimento e consolo aos outros. Muitos o fazem por interesses pessoais: orgulho, vaidade, competitividade, ambição, personalismo. No entanto, a mensagem é divulgada e pode produzir frutos nos corações alheios, ainda que não tenham produzido frutos naqueles que ministram os ensinamentos.

O devotamento incondicional de Paulo a Jesus

“Minha expectativa e esperança é de que em nada serei confundido, mas com toda a ousadia, agora como sempre, Cristo será engrandecido no meu corpo, pela vida ou pela morte. Pois para mim viver é Cristo e morrer é lucro. Mas, se viver na carne me dá ocasião de trabalho frutífero, não sei bem que escolher. Sinto-me num dilema: meu desejo é partir e ir estar com Cristo, pois isso me é muito melhor, mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa.” (Fl 1:20-24).

De todas as formas, em quaisquer situações, Paulo haveria de engrandecer a Jesus. O “viver é Cristo”, aqui ou no mundo espiritual, é o vivenciar os ensinamentos do Mestre em todos os instantes. O “morrer é lucro”, pois ao partir deste mundo transitório, Paulo iria ao encontro do Mestre. Então se sente num dilema: partir ou permanecer no mundo? O desejo era partir, porém o ficar era mais necessário pela oportunidade de servir a todos. Eis a perfeita compreensão quanto ao aproveitamento das oportunidades que a vida na Terra proporciona-nos a cada dia.

A Terra é escola bendita que enseja múltiplas lições e possibilidades de servir. Feliz daquele que aproveita a benção de cada dia para produzir frutos de amor e paz, pois a colheita será farta!

A humildade de Jesus - modelo para os cristãos

“Tende em vos mesmo sentimento de Cristo Jesus: (...) Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem e abaixou-se, tornando-se obediente até a morte... Por isso Deus soberanamente o elevou e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome...” (Fl 2:5-9).

Esta declaração resume o pensamento de Paulo sobre a condição de Jesus. Não obstante a sua condição de Espírito Puro, Jesus veio até nós e se fez servo de todos. Em tudo agia conforme a vontade de Deus; humilhou-se e se apagou para que o Homem se elevasse da “terra para o céu”.

Jesus é modelo. Em sua grandeza jamais fez distinção entre as pessoas, compartilhou conosco a condição de humanidade, amou-nos incondicionalmente. E, para nós, se porventura desejarmos ser superiores aos outros,

lembramos a exortação de Jesus: “No Reino do Céu, o maior é aquele que se fizer menor de todos.” Da humildade brota a fraternidade, a união e a concórdia.

Eis o apelo de Paulo: “...pondo-vos acordes no mesmo sentimento, no mesmo amor numa só alma, num só pensamento, nada fazendo por competição e vanglória, mas com humildade, julgando cada um os outros superiores a si mesmo, nem cuidando cada um só do que é Seu, mas também do que é dos outros.” (Fl 2:2-4).

O convite à ação no bem com alegria

“Fazei tudo sem murmurações nem reclamações.” (Fl 2: 14).

O que é murmurar? E falar, em voz baixa, consigo mesmo ou com alguém, em geral, tecendo comentários negativos, críticas, queixumes.

E o que é reclamar? Falar em alto e bom som contra tudo aquilo que nos desagrada ou nos contraria. Ambos são verbos que expressam estados de alma negativos, pois implica que estamos realizando algo a contragosto. Ambos conduzem a maledicência, a rebeldia, a inquietação, e podem influenciar outros corações.

Muitas vezes, mesmo entre os tarefeiros, surgem murmúrios e reclamações. Ora, como procedermos assim quando estamos no desempenho de nossas tarefas perante Jesus? Não estaríamos sendo ingratos para com aquele que nos permite trabalhar em prol de nossa melhoria?

Jesus não impõe a ninguém a condição de servidor. Ele faz-nos um convite, deixando ao nosso livre-arbítrio a decisão de aceitarmos ou não. Caso digamos: “Sim, Jesus, eu irei”, que o façamos com alegria e amor, renovando a cada dia o nosso sim, para que o amor de servir presida-nos as ações.

Seríamos chamados para semear desânimo ou para semear otimismo, alegria e esperança?

Portanto: “Fazei tudo sem murmurações nem reclamações, para vos tornardes irreprováveis e puros, filhos de Deus, sem defeito, no meio de uma geração má e perversa, no seio da qual brilhai como astros no mundo, mensageiros da Palavra de vida.” (Fl 2:14-16).

Ser mensageiro da palavra da vida é irradiar a luz do amor, falando através dos exemplos do coração.

O caminho da redenção

No capítulo 3, a exemplo de outras cartas, Paulo faz advertências contra os falsos “circuncidados” e salienta a necessidade de se manter firme no esforço de caminhar a luz do Evangelho, em direção a Jesus. “Cuidado com os cães, cuidado com os maus operários, cuidado com os falsos circuncidados.” (Fl 3:2).

Paulo referia-se mais uma vez aos ‘judaizantes’, chamados por ele de maus operários, pois espalhavam perturbação e confusão entre os cristãos.

Em todos os tempos, encontramos os adversários do Bem. Ontem, Paulo lutava contra os ‘judaizantes’. Hoje, os maus obreiros continuam a agir em todas as religiões, constituindo-se em instrumentos das sombras: aqui é alguém que incita os outros a revolta, ali é aquele que tudo critica, mais além é aquele que desencoraja tarefas e tarefeiros, que espalha maledicência... São muitos, assim, que descuidam de si mesmos e através de suas ações revelam quão distantes encontram-se da prática do Evangelho.

Prosseguindo na defesa do Evangelho, Paulo esclarece que a verdadeira circuncisão é a do coração e não a da carne, pois é através do coração que o Homem presta culto a Deus e não através de preceitos exteriores. Aliás, diz ele, se fosse para confiar nas exterioridades, ele, pelos títulos conquistados, pela origem, pelo zelo que demonstrara com a Lei, teria muito mais motivos para se considerar justo pelas obras da lei. Mas tudo isto ele deixara para trás por amor a Jesus Cristo.

Qual era o objetivo de sua vida, qual o alvo para o qual ele marchava dia após dia?

Viver em Cristo, para Cristo, em direção ao Cristo!

“Não que eu já tenha alcançado ou que já seja perfeito, mas prossigo para ver se o alcanço, pois que também já fui alcançado por Cristo Jesus.” (Fl 3:12).

Desde o momento em que Jesus chamou-o, ele traçou um alvo, o de servi-lo: “Irmãos, não julgo que eu mesmo tenha alcançado, mas uma coisa digo: esquecendo-me do que fica para trás e avançando para que está diante, prossigo para o alvo...” (Fl 3:13-14).

Embora ele chorasse muitas vezes ante as lembranças amargas que o assaltavam, ou se defrontasse com as consequências de seus feitos antes da estrada de Damasco, ele não ficou prisioneiro do passado, paralisado

pelo remorso. Convicto do quanto lhe cabia construir na seara do Mestre, ele assumiu o compromisso de servir a causa do Bem, com toda a força de sua alma. Em cada dia, em cada minuto estava a postos para semear onde Jesus o convocasse. Não havia obstáculos. Não havia a ocasião certa, pois todo minuto era minuto de fazer o bem. O tempo chamado “hoje” era o tempo por excelência.

Que exemplo expressivo a ser seguido! Sim, porque todos nós temos um passado de sombras. Erros, equívocos fazem parte de nossa caminhada. Quando nos aproximamos de Jesus, compreendendo suas lições, olhamos o que fomos até então e sentimo-nos arrependidos de tantas coisas! O que fazer?

A resposta de Paulo é clara: **valorizar tempo da construção, o hoje, e caminhar na construção do futuro.** Quanto ao passado, que possamos consultá-lo para que as experiências propiciem-nos discernimento no uso do livre arbítrio. Mas compreendamos, no presente, não só a oportunidade de darmos um passo em direção ao alvo, mas também de reparar o ontem.

Como assinala Emmanuel, na lição 50, em “Fonte Viva”:

“Na estrada cristã, somos defrontados sempre por grande numero de irmãos, que se aquietaram a sombra da improdutividade, declarando-se acidentados por desastres espirituais.

(...) ‘Esqueçamos todas as expressões inferiores do dia de ontem e avancemos para os dias iluminados que nos esperam’- eis a essência de seu aviso fraternal a comunidade de Filipos. Centralizemos nossas energias em Jesus e caminhemos para diante.

Ninguém progride sem renovar-se.”

Conselhos e agradecimentos

“...ocupai-vos com tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, virtuoso ou que de qualquer modo mereça louvor. O que aprendestes e herdastes, o que ouvistes e observastes em mim, isso praticai. Então o Deus da paz estará convosco.” (Fl 4:8-9).

Paulo termina a carta, agradecendo as dádivas enviadas pelos Filipenses para socorrê-lo em suas aflições.

Em relação aos bens materiais, Paulo faz afirmações que nos traçam um programa excelente para todos que aqui nos encontramos, na condição de usufrutuários dos bens da Terra, destacando a importância do equilíbrio: *“...sei viver modestamente, e sei como haver-me na abundância; estou acostumado com toda e qualquer situação: viver saciado e passar fome; ter abundância e sofrer necessidade.”* (Fl 4:12).

Assinala Emmanuel, no livro “Caminho, Verdade e Vida”, lição 29, que:

“Raras pessoas se contentam com material recebido para a solução de suas necessidades, raríssimas pedem apenas o Pão de cada dia’, como símbolo das aquisições indispensáveis. (...) Geralmente, permanece absorvido pelos interesses perecíveis, insaciado, inquieto, sob o tormento angustioso da desmedida ambição.”

De fato, se os recursos são escassos para a solução de suas necessidades, o Homem, em geral, revolta-se contra Deus. Se os recursos são abundantes, em geral, o Homem caminha distraído quanto às finalidades da vida. No entanto, a penúria e a abundância são condições passageiras que oferecem excelente material educativo com vistas à aquisição de valores imperecíveis.

Quando o pensamento de Paulo expressar a nossa própria convicção, a fé que depositarmos em Jesus tornar-se-á mais importante que a nossa fragilidade. Identificaremos a nossa fraqueza, mas avançaremos porque confiaremos em Jesus.

“Tudo posso naquele que me fortalece.” (Fl 4:13).

QUESTÃO REFLEXIVA:

Comentar: “nada façam por contenda ou por vanglória, mas por humildade.”

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém.
- Kardec, Allan - A Gênese - Ed. FEESP.
- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Ed. FEESP.
- Xavier, Francisco C. \Emmanuel - Paulo e Estevão.
- Xavier, Francisco C. \Emmanuel - Caminho, Verdade e Vida.
- Xavier, Francisco C. \Emmanuel - Fonte Viva.
- Xavier, Francisco C. \Emmanuel - Pão Nosso.

17ª Aula - Epístolas Paulinas

Parte A – 1ª Epístola Aos Coríntios

A IGREJA DE CORINTO

Notícias da Espiritualidade

De acordo com a narrativa de Emmanuel, em “Paulo e Estevão”, cap. VII, 2ª parte, Paulo encontrava-se em Atenas, profundamente abatido em função da aridez intelectual que encontrara nos atenienses ante a exposição do Evangelho. Timóteo foi ao seu encontro, carregado de boas notícias, e lhe falou sobre o desenvolvimento da Doutrina Crista em Corinto, bem como da presença de Áquila e Prisca.

Paulo, então, partiu com Timóteo, imediatamente, não só porque Corinto falava-lhe ao coração pelas recordações de Jeziel e Abigail, como porque queria abraçar o casal de amigos, que lhe eram tão queridos.

Paulo permaneceu por quase dois anos em Corinto e fundou a sua amada igreja, com o auxílio de muitos cristãos. A comunidade floresceu, produzindo os mais belos frutos de espiritualidade.

Informações sobre a epístola

A relação de Paulo com esta igreja era a de um pai para com seus filhos. Este amor e dedicação a sua igreja ficaram refletidas em cada exortação, em cada linha de suas epístolas.

Esta primeira epístola foi escrita em Éfeso, no período de 54 a 57 d.C., dirigida a judeus, gregos, escravos e homens livres.

Paulo recebe um grupo vindo de Corinto, entre os quais estavam os familiares de Cloé, e de Apolo, que lhe trazem informações sobre a igreja além de solicitações de esclarecimentos e orientações as várias questões.

O contexto cultural em Corinto ajuda-nos a entender o teor da carta. Corinto era um centro abastado de comércio e viagens marítimas. Tomou-se a 3ª cidade do Império, depois de Roma e Alexandria. Era um lugar de mistura pluralista de culturas, filosofias, estilos de vida e religiões.

Nesta carta, é interessante observar, Paulo faz alusão a uma carta anterior a esta (1 Cor 5:9) de data incerta. Esta carta, contudo, perdeu-se.

Objetivos da 1ª Carta aos Coríntios

Em geral, os estudiosos dividem a Carta em três partes:

- 1ª parte fala das divisões e dos escândalos;
- 2ª parte aborda soluções para problemas diversos;
- 3ª parte aborda o tema da ressurreição dos mortos.

A carta foi escrita em função dos seguintes objetivos:

- Advertir a comunidade sobre condutas e conflitos;
- Esclarecer pontos da Carta anterior;
- Responder questões a cerca de: casamento, celibato, consumo de alimentos sacrificados aos ídolos, comportamento nas reuniões evangélicas;
- Abordar alguns temas fundamentais do Cristianismo: a “ressurreição” e o modo da “ressurreição”, a comunicação com os Espíritos e o amor como o Divino Mandamento.

CONTEUDO

1ª parte - Paulo os exorta na reflexão e à mudança de atitude

“Eu vos exorto, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo: guardai a concórdia uns com os outros, de sorte que não haja divisões entre vós; sede estreitamente unidos no mesmo espírito e no mesmo modo de pensar.” (1 Cor 1:10).

Paulo aborda a questão da existência de conflitos na igreja, que se encontrava dividida em partidos que se diziam aliados a Apolo, a Pedro, a ele ou ao Cristo. Cada um pretendia ser superior aos demais.

Paulo destaca que isto era fruto de um orgulho e de uma vaidade Injustificáveis, pois ele, Apolo e Pedro eram todos apenas servos de Jesus, assim como todos os membros da comunidade deveriam ser considerados.

Paulo opõe a sabedoria do mundo a sabedoria de Deus. Ao criarem divisões na comunidade, eles estavam agindo consoante os valores do mundo. Ele, Apolo e Pedro eram servidores, cada qual agindo conforme suas potencialidades: um planta, o outro rega, mas é “Deus quem faz crescer”.

A obra de cada um revelara de fato quem é de Deus: “Por conseguinte, ninguém procure nos homens motivo de orgulho...” (1 Cor 3:21).

Diante da soberba de parte dos coríntios, Paulo, esclarece quão diferente é a realidade vivida pelo servo de Cristo, contrapondo a sorte dele, na qualidade de apóstolo, a situação dos coríntios: *“Julgo que Deus nos expôs, a nós, apóstolos, em último lugar; como condenados à morte: fomos dados em espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens. Somos loucos por causa de Cristo, vós, porém sois prudentes em Cristo; somos fracos, vós, porém, sois fortes; vós sois bem considerados, nós, porém, somos desprezados. Até o momento presente ainda sofremos fome, sede e nudez; somos maltratados, não temos morada certa e fatigamo-nos trabalhando com nossas mãos. Somos amaldiçoados e bendizemos; somos perseguidos, e suportamos; somos caluniados, e consolamos. Até o presente somos considerados como o lixo do mundo, a escória do universo.* (1 Cor 4:9-13).

O apóstolo, na condição de educador de almas, torna-se um exemplo de abnegação para refletir em si mesmo a grandeza das Leis de Deus, num mundo onde a imperfeição moral o expõe a tantos sofrimentos.

Os capítulos 5 e 6 contém advertências e censuras a alguns membros da igreja, sobre certas atitudes como o litígio entre irmãos e a promiscuidade.

Sobre o litígio, Paulo indaga: *“Por que não vos deixais antes, defraudar? Entretanto, ao contrário, sois vós que cometeis injustiça e defraudais - e isto contra vossos irmãos!”* (1 Cor 6:7-8).

No tocante a prostituição, interroga: *“Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que está em vós e que recebestes de Deus?”* (1 Cor 6:19).

Como templo do Espírito, o corpo possibilita ao Ser atuar no mundo. Entretanto, o corpo, como instrumento, é governado pelo Espírito. Logo, todas as paixões, os excessos, os vícios, os desejos procedem do Espírito, revelando a predominância da matéria sobre ele.

Lucidamente, Paulo afirma: ***“Tudo me é permitido, mas nem tudo convém. Tudo me é permitido mas não me deixarei escravizar por coisa alguma.”*** (1 Cor 6:12).

É necessário adquirirmos discernimento para realizarmos as nossas escolhas, de forma a nos propiciar maior equilíbrio e paz. Se nos deixamos envolver pelas sugestões de ordem inferior, se não opomos resistência aos desejos de ordem material, tomamo-nos escravos do mal, ou seja, ficamos compromissados com as consequências de nossas escolhas.

Somos livres na semeadura, mas a colheita é obrigatória. Toda ação gera consequências equivalentes. Assim, quando sugestões inferiores alcançam-nos, vale à pena, em favor de nós mesmos, perguntar: Isto me convém?

2ª Parte - Orientações e respostas as questões levantadas pelos coríntios

Do 7º capítulo ao 11º, Paulo responde as perguntas da comunidade, que versam sobre:

- **Casamento** - deve ser pautado pelo respeito mútuo;
- **Celibato** - é uma condição que permite ao cristão dedicar-se com mais amplitude as tarefas na Seara de Jesus, mas Paulo recomenda, fortemente, que aquele que sente anseio da comunhão afetiva, que se case;
- **Separação** - recomenda a reconciliação. Caso a reconciliação não seja possível, que não tomem a se casar. Esta orientação, observemos, está de acordo com o que Jesus disse acerca do divórcio. (Mt 19:1-9).
- **Alimentação** - é permitido alimentar-se das carnes que foram sacrificadas aos ídolos? Paulo afirma: *“Não é um alimento que nos fará comparecer para julgamento diante de Deus: se deixamos de carne; nada perdemos; e, se comemos, nada lucraremos.”* (1 Cor 8:8). No entanto, adverte que nem todos são esclarecidos. Perante os frágeis, não capazes ainda de compreender o acima exposto, há que lhes respeitar a fragilidade, abstendo-se de fazer algo que possa induzi-los a vacilar na fé.
- **A conduta nas reuniões evangélicas** - os primeiros cristãos realizavam, após o estudo do Evangelho, uma ceia em comum, em memória de Jesus. Paulo repreende-os pela forma como eles estavam comportando-se na

“Ceia do Senhor”, pois cada um se apressava a comer a própria ceia. Como a igreja era composta de pessoas simples e de pessoas mais abastadas, havia quem ficasse embriagado e havia quem passasse fome.

O que significava realizar a ceia em nome do Senhor? Honrar-lhe os ensinamentos. No caso, comer o pão e beber o vinho, em nome de Jesus, era uma conclamação a compartilhar, a não fazer distinção entre os pobres e os ricos.

3ª Parte - Os temas fundamentais do Cristianismo

Do 12º capítulo ao 15º, Paulo aborda alguns dos temas fundamentais do Cristianismo, quais sejam: a imortalidade da alma, o corpo da ressurreição (o corpo espiritual), a comunicação com os Espíritos, o amor e a caridade.

O intercâmbio mediúnico era amplamente vivenciado nas igrejas primitivas. Desde o fenômeno ocorrido com os apóstolos, no Pentecostes, Jesus determinara que as vozes do Alto fizessem-se ouvir mais amplamente na Terra, a fim de que a obra de evangelização do mundo, a ser realizada pelos colaboradores encarnados, recebesse a luz da inspiração, do esclarecimento, do consolo, das advertências dos Mensageiros Espirituais.

O capítulo 12 inicia-se com uma advertência contra os falsos profetas da erraticidade, destacando o imperativo do discernimento ante as manifestações dos Espíritos, dizendo:

“Por isso, eu vos declaro que ninguém, falando com o Espírito de Deus, diz: “Anátema seja Jesus”, e ninguém pode dizer: “Jesus é o Senhor”, a não ser no Espírito Santo”. (1 Cor 12:3).

Apos enfatizar a necessidade de análise e discernimento do conteúdo das comunicações dos Espíritos, Paulo passa a discorrer sobre as diferentes faculdades mediúnicas. Há várias formas de expressar a manifestação dos Espíritos, mas qual deve ser o objetivo das manifestações?

“Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. A um, o Espírito dá a mensagem de sabedoria, a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; a outro, o mesmo Espírito dá a fé, a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas, a outro ainda, o dom de as interpretar.” (1 Cor 12:7-10).

Há diversidade, porém, não existe nenhuma faculdade superior às outras. Esta colocação de Paulo decorre do fato de haver na igreja de Corinto uma discussão e uma certa inquietação, no sentido de saber qual era o dom mais importante. Então, Paulo utiliza a imagem do corpo, como metáfora, para apoiar a sua argumentação. O corpo é constituído de vários membros, que executam funções diferentes, porém, estão todos interligados, formam um todo, em que um membro não pode prescindir da colaboração dos outros:

“Se o corpo fosse todo olho, onde estaria a audição? (...) Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo. não pode dizer o olho à mão: ‘Não preciso de ti’; nem tampouco pode a cabeça dizer aos pés: ‘Não preciso de vós’.” (1 Cor 12:17 e 21).

Ademais, Paulo assinala que todos são membros do corpo de Cristo, e, como tal, todos devem procurar cooperar uns com os outros, em harmonia, segundo as orientações do Mestre.

Cada um é chamado a atuar na Seara do Senhor, segundo aquilo que pode produzir. Nem todos têm as mesmas faculdades, nem todos são doutores. Mas, seja qual for o campo de trabalho que compete ao servidor de Jesus, que o exerça com amor.

As aspirações humanas no tocante a aquisição desta ou daquela faculdade são legítimas, no entanto, todos devem aspirar acima de tudo o desenvolvimento da potencialidade de amar e servir, sem o que qualquer faculdade de que a alma é portadora, manifesta-se de forma imperfeita e incompleta.

No capítulo 13, Paulo exorta os cristãos a colocar como aspiração máxima, o desenvolvimento do amor, que se expressa na caridade legítima, pois que o amor verdadeiro conduz o Homem a compaixão, e a compaixão conduz ao desejo de aliviar, socorrer, compreender, perdoar, servir, sem quaisquer interesses pessoais. O amor eleva o Homem a Deus.

“Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como bronze que soa ou como um címbalo que tine.

Ainda que tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, ainda que tivesse a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse a caridade, nada seria.

Ainda que distribuisse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade isso nada me adiantaria.

A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

A caridade jamais passará.” (1 Cor 13:1-8).

O que conduz o Homem a Deus? O que torna o Homem melhor? Não é a mediunidade, seja ela qual for, não é o conhecimento da ciência, não é exclusivamente a fé. É o Amor que direciona a ciência para o bem de todos, é o Amor que habilita o médium a ser instrumento do Bem, é o Amor que alimenta a fé para que esta produza frutos, é o Amor que conduz a abnegação, a compaixão que nutre a esperança ante o porvir. Tudo passará, menos o Amor, que é Lei de Deus e o fundamento de nossa evolução espiritual. Nosso conhecimento é limitado, nossas faculdades são incipientes, nossas potencialidades são ainda esperança.

Após reiterar seus esclarecimentos sobre a mediunidade, Paulo aborda a faculdade mediúnica da xenoglossia, que é a faculdade que permite que o médium fale em línguas estranhas a ele. Ela só é útil se puder ser traduzida por alguém, pois a palavra deve falar a inteligência e ao coração, para edificar a todos.

Enfatiza a importância do discernimento, da harmonia, da ordem, da disciplina nas reuniões, atribuindo ao medianeiro a responsabilidade de governar a sua faculdade mediúnica e impor controle e disciplina aos Espíritos comunicantes: *“Os espíritos dos profetas estão submissos aos profetas. Pois Deus não é um Deus de desordem, mas de paz.” (1 Cor 14:32-33).*

A imortalidade da alma e o corpo da ressurreição

É no capítulo 15, que Paulo declara, categoricamente, a realidade da “ressurreição”, pois que havia entre eles quem apregoasse que não havia ressurreição dos mortos. Explana aos coríntios sobre o “corpo da ressurreição”.

Aqui, convém lembrar que como diz Kardec em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, no capítulo IV item 4, os judeus: ***“designavam pela palavra ressurreição o que o Espiritismo chama, mais justamente, de reencarnação.”***

Retomando a análise deste capítulo da epístola, vemos que, primeiramente, Paulo concita os irmãos a permanecerem firmes no Evangelho que ele havia anunciado.

Mas que Evangelho? Em suas pregações, Paulo partia da proclamação da imortalidade da alma, convicção que fora proporcionada pela experiência da estrada de Damasco, onde ele viu o Cristo em seu corpo glorioso, o que lhe permitira aceitar a veracidade dos testemunhos acerca das aparições de Jesus após a morte. E a partir destas aparições, que ele relembra aos coríntios, que a imortalidade da alma é o ponto central da fé e da pregação dos apóstolos.

Reafirma que tanto quanto Jesus “ressuscitou”, todos “ressuscitaremos”. A alma é imortal. Aconselha os coríntios a terem cautela com aqueles que utilizam o verbo para semear falsos ensinamentos, pois o verbo é força que exerce influência sobre as criaturas e o verbo desgovernado espalha destruição por onde se manifeste.

“Mas, dirá alguém, como ressuscitam os mortos? Com que corpo voltam?” (1 Cor 15:35).

“... semeado corpo corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força, semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual.” (1 Cor 15:42-43).

Que interessante metáfora esta em que Paulo refere-se ao corpo material; sujeito a tantas vicissitudes e desgastes, como o corpo corruptível que, ao morrer, é semeado na terra, propiciando a partida do Espírito que ressurge com seu corpo espiritual.

Como pode a matéria que está submetida a morte (corruptibilidade) adquirir a propriedade da imortalidade (a incorruptibilidade) inerente ao Espírito? O Espírito é imortal. Submetido a Lei da Evolução, haverá um dia em que o Espírito estará liberto da Lei da reencarnação, porque terá adquirido a angelitude, para a qual Deus o criou.

Epílogo

Paulo orienta quanto à coleta realizada em favor da Casa do Caminho, fala de seus planos de ir a Corinto e lá permanecer por um tempo, “se o Senhor o permitir”; convida-os a vigiarem, a serem corajosos firmes na fé e caridosos; envia as saudações de todos os que estavam com ele em Éfeso e se despede dizendo:

“Com todos vos está o meu amor em Cristo Jesus”.

QUESTÃO REFLEXIVA:

Comente: “Tudo me é permitido, mas nem tudo convém.”

Parte B – 2ª Epístola Aos Coríntios

CONTEXTO HISTÓRICO

Quando escreveu a 1ª carta aos Coríntios de Éfeso, Paulo pretendia voltar a Corinto e depois visitar a Macedônia. Neste meio tempo, enviou Timóteo para visitá-los (1 Cor 16:10-11; At 19:22). Timóteo descobriu que a igreja sofria forte influência de pessoas que se opunham a Paulo, semeando confusão entre eles.

Parece então ter ocorrido um incidente em que Paulo ou um de seus representantes foi ofendido por um membro da igreja. Paulo decide não fazer uma visita “na tristeza” e envia seu colaborador Tito, com uma “Carta escrita entre lágrimas”, contendo censuras e advertências. Essa carta também foi perdida, embora alguns estudiosos a identifiquem com os capítulos 10, 11, 12, 13 da 2ª carta aos Coríntios.

Após encontrar Tito na Macedônia e receber a notícia dos efeitos benéficos que a carta “escrita entre lágrimas” havia produzido no coração da maioria dos coríntios, Paulo escreve, então, a epístola que conhecemos como sendo a 2ª, antecedendo a sua ida a Corinto.

Esta carta é escrita da Macedônia, por volta de 58 d.C., e contém a apologia mais contundente de sua autoridade apostólica. Paulo expressa todos os seus sentimentos em relação a eles: a indignação, a tristeza, o amor, a ternura, o devotamento.

CONTEÚDO

Introdução da carta

Paulo inicia destacando a Misericórdia de Deus: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação” (2 Cor 1:3).

A Misericórdia de Deus está sempre presente, e a fé nesta Misericórdia mostra-se sobremaneira quando o momento é de tribulação, propiciando consolação. Refere-se então aos sofrimentos que atravessou em Éfeso, tão intensos que ele havia perdido a esperança de sobreviver. Só em Deus, ele podia guardar qualquer esperança e a Providência Divina libertou-o da morte.

A mudança de planos

Paulo explica porque modificou seus planos de viagem: “...foi para vos poupar que eu não voltei a Corinto. Não tencionamos dominar a vossa fé, mas colaboramos para que tenhais alegria...” (2 Cor 1:23).

Refere-se ao episódio no qual ele havia sido ofendido, convidando os coríntios a perdoarem tal como ele perdoara.

Quanto à carta, levada por Tito, não foi escrita para lhes causar tristeza, mas “...para que conheçais o amor transbordante que tenho para convosco.” (2 Cor 2:4).

Ofensas não perdoadas, bem o sabemos, propiciam o assédio dos Espíritos inferiores, cujo intuito é promover a desunião, a animosidade e a discórdia.

Paulo afirma a sua condição missionária

“Graças sejam dadas a Deus, que por Cristo nos carrega sempre em seu triunfo e, por nós, expande em toda parte o perfume de seu conhecimento.” (2 Cor 2:14).

Paulo não era como muitos que falsificavam a palavra de Deus. E declara que os coríntios eram testemunhas de que ele era um enviado de Deus. Precisaria ele de uma Carta de recomendação?

“Nossa carta sois vós, carta escrita em vossos corações, reconhecida e lida por todos os homens. Evidentemente, sóis uma Carta de Cristo, entregue ao nosso ministério, escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, nos corações.” (2 Cor 3:2-3).

Que bela declaração! Sim, pois ele havia sido o portador da Boa Nova aos coríntios. As sementes que ele plantara nos corações dos coríntios germinaram, dando flores de amor e caridade, que atestavam a excelência das sementes (que provém de Deus) e os cuidados do semeador em plantá-las, tal qual as recebeu de Jesus. Paulo era o exemplo Vivo do Bem, constituído semeador por Jesus, e por esta investidura haveria de aceitar todos os sacrifícios e sofrimentos inerentes à tarefa de semear a luz num mundo onde as sombras dominavam. Colocava-se na condição de instrumento, pois não atribuía a si mesmo a capacidade para desenvolver a sua tarefa: *“Mas é de Deus que vem a nossa capacidade.”* (2 Cor 3:3). Tudo provém de Deus: a força, a esperança, a coragem, a fé, o amor.

A nova aliança

Paulo fora constituído instrumento de uma aliança nova. A antiga era passageira. A nova é para sempre e foi instituída entre Deus e os homens, através de Jesus. Os judeus convertidos ao Cristianismo, mas que prosseguiram de visão obscurecida arraigados ao Antigo Testamento, eram prisioneiros da letra: ***“... a letra mata, mas o Espírito comunica a vida.”*** (2 Cor 3:6).

O apego a letra conduz a falsas interpretações, ao passo que a interpretação racional, com uso do bom senso, traduz a essência espiritual da mensagem.

Aqueles que tinham a visão obscurecida colocavam-se contra Paulo, ensinando segundo uma interpretação que acomodava e justificava velhas crenças, concepções, como se fossem essenciais a salvação das criaturas.

“Não proclamamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, Senhor.” (2 Cor 4:5).

“Trazemos, porém, este tesouro em vasos de argila, para que este incomparável poder seja de Deus e não de nós. Somos atribulados por todos os lados, mas não esmagados; postos em extrema dificuldade, mas não vencidos pelos impasses; perseguidos, mas não abandonados; prostrados por terra, mas não aniquilados.” (2 Cor 4:7-9).

Poderiam os adversários impor-lhe múltiplos sofrimentos e dificuldades, mas não poderiam aniquilar a coragem, o ideal de servir, a fé e o amor a Jesus.

“Por isso não nos deixamos abater. Pelo contrário, embora em nós o homem exterior vá caminhando para a sua ruína, o homem interior se renova dia a dia.” (2 Cor 4:16).

Quando encarnados, dia após dia, o corpo material vai se desgastando. Contudo, a cada dia renovam-se as oportunidades de modificar sentimentos, valores, pensamentos, atitudes. O que nos está reservado para além da morte? A vida espiritual, que será tanto mais plena, quanto mais valores espirituais tivermos conquistado.

“Pois nossas tribulações momentâneas são leves em relação ao peso eterno de glória que elas nos preparam até o excesso.” (2 Cor 4:17).

A edificação do homem novo

“Se alguém está em Cristo, é nova criatura.” (2 Cor 5:17).

“... reconciliai-vos com Deus.” (2 Cor 5:20).

“... não recebais à graça de Deus em vão.” (2 Cor 6:1).

Se aceitarmos os ensinamentos do Evangelho, devemos esforçarmo-nos para vivenciá-los, pois não é possível o exercício da caridade se não lutarmos contra a indiferença ante a dor dos semelhantes, não é possível seguir Jesus com os pés chumbados ao solo do nosso egoísmo. *“Que afinidade pode haver entre a justiça e a impiedade? Que comunhão pode haver entre a luz e as trevas?”* (2 Cor 6:14).

Assinala Emmanuel em “Caminho, Verdade e Vida”, lição 7: *“É contra-senso valer-se do nome de Jesus para tentar a continuação de antigos erros”*. Reconciliarmo-nos com Deus implica em viver em harmonia com as suas Leis. Que o nosso conhecimento não seja infrutífero, pois muito será pedido a quem muito foi dado.

Paulo recomenda-nos a não adiarmos a tarefa de nossa renovação *“Eis agora o tempo favorável por excelência. Eis agora o dia da salvação.”* (2 Cor 6:2).

Sem dúvida, o caminho é longo, mas é preciso dar o primeiro passo. Hoje é a oportunidade, o presente de Deus. Amanhã, a oportunidade de hoje, não aproveitada, é passado. Hoje é tempo de semear. Amanhã é tempo de colher.

A coleta em favor da Casa do Caminho

No capítulo 8, Paulo faz um apelo à participação dos coríntios, em favor de Jerusalém. Destacamos as seguintes considerações:

“Quando existe a boa vontade, somos bem aceitos com os recursos que temos; pouco importa o que não temos. Não desejamos que o alívio dos outros seja para vós causa de aflição, mas que haja igualdade. No presente momento, o que para vós sobeja suprirá a carência deles, afim de que o supérfluo deles venha um dia a suprir a vossa carência.” (2 Cor 8:12-14).

Que sábias considerações sobre a generosidade - a faculdade de dar a quem necessita! Para ser generoso não é necessário ter haveres em abundancia. A generosidade é o ato de dar com boa vontade, de acordo com os recursos que se tem.

Hoje, aquele que tem mais, pode auxiliar aquele que tem menos, de forma que ambos possam ter o necessário. O que importa não é se dispomos de muito ou pouco para dar, mas como nos dispomos a dar o que temos.

Paulo fala de sua condição de Apóstolo (a apologia de Paulo)

Nos capítulos 10, 11, 12, 13, Paulo faz apologia de si mesmo, agindo, como ele mesmo diz, como insensato, para rebater as críticas que os seus opositores em Corinto faziam-lhe, reafirmando sua condição de apóstolo. Seus opositores diziam que ele era severo e enérgico por cartas, mas era fraco e sua linguagem desprezível quando estava presente. Contestavam sua autoridade apostólica, sua condição, o seu saber, a sua pregação.

“Todavia, julgo não ser inferior em coisa alguma, a esses “eminentes apóstolos”. Ainda que eu seja imperito no falar não o sou no saber.” (2 Cor 11:5-6).

“São ministros de Cristo? Também eu. Como insensato, digo: muito mais eu.” (2 Cor 11:23).

E Paulo passa a falar dos inúmeros sofrimentos que vivera por amor ao Cristo: prisões, açoites, vigílias, fadigas, fome, perigos de toda sorte, apedrejamento, perseguições...

“É preciso gloriar-se? Por certo, não convém. Todavia mencionarei as visões e revelações do Senhor.” (2 Cor 12:1).

Paulo afirma que foi arrebatado ao “3º céu” e ouviu palavras inefáveis. Em “Paulo e Estevão”, cap. III, 2ª parte, Emmanuel narra que Paulo, apos o encontro doloroso que tivera com o pai em Tarso, orou pedindo a Jesus que o socorresse. Sentiu-se transportado a uma região de indizível beleza, quando vê Estevão e Abigail indo ao seu encontro. Era o socorro que Jesus lhe enviava. Abigail traça um programa para o desempenho de sua missão no mundo, que consistia em: amar, trabalhar, perdoar, esperar.

Em nota de rodapé, Emmanuel afirma: *“Dessa gloriosa experiência, o Apóstolo dos gentios extraiu novas conclusões sobre suas idéias notáveis, referentemente ao corpo espiritual.”*

Paulo termina o 12 capítulo reafirmando que falou como insensato, constrangido a declarar sua condição, ainda que convicto de que nada significava. Pois o verdadeiro título que o cristão deve aspirar é o de servo de Jesus.

Exortação final

“Examinai vos a vós mesmos e vede se estais na fé provai-vos.” (2 Cor 13:5)

Esta exortação é endereçada a todos os cristãos pois é preciso efetuar um rigoroso exame de nossos atos, sentimentos e pensamentos para verificarmos se estamos vivendo de acordo com os princípios que abraçamos, qual o papel que a fé desempenha em nossas vidas e se somos meros ouvintes ou se já praticamos o Evangelho.

QUESTÃO REFLEXIVA

Comente: “Assim é que, se alguém está em Cristo, nova criatura é.”

Bibliografia

A Bíblia de Jerusalém.

Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Ed FEESP.

Miranda, Hermínio – Cristianismo: a mensagem esquecida.

Xavier, Francisco C /Emmanuel - Paulo e Estevão.

Xavier, Francisco C /Emmanuel - Fonte Viva.

Xavier, Francisco C /Emmanuel – Caminho, Verdade e Vida.

18ª Aula - Epístolas Paulinas

Parte A - Epístola Aos Romanos

INTRODUÇÃO

A Epístola aos Romanos foi escrita em Corinto por volta de 58 d.C. Esta carta irá exercer incalculável influência na estrutura da teologia das igrejas católica e protestante. Muitos artigos de fé destas religiões cristãs encontram sua fundamentação na interpretação do pensamento de Paulo exposto nesta epístola.

Notícias da Espiritualidade

Relata nos Emmanuel em Paulo e Estevão cap. VII 2ª parte que Paulo em Corinto não falava em outra coisa senão do projeto de visitar Roma no intuito de auxiliar os cristãos ali existentes a estabelecerem instituições semelhantes às de Jerusalém, de Antioquia, de Corinto. Pensou então em preparar a sua chegada fazendo-a preceder de uma carta recapitulando a doutrina consoladora do Evangelho e nomeando com saudações afetuosas todos os irmãos do seu conhecimento.

CONTEÚDO

Paulo inicia a carta apresentando-se como apóstolo de Jesus, chamado para pregar o Evangelho a todos os gentios. Enaltecendo a fé dos romanos, destaca o seu vivo desejo de levar-lhes o Evangelho, pois ele se sente devedor “a gregos e a bárbaros, a sábios e a ignorantes.”

Tese central - A redenção de todos se dá pela fé em Jesus

Antes da revelação da Boa Nova, todos, judeus e gentios, caminhavam de forma contrária as Leis de Deus. Os gentios por não terem se interessado em conhecer as Leis Divinas, deixavam-se levar pelos valores do mundo, sem discernirem entre o bem e o mal.

Os judeus tinham o conhecimento das Leis de Deus, orgulhavam-se deste conhecimento, sentiam-se aptos a julgarem e a condenarem os outros; porém, fazendo as mesmas coisas que condenavam nos outros, acabavam por condenar a si mesmos.

Paulo, no capítulo 2, estabeleceu uma distinção entre a Lei Divina, o Decálogo, e a Lei Mosaica. As “obras da lei” decorriam da observância às prescrições exteriores dadas por Moisés, prescrições estas que Paulo, em suas epístolas, constantemente se refere, como: a circuncisão, as regras de alimentação, a observância do sábado, os rituais de purificação.

Neste sentido, para os judeus, a circuncisão significava (e ainda significa) o selo da aliança com Deus. Mas, dirá Paulo, as obras da lei são apenas formalidades, que não conduzem ninguém a Deus. Há uma circuncisão na carne e há uma circuncisão do coração. Os verdadeiros circuncidados são os do coração, os que vivem a prática do Bem. Portanto, tanto há verdadeiros circuncidados entre os judeus, como entre os gentios. Há transgressores tanto entre os judeus, como entre os gentios.

Papel da fé

Paulo conclui seu pensamento, afirmando: “*Porquanto nos sustentamos que o homem é justificado pela fé, sem as obras da Lei.*” (Rm 3:28). A partir deste enunciado, traz o exemplo de Abraão, aquele com quem Deus estabeleceu o Pacto da Aliança, através da circuncisão, para afirmar que a fé em Deus precedeu todas as obras de Abraão. “*Abraão creu em Deus, e isto lhe foi levado em conta de justiça.*” (Rm 4:3).

Assim, acontece o mesmo com aqueles que crêem em Jesus. A fé em Jesus precede as obras do cristão. Paulo não se referia exclusivamente ao ato de crer, mas a fé ativa, aquela que impulsiona o Homem a viver conforme os ensinamentos de Jesus, em quem deposita a sua fé.

Qual é o papel da fé? Encontramos em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XIX, item 11, pelo Espírito protetor José: “*A fé, para ser proveitosa, deve ser ativa; não pode adormecer. Mãe de todas as virtudes que conduzem a Deus deve velar atentamente pelo desenvolvimento das suas próprias filhas. A esperança e a caridade são uma consequência da fé. (...) Pois, se não tiverdes fé, que reconhecimento tereis e, por conseguinte, que amor?*”

A reconciliação com Deus

A transgressão gera a desarmonia com as Leis de Deus. Mas, através de Jesus, a Misericórdia Divina derramou-se profusamente sobre os Homens, pois Jesus, ao introduzir no mundo o exemplo do verdadeiro Amor, traçou o caminho que reconcilia o homem com Deus: “*o amor que cobre uma multidão de pecados*”.

Libertação

“Assim também vós, considerai-vos mortos para o pecado e vivos para Deus em Cristo Jesus.” (Rm 6:11).

Paulo considera que quando transgredimos as Leis de Deus, ficamos escravos do “pecado”, ou seja, iludidos no erro e, então, ficamos submetidos às consequências dos atos contrários as Leis de Deus. O cristão é chamado a ser uma nova criatura, a se libertar do Mal pela prática do Bem: *“... e, assim, livres do pecado, vos tornastes servos da justiça.”* (Rm 6:18).

A luta interior

“Sabemos que a Lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido como escravo ao pecado. Realmente não consigo entender o que faço; pois não pratico o que quero, mas faço o que detesto.” (Rm 7:14-15).

“Verifico, pois, esta lei: quando eu quero fazer o bem, é o mal que se me apresenta.” (Rm 7:21).

A mais expressiva descrição sobre todos os sentimentos e lutas, que visitam os nossos corações quando sinceramente abraçamos o projeto de nossa renovação interior, está condensada nestes versículos de Paulo.

Nosso agir decorre de hábitos cristalizados que, na maioria das vezes, são inconscientes. Simplesmente reagimos às situações, conforme nossos condicionamentos. São as sombras de nossa interioridade que nos impelem a agir desta ou daquela maneira (impulsos).

Como agir de conformidade com o que queremos? Agindo conscientemente, ou seja, sendo senhor de nossas ações, governando emoções, sentimentos e os impulsos que deles decorrem. Para tanto é necessário o autoconhecimento e exercitarmos o **“Orai e vigiai”**. Neste esforço, paulatinamente, vamos adquirindo novos hábitos, até que o Bem esteja definitivamente instalado em nós.

Os ensinamentos revelados por Jesus despertam-nos para a busca dos valores espirituais. A cerca disto, assevera Paulo: *“Com efeito, os que vivem segundo a carne desejam as coisas da carne, e os que vivem segundo o espírito, as coisas que são do espírito.”* (Rm 8:5).

Viver segundo a carne é deixar-se conduzir pelo fascínio que a matéria exerce ser governado pelos desejos e impulsos inferiores, é viver somente a vida material, concentrar suas aspirações nos bens da Terra.

No entanto, aquele que vive segundo as leis sublimes do espírito, assinala Emmanuel, em ‘Pão Nosso’, lição 82: *“... respira em esfera diferente do próprio campo material em que ainda pousa os pés. Avançada compreensão assinala-lhe a posição íntima. Vale-se do dia qual aprendiz aplicado que estima na permanência sobre a Terra valioso tempo de aprendizado que não deve menosprezar.”*

Contudo, todos, tanto os que já despertaram espiritualmente, como aqueles, que ainda permanecem adormecidos, todos alcançaremos, em nossa trajetória evolutiva, a condição da perfeição relativa. Paulo destaca: *“E se somos filhos, somos também herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo...”* (Rm 8:17).

A visão de Paulo sobre Israel

Do capítulo 9º ao 11º, o apóstolo aborda a questão da posição dos judeus face ao Evangelho e enfatiza a Misericórdia de Deus para com todos.

Os judeus mantinham-se obstinados em não aceitar Jesus como enviado de Deus, não obstante o patrimônio de fé, as profecias, a promessa, o exemplo de fé dos patriarcas.

“Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a própria, não se sujeitaram a justiça de Deus. Porque a finalidade da Lei é Cristo para a justificação de todo aquele que crê.” (Rm 10:3-4).

A posição dos judeus em relação a Jesus entristecia profundamente o coração de Paulo e ele assim se expressa: *“Irmãos, o desejo de meu coração e a prece que faço a Deus em favor deles é que sejam salvos. Porque, eu lhes rendo testemunho de que têm zelo por Deus, mas não é zelo esclarecido.”* (Rm 10:1-2).

Eles ouviram os ensinamentos de Jesus, mas não os acolheram porque seus corações estavam endurecidos; a fé que eles tinham era uma fé caracterizada pela intransigência, pela rigidez, que os impedia de ouvir novos ensinamentos.

O que acontecera com aqueles que não acolheram Jesus? Todos despertarão, todos compreenderão no exercício do Amor o caminho traçado por Jesus, pois a Misericórdia de Deus abrange todos os seus filhos e o Pai a todos destinou para o Amor.

As lições de Jesus na prática: renovação, libertação e progresso espiritual

“E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito.”

“(...) eu peço a cada um de vós que não tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que convém, mas uma justa estima, ditada pela sabedoria, de acordo com a medida da fé que Deus dispensou a cada um.” (Rm 12:2-3).

Eis um convite à vivência da humildade. Em geral, ou superestimamos as nossas supostas qualidades e nos inflamamos de orgulho e vaidade, ou nos sentimos inferiorizados, concentrando-nos nas nossas dificuldades e imperfeições. Em ambos os casos, o autoconceito não traduz a realidade, pois que todos nós temos qualidades já adquiridas e virtudes por adquirir.

A humildade auxilia-nos a colocarmos as qualidades já adquiridas a serviço do Bem, e a não vermos nelas motivo de nos vangloriarmos ou motivo para pleitearmos posições de destaque na Seara de Jesus. É ainda a humildade que nos ajuda a reconhecer o quanto temos a vencer.

Que cada um assuma o posto de serviço para o qual foi chamado por Jesus e realize a sua tarefa com amor, cooperando com todos.

“Que vosso amor seja sem hipocrisia, detestando o mal e apegados ao bem; com amor fraterno, tendo carinho uns para com os outros, cada um considerando o outro como mais digno de estima.” (Rm 12:9-10).

No final do 12º capítulo, Paulo aborda uma lição fundamental: Como agir perante o mal que nos alcança?

“Abençoai os que vos perseguem; abençoai e não amaldiçoeis. (...) A ninguém pagueis o mal com o mal! (...) Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem.” (Rm 12: 14,17 e 21).

Em geral, o Homem reage pelos mesmos padrões. No entanto, o cristão recebeu de Jesus lições diferentes neste sentido: não retribuir o mal com o mal. E isto porque enfrentar o mal com armas semelhantes é intensificar o mal, acarretando consequências imprevisíveis e dolorosas.

A indulgência auxilia-nos a compreender que todos nós, pelas sombras que há em nossos corações, estamos suscetíveis de ferir os nossos semelhantes de múltiplas formas.

Se formos indulgentes, passaremos a considerar qualquer ofensor como um irmão, temporariamente em desequilíbrio, atravessando a chamada nuvem do momento infeliz; passaremos a exercer a compaixão diante daquele que conscientemente pratica o mal, eis que aquele que semeia o mal terá que recolher os espinhos.

No entanto, a recomendação de Jesus, reiterada por Paulo, vai além: **fazer o bem a quem nos faz o mal**. Assim, o esquecimento do mal é o primeiro passo. O segundo passo consiste em fazer o bem a quem nos faz o mal.

O primeiro liberta-nos das consequências negativas do mal que abrigamos em nos pelo rancor, pela mágoa, pelo ressentimento. O segundo ilumina o coração e faz germinar a semente do amor incondicional.

“A caridade não pratica o mal contra o próximo. Portanto, a caridade é a plenitude da Lei.” (Rm 13:10).

Cuidado com os falsos ensinamentos

Nos capítulos 14 e 15, Paulo faz uma reflexão sobre a alimentação, que era um traço distintivo do povo judeu e um dos preceitos da lei. Isto acarretava conflitos nas comunidades cristãs formadas por judeus e gentios, pois os judeus queriam impor aos gentios a observância dessa lei. Vejamos as suas considerações a respeito do assunto:

“Eu sei e estou convencido no Senhor Jesus que nada é impuro em si. (...) o Reino de Deus não consiste em comida e bebida, mas é justiça, paz e alegria no Espírito Santo. (...) não destruas a obra de Deus por uma questão de comida.” (Rm 14:14, 17 e 20).

Faz então um apelo, a exemplo de todas as outras epístolas, em relação aos que ensinavam uma falsa doutrina. *“Rogo-vos, entretanto, irmãos, que estejais alerta contra os provocadores de dissensões e escândalos contrários aos ensinamentos que recebestes. Evitai-os.”* (Rm 16:17).

Epílogo

Paulo reafirma sua condição de apóstolo dos gentios, fala de seu projeto de ir a Roma e a Espanha e saúda a todos. Paulo ira a Roma, com certeza, mas como prisioneiro por amor ao Cristo.

QUESTÃO REFLEXIVA:

Comente: *“A caridade não pratica o mal contra o próximo. Portanto, a caridade é a plenitude da Lei.”*

Parte B - Epístola Aos Efésios

INTRODUÇÃO

Paulo escreveu esta epístola na condição de prisioneiro e tudo indica que ele estava em Roma, entre o ano de 61 e 63 d.C.

A quem Paulo destina esta Carta? Hoje há muitas dúvidas se a carta foi dirigida aos cristãos de Éfeso, pois as palavras “em Éfeso” não estão presentes em alguns dos manuscritos que estão entre os considerados mais confiáveis. Era provavelmente uma carta destinada a circular entre as igrejas domésticas de Éfeso, seus arredores e, sobretudo, as comunidades do vale do Lico.

É uma notável síntese de Paulo sobre a condição de Jesus e a revelação do Amor como caminho de redenção para todos.

Quando Paulo escreveu aos Efésios, ele já não vivia para o Cristo, mas em Cristo. Isto explica toda a carta. Ele queria comunicar toda a extensão do entendimento que havia alcançado sobre o Cristianismo e despertar, nos corações dos cristãos, o mesmo amor, a mesma fé, a mesma esperança que sentia em seu coração.

CONTEÚDO

Os Desígnios Misericordiosos de Deus: a redenção

Paulo inicia louvando e agradecendo a Deus pela sua Misericórdia e Amor, pois Ele nos enviou Jesus para nos revelar a Lei do Amor e, através dela, ser propiciada a reconciliação de todos os Homens, pois que todos são filhos de Deus.

Nas mãos misericordiosas de Jesus repousam os destinos da Terra. Ele é o enviado de Deus, tanto para os judeus, que esperavam o cumprimento das profecias, como para os gentios, pois Deus não faz distinção entre as pessoas.

Paulo afirma que, em suas orações, roga a Deus por todos, para: *“Que Ele ilumine os olhos dos vossos corações, para saberdes qual é a esperança que o seu chamado encerra, qual é a riqueza da glória da sua herança entre os santos e qual é a extraordinária grandeza do seu poder para nós, os que cremos, conforme a ação do seu poder eficaz.”* (Ef 1:18-19).

Esta é a suplica que Paulo endereçava a Deus por todos os cristãos. Que bela esta metáfora acerca “dos olhos do coração”, para que o cristão possa iluminar a sua visão através do sentimento de fé.

A necessidade da renovação espiritual

No capítulo 2, Paulo assinala que a redenção é alcançada pela renovação espiritual. Muitos de nós, antes do conhecimento do Evangelho, agíamos de acordo com as nossas tendências inferiores, buscando a satisfação de nossos desejos, sintonizados com os Espíritos inferiores, e, assim, caminhávamos em desacordo com as Leis de Deus.

No entanto, Deus, em sua Misericórdia, pelo muito que nos ama, enviou-nos Jesus para que ele nos revelasse qual é a Lei Divina que nos propicia a libertação do mal, à medida que nos esforçamos para vivenciar o bem.

O Homem alcançará a vitória espiritual pela fé em Jesus, o que implica em aceitar o que ele nos ensinou e a seguir a sua exemplificação.

Portanto, a salvação não vem pelas “obras da lei”, pois estas obras dizem respeito a preceitos exteriores, que são ineficazes para transformar o Homem. A redenção vem pela prática das boas obras.

Em “O Livro dos Espíritos”, na questão 653, Kardec indaga:

P. *“A adoração necessita de manifestações exteriores?”*

R. *“A verdadeira adoração é a do coração. Em todas as suas ações, pensai sempre que o Senhor vos observa.”*

Desde que fomos criados por Deus, estamos destinados a viver a Lei do Amor, conforme a sua vontade.

“Pois somos criaturas dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras que Deus já antes preparara para que nelas andássemos.” (Ef 2:10).

A reconciliação entre todos

“Ele é a nossa paz: de ambos os povos fez um só, tendo derrubado o muro da separação e suprimido em sua carne a inimizade - a Lei dos mandamentos expressa em preceitos - a fim de criar em si mesmo um só Homem Novo, estabelecendo a paz, e de reconciliar a ambos com Deus...” (Ef 2: 14-16).

Os judeus consideravam-se o povo eleito e acreditavam que as obras da lei tomava-os justos perante Deus. A aliança com Deus dava-se pela prática da circuncisão. Para eles, os gentios, como incircuncisos, estavam excluídos do plano da salvação. Mas, com Jesus, todos são chamados a viverem segundo a verdadeira Lei de Deus, diante da qual todos os atos de adoração exterior ficavam destituídos do sentido que lhes eram atribuídos. Jesus vem para edificar o homem novo, para reconciliar todos os povos, na medida em que revela que somos todos filhos de Deus.

Estas considerações, escritas há tanto tempo, infelizmente prosseguem como advertências nos dias de hoje, pois quantos religiosos continuam a preconizar que só a religião a que eles pertencem é o caminho para Deus.

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XV item 8, Kardec referiu-se ao dogma ‘fora da igreja não há salvação’, nos seguintes termos:

“É portanto, exclusivista e absoluto. Em vez de unir os filhos de Deus, divide-os. Em vez de incitá-los ao amor fraterno, mantém e acaba por legitimar a animosidade entre os sectários dos diversos cultos (...) Esse dogma é, portanto, essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e a lei evangélica.”

E contrapõe a esta máxima, aquela que indica o caminho da evolução espiritual: “Fora da caridade não há salvação”, lema este que é o título de uma mensagem trazida pelo Espírito Paulo, em 1860, em Paris, que consta no item 10 do mesmo capítulo acima citado.

No tocante a esta máxima, Kardec assevera:

“A máxima - Fora da caridade não há salvação - é a consequência do princípio de igualdade perante Deus e da liberdade de consciência. Tendo-se esta máxima por regra, todos os homens são irmãos e, seja qual for a sua maneira de adorar o Criador, eles se dão as mãos e oram uns pelos outros.”

A missão de Paulo

“Certamente sabeis da dispensação da graça de Deus que me foi dada a vosso respeito. Por revelação me foi dado a conhecer o mistério, como atrás vos expus sumariamente: lendo-me, podeis compreender a percepção que tenho do mistério de Cristo.” (Ef 3:2-4).

Tão elevada compreensão alcançou Paulo sobre a missão, as lições e o Amor incomensurável de Jesus que instaurou um novo tempo, um novo entendimento, uma nova revelação para todos, a fim de que edificassem uma Nova Humanidade.

Assim, ele orou a Deus, pedindo:

“... que Cristo habite pela fé em vossos corações e que sejais arraigados e fundados no amor. Assim tereis condições para compreender com todos os santos qual é a largura e o comprimento e a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo conhecimento, para que sejais plenificados com toda a plenitude de Deus.” (Ef 3:17-19).

Viver nova vida em Cristo

“Exorto-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor a andardes de modo digno da vocação a que fostes chamados: com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros, com amor procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz.” (Ef 4:1-3).

Esta exortação é um apelo à busca da coerência entre o saber e o fazer; um apelo a uma nova vida, de acordo com os preceitos de Jesus.

O que significa viver nova vida em Cristo?

Significa pensar, sentir, agir como cristão... e Paulo dedicar-se-á, nos capítulos 4, 5 e 6, a esclarecer quais são as atitudes compatíveis com os valores cristãos e como é possível vencer a luta interior.

O Homem deve progredir e o faz em contato com outros homens, pois as potencialidades que traz consigo, em gérmen, só podem encontrar campo adequado ao desenvolvimento quando vive em sociedade.

Como adquirir paciência, alcançar entendimento, exercitar o perdão e a tolerância, como aprender a amar senão no convívio com os semelhantes?

Os laços sociais são essenciais ao progresso moral. Para conviver em harmonia e estabelecer a paz é necessário abraçar o Evangelho e combater o egoísmo, a grande chaga da Humanidade, que dificulta tanto o nosso progresso individual quanto social.

Profundamente inspirado, Paulo destaca a necessidade de cultivarmos a humildade, para que reconheçamos a nossa real condição moral. Nesta perspectiva, podemos então exercitar a compreensão, pois reconhecemos

que todos nos temos arestas a aparar e, assim, há que se ter paciência e tolerância. Nesta disposição interior, os conflitos dissipar-se-ão, pois a paz será o vínculo que nos une uns aos outros.

Os cristãos como membros de um mesmo corpo.

Como alcançar a desejada harmonia nas relações humanas?

Paulo vislumbra o caminho, tomando o corpo humano como metáfora para situar os cristãos como membros de um corpo, cuja cabeça é Jesus.

Se o cristão perceber-se como um “membro do corpo de Cristo”, compreendera que Jesus é a “cabeça” e governa com amor e sabedoria, pois suas orientações fluem para que todos desenvolvam o amor, no espírito de serviço.

Quanto às funções, quem nos concede as possibilidades de serviço é Jesus. Cada um é chamado a servir onde pode produzir mais e melhor, visando ao aprimoramento espiritual.

“... seguindo a verdade em amor; cresceremos em tudo em direção daquele que é a Cabeça, Cristo...” (Ef 4:14).

Como remover o homem velho e ser um novo Ser?

Paulo convida-nos a abandonarmos velhos hábitos, como a mentira, a cólera, o furto, a maledicência, a amargura, a malícia, enfim, os atos contrários as Leis de Deus, e nos conclama a aquisição de novos hábitos: falar a verdade, trabalhar, partilhar com os necessitados, perdoar, falar construtivamente, ser misericordioso, compassivo, bondoso.

“... andai como filhos da luz, pois o fruto da luz consiste em toda a bondade, justiça e verdade!” (Ef 5:8-9).

Ainda no capítulo 5, a exemplo de outras epístolas, Paulo aborda a ética que deve iluminar as relações familiares: o respeito mútuo, a reciprocidade e o amor.

O combate espiritual

Na conclusão da Carta, Paulo fala do combate espiritual que o cristão trava no seu íntimo e da necessidade de se fortalecer no Senhor, relacionando todos os recursos defensivos que o Homem utiliza-se para enfrentar um combate e lhes atribuindo significado espiritual.

“Portanto, ponde-vos de pé e cingi os rins com a verdade e revesti-vos da couraça da justiça e calçai os pés com o zelo para propagar evangelho da paz, empunhando sempre o escudo da fé (...) E tomai o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus.” (Ef 6: 14-17).

Para enfrentar este combate é preciso vestir a “couraça da justiça”.

Figura esta utilizada por Paulo para representar a defesa de que podemos nos revestir, através da renovação mental, pela prática do Bem.

A ação do Bem, com a quebra voluntária de nossos sentimentos inferiores, produzem vigorosos fatores de transformação, renovando-nos a atmosfera espiritual. Os fluidos espirituais, que nos circundam, estão impregnados da qualidade de nossos pensamentos felizes ou infelizes, revelando a nossa posição íntima. E por esta emissão de forças mentais que atraímos ondas semelhantes as nossas. Se emitirmos bons pensamentos, atrairemos a influência dos Bons Espíritos.

Paulo fornece o roteiro de semelhante construção: abraçar a verdade (o Evangelho), exercitar a justiça, desenvolver a fé, ser instrumento de paz, propagar a Boa Nova pelo verbo e pela ação. E para perseverar neste roteiro de emancipação espiritual, há que orar e vigiar.

Finalizando, Paulo expressa o seu carinho pelos cristãos de todos os tempos, dizendo:

“Aos irmãos paz, amor e da parte de Deus, o Pai, e do nosso Senhor Jesus Cristo. A graça esteja com todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo, com amor perene!” (Ef 6:23-24).

QUESTÃO REFLEXIVA:

Comente: *“... revesti-vos da couraça da justiça e calçai os pés com o zelo para propagar evangelho da paz, empunhando sempre o escudo da fé...”*

Bibliografia

A Bíblia de Jerusalém.

Kardec, Allan - O Livro dos Espíritos - Ed FEESP.

Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Ed FEESP.

Aos Efésios - Lamartine Palhano Junior.

Xavier, Francisco C /Emmanuel - Paulo e Estevão.

19ª. Aula - Epístolas Paulinas

Parte A – Epístolas Pastorais

Do conjunto das 14 epístolas escritas por Paulo, três foram chamadas de pastorais a partir do século XVIII, pois tinham como objetivo orientar dois de seus fiéis discípulos, Timóteo e Tito, quanto a organização das igrejas e quanto a necessidade de preservar a pureza do Evangelho de Jesus combatendo os falsos doutores. Timóteo e Tito eram extremamente afinados com o pensamento de Paulo e a eles Paulo dirige-se como a filhos muito amados.

A 1ª epístola a Timóteo e a epístola a Tito serão abordadas em conjunto, dado que o conteúdo a forma e o contexto histórico são muito semelhantes. Foram escritas na Macedônia por volta do ano 64 d.C.

1ª EPÍSTOLA A TIMÓTEO E A EPÍSTOLA A TITO

CONTEÚDO

A Luta Contra os Falsos Doutores

“Com efeito, há muitos insubmissos, palavrosos e enganadores, especialmente no partido da circuncisão, aos quais é preciso calar, pois estão pervertendo famílias inteiras, e, com o objetivo de lucro ilícito, ensinam o que não tem direito de ensinar.” (Tito 1:10-11).

“Se eu te recomendei permanecer em Éfeso, quando estava de viagem para a Macedônia, foi para admoestares alguns a não ensinarem outra doutrina, nem se ocuparem com fábulas e genealogias sem fim, as quais favorecem mais as discussões do que o desígnio de Deus, que se realiza na fé.” (1 Tm 1:3-4).

Na categoria de falsos doutores estão todos aqueles que ensinavam doutrinas contrárias aos ensinamentos de Jesus. A interpretação deles acerca do Evangelho era deturpada por crenças arraigadas, eis que eram os judeus convertidos ao Cristianismo que continuavam presos ao formalismo judaico, aos preceitos da lei.

Com efeito, havia tanta dificuldade em compreender que a mensagem de Jesus conclamava o Homem a renovação de suas concepções, crenças e hábitos, que os mesmos se opunham aos ensinamentos de Paulo.

Paulo libertara-se pelo conhecimento da verdade, despojando-se integralmente do Judaísmo legalista, que ele, um dia, esposara. Na sua missão de evangelizador, irá se deparar com muitas lutas para extirpar do Cristianismo os elementos que não lhe pertenciam, para preservar a nascente da fonte, a fim de que suas águas jorrassem cristalinas.

O que fazer quando a erva daninha cresce, senão arrancá-la energeticamente para que as sementes valorosas germinem? Em toda parte existem os semeadores de cisão, operando a perturbação e a discórdia. Paulo fora constituído semeador e seus inúmeros colaboradores auxiliavam-no a zelar pela fonte, pela germinação, florescência, frutescência.

É neste sentido que Paulo delega, a cada um de seus colaboradores, a função de preservar o Cristianismo nascente das influências dos que se achavam enclausurados na estreiteza de suas visões. Seus colaboradores trabalhavam lado a lado com ele, eram por ele orientados, acompanhavam seus inúmeros sofrimentos. Que permanecessem empenhados na mesma luta!

É neste sentido que hoje todos nós, sob as bênçãos da Doutrina Espírita, recebemos as mesmas exortações dos Bons Espíritos para prosseguirmos na revivência da Doutrina Crista em sua essência, despojado de todos os dogmas, falsas interpretações, rituais exteriores que desfiguraram o Cristianismo ao longo do tempo.

Vejamos as recomendações de Paulo:

“Rejeita, porém, as fábulas ímpias, coisas de pessoas caducas. Exercita-te na piedade.” (1 Tm 4:7).

“Evita controvérsias insensatas, genealogias, dissensões e debates sobre a Lei, porque para nada adiantam, e são fúteis.” (Tito 3:9).

A DOCTRINA DO AMOR E DA COMPAIXÃO

E destacando que a Doutrina de Jesus é a doutrina da compaixão, do amor, da fé, assinala:

“Quanta a ti, sê para os fiéis modelo na palavra, na conduta, na caridade, na fé, na pureza. (...) Desvela-te por estas coisas, nelas persevera, a fim de que a todos seja manifesto o teu progresso. Vigia a ti mesmo e a

doutrina. Persevera nestas disposições porque, assim fazendo, salvarás a ti mesmo e aos teus ouvintes.” (1 Tm 4:12, 15-16).

Estas recomendações são fundamentais para os cristãos, pois todos somos instrumentos de evangelização pela influência que exercemos uns sobre os outros. O cristão é chamado a viver em conformidade com as lições do Mestre. E a excelência do Evangelho é divulgada pelos atos valorosos dos verdadeiros cristãos.

O apelo de Paulo é dirigido a Timóteo, a Tito, a cada um de nós.

Como assinala Emmanuel em “vinha de Luz”, lição 14: *“Geralmente, o primeiro impulso dos que ingressam na fé constitui a preocupação de transformar compulsoriamente os outros”.*

Nestas disposições, por vezes, a criatura tenta convencer o outro através de acaloradas discussões, condenando idéias alheias, criticando, sem respeitar o caminho de cada um.

Porém, o discípulo que se limita a teoria, exportando conceitos edificantes, descansando as margens do caminho, sem trabalho ativo no Bem, nem cuidara de si mesmo nem estará apto a edificar a fé nos corações alheios.

Recomendações Sobre a Mediunidade

“Não descuides do dom da graça que há em ti, que te foi conferido mediante profecia, junto com a imposição das mãos do presbítero.” (1 Tm 4:14).

No Cristianismo primitivo, a imposição de mãos, realizada pelos apóstolos e colaboradores, assinalava a adesão à fé em Jesus e favorecia o desabrochar das faculdades mediúnicas.

O dom da graça significa mediunidade. A recomendação de Paulo no tocante “a não descuidar” demonstra a necessidade de exercitar a mediunidade, pois toda faculdade da alma requer esforço e dedicação para se aprimorar e produzir bons frutos.

Assevera Emmanuel em “vinha de Luz”, lição 127: *“O problema da mediunidade, principalmente, é dos mais ventilados, esquecendo-se, não raro, o impositivo essencial do serviço. (...) É indispensável aplicar nobremente as bênçãos já recebidas, afim de que possamos solicitar concessões novas.*

(...) Não é razoável, porém, conferir instrumentos novos a mãos ociosas, que entregam enxadas À ferrugem. Recorda, pois, meu amigo, que podes ser o instrumento do Mestre, em qualquer parte.”

Orientações para Organizar as Igrejas

Paulo instrui Timóteo e Tito quanto a organização das comunidades cristãs, para que cada membro desempenhasse a sua função de forma responsável e digna, e para que houvesse harmonia entre todos.

Nestas epístolas, embora Paulo tenha pedido que eles se estruturassem por funções religiosas, na organização das comunidades, a ênfase dada pelo apóstolo dos gentios era “na função” e não “na posição” que o cristão ocupava na comunidade.

Com o enfoque nas funções, Paulo assinalava as qualidades de que eles deveriam ser portadores: ser irrepreensível, fiel à esposa, sóbrio, cheio de bom senso, simples no vestir, hospitaleiro, competente no ensino, indulgente, pacífico, que soubessem governar bem as próprias Casas. (1 Tm 3:1-13; 5:17-25 e Tt 1:5-9).

Eram todos chamados a viver de acordo com a ética cristã.

Do conjunto de recomendações, queremos destacar:

“Pois se alguém não sabe governar bem a própria casa, como cuidará da Igreja de Deus?” (1 Tm 3:5).

É um apelo a viver em família como um cristão.

A família é escola de aprimoramento das almas. É campo abençoado em que a Misericórdia Divina reúne, no tempo e no espaço, corações entrelaçados por sentimentos de amor, ou por sentimentos de aversão, para a necessária transformação.

Se em nosso lar, onde se encontram os nossos grandes compromissos do coração, nós nos convertemos em espinheiros de irritação, de intolerância, de prepotência; se escasseiam os gestos de gentileza ou colaboração; se negligenciamos as necessidades afetivas daqueles que convivem conosco, como poderemos exemplificar na Seara do serviço cristão?

Cooperação e carinho em favor dos familiares representam realização essencial pelas possibilidades de trabalho iluminativo.

Há no entendimento de Paulo um estreito paralelo entre a família e a comunidade cristã. Ele utilizou muitas vezes a imagem da família como metáfora para designar os vínculos nas comunidades cristãs, onde o título de irmãos, face a paternidade de Deus, conclama a convivência pautada pelo respeito, amor, compaixão, compreensão.

Não só ele se dirige a Tito e a Timóteo como um pai, como recomenda a Timóteo, em sua 1ª epístola, que se houvesse necessidade de censurar alguém na comunidade, que ele o fizesse como a um membro da família: censurar um ancião como a um pai; aos jovens como a irmãos; as senhoras como a mães... (1 Tm 5:1-2).

Paulo recomenda honrar as viúvas, auxiliar as que não tinham família que pudesse auxiliá-las e que fossem dignas e verdadeiramente necessitadas.

Aborda a necessidade dos servos cumprirem seus deveres para com os seus senhores e incentiva os ricos a partilhar, para que se enriqueçam com boas obras.

Finaliza recapitulando suas principais recomendações:

“Timóteo, guarda o depósito evita o palavreado vão e ímpio, e as contradições de uma falsa ciência, pois alguns, professando-a, se desviaram da fé.” (1 Tm 6:20-21).

“Todos os da nossa gente precisam aprender a praticar o que é bom de sorte que se tornem aptos a atender às necessidades urgentes e, assim, não fiquem infrutíferos.” (Tito 3:9).

2ª. EPÍSTOLA A TIMÓTEO

Noticias da Espiritualidade

No livro “Paulo e Estevão”, capítulo X, 2ª parte, Emmanuel traz-nos informações sobre o momento histórico em que Paulo escreveu a 2ª epístola a Timóteo.

A carta foi escrita de Roma, pouco antes do seu martírio. Paulo encontrava-se preso novamente. Fora preso nas catacumbas com outros cristãos, após o incêndio de Roma, em 64 d.C. Através de Acácio Domício, Paulo consegue comparecer perante Nero para fazer sua defesa pessoal. Nero sentiu-se fortemente impressionado pelo discurso que Paulo fizera em favor dos cristãos, considerando-o extremamente perigoso.

Assim, embora lhe concedesse liberdade, deliberou, secretamente, que Paulo fosse morto. Ao sair da prisão, instalou-se no lar de Lino e Claudia. Paulo valeu-se da colaboração de Lucas para as cartas.

A 2ª epístola a Timóteo foi a última carta que escreveu. Estava tomado de emoções contraditórias, porque ao mesmo tempo em que sentia o término de sua missão na Terra, ele procurava combater estes presságios, pensando na continuação de seus esforços na evangelização.

CONTEÚDO

Nesta 2ª epístola, o teor das recomendações é o mesmo da 1ª epístola. O que difere é o forte colorido emocional que transparece em cada recomendação. Paulo sente que se aproxima o momento de sua morte: *“Quanta a mim, já fui oferecido em libação, e chegou o tempo de minha partida.”* (2 Tm 4:6).

Paulo estava prestes a partir. No entanto, a continuidade da missão a que ele se dedicara integralmente, a difusão do Evangelho de Jesus, prosseguiria através daqueles que com ele colaboraram.

Que mensagens derradeiras desejava ele confiar ao seu amado filho espiritual? O que um pai desejaria transmitir de mais caro ao seu filho?

A dedicação a Jesus, a perseverança, a fé, a resignação nos sofrimentos, a esperança. Paulo partiria. Timóteo permaneceria. Que permanecesse íntegro na fé e na caridade!

Em cada linha, uma orientação afetuosa, uma reminiscência de suas lutas, como se ele estivesse fazendo o inventário de sua vida e, ao mesmo tempo, deixando, em seus exemplos e exortações, um legado a Timóteo.

“O que de mim ouviste na presença de muitas testemunhas, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para ensiná-lo a outros.”

Procura apresentar-te a Deus como um homem provado, trabalhador que não tem de que se envergonhar, que dispensa com retidão a palavra da verdade.” (2 Tm 2:2 e 15).

Lendo esta Carta, que tem a tônica da despedida do grande apóstolo, pensamos: “Que exame de consciência efetuou o apóstolo, compreendendo um vasto período de tempo desde o dia em que Jesus o chamara na estrada de Damasco! Quantas lutas, quantas alegrias, quantos afetos, quantos perigos, quantos testemunhos no desdobramento de sua missão!”

Que lembranças, que imagens deveriam estar sendo evocadas, para que vitoriosamente ele pudesse dizer a Timóteo: **“Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé!”** (Tm 4:7).

Efetivamente, algumas semanas após a carta a Timóteo, Paulo sofre o martírio. Parte, vitorioso ao encontro de Jesus. O apóstolo soubera transpor o abismo que o separava do Cristo.

QUESTÃO REFLEXIVA:

Comentar: “Todo, os de nossa gente precisam aprender a praticar o que é bom (...) e, assim, não fiquem infrutíferos”

Parte B - Epístola Aos Hebreus

INTRODUÇÃO

De acordo com a Bíblia de Jerusalém, a epístola aos Hebreus teve sua autenticidade posta em dúvida desde o Cristianismo primitivo. Atribuíam a autoria da Carta a um dos discípulos de Paulo, embora concordassem que a inspiração viera dele. O lugar e a data de composição são incertos.

Notícias da Espiritualidade

As dúvidas acima expostas, no entanto, são dissipadas e as lacunas preenchidas, no capítulo IX, 2ª parte, do livro “Paulo e Estevão”, onde Emmanuel afirma-nos que a epístola foi escrita por Paulo, em Roma, onde se encontrava prisioneiro.

Em virtude de sua cidadania romana, ele pode usufruir das vantagens da “custodia libera”, que permitia que ele vivesse fora do cárcere, apenas acompanhado por um guarda, até que o seu processo fosse julgado. Após se instalar num aposento humilde, ele solicitou a Lucas que convocasse os maiores do Judaísmo, na capital do Império, a fim de lhes apresentar uma exposição dos princípios cristãos.

Como poucos pareciam compreender os novos ensinamentos, Paulo encerrou a exposição, não sem antes afirmar que os judeus encontravam-se surdos, espiritualmente.

Alguns pediram a Paulo para que ele os ensinasse na sinagoga e Paulo respondeu que *“preso como estou, não poderia fazê-lo, mas hei de escrever uma Carta aos nossos irmãos de boa-vontade.”*

Daí por diante, assinala Emmanuel, aproveitando as últimas horas do dia, os companheiros de Paulo observaram que ele escrevia um documento a que dedicava profunda atenção. Às vezes, era visto a escrever com lágrimas, como se desejasse fazer da mensagem um depósito de santas inspirações.

Em dois meses entregava o trabalho a Aristarco para copiá-lo, dizendo: - *“Esta é a epístola aos hebreus. Fiz questão de grafá-la, valendo-me dos próprios recursos, pois que a dedico aos meus irmãos de raça e procurei escrevê-la com o coração.”*. Era o ano de 61 d.C.

CONTEÚDO

Nesta epístola, Paulo assinala qual o significado da vinda de Jesus e quais as mudanças que isto acarretava na interpretação do Antigo Testamento. Com a lucidez que o caracterizava, Paulo, **“segundo o espírito que vivifica”**, analisa temas fundamentais do Judaísmo: a aliança, o sacerdócio, as obras da lei, bem como a liturgia e os rituais.

Era um apelo do coração para fortalecer a fé dos judeus convertidos ao Cristianismo e aos que se obstinavam em combatê-lo.

As revelações

Todas as revelações que foram feitas a Israel, ao longo dos milênios, chegaram através dos profetas. Em Jesus, no entanto, encontramos a mais pura revelação, eis que a Boa Nova é a tradução da Lei Divina.

“Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual fez os séculos.” (Hb 1:1-2).

A condição de Jesus

“É ele o resplendor de sua glória e a expressão de sua substância (...) tão superior aos anjos quanto o nome que herdou excede o deles.” (Hb 1:3-4).

“Vemos, todavia, Jesus, que foi feito, por um pouco, menor que os anjos, por causa dos sofrimentos da morte, coroado de honra e de glória. E que pela graça de Deus provou a morte em favor de todos os homens.” (Hb 2:9). Graças a Misericórdia Divina, Jesus, encarnado, revelou-nos uma nova concepção de Deus, apresentando-o como Pai Amoroso e Misericordioso.

Por amor a Humanidade, Jesus provou a morte para semear a Boa Nova, convidando todos a edificação do Reino de Deus. Veio não para condenar, mas para salvar o Homem, traçando no **“Ami a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”** a verdadeira forma de adoração a Deus.

A Superioridade de Jesus

No capítulo 8 desta epístola, Paulo destaca a figura do sumo sacerdote, que era a autoridade máxima no quadro da hierarquia sacerdotal do Judaísmo.

Qual é o papel do sacerdote em qualquer religião? Ser mediador entre o Homem e Deus.

Quem o investe desta prerrogativa? Os próprios Homens.

Jesus, no entanto, não tem sua autoridade constituída pelos Homens, mas diretamente por Deus. Nisto reside sua absoluta superioridade em relação aos sacerdotes nomeados aqui na Terra.

Nesta comparação, Paulo busca destacar a natureza superior de Jesus, que propôs uma Nova Aliança, como vemos neste trecho: *“Agora, porém, Cristo possui um ministério superior. Pois ele é o mediador de aliança bem melhor cuja constituição se baseia em melhores promessas. De fato, se a primeira aliança fora sem defeito, não se trataria de substituí-la pela segunda.”* (Hb 8:6-7).

Prosseguindo em sua argumentação, Paulo recorre ao livro do profeta Jeremias (31:31-34) para destacar que já havia sido predito uma nova aliança, que substituiria à antiga.

E qual o vínculo desta nova aliança? O Amor, que estará inscrito nos corações dos Homens: a Lei de Deus relevada por Jesus.

Os Rituais Judaicos

“Pois, naquele regime, apresentam-se oferendas e sacrifícios sem eficácia para aperfeiçoar a consciência de quem presta o culto. Tudo são ritos carnis referentes apenas aos alimentos, às bebidas, às abluções diversas e impostos somente até ao tempo da correção.” (Hb 9:9-10).

Observemos que Paulo refere-se aos rituais como coisas que ficaram no passado. O Judaísmo preconizava os rituais exteriores de purificação, que deveriam ser prestados no santuário, “edificado pelas mãos dos Homens”.

Este santuário continha locais específicos para a realização dos rituais e um sacerdócio constituído para realizar os cultos, especialmente os cultos que purificavam os Homens de seus “pecados”.

Qual o significado dos rituais? Dirá Paulo: *“... a Lei é totalmente incapaz, apesar dos mesmos sacrifícios sempre repetidos, oferecidos sem fim a cada ano, de levar à perfeição aqueles que se aproximam de Deus.”* (Hb 10:1).

Por essa afirmação contundente de Paulo, vemos a ineficácia de qualquer ritual exterior para a chamada “purificação”. A verdadeira purificação, como nos ensina Jesus, é através da constante prática do amor e da caridade.

Jesus Revela a vontade de Deus

Jesus, na condição de mediador entre os homens e Deus ofereceu-se a si mesmo para revelar qual é a vontade de Deus. Ele “se manifestou para abolir o pecado por meio do seu próprio sacrifício.” (Hb 9:26). O que isto significa?

Definindo o “pecado” como uma transgressão as Leis de Deus, compreendemos que Jesus ao revelar o Amor como o Maior Mandamento, convida o Homem a harmonizar-se com as Leis Divinas, pela prática do Bem. Sua exemplificação demonstrou o verdadeiro significado do Amor.

Quando não observamos a Lei do Amor, ferimos também a nós mesmos, pois responderemos pelas consequências que advém destes atos e seremos chamados a reparar o mal que impusemos a outrem. Só a reparação propicia paz à consciência, libertando-a dos processos de culpa.

Sacrifícios e oferendas são inócuos para harmonizar a consciência com as Leis Divinas e não isentam a criatura da necessidade de aprender a dissolver o mal pela prática do bem.

Exortações à Renovação e a Libertação

“Aproximemo-nos, então, de coração reto e cheio de fé, tendo o coração purificado de toda má consciência...” (Hb 10:22).

Como Paulo dirige-se em particular aos judeus convertidos, ele faz um veemente apelo para que renovem suas concepções e crenças, libertando-se efetivamente. Que não retrocedam no caminho.

Como prosseguir sem esmorecer, sem desanimar?

A Libertação é um processo. O caminho que percorremos para aderirmos, de coração, a Jesus pede paciência, perseverança e fé. O ontem criou raízes em nossos corações. Há que nos esforçarmos para erradicá-las.

Neste sentido, Paulo traça um roteiro, enfatizando as condições essenciais para o êxito:

• Incentivo à caridade

“Velemos uns pelos outros para nos estimularmos à caridade e as boas obras”. (Hb 10:24)

A vida nas comunidades cristãs, às vezes atribuladas pelas circunstâncias de mundo, exigia o exercício constante da fraternidade. Por isso, Paulo faz esse chamamento para que haja companheirismo entre os membros, um velando pelo outro..

Viver naquelas comunidades, envolvidos pela Mensagem de Cristo, representava uma bendita oportunidade de aprendizado e trabalho. Salieta, pois, o apóstolo, a necessidade da valorização das possibilidades que o hoje nos apresenta na realização do Bem.

• Perseverança na dor

Paulo menciona os sofrimentos que a adesão ao Cristo havia acarretado em suas vidas e os conclama a perseverança, refletindo sobre a dor como processo educativo do Pai:

“É para a vossa educação que sofreis. Deus vos trata como filhos. Qual é, com efeito, o filho cujo pai não educa?” (Hb 12:7).

As dores são recursos educativos da alma. Como assevera Paulo:

“Toda educação, com efeito, no momento não parece motivo de alegria, mas de tristeza.” (Hb 12:11).

Porém, qual é o papel da dor senão educar para o Amor?

Como avançar, sem as experiências que nos são necessárias?

Embora a dor seja-nos necessária, são poucas as que conseguem compreendê-la em sua feição educativa. Muitos são os que se rebelam, os que acusam a Deus de injusto, os que se desesperam, os que fogem. Quem assim precede perde valiosas oportunidades de crescimento.

Vencida a tempestade, contabilizamos os frutos interiores que ela proporcionou: mais experiência, mais fortaleza, mais amadurecimento, mais compreensão. Como afirma Paulo: *“Depois, no entanto, produz naqueles que assim foram exercitados um fruto de paz e de justiça.”* (Hb 12:11).

Portanto, conclui Paulo: *“... reerguei as mãos enfraquecidas e os joelhos trêpegos”* (Hb 12:12), ou seja, não recuemos diante da luta, ainda que sejamos defrontados por inúmeras dificuldades, pois se ouvirmos as sugestões da ignorância, de cansaço, da maldade, do desencanto paralisaremos nossas mãos nos cuidados com a lavoura de Bem e perderemos a colheita.

• Fé

Em sua argumentações, Paulo destaca o papel que a fé exerceu na vida de todos os patriarcas, profetas, juízes da história do povo judeu. E o faz, dirigindo-se aos judeus recém-convertidos, exortando-os ao desenvolvimento da fé.

“A fé é a garantia dos bens que se esperam, a prova das realidades que não se vêem.” (Hb 11:1).

Somos chamados a sublime herança que nos é destinada. Ignoramos as experiências que nos estão reservadas, mas sabemos que o alvo é a melhoria de nós mesmos. Como superar obstáculos, vencer dificuldades, superar provas ásperas, guardar serenidade diante da dor se não for pela fé?

É a fé que produz esperança, dilata a paciência, oferece sustentação, que alimenta a perseverança. E tudo porque a fé é um saber, um sentir consciente, força que sustenta e coração, para percorrermos o caminho das lutas do dia de hoje a vitória do dia de amanhã.

Não sabemos o futuro, mas a fé dá-nos a certeza de que o futuro propiciará colheita farta, se a despeito de todas as dificuldades na plantação do Bem, perseverarmos.

Que realidades podemos visualizar através dos olhos da fé? As realidades espirituais para as quais todos nós marchamos, dia após dia, a convicção na existência do Espírito imortal, a convicção de que há muitas moradas na casa de Pai, a convicção de que o patrimônio espiritual é a nessa conquista legítima.

• Esperança

“A esperança, com efeito, é para nós qual âncora da alma, segura e firme...” (Hb 6: 19).

Paulo arremata a sua exortação, com a seguinte conclusão:

“Portanto, também nós, com tal nuvem de testemunhas ao nosso redor; rejeitando todo fardo e o pecado que nos envolve, corramos com perseverança para o certame que nos é proposto, com os olhos fixos naquele que é o iniciador e consumidor da fé, Jesus...” (Hb 12: 1-2).

Na lição 76 de “Pão Nosso”, Emmanuel assevera:

“Em toda parte da Terra, o discípulo respira rodeado de grande nuvem de testemunhas espirituais, que lhe relacionam os passos e anotam as atitudes, porque ninguém alcança a experiência terrestre, a esmo, sem razões sólidas com bases no amor e na justiça.

(...) Faze, pois, o bem possível aos teus associados de luta, no dia de hoje, e não te esqueças dos que te acompanham, em espírito, cheios de preocupação e amor.”

Concluindo o seu pensamento sobre a nova aliança, Paulo enfatiza que:

“Procurai a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor...” (Hb 12:14)

A verdadeira Adoração a Deus

“Temos um altar...” (Hb 13:10).

Não mais o altar de ouro, de pedra, de bronze, diante do qual ajoelhamos reverentes, mas o altar do coração, em que nos cabe apresentar as nossas oferendas de amor aos semelhantes.

“Não vos esqueçais da beneficência e da comunhão, porque são estes os sacrifícios que agradam a Deus” (Hb 13:16).

Paulo, demonstrando plenamente seu entendimento sobre a revelação do Cristo, não apenas deixou patenteado na carta aos hebreus esses sublimes ensinamentos, mas, toda sua trajetória, após o seu encontro com Jesus é um legado de exemplificação a Humanidade... exemplificação de trabalho e esperança, abnegação e resignação, persistência e fé.

QUESTÃO REFLEXIVA:

Comente: “A esperança, com efeito, é para nós qual âncora da alma, segura e firme”

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém.
- Kardec, Allan - A Gênese - Ed. FEESP.
- Kardec, Allan - O Livro dos Espíritos - Ed. FEESP.
- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo Ed. FEESP.
- Xavier, Francisco C./Emmanuel - Paulo e Estevão.
- Xavier, Francisco C./Emmanuel - Pão Nosso.

20ª Aula - Epístolas Universais

Parte A - Introdução

As epístolas do Novo Testamento, como já exposto anteriormente, são cartas dirigidas aos cristãos ou aqueles que estavam receptivos a mensagem do Cristo.

Se nas Epístolas de Paulo havia, em principio, um destino mais determinado, ou seja, eram dirigidas a pessoas, grupos ou comunidades específicas nas chamadas Epístolas Universais não há em regra essa intenção.

Com efeito, as Epístolas Universais visavam todos os cristãos, visavam alcançar todos aqueles que estavam convertendo-se a Doutrina de Jesus.

No Novo Testamento, além das Epístolas Paulinas, encontramos sete outras que formam o conjunto das Epístolas Universais, quais sejam:

- 01 de Judas;
- 02 de Pedro;
- 03 de João, e
- 01 de Tiago.

Antes, porém, de as analisarmos, precisamos fazer algumas considerações.

Muitos estudiosos da Bíblia e, especialmente, do Novo Testamento, perdem-se, às vezes, em discussões intermináveis, acerca da veracidade de um ou outro fato relatado. Outras vezes, a contenda prende-se em decidir, de forma categórica, a exata autoria de um texto. Discussões essas, muitas vezes, estereis, pois pelo rigor literário, por uma suposta exatidão de interpretação, acabam por se afastar do “espírito” da Boa Nova.

Não se trata esta consideração - ressalte-se com vigor - de um desmerecimento do estudo acurado e metuculoso de todos os grandes homens que, com afinco, dedicam-se, escrupulosamente, ao estudo da História e, especialmente, das Escrituras.

Mas, precisamos estar atentos para não darmos mais importância aos fatos históricos ou teológicos, do que a essência do Evangelho; atento para não atribuirmos excessivo valor a inteligência e, em decorrência, assistirmos ao esfriamento do sentimento de compaixão e fraternidade, esfriamento do desejo de implantar o ensinamento de Jesus na Terra para alcançar a renovação de toda a Humanidade.

É importante ressaltar esse ponto, pois, entre os estudiosos, vamos repetir, há muitos debates extenuantes para definir se os nomes atribuídos as Epístolas são, de fato, daqueles que a redigiram.

Nessa acurada análise, esses estudiosos examinam diversos indícios que evidenciaríamos uma autoria diferente do nome indicado. Dentre esses indícios, podemos citar: o estilo literário, a maior ou menor erudição, os fatos relacionados que seriam de época diversa da que viveu o autor indicado, ou, ainda, o endereçamento a certas coletividades que se formariam em momento, da mesma forma, diverso...

No entanto, é preciso assinalar que na Antiguidade era muito comum, em diversos povos, utilizar o nome de alguém importante, alguém conhecido, para revestir de credibilidade algum escrito, eis que o nome famoso conferia autoridade e, por isso, tomava o texto mais aceito.

Nesse sentido, podemos, por analogia, recordar que Kardec, por diversas vezes, discorrendo sobre a identidade dos Espíritos Superiores, afirma, de forma categórica, que eles não se prendem a questões menores de personalidade ou individualidade: o que é relevante é o conteúdo, a mensagem que se quer passar, a elevação do ensinamento que se quer transmitir.

Em resumo, o conjunto de todos os livros do Novo Testamento compõe um acervo de onde podemos extrair todo o néctar do conhecimento das grandes verdades, extrair a mais pura mensagem deixada pelo Cristo. Abramos nossos olhos para que possamos realmente “ver”.

CONTEXTO HISTÓRICO

Importa-nos, ainda, lembrar o cenário histórico e social das primeiras comunidades cristãs.

O vasto Império Romano prosseguia soberano. Paulo, como já vimos anteriormente, com suas viagens missionárias, fizera com que a mensagem do Cristo ressoasse por muitos cantos do oriente e do ocidente.

Muitas comunidades cristãs haviam sido formadas. Os mais diversos povos haviam sido alcançados. Era uma infinidade de etnias, de culturas, de línguas, de costumes. Era, ainda, o período da chamada Pax Romana, época em que os povos dominados, pagando regularmente seus impostos, viviam com certa liberdade e uma paz relativa, condicionada.

Mas, diante de tanta diversidade, como manter íntegra a Mensagem de Jesus? Como, em meios impregnados pelo misticismo, pela magia, pelo paganismo, por uma série de crenças infundadas e superstições... Como manter a pureza da Boa Nova?

Como, também, impedir que aqueles que agiam de má-fé e, propositadamente, cobrissem de máculas a Doutrina Crista?

As distâncias eram enormes. Lembremos que a época o transporte era muito difícil, para chegar a algum destino era preciso fazer, às vezes, longas caminhadas, de dias e dias; outras, viajar sobre o lombo de animais;

as travessias por mar também eram muito demoradas, eram usados pequenos barcos; os caminhos eram cheios de perigos...

O trabalho era monumental. As cartas eram, pois, um dos meios de reavivar a fé, de exortar a observância dos princípios evangélicos, de forma íntegra.

EPÍSTOLA DE JUDAS

Esta epístola, afirmam os estudiosos, deve ter sido escrita por volta do ano 80 d.C., e era dirigida aos *“que foram chamados, amados por Deus Pai e guardados em Jesus Cristo.”*

Conforme consta da Bíblia de Jerusalém, na introdução as epístolas, ela foi aceita desde o ano 200, pela maioria das igrejas, como Escritura canônica.

Este Judas não era o Judas Iscariotes, que cometeu suicídio. Também não era o Judas Tadeu, filho de certo Tiago. Este Judas apresenta-se como irmão de Tiago; talvez seja aquele que em Marcos 6:3 e em Mateus 13:55 é apontado como sendo irmão de Jesus.

Este ponto, como repetidamente frisamos acima, não demanda nossa atenção, pois, por ora, não há elementos para convicção definitiva. Fixemo-nos, pois, no aspecto principal: o seu conteúdo.

Em sua epístola que é relativamente pequena, Judas dirige a sua atenção aos *“falsos doutores”*, reprovando-os com vigor, e exorta os fiéis a conservarem a fé autêntica, e a convencerem os vacilantes.

Esta carta, como veremos adiante, em muito se assemelha a Segunda Carta de Pedro.

Assinalemos alguns pontos:

• Infiltração

“... De fato, infiltraram-se entre vós alguns homens já há muito marcados para esta sentença, uns ímpios, que convertem a graça do nosso Deus num pretexto para licenciosidade e negam Jesus Cristo, nosso único mestre e Senhor.” (Jd 4).

Toda nova doutrina, especialmente em seu período de propagação, sofre inúmeras investidas contra sua integridade. Muitos podem tentar rebatê-la, contrariá-la por completo, outros, no entanto, podem aceita-la parcialmente. Quando a aceitação é condicionada, incompleta, ou seja, apenas de algumas partes, ocorrem as deturpações doutrinárias.

Infiltração é, então, esse movimento sorrrateiro, disfarçado, de ir entrando, de ir acomodando-se, de começar a fazer parte, mas, ressalte-se, sem aceitação total dos princípios doutrinários.

Por isso o alerta. A exortação é para que haja muita cautela, muito cuidado, muita atenção para não permitir que elementos contrários à essência do Cristianismo infiltrem-se e pervertam, em benefício próprio, a Doutrina Cristã. Ainda hoje não devemos ter esse cuidado, agora com a Doutrina Espírita?

• Os falsos doutores

“... Ora, estes agem do mesmo modo: na sua alucinação conspurcam a carne, desprezam a autoridade e injuriam as Glórias.

(...) Ai deles, porque trilharam o caminho de Caim; seduzidos por um salário, entregaram-se aos desvarios... (...) são nuvens sem água, levadas pelo vento, árvores que no fim do outono não dão fruto, duas vezes mortas, arrancadas pela raiz, ondas bravias do mar a espumarem a sua própria imprudência, astros errantes, aos quais está reservada a escuridão das trevas para a eternidade.” (Jd 8, 11-13).

Qual a época que não tem os falsos doutores? Que não há aqueles que usam sua inteligência para se beneficiarem materialmente dos mais simples?

Em geral, revestem-se de uma falsa moralidade, de um falso senso de dever, mas, na verdade, transbordam hipocrisia e mentira.

Suas palavras, no entanto, são, muitas vezes, doces, suaves, conclamando ao dever e a virtude; seus discursos são estruturados, eloquentes.

Eis o perigo! Em meio a suas falas, baseadas em muitas verdades, mesclam, misturam inverdades; com sofismas, ou seja, de forma enganosa, conduzem a conclusões falsas. Essas impregnações são, ressalte-se, como um câncer, pois, pouco a pouco, podem ser capazes de degenerar a mais pura das doutrinas.

Há que se estar vigilante contra os pretensos doutores de todos os tempos. A conclusão deste trecho citado relembra-nos o Mestre, quando afirma que toda árvore má, que não der bons frutos, será cortada e lançada ao fogo.

• O livro de Henoc

“A respeito deles profetizou Henoc, o sétimo dos patriarcas a contar de Adão, quando disse: ‘Eis que o Senhor veio com as suas santas milícias exercer o julgamento sobre todos os homens e arguir todos os ímpios de todas

as obras de impiedade que praticaram e de todas as palavras duras que proferiram contra eles os pecadores ímpios: são uns murmuradores, revoltados contra o destino, que procedem de acordo com suas concupiscências; sua boca profere palavras arrogantes, mas estão sempre prontos a bajar quanto o seu interesse está em jogo.” (Jd 14-16).

Prossegue a reprimenda aos falsos mestres.

Nesta parte há citação do texto do patriarca Henoc, que, posteriormente, seria considerado como um texto apócrifo.

O processo de aceitação, de canonização dos textos evangélicos foi lento, e atravessou os primeiros séculos. Essa decisão sobre a natureza de um escrito bíblico, ou seja, se ele era autêntico ou apócrifo, ficaria, então, para momento posterior aos primeiros passos do Cristianismo.

O livro de Henoc, é interessante citar, segundo os estudiosos, remonta ao ano 80 a.C.; e, juntamente com outros livros que no futuro seriam considerados apócrifos, eram aceitos pacificamente no primeiro século. Com efeito, eram populares e regularmente lidos nas reuniões judaicas.

Ao espírita, lembremos, todos os livros, todos os escritos, todos os textos produzidos pela Humanidade têm seu valor específico, cabendo a cada um, por esforço próprio, separar o joio do trigo. Seu objetivo deve ser o aprimoramento pelo estudo: **“Espíritas, amai-vos e intruí-vos.”**

• Exortação aos fiéis

“Vós, porém, amados, lembrai-vos das palavras de antemão preditas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo, pois vos diziam: ‘No fim do tempo surgirão escarnecedores, que levarão vida de acordo com as próprias concupiscências ímpias.’” (Jd 17-18).

Todos os movimentos contrários à propagação da Boa Nova foram previstas por Jesus. Neste ponto, recorde-se que o Mestre havia alertado sobre os ímpios que se levantariam contra o Evangelho.

Concupiscência é o forte desejo de obtenção de prazeres mundanos. “Concupiscências ímpias”, então, são quando esse desejo desenfreado apóia-se na crueldade, no egoísmo, na perversidade. Tudo pelo bem estar próprio, ainda que com prejuízo do próximo. Nada poderia ser mais contrário à mensagem do Cristo.

• Os deveres da caridade

“Mas vós, amados, edificando-vos a vós mesmos na vossa Santíssima fé e orando no Espírito Santo, guardai-vos no amor de Deus, pondo a vossa esperança na Misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para vida eterna. Procurai convencer os hesitantes; a outros procurai salvar arrancando-os ao fogo; de outros ainda tende misericórdia...” (Jd 20 e 21).

Não temos aqui a síntese do dever cristão?

A mais pura mensagem do Cristo não é o convite à fé, a esperança, a Misericórdia, a compaixão sem limites, não é, ainda o esforço na propagação do Evangelho “convencendo os hesitantes”, especialmente pelos exemplos?

Sejamos nós esses exemplos!

QUESTÃO REFLEXIVA:

Para nós espíritas, que lição podemos tirar da Epístola de Judas?

Parte B - Epístolas De Pedro

Dentre as Epístolas Universais, duas são atribuídas a Pedro. Conforme consta da Bíblia de Jerusalém, na introdução a essas epístolas, a primeira carta foi aceita sem contestação, desde os primórdios da igreja, a segunda, só receberia aceitação a partir do século III. Sobre a questão da autoria das cartas, e especialmente em relação à segunda, extraímos este trecho:

“... Mas se um discípulo posterior se valeu da autoridade de Pedro, pode ser que tivesse algum direito de o fazer, talvez porque pertencesse aos círculos que dependiam do apóstolo, ou então porque utilizasse escrito proveniente dele e o adaptasse e completasse (...) Isso não equivale necessariamente a cometer falsificação, pois os antigos tinham idéias diferentes das nossas sobre a propriedade literária e a ilegitimidade da pseudônima.”

Este extrato reafirma o que já havíamos exposto anteriormente sobre esse ponto. Sigamos para as cartas.

1ª EPÍSTOLA DE PEDRO

O autor desta primeira epístola afirma escrever da “Babilônia”, no entanto - dizem os estudiosos - provavelmente referindo-se a Roma; talvez por analogia a semelhante decadência moral da capital do império. É dirigida, nominalmente, aos “estrangeiros da Dispersão”, indicando os nomes de cinco províncias. Esses “estrangeiros dispersos” são compostos pelos judeus que aceitaram o Cristianismo, e se espalharam por vários pólos do mundo romano, formando inúmeras comunidades cristãs; mas, também, compostos por todos aqueles convertidos do paganismo ao Cristianismo.

Aqueles que viviam em “terras estrangeiras”, muitas vezes, eram vítimas de preconceitos e perseguições. Isso se aplica ainda muito mais aos cristãos que, convictos da mensagem sublime de Jesus, rejeitavam todos os costumes pagãos, seus deuses, seus ídolos, seus cultos politeístas...

O objetivo principal desta primeira epístola é fortalecer a fé daqueles cristãos que passavam por inúmeras tribulações, que eram injuriados, que eram excluídos e viviam a margem da sociedade em que se encontravam.

É um apelo à resignação, a aceitação das aflições do mundo. É uma conclamação a vida fraternal entre a comunidade, a suportar as hostilidades através da união entre os cristãos. Tem por isso, uma tonalidade de ânimo, de alegria, de esperança.

Lancemos nossa visão sobre alguns dos tópicos essenciais:

• Amor e fidelidade para com o Cristo

“Nisso deveis alegrar-vos, ainda que agora, por algum tempo, sejais contristados por diversas provações, a fim de que a autenticidade comprovada da vossa fé, mais preciosa do que o ouro que perece cuja genuinidade é provada pelo fogo, alcance louvor, glória, e honra por ocasião da Revelação de Jesus Cristo. (I Pd 1:6-7).

A mensagem do Cristo é única, incomparável.

Enquanto muitas outras correntes doutrinárias pregam a satisfação pessoal, Jesus ensinou-nos a renunciar; enquanto muitas outras filosofias, escolas de pensamento, seitas pregam o benefício particular, a glória do mundo, Jesus ensinou-nos a suportar, pacificamente, as aflições do mundo para, assim, alcançarmos o “Reino de Deus”.

Muitos, por isso, não conseguem compreender essa especial felicidade de passar por “provações”.

Temos, neste trecho, um canto de louvor ao Cristianismo. “Bem-aventurados os aflitos” - disse o Mestre.

• A regeneração pela palavra

“Pela obediência a verdade purificastes as vossas almas para praticardes um amor fraternal sem hipocrisia. Amai-vos uns aos outros ardorosamente e com coração puro. Fostes regenerados, não de uma semente corruptível, mas incorruptível, mediante a Palavra viva de Deus, a qual permanece para sempre. Com efeito, toda a carne é como a erva e toda a sua glória como a flor da erva. Secou a erva e sua flor caiu; mas a Palavra do Senhor permanece para sempre. Ora, é esta a Palavra cuja Boa Nova vos foi levada.” (I Pd 1:22-25).

As palavras de Jesus, que representam a Lei Divina, permanecerão para sempre.

Cidade, povos, culturas passarão, mas as palavras de infinita sabedoria do Cristo são indelévels, ecoarão pela eternidade. Felizes os que a ouvem e se regeneram.

• Deveres dos cristãos entre os gentios

“Amados, exorto-vos, como a estrangeiros e viajantes neste mundo, a que vos abstenhais dos desejos carnis que promovem guerra contra a alma. Seja bom o vosso comportamento entre os gentios, para que, mesmo que falem mal de vós, como se fosseis malfeitores, vendo as vossas boas obras glorifiquem a Deus, no dia de sua visita.” (I Pd 2:11-12).

A principal marca de Jesus é a sua exemplificação.

É muito fácil, a todos nos, falar. É muito fácil cantar hinos e louvores a Deus. É muito fácil ler as Escrituras e enunciar incontáveis adjetivos a sua harmonia Providencial.

Mas, todos esses atos quase não valerão se não forem sinceros.

O convite de Pedro as comunidades era para demonstrarem, aos gentios, o amor cristão, pois isso os despenaria a reflexão. Esse convite é plenamente atual também a todos nós: amar mais!

• Para com as autoridades

“Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor; seja ao rei, como soberano, seja aos governadores, como enviados seus para a punição dos malfeitores e para o louvor dos que fazem o bem, pois esta é a vontade de Deus...” (I Pd 2:13-15).

Toda violência, toda reivindicação agressiva não pode partir de um cristão, eis que são contrárias aos ensinamentos de Jesus. O Mestre, a propósito, ensinou-nos a “dar a César o que é de César”. A época da redação desta epístola, o Império Romano seguia oprimindo os mais fracos. Por isso, para as comunidades cristãs, para conter qualquer manifestação de violência ou desobediência a Lei, Pedro fazia um convite a paz. Opressores e leis que continuam sendo mudadas existiram em todos os tempos. Lembremo-nos, no entanto, que todas as renovações deverão ser conquistadas não pela imposição, mas pelo ensinamento paciente e fraterno.

• Para com os senhores exigentes

“Vós, criados, sujeitai-vos, com todo o respeito, aos vossos senhores, não só aos bons e razoáveis, mas também aos perversos. É louvável que alguém suporte aflições, sofrendo injustamente por amor de Deus.” (I Pd 2:18-19).

Se a obediência e resignação é um lema para viver nas grandes coletividades, também o é para os pequenos grupos, para os pequenos relacionamentos.

Aos que se fizerem pequeninos, e suportarem resignadamente suas provações, Jesus reconheceu como verdadeiros discípulos.

• Entre irmãos

“Finalmente, sede todos unânimes, compassivos, cheios de Amor fraterno, misericordiosos e humildes de espírito. Não pagueis mal por mal, nem injúria por injúria; ao contrário, bendizeis, porque para isto fostes chamados (...)... afaste-se do mal e pratique o bem, busque a paz, e siga-a...” (I Pd 3:8-9 e 11).

Não temos aqui o lema de todo cristão?

A busca incansável do Bem implica na constante autorenovação, autoavaliação, implica em fazer o bem sempre, mesmo, e especialmente, após cada injúria, cada maldizer.

Eis a essência da mensagem do Mestre!

• A supremacia do amor

“Acima de tudo, cultivai, com todo ardor o amor mútuo, porque o amor cobre uma multidão de pecados.” (I Pd 4:8).

Qual aquele que nunca magoou alguém? Quem é que está totalmente isento de ações que, de alguma forma, feriram o sentimento de alguém? Quantas não são as ações que trazem malefício ao próximo?

No entanto, seja qual a ação que tenhamos feito, se formos capazes de ser humildes e reconhecer nosso erro, e se nos esforçarmos para corrigi-lo, então, teremos agido como cristãos.

Temos, pois, que trabalhar para tirar da “terra” toda “semente” ruim que tenhamos lançado. E se agirmos virtuosamente, sendo fraternos e compassivos em todos os momentos, então, teremos aprendido pelo amor. Quantas não serão as aflições futuras que evitaremos?

2ª EPÍSTOLA DE PEDRO

Nesta Segunda Carta, conforme introdução da Bíblia de Jerusalém, o autor tem dois objetivos principais: alertar sobre os falsos doutores e responder sobre a inquietação gerada pela demora da Parusia (a aguardada volta do Cristo).

A linguagem apresenta diferenças tão significativas em relação à primeira carta que esta, a segunda, tornou-se um dos escritos bíblicos que mais encontrou dificuldade para ser aceito, pela igreja, na relação dos livros ditos “inspirados”.

Como já exposto, esta Carta, em seu conteúdo, assemelha-se a Epístola de Judas. Por isso, muitos estudiosos afirmam que a segunda Epístola de Pedro trata-se de uma versão revista e ampliada da Epístola de Judas.

Alguns especialistas datam-na como redigida entre os anos 125 e 150. Se for o caso, seria o último escrito do Novo Testamento. Não há, por ora, como sabermos com certeza.

Abstraindo-nos a essas deduções de ordem histórico-teológicas, observamos que se destacam, nesta segunda Carta de Pedro, a vocação Cristã, a certeza da Parusia vindoura, e o anúncio de um mundo novo em que a justiça prevaleceria.

Selecionemos alguns trechos:

• A busca do aprimoramento espiritual

“... aplicai toda a diligência em juntar a vossa fé a virtude, a virtude o conhecimento, ao conhecimento o autodomínio, ao autodomínio a perseverança, a perseverança a piedade, a piedade o amor fraterno e ao amor fraterno a caridade.” (II Pd 1:5-7).

Encontramos neste trecho um verdadeiro incentivo ao aprimoramento do Ser. A busca constante da virtude, da superação pelo esforço e pelo devotamento, a ação continua no Bem, e o empenho em praticar a caridade representam os valores do verdadeiro cristão.

Temos, assim, Uma verdadeira síntese da caminhada daquele que abraçou o Cristianismo e, segundo os ensinamentos do Mestre, torna-se apto a participar do “banquete espiritual”.

• A palavra profética

“Temos, também, por mais firme a palavra dos profetas, a qual fazeis bem em recorrer como a uma luz que brilha em lugar escuro, até que raie o dia e surja a estrela d’alva em nossos corações.” (II Pd 1:19).

A ação profética é não há dúvida, marcante entre o povo judeu. Muitos foram os grandes profetas que despontaram entre eles. Homens valorosos, que pregavam a virtude. Por isso, Jesus dizia que não havia vindo para contradizê-los. No entanto, quantos foram os que deram ouvidos a eles? Pedro aqui convoca a comunidade a recorrer à luz. Daqueles ensinamentos.

• Os falsos doutores

“Houve, contudo também falsos profetas no seio do povo como haverá entre vós falsos mestres, as quais trarão heresias perniciosas, negando o Senhor que os resgatou e trazendo sobre a repentina destruição.” (II Pd 2:1)

Os falsos doutores existiram em todos os tempos. Como uma erva daninha são capazes de perverter qualquer ensinamento. No Cristianismo nascente eram muitos aqueles que se infiltravam, arrogando-se sabedoria e autoridade, com o objetivo de fazer desmoronar o edifício cristão. Era necessário estar vigilante.

Ainda hoje esses falsos doutores tentam corromper as mais belas verdades. Precisamos estar atentos!

• Novo apelo

“O que nós esperamos, conforme sua promessa é novos céus e nova terra, onde habitará a justiça. Assim, vista que tendes esta esperança, esforçai-vos arduamente para que ele vos encontre em paz, vivendo vida sem mácula e irrepreensível.” (Pd 3:13-14).

O ser humano tem, em sua consciência, a eterna aspiração a um Mundo diferente, onde impere a Justiça e o Amor, onde o mais forte não oprima o mais fraco, onde haja verdadeira união e fraternidade. Assim como os primeiros cristãos, todos nos sonhamos com esse Mundo!

Esse dia chegara, com certeza. Mas depende de nós, de nosso trabalho, de nosso esforço, de nossa dedicação e compromisso com Bem para implantar na Terra o Evangelho do Mestre Jesus.

Façamos a nossa parte!

QUESTÃO REFLEXIVA:

O que podemos fazer para despertar nas pessoas o desejo de construir um mundo melhor?

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém
- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Ed. FEESP.
- Corbin, Alain - (Organizador Autores Diversos) – História do Cristianismo.
- Carrez M./Dornier P./Dumais M. / Trimaille M. - As Cartas de Paulo, Tiago Pedro e Judas.
- Atlas Bíblico Interdisciplinar - Escritura - História - Geografia - Arqueologia - Teologia - Ed. Paulus.

21ª Aula - Epístolas Universais

Parte A - Epístolas De João

Dentre as sete Epístolas Universais, três são atribuídas ao apóstolo João, que além do quarto Evangelho também seria autor do livro do Apocalipse.

Sobre a autoria dos livros do Novo Testamento, como expusemos em aula anterior, lembramos que muitos são os debates dos estudiosos para chegar a uma definição.

Em relação às Epístolas de João, é consenso que, de maneira geral, as três cartas são semelhantes, eis que possuem a mesma linguagem; logo, seriam do mesmo autor.

Outro ponto interessante é que a ordem de surgimento das cartas de João talvez seja inversa à ordenação apresentada. Observação esta que, a propósito, consta das anotações do quadro cronológico da Bíblia de Jerusalém.

Outra característica marcante destas epístolas é a reafirmação da natureza carnal do corpo do Cristo. Isto se justifica porque, desde o primeiro século houve movimentos que negavam a real encarnação de Jesus. Afirmavam que o corpo do Cristo seria uma mera aparência com que o “Filho do Homem” apresentava-se na Terra. Essa Corrente de pensamento que se infiltrou dentro das comunidades, foi denominada Docetismo. Por isso encontramos as fortes exortações como: *“... todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio na carne é de Deus; e todo espírito que não confessa Jesus não é de Deus.”*

Passemos as epístolas.

1ª EPÍSTOLA DE JOÃO

Esta primeira carta é marcada pelas exortações, especialmente para a atenção e o cuidado com as diversas infiltrações que podiam minar o edifício do Cristianismo, especialmente aquelas que negavam a humanidade de Jesus.

Por isso, logo ao início, João se apresenta como o apóstolo e testemunha viva do Jesus histórico, ao dizer: *“... o que ouvimos, o que vimos como nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam...”* (Jo 1:1). E prossegue conclamando ao caminho de retidão, a comunhão com Deus, ao fortalecimento da fé e do amor. É relevante notar o carinho com que se dirige as comunidades: “Amados” ou “Meus filhinhos”.

Busquemos alguns trechos de sua primeira carta:

• Caminhar na Luz

“... Deus é Luz e nele não há treva alguma. Se dissermos que estamos em comunhão com ele e andamos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade.” (1 Jo 1:5-6).

Nesta afirmação de João: “Deus é Luz” temos o emprego simbólico da palavra luz. O significado figurado da palavra luz é de iluminação da consciência, de sabedoria, de verdade, de vida...

Quanto à definição exata dos atributos de Deus é algo que está além de nossa capacidade de compreensão, conforme resposta dos Espíritos Superiores a questão 13 de “O Livro dos Espíritos”, quando Kardec enumerou todos os atributos de Deus que nos somos capazes de conceber, como: Eterno, Infinito, Imutável, Imaterial, Único, Todo-Poderoso, Soberanamente Justo e Bom, obteve a seguinte resposta:

“... mas ficais sabendo que há coisas acima da inteligência do homem mais inteligente, e para as quais a vossa linguagem, limitada as vossas idéias e as vossas sensações, não dispõe de expressões...”

Exatamente por isso, quando nos expressamos sobre os atributos de Deus, usamos figuras. João, neste trecho, chamou-O de Luz, justamente querendo dizer a Luz que brilha por todo o Universo, o Criador da vida e Regente Soberano.

Por outro lado, as Trevas também têm seu valor figurado, e significa ignorância, iniquidade, o egoísmo, o orgulho, e todas as demais más paixões humanas.

Então afirma João que: *“Se dissermos que estamos em comunhão com ele e andamos nas trevas, mentimos...”* (Jo 1:6).

Sim. Para alcançarmos a luz do conhecimento, da sabedoria, do amor, que combate toda obscuridade, temos que vivenciar os ensinamentos de Jesus, que também disse:

“Eu sou a Luz do Mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida”.

• Observar os Mandamentos, especialmente o da caridade.

“Porque esta é a mensagem que ouvistes desde o início que nos amemos uns aos outros...” (1 Jo 3:11).

“Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com ações e em verdade. Nisto saberemos que somos da verdade.” (1 Jo 3:18-19).

Dentre os ensinamentos de Jesus, ressalta-se o amor ao próximo, eis que o maior mandamento é: “Amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo.”

João lembra aqui o principal ensinamento do Mestre, pois todas as grandes virtudes decorrem da caridade. O convite é premente, pois fácil é conhecer a Boa Nova e reconhecer seu valor inestimável, mas, poucos são os que a põe em prática. Essa é uma verdade que se aplica em todos os tempos. Na expansão do Cristianismo, grande foi o esforço dos apóstolos, por carta ou pessoalmente, para infundir o sentimento verdadeiro que resulta em caridade real.

• Os falsos profetas da erraticidade

“Amados, não acrediteis em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus, pois falsos profetas vieram ao mundo.” (1 Jo 4:1).

Os Espíritos manifestaram-se em todas as épocas da Humanidade. Analisando a Bíblia, encontraremos, tanto no velho como no Novo Testamento, as mais diversas manifestações entre os dois Planos.

Nesse intercambio, encontramos, então, relatos bíblicos que descrevem os Espíritos enviados por Deus para auxiliarem os Homens, mas, também, encontramos várias passagens em que são narrados graves processos obsessivos que oprimiam a muitos.

Jesus, durante a sua missão, expulsou muitos Espíritos inferiores, e, principalmente, convocou seus discípulos a fazerem o mesmo: *“Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, purificar os leprosos, **expulsai os demônios...**”* (grifo nosso).

Vemos, pois, que os discípulos tinham pleno conhecimento da natureza diversa dos Espíritos.

Em *“O Evangelho Segundo o Espiritismo”*, cap. XXI, item 10, encontramos:

“Os falsos profetas não existem apenas entre os encarnados, mas também, e muito mais numerosos, entre os Espíritos orgulhosos que, fingindo amor e caridade, semeiam a desunião e retardam o trabalho de emancipação da Humanidade, impingindo-lhe os seus sistemas absurdos, através dos médiuns que os servem.”

Os Espíritos mistificadores, que tinham o objetivo de enganar e confundir, pululavam em abundância a época de Jesus. Eram incontáveis os números dos obsediados, e os Espíritos que, inutilmente, tentaram impedir o avanço do Cristianismo, pois todos eles fugiam espavoridos diante da presença insuperável de Jesus.

Essa presença dos maus Espíritos é uma circunstância constante de nossa vida. Segundo nossas ações, e pela lei de afinidade podemos atrair os bons ou maus Espíritos.

A mensagem de João, em sua epístola, é bastante atual. Precisamos estar vigilantes!

• A fonte da caridade

“Não há temor no amor: ao contrário: o perfeito amor lança fora o temor porque o temor implica castigo, e o que teme não chegou à perfeição do amor.” (I Jo 4:18).

Em princípio, praticamente todos nos temos algum temor, algum medo. Em nossa sociedade, são muitas as situações que podem, por ventura, gerar alguma apreensão.

É um impulso natural, um instinto, a autoconservação. No entanto, quanto mais evoluímos mais vamos nos tomando capazes de superar os temores, e sendo capazes de fazer pequenos sacrifícios pelo próximo. Este é, a propósito, um dos mais belos convites de Jesus, quando estava ensinando aos discípulos e diz que **“não veio para ser servido, mas para servir”**, propondo que eles fizessem o mesmo.

Os discípulos apreenderam a lição e se tornaram, por sua vez, grandes servidores. Arriscaram a própria vida, sujeitaram-se a muitos perigos e suportaram todas as agressões, com coragem! Esses atos aproximam-se do perfeito amor!

Quando o desejo de crescer é verdadeiro, quando há sinceridade nas ações, quando nos comprometemos com os princípios cristãos, desenvolvemos uma fé que nos fortalece, que nos dá uma coragem que nem imaginávamos, que nos deixa com o coração intrépido para fazer o Bem. Nesse momento, o amor venceu o medo.

2ª EPÍSTOLA DE JOÃO

Esta carta, assim como a terceira, é pequena. João se autodenomina *“O Ancião”*, e convida à vigilância e cuidado com os adversários da Doutrina Crista. Vejamos:

• Vigilância.

“Acautelai-vos, para não perderdes o fruto de nossos trabalhos, mas, ao contrário, receber plena recompensa.” (II Jo 8).

A mensagem de Jesus emociona a muitos. Suas palavras de consolo, de esperança, demonstrando as recompensas futuras que cabe aqueles que seguirem seus ensinamentos, despertam o ânimo dos Homens.

No entanto, esse entusiasmo inicial, muitas vezes, esfria. É que para verdadeiramente seguir o Evangelho há que existir esforço e renúncia. Quantos são os que estão dispostos a isso?

Dentre aqueles que tinham iniciado o trabalho, aquelas tarefas dignificantes em favor do semelhante, dentre esses, muitos desistem no meio do caminho por invigilância, e se deixam levar pela vaidade, pelo auto fascínio, pelo desejo de recompensas rápidas... esses acabam perdendo o fruto do trabalho: a alegria de servir, a recompensa segundo suas obras!

Sejamos vigilantes e perseveremos até o fim.

• **Fidelidade.**

“Todo o que avança e não permanece na doutrina de Cristo não possui a Deus.” (II Jo 9).

Neste ponto João conclama a fidelidade. Lembremos que, especialmente naquela época, muitos eram os cultos e as religiões que se espalhavam pelo Império Romano, e que cultuavam as facilidades da vida, a idolatria, etc...

As Comunidades Cristãs sofriam muitas investidas desses outros grupos. Muitos se infiltravam no movimento cristão para, propositadamente, corrompê-lo.

Era necessário, então, que se mantivessem alertas. Era preciso permanecer na doutrina do Cristo; lutar pela sua integridade, da forma que Jesus a havia deixado.

A mesma atenção cabe-nos plenamente ainda hoje. Quantos não são os que ainda tentam corromper os ensinamentos do Cristo? Quantos não tentam distorcer os ensinamentos da Doutrina Espírita?

Precisamos buscar essa fidelidade a Jesus, para que permaneçamos com Deus.

3ª EPÍSTOLA DE JOÃO

E, por fim, nesta última carta de João, vemos que “O Ancião” possui autoridade moral para se pronunciar sobre a atitude de indivíduos da comunidade, reprovando ou elogiando. Faz também um chamamento à união e a fraternidade.

• **União da Comunidade**

“Não há alegria maior para mim do que saber que meus filhos vivem na verdade.” (III Jo 4)

As Comunidades Cristãs, pelo trabalho valoroso dos apóstolos e outros seguidores fiéis do Cristo, cada vez mais se fortaleciam. Era o resultado de muita dedicação, de muito esforço, de muito empenho que, então, mostrava seus frutos.

João, contemplando esse crescimento, declara-se feliz por ver a chama de fraternidade reinante entre “seus filhos”, ou seja, todos aqueles que abraçaram a causa cristã e a ela se devotaram, vivenciando a Lei do Amor.

Nós, quando vemos hoje como o Cristianismo expandiu-se pelo mundo, também não ficamos felizes? Podemos, pois, compreender as emoções vividas pelo grande apóstolo. Ficamos ainda exultantes em ver o Espiritismo resgatar a essência do Cristianismo como o Mestre deixou-nos.

• **Amor aos estrangeiros**

“Caríssimo, procedes fielmente agindo assim com teus irmãos, ainda que estrangeiros. (...) Devemos, pois, acolher esses homens, para que sejamos cooperadores da verdade.” (Jo 3:5 e 8).

Na época que por ora analisamos, os conflitos entre povos e culturas diversas eram muito intensos. Existia, em muitos casos, verdadeira aversão a estrangeiros. O povo judeu, lembremos, era um exemplo de um grupo relativamente fechado e que, muitas vezes, valorizava apenas seus próprios costumes.

Inúmeros foram os judeus convertidos ao Cristianismo, mas, em muitos deles, persistia certa repulsa por outros grupos. Tal conduta era, absolutamente, oposta aos preceitos cristãos.

Por isso, nesta epístola, João convoca a todos os integrantes dos núcleos cristãos a exercerem o Amor maior, sem restrições; convocava-os a aceitar todos os estrangeiros até mesmo para que isso servisse de testemunho da mensagem do Cristo.

Os tempos mudaram, mas, ainda hoje, existe muita aversão entre grupos de culturas, religiões, ou países diferentes.

A Humanidade precisa avançar e superar essas rejeições resultantes do desamor. Sejamos nós os primeiros a exemplificar essa lição.

QUESTÃO REFLEXIVA:

Comente o ensinamento de João que mais lhe chamou a atenção.

Parte B – Epístola De Tiago

INTRODUÇÃO

A Epístola de Tiago é uma das que mais geram debates, entre os estudiosos, para definição de seu autor.

Conforme consta da Bíblia de Jerusalém, na introdução as Epístolas, o autor não se apresenta como sendo Tiago, filho de Zebedeu, apóstolo de Jesus, que Herodes mandou matar no ano 44, nem como o outro apóstolo do mesmo nome, Tiago, filho de Alfeu. Quando as igrejas aceitaram a canonicidade desta epístola, identificaram seu autor como Tiago, irmão de Jesus, que foi martirizado, por mão dos judeus, por volta do ano

62. Muito ainda se discute, especialmente por ter sido escrita diretamente em grego, com elegância e riqueza de vocabulário, diferentemente do que se esperaria de um galileu da época.

Abandonando essas polêmicas e fixando-nos no texto da Epístola, encontramos um conteúdo riquíssimo, um tanto diferente das demais epístolas, por se assemelhar aos escritos sapienciais, ou seja, de sabedoria, que são como que coletâneas de provérbios e exortações morais. Sua essência é um convite à verdadeira devoção a Deus, que é através das obras.

EPÍSTOLA DE TIAGO

Tiago inicia apresentando-se como “servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo” e se dirige as “Doze Tribos da Dispersão”, referindo-se aos cristãos de origem judaica e dispersos pelo mundo. Analisemos, então, alguns dos ensinamentos e exortações trazidas por Tiago:

• A paciência diante das provações

“Bem-aventurado o homem que suporta com paciência a Provação! Porque, uma vez provado, receberá a coroa da vida, que o Senhor prometeu aos que o amam.” (Tg 1:12).

Em nosso mundo, as aflições são comuns a todos: ricos e pobres, senhores ou empregados, jovens ou idosos. Vivemos num mundo de provas e expiações. Ninguém pode escapar a essa circunstância.

A época em que foi escrita esta epístola de Tiago é marcada como uma das mais violentas para os cristãos. As perseguições eram intermináveis, eles estavam acuados, em várias partes do império seus encontros tinham que ser escondidos. Em Roma, eles se reuniam nas catacumbas, para fugir das autoridades. Muitos foram capturados, torturados e martirizados. Grande era o momento de provação.

Nesse cenário, muitos foram os que suportaram resignadamente cada provação. E eram felizes por ter a oportunidade de testemunharem sua fé. Esses primeiros cristãos deixaram-nos os mais belos exemplos de renúncia e abnegação.

Por isso, Tiago conclama todos a também suportarem seus fardos até o final. Lembremos que o Pai nunca coloca um fardo maior do que o filho pode suportar.

A nós espíritas, há quem muito mais foi explicado, fica o apelo de procedermos da mesma forma. Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, no Cap. V, item 18, temos:

“Bem-aventurados os que têm a oportunidade de provar a sua fé, a sua firmeza, a sua perseverança e a sua submissão a vontade de Deus, porque eles terão centuplicadas as alegrias que lhes faltam na Terra, e após o trabalho vira o repouso.”

• A afabilidade.

“Isto podeis saber com certeza, meus amados irmãos. Que cada um esteja pronto para ouvir, mas lento para falar e lento para encolerizar-se; pois a cólera do homem não é capaz de cumprir a justiça de Deus.” (Tg 1:19-20).

Os seres humanos, em geral, tendem a valorizar mais a própria opinião do que a dos outros. Isso faz com que muitos ensinamentos sejam ignorados, pois o desejo maior é de falar, em vez de ouvir. Mas, ressaltemos, para se aprender é preciso saber ouvir.

A sociedade judaica, por exemplo, aquela época, apresentava-se fragmentada por vários grupos, cada um querendo ser dono da verdade. Além das fronteiras de Israel, também havia diversas cisões entre os povos.

Por isso, nesta Carta, Tiago exorta ao cultivo do respeito, do entendimento, da afabilidade. Preceitos estes indissociáveis da Doutrina Cristã.

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. IX, item 6, encontramos esta síntese:

“A benevolência para com os semelhantes, fruto do amor ao próximo, produz a afabilidade e a doçura, que são a sua manifestação.”

• A religiosidade

“Com efeito, a religião pura e sem mácula diante de Deus, nosso Pai, consiste nisto: visitar os órfãos e as viúvas em suas tribulações e guardar-se livre da corrupção do mundo.” (Tg 1:27).

Nesta assertiva de Tiago, encontramos uma das mais belas sínteses do que significa religiosidade.

Especialmente aquela época, devemos lembrar, nas religiões em geral predominava o culto exterior. Por ser mais fácil que a renovação interior, as multidões procuravam louvar a Deus apenas através dos rituais, dos sacrifícios, e acreditavam assim ter “cumprido seu dever” diante de Deus.

O esforço em abolir essas crenças deveria ser muito grande. Jesus, a propósito, empenhou-se em demonstrar que o verdadeiro culto a Deus é através dos sentimentos do coração. Por isso, o Mestre, especialmente, acolhia os excluídos, os abandonados, os desvalidos...

Tiago, dessa forma, recorda esse ensinamento de Jesus, para que as pessoas exercessem a verdadeira religiosidade.

• **A fé sem obras é morta**

“Meus irmãos, se alguém disser que tem fé, mas não tem obras, que lhe aproveitará isso? Acaso a fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã não tiverem o que vestir e lhes faltar o necessário para a subsistência de cada dia, e alguém dentre vós lhe disser: ‘Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos’, e não lhes der o necessário para a sua manutenção, que proveito haverá nisso? Assim também a fé, se não tiver obras, está completamente morta.” (Tg 2:14-17).

A grande maioria dos Homens tende ao ceticismo. As mais sublimes verdades são, diversas vezes, desprezadas por falta de fé. Muitos querem um sinal.

Tantos outros acreditam nas verdades eternas, acreditam nas palavras de Jesus, mas isso é tudo. Acreditam que seja verdadeira, mas não se movem para transformá-la em realização. É que não possuem a verdadeira fé. Que proveito pode haver? - indaga Tiago.

Nenhum - podemos dizer - pois é uma fé morta!

Tiago, em sua epístola, conclama a todos a cultivarem a fé viva.

Essa fé manifesta-se através das obras.

A verdadeira fé é o combustível que alimenta o Espírito e o torna capaz de grandes realizações. O cristão, quando é movido por essa chama, sairá de si mesmo e sentirá a dor do outro como se fosse sua própria dor; cada necessitado que encontrar pelo caminho, ele reconhecerá como um irmão, auxiliando, amparando, fornecendo abrigo, alimento e consolo.

O convite está feito: fortaleçamos nossa fé!

• **A prudência com a palavra**

“Notai que também os navios, por maiores que sejam, e impelidos por ventos impetuosos, são, entretanto, conduzidos por um pequeno leme para onde quer que a vontade do timoneiro os dirija. Assim também a língua, embora seja pequeno membro do corpo, se jacta de grandes feitos! Notai como pequeno fogo incendeia floresta imensa. Ora, também a língua é fogo.” (Tg 3:4-6).

Um dos vícios humanos mais reprováveis é a maledicência, eis que desencadeia uma infinidade de intrigas, desavenças, desacertos e cisões.

Esse é um dos males que, aparentemente, pouco mudou desde o tempo em que foi redigida esta epístola. Naquele período, os grupos criticavam-se violentamente, trocavam severas acusações pessoalmente, outras vezes, ocultamente, diziam inúmeras maledicências; ainda hoje vemos que persiste, em nossa sociedade, esse hábito pernicioso.

A análise desta carta leva-nos a ponderação:

Quantos males poderiam ser evitados se fôssemos prudentes com as palavras? Quantas famílias não foram destruídas por palavras maldosas? Quantas amizades não foram desfeitas por línguas ferinas?

Concluimos, dessa forma, que a prudência com a palavra é um dever de todo cristão, eis que sempre buscará a conciliação, a união, a fraternidade. O cristão acrescente-se, fará aos outros aquilo que quer para si.

• **Não julgar**

“Não faleis mal uns dos outros, irmãos. Aquele que fala mal de um irmão ou julga seu irmão, fala mal da Lei e julga a Lei. Ora, se julgas a Lei, já não praticas a Lei, mas te fazes juiz da Lei.” (Tg 4:11).

A “Lei” a que se refere Tiago é a Lei Divina. Não praticar a “Lei” é, portanto, não observar a Lei do Amor.

Este é um ponto capital, e Tiago, especialmente aquela época, em que os judeus acusavam-se constantemente, define-o, de forma grave, pois o ato de julgar já havia sido definido por Jesus como um ato contrário a Lei Divina.

Um cristão que, porventura cometesse o ato de julgar o seu próximo, seja um mau exemplo da doutrina que abraçou, seria, pois, como se estivesse “falando mal da Lei”.

O Espiritismo aclara ainda mais este ponto, pois reaviva o sentimento de indulgência, ou seja, de tolerância, de compreensão, de compaixão, em uma palavra: o perdão.

• **A oração**

“Sofre alguém dentre vós um contratempo? Recorra à oração.” (Tg 5:13).

“A oração fervorosa do justo tem grande poder.” (Tg 5:16).

Uma circunstância muito comum aos Homens, em todos os tempos, é a fragilidade da fé. Mesmo aqueles que possuem uma religião, e que oram regularmente, quando são atingidos pela tribulação, esquecem-se do poderoso recurso da oração.

Jesus, em todos os momentos, e principalmente naqueles mais difíceis, ligou-se ao Pai e orou fervorosamente.

A oração quando é sentida, e quando aquele que ora é movido pelos melhores sentimentos, tem um infinito poder, por isso disse Tiago: **“A oração fervorosa do justo tem grande poder.”**

E qual de nos que não têm “contratempos” como indagou Tiago? Todas as agruras da vida, todos os espinhos do caminho, são reais, e estão presentes na existência de todos nós. No entanto, nos podemos ficar abatidos, fragilizados, desesperados... ou, se tivermos fé, e recorrermos a oração nos instantes mais difíceis, veremos esses momentos serem suavizados, pois seremos fortalecidos, seremos encorajados. Como Um orvalho divino, seremos banhados pelo bálsamo que alivia nossas dores.

Em “O Livro dos Espíritos”, na resposta a questão 660, encontramos:

“... aquele que faz preces com fervor e confiança se torna mais forte contra as tentações do mal, e Deus lhe envia bons Espíritos para o assistir.”

Busquemos a prece em todos os nossos dias!

QUESTÃO REFLEXIVA:

Comente “A fé sem obras é morta.”

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém
- Kardec, Allan – O Livro dos Espíritos - Ed FEESP.
- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Ed FEESP.
- Corbin, Alain (Organizador -Autores Diversos) - História do Cristianismo.
- Carrez M./Dornier P./Dumais M./ Trimaille M. - As Cartas de Paulo, Tiago Pedro e Judas.
- Atlas Bíblico Interdisciplinar - Escritura - História - Geografia - Arqueologia - Teologia - Ed. Paulus.

22ª Aula – O Apocalipse De João

Parte A - O Apocalipse

O Apocalipse é o título do último livro que compõe o Novo Testamento. De natureza profética além de um conteúdo vasto e abrangente possui uma grande riqueza de simbolismos. Desta forma, teremos por objetivo uma visão geral analisando-o, ao final, sob a ótica do Espiritismo.

O termo apocalipse é originário da palavra grega APOKÁLIPSIS que significa “Revelação”. Por este motivo é denominado de “O Livro das Revelações”. Foi escrito em grego.

Porque o idioma grego?

A língua grega podemos lembrar foi o idioma predominante na elaboração dos livros que compõem o Novo Testamento. Era a língua culta da época.

O domínio da Grécia sobre a Palestina, que havia se iniciado com a conquista de Alexandre Magno em 332 a.C., perdurou até o ano de 63 a.C., quando se iniciou o Império Romano. No entanto, a influência cultural grega permaneceu sobre todo o período do comando romano.

Essa forte influência cultural é denominada de **Helenismo**, que é, pois, o conjunto dos costumes, tradições e idéias da Grécia antiga que se expandiu por grande parte do Oriente. Engloba, dessa forma, o saber em geral, desde a retórica (a arte do discurso) até as artes plásticas (pintura, arquitetura, escultura, etc.). Um romano culto deveria saber o grego. Esse idioma toma-se, dessa forma, a língua predominante do Cristianismo primitivo.

Quem foi o autor do livro “Apocalipse”?

A autoria dos livros bíblicos é, como já expusemos em aulas anteriores, motivo de infinitas controvérsias.

Na “Bíblia de Jerusalém”, na introdução ao livro “Apocalipse”, encontramos a seguinte observação:

“... se o Apocalipse de João apresenta parentesco inegável com os outros escritos joaninos, também se distingue claramente deles por sua linguagem, seu estilo e por certos pontos de vista teológicos (...) a tal ponto que se torna difícil afirmar que procede imediatamente do mesmo autor. Não obstante tudo isso, sua inspiração é joanina, e foi escrito por alguém do círculo dos discípulos imediatos do apóstolo e está impregnado de seu ensinamento.”

Esta é, bem podemos ver, uma questão em que muitos teólogos debater-se-ão, talvez, por muito tempo. É que o conhecimento humano não é estanque. Ao contrário, cada nova descoberta, cada nova revelação vai “construindo o edifício do conhecimento humano”. Eis um processo inspirador e formidável: pelo esforço dos Homens em buscar o aprendizado, e com auxílio dos Espíritos Superiores, trazendo-nos novas revelações, cada vez mais as grandes questões vão sendo esclarecidas.

Portanto, não havendo, por ora, elementos definitivos de convicção para, com certeza, assegurarmos a real autoria do livro “Apocalipse”, podemos repousarmo-nos na Tradição.

Tradicionalmente, a autoria do livro “Apocalipse” é atribuída a João, o Evangelista, filho de Zebedeu, irmão de Tiago “Maior”, também apóstolo de Jesus.

João, Segundo também a Tradição, foi o único dos apóstolos diretos de Jesus que alcançou idade avançada e morreu de morte natural, em Éfeso. Assim, testemunhou a destruição de Jerusalém e a ruína do seu majestoso Templo.

Depois da morte e martírio de Tiago, João teria se dirigido a Éfeso, onde dirigiu a importante e influente comunidade cristã fundada por Paulo.

João esteve varias vezes na prisão, foi torturado e exilado para a Ilha de Patmos (Ap 1:9), “*por causa da Palavra de Deus e do Testemunho de Jesus*”. Ali, permaneceu por cerca de três a quatro anos, onde teria escrito o “Apocalipse”, por volta do ano de 95 d.C.

CONTEXTO HISTÓRICO

Quando revemos a História do Cristianismo nascente, no primeiro século, recordamos que o Império Romano, não obstante o peso de seu jugo, concedia relativa liberdade aos povos dominados para que cultuassem suas religiões. Isso permitiu que a mensagem do Cristo se espalhasse pela vasta região que se encontrava sob domínio imperial.

No entanto, houve momentos em que os cristãos sofreram fortes perseguições.

As perseguições aos cristãos

Procurando encontrar uma data marcante que tenha assinalado o inicio das fortes perseguições aos adeptos do Cristianismo, podemos nos remeter ao período do Imperador Nero (54 a 68 d.C.) que, com “mãos de ferro” e crueldade indescritível, foi severo carrasco e deu inicio a uma época de terror. O episódio mais conhecido, absolutamente hediondo e vil, foi o incêndio que provocara em Roma em 64 a.C., que devastou a cidade. Nero, após acusar os cristãos pelo atentado, e insuflar o ódio nos romanos, condena numerosos cristãos a suplícios horrendos: eles eram lançados as feras, crucificados, queimados...

Os cristãos eram responsabilizados por todos os infortúnios que ocorriam, e eram sumariamente condenados e supliciados.

Outro período especialmente obscuro surgiu com o Imperador Domiciano (81 a 96 d.C.), que almejava impor um culto a sua própria pessoa como “divinizada”. Por isso sofreu forte rejeição dos adeptos do Cristianismo, contra os quais, então, iniciou uma perseguição implacável.

Refletindo sobre esses momentos de inigualáveis tribulações e atos de inenarráveis crueldades, reconhecemos, sem titubear, o valor daqueles valorosos cristãos que, pela fé fervorosa e pela resignação à Lei de Deus, deixaram-nos os mais inspiradores exemplos.

A CRONOLOGIA DO LIVRO “APOCALIPSE”

Edgard Armond, em “A Hora do Apocalipse”, comenta que as vidências de João ocorreram durante dias e semanas sucessivas. Dessa forma, as visões foram sendo registradas na ordem em que eram percebidas por João, e não na ordem cronológica dos acontecimentos, ou seja, o presente, o passado e o futuro são apresentados alternadamente.

A LINGUAGEM UTILIZADA

Neste livro, o autor faz uso de alegorias, imagens, símbolos, figuras e números. Por isso, José de Sousa e Almeida, em “O Apocalipse”, recomenda cautela ao se tentar atribuir a cada pormenor uma correspondência com a realidade.

Acerca de todo o simbolismo utilizado, alguns autores apontam que a razão deve-se a circunstância acima exposta, qual seja: os cristãos estavam sendo oprimidos, duramente perseguidos e vigiados pelas autoridades que estavam no poder.

Outro ponto digno de nota que nos cabe aqui esclarecer é que João baseou-se, largamente, no Antigo Testamento, principalmente nas palavras e símbolos dos seguintes livros: Êxodo, Juízes, Ezequiel, Daniel, Zacarias, Isaías, Jeremias e Joel. Muitos destes livros também são considerados apocalípticos.

Utilizou-se, ainda, do Novo Testamento, apresentando simbologias como a do “Banquete Nupcial” e a do “Cordeiro”, de alguns sermões de Jesus, referentes ao fim dos tempos, e também de citações das cartas de Paulo aos Tessalonicenses e aos Coríntios.

Os Simbolismos

Aqueles que se dedicam ao estudo histórico e teológico do livro “Apocalipse” precisam, para decifrá-lo, conhecer os diversos símbolos ali presentes.

Esses símbolos, consoante classificação que encontramos na obra “Atlas Bíblico Interdisciplinar - Escritura - Historia - Geografia - Arqueologia - Teologia”, podem ser resumidos em:

- **Simbolismo cósmico:** o sol, a lua, as estrelas que mudam de natureza, a terra que treme - são eventos extraordinários e fantásticos para indicar a presença particular de Deus e Sua Superioridade;
- **Simbolismo teriomorfo:** cordeiro, leão, águia, cavalos, gafanhotos, que são ora usados no sentido comum, ora como representação de um conjunto de forças positivas e negativas que fogem ao pleno controle humano;
- **Simbolismo antropológico:** o homem, a mulher, o amor, o casamento, o cuidado no vestir, o semblante, a mão, os pés, os cabelos, a voz, a alegria, a exultação, o canto, o choro... devendo tudo ser decifrado em sentido mais profundo;
- **Simbolismo cromático:** a indicação de cores para representar, por exemplo, a decrepitude, a crueldade, o negativo, etc.;
- **Simbolismo aritmético:** a atribuição aos números de um valor não numérico em si, mas qualitativo, onde, por exemplo, encontramos o número sete como símbolo de plenitude e totalidade.

Em relação a todos esses símbolos, temos sempre que lembrar que seus significados devem ser restringidos ao contexto regional da época, eis que há outras culturas, outras escolas de pensamento que atribuem significados diferentes aos mesmos símbolos que estão presentes no “Apocalipse”.

AS INTERPRETAÇÕES

O processo de interpretação de símbolos, aos estudiosos, exige uma visão apropriada, acurada, cautelosa e serena.

No entanto, é interessante observar que cada instituição interpreta as situações de acordo com suas crenças. Embora existam interpretações tão divergentes, isso não tira a beleza e a profundidade encontrada nos temas tratados. É preciso considerar a essência da mensagem da qual o apóstolo foi o intermediário.

A finalidade do Apocalipse é, principalmente, confortar os fiéis; eles não estão isentos do sofrimento, mas **“como serão marcados pelo sinal de Deus, estarão sob a proteção divina”**.

A MENSAGEM CENTRAL

Diante da situação aflitiva dos cristãos, como descrevemos ao início, João escreveu as comunidades tão cruelmente perseguidas e, ao mesmo tempo, já entrevendo as gerações futuras, deixando uma mensagem de incentivo a persistência e esperança por dias melhores.

Com base no que lhe foi revelado, João dispôs os assuntos da seguinte forma:

- Endereçamento as sete Igrejas;
- Narração da visão do trono da majestade divina;
- Exposição das provações que a Humanidade passara;
- Anúncio da queda da “Babilônia”, das lamentações sobre a terra, da alegria e triunfo nos céus e das vitórias de Cristo sobre os falsos profetas;
- Prenúncio do ‘juízo final’, enaltecendo o novo céu, a nova terra e a nova Jerusalém;
- Por fim, admoestações e conclusão com as promessas finais.

Em síntese, o livro convida a resistir diante das tribulações, a combater o mal e a persistir na construção do Bem. Apesar de estar escrito em forma de uma carta dirigida as sete Igrejas da Ásia Menor, é uma mensagem universal. João procura desvelar os acontecimentos, anunciando que após muitas lutas e graves acontecimentos, surgirá, sim, um novo céu e uma nova Terra.

QUESTÃO REFLEXIVA:

Qual o ensinamento que você achou mais importante?

Parte B - O Apocalipse A Luz Da Doutrina Espírita

O “Apocalipse” (Revelação), como já dissemos, tem as mais diversificadas interpretações.

Para os adeptos do Espiritismo, no entanto, apesar de toda riqueza encontrada no “Apocalipse”: os símbolos, as imagens, os fatos extraordinários, a dimensão... tudo tem um valor relativo, e não há nada de sobrenatural ou fantástico.

Este é um ponto capital, que precisamos deixar em relevo.

Diferentemente de muitas outras doutrinas e correntes de pensamento, a Doutrina Espírita é essencialmente analítica e racional. É, pois, livre de espírito de sistema e de toda ordem de fanatismos.

Para cada uma das grandes obras literárias humanas, dos grandes livros “revelados” ou, por muitos, chamados de “sagrados”, o Espiritismo dá-lhe o valor que lhe cabe.

Muitos desses livros, assim como os Evangelhos, são, muitas vezes, motivo de infinitas controvérsias, motivo de intermináveis debates, e, em certos casos, motivo de cisão. Quantos não foram os grupos religiosos que se dividiram apenas por causa de palavras mal compreendidas e interpretações divergentes?

Aos espíritas, um dos principais lemas é: **“Espíritas, amai-vos e instrui-vos.”**

Portanto, imbuídos deste ideal, poderemos ter em mãos qualquer livro, qualquer obra, qualquer trabalho humano ou “revelado” pelos Espíritos Superiores, e nossa atenção primeira será, principalmente, o conteúdo moral.

Kardec, a propósito, na introdução de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, explica, por exemplo, em relação aos Evangelhos, que muitos se apegaram a parte mística, esquecendo-se da parte moral (onde encontrariam a própria condenação), eis que a parte moral exige a reforma de cada um. O ensino moral ali contido, no entanto, é inquestionável e nunca foi objeto de discussão.

Portanto, quando nós, Espíritas, estudamos livros como o “Apocalipse”, mantemo-nos de coração Sereno, sem nos apegarmos as imagens e simbolismos extraordinários, pois lhes damos o valor apropriado.

Com esse propósito, prossigamos.

O médium João

Em “A Hora do Apocalipse”, Edgard Armond comenta que o apóstolo João encontrava-se em estado de desdobramento ou êxtase, onde viu, nos Planos Espirituais, quadros e projeções etéreas.

Emmanuel, comentando o Apocalipse em “A Caminho da Luz”, diz que:

“O Divino Mestre chama aos Espaços o Espírito João, que ainda se encontrava preso nos liames da Terra, e o Apóstolo, atônito e aflito, lê a linguagem simbólica do invisível. Recomenda-lhe o Senhor que entregue os seus conhecimentos ao planeta como advertência a todas as nações e a todos os povos da Terra...”

“... fui movido pelo Espírito” (Ap 1:10).

É como o apóstolo descreve o método pelo qual lhe foi revelado a mensagem apocalíptica. Através do fenômeno de emancipação da alma, ele foi levado a regiões do espaço, e após receber a mensagem, ele a relata através dos símbolos e imagens que eram comuns ao seu povo.

Neste ponto, temos que nos remeter a “O Livro dos Espíritos”, item 455, em que Kardec discorre sobre os fenômenos da emancipação da alma. Especialmente sobre o êxtase, afirma:

“O êxtase é o estado pelo qual! a independência entre a alma e o corpo se manifesta da maneira mais sensível, e se torna, de certa forma, palpável.”

E ainda: *“No estado de êxtase o aniquilamento do corpo é quase completo; ele só conserva, por assim dizer a vida orgânica. Sente que a alma não se liga a ele mais que por um fio...”*

E em “O Livro dos Médiuns”, no quadro sinótico dos médiuns, constante da Segunda parte, cap. XVI, encontramos: *“Médiuns extáticos - Os que, em estado de êxtase, recebem revelações dos Espíritos.”*

João, no entanto, embora fosse grande médium, ressalva Edgard Armond que:

“Não sabendo transmitir o que viu em perfeita realidade, descreveu como pode, comparando com o que conhecia.”

Provavelmente, visualizou situações até mesmo de nossos dias, impossíveis de serem compreendidas naquela época. Sobre esse ponto, extraímos o seguinte trecho da resposta à questão nº443 de “O Livro dos Espíritos”, que trata sobre a visão do extático (aquele que vê em estado de êxtase):

“O que ele vê é real para ele; mas, como seu Espírito está sempre sob a influência das idéias terrenas, ele pode ver à sua maneira, ou, melhor dito, exprimir-se numa linguagem de acordo com os seus preconceitos e com as idéias em que foi criado, ou com as vossas, afim de melhor se fazer compreender...”

O CONTEÚDO NA VISÃO ESPÍRITA

Erroneamente, o Apocalipse vem sendo tratado, por muitos, como sinônimo de “final dos tempos”.

Há simbolismos, por exemplo, que levaram a crença de que os cataclismos citados nas profecias são os grandes terremotos ocorridos, outros os ligam as guerras.

Foi por isso que já se previu, inúmeras vezes, e até mesmo nos dias de hoje, que as profecias contidas no Apocalipse concretizar-se-iam e tudo estaria acabado.

A simples menção da palavra já remete a pensamentos catastróficos. Sobre esse aspecto, Camille Flammarion, na obra “O Fim do Mundo” comenta que:

“A tradição Cristã? em acreditar que o fim estava próximo perpetuava-se de ano em ano, de século a século, apesar dos desmentidos da Natureza. Qualquer catástrofes tremor de terra, epidemia, fome, inundação; qualquer fenômeno: eclipse, cometa, furacão, tempestade, eram encarados como sinais precursores do cataclismo final.

Os cristãos tremiam quais folhas levadas pelo vento, na expectativa constante do julgamento decisivo, e os pregadores alimentavam esse místico temor das almas tímidas.”

O Espiritismo, em absoluto, não compartilha dessas infundadas previsões. Considera que a mensagem principal do livro é que após tremendas dificuldades por que se passa, no inexorável caminho do progresso, no final haverá a vitória dos “justos”.

Não devemos, então, buscar no Apocalipse um significado único. Os acontecimentos ali descritos podem ser encontrados em várias ocasiões da História da Humanidade, quando os Homens vivenciam circunstâncias que se assemelham aos fatos narrados.

Independentemente do significado exato, podem representar aflições pelas quais poderá passar a Humanidade, decorrentes de seu livre arbítrio.

O “Apocalipse”, através da revelação feita por Jesus, complementa sua majestosa e sublime ação, desvela sua vontade, seus planos para a Humanidade e nos desperta para que estejamos alinhados a seus ensinamentos para que possamos habitar a morada feliz que se tornará a Terra quando a população vivenciar seu Evangelho.

De acordo com Edgard Armond, no preâmbulo de sua obra “A Hora do Apocalipse”, o livro da Revelação apresenta acontecimentos que interessam a Humanidade; é um complemento aos ensinamentos de Jesus, quando o Divino Mestre, no Sermão do Cenáculo, refere-se a acontecimentos finais deste atual ciclo evolutivo.

De acordo com Emmanuel em “A Caminho da Luz” as guerras, as nações futuras, os tormentos porvindouros, o comercialismo, as lutas ideológicas da civilização ocidental, estão ali pormenorizadamente entrevistados.

Seu conteúdo mostra o que ocorre em todos os tempos: as religiões perdem-se nos caminhos do ritualismo, do mercantilismo, do fanatismo que alimenta os orgulhosos, materializando o sentido espiritual, desvirtuando sua essência.

Vemos que o Apocalipse foi escrito de forma que pudesse atravessar todos esses séculos até os nossos dias, a fim de servir de mensagem a Humanidade atual e não somente ao povo daquela época, circunscrito as sete igrejas citadas.

NÃO HAVERÁ FIM DO MUNDO

Pode-se compreender, então, que não haverá um “Fim do Mundo”, como muitos sempre pregaram ao longo do tempo. Tudo se dará sem saltos.

Conforme vemos no item 2, cap. XVIII de “A Gênese”: *“Tudo é harmonia na Criação; tudo revela uma providência que não se desmente nem nas menores coisas nem nas maiores...”* Certo é que muitos fatos

apresentados no “Apocalipse” já se passaram e muitos ainda estão por vir. Porém, não da forma catastrófica que muitos têm interpretado.

Por certo, também, o Homem sofrerá as consequências de suas paixões inferiores, porém, não da forma destruidora que muitos interpretam sobre o final dos tempos.

Sim, o Livro da vida, contido nas mãos de um “Anjo Poderoso”, tem o sabor (entendimento) doce e amargo (Ap. 10:9-10). **Doce**, porque anuncia o triunfo do Cristo no plano da evolução planetária; **amargo**, porque esta evolução é feita através de tribulações calcadas nas deficiências morais individuais e coletivas dos Homens.

A nossa frente, temos a presença do Mestre, que jamais nos desamparara frente às vicissitudes do caminho: é o nosso refugio, a nossa força, a nossa sustentação, de onde emana a nossa coragem para continuarmos rumo à paz e ao equilíbrio almejados.

A RESPONSABILIDADE DO ESPÍRITA

O espírita tem um papel preponderante nesse momento de transição. Com a devida preparação através da reforma interior, o espírita tem sua vida transformada, e pode influenciar a todos que o cercam, principalmente pelo exemplo, a se reformularem seguindo as normas de conduta sugeridas no Evangelho do Cristo.

Dai a grande responsabilidade de cada um, pois *“ao que muito foi dado, muito será pedido”*. Neste sentido, temos o Espiritismo como recurso primordial de esclarecimento e encaminhamento dos Homens.

Cabe aqui mais uma vez a recomendação do Mestre: *“Orai e vigiai”*. Principalmente, por tudo aquilo que a Doutrina Espírita prega, com base nos ensinamentos de Jesus, é nosso dever estarmos preparados e ao mesmo tempo atuarmos como verdadeiros servidores, auxiliando a todos que pudermos alcançar, para que *“nenhuma ovelha se perca”*.

São palavras do Mestre: ***“Vinde a mim benditos de meu Pai; tomai posse do reino que está preparado para vós desde a criação do mundo”***.

Conforme cita José de Souza e Almeida, no final de sua obra *“O Apocalipse”*, o livro da Revelação é a certeza de que se realizará a bem-aventurança: ***“Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra”*** (Mt 5:5).

Encontramos no Espiritismo todo o alicerce para a necessária reformulação e transformação íntima.

Para Cairbar Schutel, o *“cântico novo”*, citado no capítulo XIV, refere-se justamente à Doutrina Espírita, pois é a única que prega o Evangelho em Espírito e verdade.

Aqueles que só têm ouvidos para as vozes sedutoras do mundo material, não estão dispostos a vivenciar o Evangelho e libertar-se, passando a viver o *“Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”*.

À medida que nos reformamos interiormente, nossos olhos vão se voltando para os verdadeiros valores, bem como, para as oportunidades que a todos os momentos chegam-nos, possibilitando valorizar a bendita reencarnação que nos foi concedida, e a trilhar o Caminho que permite entrar pela porta estreita das regiões angelicais.

<p>QUESTÃO REFLEXIVA:</p>

<p>Como nós espíritas podemos auxiliar o planeta nesse momento de transição?</p>
--

Bibliografia:

- Bíblia de Jerusalém.
- Kardec, Allan - A Gênese - Ed. FEESP.
- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Ed. FEESP.
- Xavier, Francisco C./Emmanuel - A Caminho da Luz
- Flamarion, Camille - O Fim do Mundo.
- Almeida, José de Sousa e - O Apocalipse - Ed. FEESP.
- Schutel, Caibar - Interpretação Sintética do Apocalipse.
- Armond, Edgar - A Hora do Apocalipse.
- Atlas Bíblico Interdisciplinar - Escritura, História, Geografia, Arqueologia, Teologia - Ed. Paulus.

23ª Aula - Nova Era

Parte A - Sinais Dos Tempos

Quando lemos a Bíblia, encontramos diversas citações, tanto no Antigo como no Novo Testamento, que fazem referência aos “Sinais dos Tempos”.

Jesus, especialmente no Sermão Profético, anunciou aos seus discípulos uma série de sinais extraordinários:

“Haveis de ouvir falar sobre guerras e rumores de guerra. Cuidado para não vos alarmardes. É preciso que essas coisas aconteçam, mas ainda não é fim. Pois se levantará nação contra nação e reino contra reino. E haverá fome e terremotos em todos os lugares. Tudo isso será o princípio das dores.

(...) E surgirão falsos profetas em grande número e enganarão a muitos. E pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriará.

(...) Logo após a tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem e todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória.” (Mt 24:6-8, 11-12 e 29-30).

Neste sermão, vemos que, se tomadas ao pé da letra, certas predições seriam assustadoras. No entanto, Kardec, no livro “A Gênese”, cap. XVII, item, 54, tranquiliza-nos afirmando que o quadro do fim dos tempos é, evidentemente, alegórico.

“As imagens que ele contém, mediante a energia destas, são de natureza a impressionar inteligências ainda rudes. Para impressionar essas imaginações pouco sutis, eram necessárias pinturas vigorosas, de cores vivas. Jesus se dirigia sobretudo ao povo, aos homens menos esclarecidos, incapazes de compreenderem as abstrações metafísicas, e de perceberem a delicadeza das formas. Para chegar ao coração, era necessário falar aos olhos com a ajuda de sinais materiais, e aos ouvidos mediante o vigor da linguagem.”

Era, pois, o próprio costume da época utilizar-se de linguagem forte e simbólica, como vemos em diversas ocasiões nas Escrituras.

Nesse sentido, a figura do Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com grande majestade, rodeado de seus anjos e com o barulho das trombetas, já havia sido empregada pelo profeta Daniel, no Antigo Testamento, e, dessa forma, era bem conhecida entre os judeus à época.

Imagem imponente atendia as perspectivas judaicas de poder, glória, majestade, esplendor... muito mais do que alguém que não tivesse autoridade material, mas apenas ascendência moral.

Ainda no mesmo item acima citado de “A Gênese”, prossegue o codificador:

“Como consequência natural dessa disposição de espírito, o poder supremo não podia, segundo a crença de então, manifestar-se senão por atos extraordinários, sobrenaturais; quantos mais esses eram impossíveis, mais eram aceitos como prováveis.”

Com efeito, podemos constatar tal fato, por exemplo, na seguinte assertiva: *“O sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados.”* Ora, quem nos dias de hoje, utilizando a razão, poderia acreditar que as estrelas cairiam do céu?

Esta crença, diante de todos os conhecimentos e descobertas da astronomia, é, em essência, absolutamente pueril em nossos dias. Porém, quando ainda não havia tais conhecimentos, os homens, em sua maioria, só conseguiam conceber a Divindade atuando através de fenômenos excepcionais e extraordinários como esses.

Por outro lado, além dessas figuras alegóricas e irrealis, podemos observar que há outras predições, contidas no Sermão Profético, que estão dentro da ordem naturais das coisas, como veremos adiante.

Quando começarão a ocorrer os “Sinais dos Tempos”?

Quando proferiu o Sermão Profético, Jesus indicou os vários sinais que aconteceriam, mas, também afirmou:

“Daquela dia e da hora, ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, mas só o Pai.” (Mt 24:36).

Esta afirmação demonstra-nos, claramente, que não existem, em regra, fatalismos. Este é, reforçamos, um ponto capital da Doutrina Espírita: o livro arbítrio dos Homens é o que determina um maior ou menor avanço de uma dada sociedade, num espaço delimitado de tempo.

Mas embora os Seres possam caminhar mais ou menos rápido, certo é que todos estão fadados à perfeição relativa. Neste ponto temos, sim, que admitir um fatalismo. Então, embora possam, se assim o desejarem, atrasar a própria evolução, não podem fugir ao cumprimento da Lei Divina.

Lembremos, a propósito, o que disse o Mestre: *“Passarão o céu e a terra. Minhas palavras, porém, não passarão.”* (Mt 24:35)

Inquestionavelmente, as palavras de Jesus não passarão porque são eternas, representam a mais pura verdade. Passarão o céu e a terra, pois, pertencendo ao mundo material, estão sujeitos a leis físicas, mas as palavras de Jesus são o anúncio da vontade Divina.

Retomando as predições do Mestre, e fazendo abstração aos fatos extraordinários e impossíveis, ou seja, deixando de lado tais prodígios, e lançando nossa atenção apenas nos fatos que, como dissemos, estão dentro da ordem natural das coisas, notaremos que representam os acontecimentos históricos e atuais que temos visto.

Guerras, conflitos, fome, miséria, dores... afinal, não fazem parte de nossa realidade atual? E não são eles sinais anunciados por Jesus?

Vemos também que, mesmo diante de todos esses fatos comoventes, muitos se mantêm insensíveis, alheios à dor do semelhante, consubstanciando, assim, a afirmação:

“E pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriará.” (Mt 24:12).

Esclarecendo a questão dos “tempos chegados”, Kardec, em “A Gênese”, cap. XVIII, item 7, explica que nosso globo, como tudo quanto existe, está sujeito a Lei do Progresso; por isso progride fisicamente, pela transformação dos elementos que o compõem e moralmente, pela purificação dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam.

Lembremos ainda que, por isso, disse o Mestre: ***“É preciso que essas coisas aconteçam...”*** (Mt 24:6).

OS SINAIS

No item 60, cap. XVII, de “A Gênese”, Kardec assevera: *“Se, agora, considerando a forma alegórica de certos quadros, e analisando o sentido íntimo das palavras de Jesus, compararmos a situação atual com os tempos descritos por Ele, como devendo marcar a era da renovação, não se pode negar que várias de suas predições estão se realizando hoje; daí é necessário concluir que chegamos aos tempos anunciados, o que os Espíritos que se manifestam, confirmam em todos os pontos do globo.”* (grifo nosso).

Quais são, então, outros sinais que podemos constatar?

De acordo com a apreciação de Kardec, expostas no mesmo capítulo acima citado, estes são alguns dos sinais:

- as tendências, as aspirações, os pressentimentos das massas, a decadência das velhas idéias que se debatem em vão há um século contra as idéias novas;
- o advento do Espiritismo, coincidindo com outras circunstâncias, realiza uma das mais importantes predições de Jesus, pela influência que ele deve exercer sobre as idéias;
- a disseminação das comunicações mediúnicas, concretizando a sentença: *“Nos últimos tempos, disse o Senhor espalharei meu Espírito sobre toda a carne: vossos filhos e vossas filhas profetizarão.”*

São, de fato - bem podemos ver - sinais inconfundíveis. E, é relevante notar, não representam cataclismos planetários, não representam estrondosas erupções vulcânicas, não são as entranhas da Terra que se abrem em colapso... são “revoluções” de ordem intelectual e moral.

Em sendo desta natureza, mudança tão radical como a que se elabora, não poderia realizar-se sem lutas das idéias: *“É, portanto da luta das idéias que surgirão os graves acontecimentos anunciados, e não de cataclismos, ou catástrofes meramente materiais. Os cataclismos gerais eram a consequência do estado de formação da Terra: hoje já não são as entranhas do globo que se agitam, são as da Humanidade.”* (GE cap. XVIII, item 7).

Contemplando nossos dias...

Nos dias de hoje, temos exemplos concretos que os interesses estão renovando-se:

- preocupamo-nos com o planeta, e seus recursos naturais;
- há uma ênfase na proteção da fauna, da flora, com o superaquecimento global, com a camada de ozônio...;

- preocupamo-nos com os direitos humanos;
- a educação é cada vez mais reconhecida como um forte leme para alavancar o progresso;
- as organizações filantrópicas mobilizam-se em prol de causas nobres, preocupando-se com as nações mais necessitadas;
- ocorre o enfraquecimento do preconceito;
- a globalização e seu aspecto econômico-financeiro fizeram, e fazem, com que povos aproximem-se, e
- a tecnologia faz com que as distancias encurtem-se cada vez mais e aproxime as pessoas.

Todos esses exemplos são também sinais dos tempos, mas o mais importante que vemos no mundo contemporâneo aponta para um enorme anseio exclamado por várias pessoas notáveis, de diferentes partes do mundo, e ao mesmo tempo por populações inteiras: **Que haja paz no mundo em que vivemos!**

Anseiam por um mundo sem fronteiras, sem ódio, sem medo, sem guerras, sem intolerância. Falam em harmonia e união; em compreensão, tolerância e perdão, aspectos fundamentais a serem considerados para a nova perspectiva. E isto é válido não apenas para o sentimento religioso em si, como também para os aspectos científicos, filosóficos, políticos, sociais e tudo o que possa trazer avanços a Humanidade.

Não podemos deixar de notar que, também nessa direção, vemos o movimento que se opera referente as idéias espiritualistas e os princípios de repulsa contra as idéias materialistas.

Pressentem-se esses ventos vindo de diversas direções e não somente no Espiritismo. O que corrobora ainda mais para a idéia da maturidade da Humanidade, que faz dessa renovação uma necessidade.

As idéias espíritas constituem poderosa alavanca para o momento que passamos. Kardec em “A Gênese”, cap. XVIII, item 25, assevera que:

“Por seu poder moralizante, por suas tendências progressistas, pela amplitude de suas vistas, pela generalidade das questões que abarca, o Espiritismo esta, mais que qualquer outra doutrina, apto a auxiliar o movimento regenerador; é por isso que ele lhe é contemporâneo. Ele veio no momento em que podia ser mais útil, porque para ele também os tempos chegaram; mas cedo, teria encontrado obstáculos intransponíveis; teria inevitavelmente sucumbido, porque os homens, satisfeitos do que tinham, não experimentavam ainda a necessidade do que ele traz.”

Vemos, pois, que se trata de um momento especial que, nas palavras do Espírito Viana de Carvalho, no cap. 10 da obra “Espiritismo e vida”, psicografado por Divaldo P. Franco:

“A grandeza deste momento está na dicotomia da destruição do mal e da construção do bem, nas ocorrências calamitosas e edificantes, das quais resultará o amanhecer da Era de paz e de felicidade relativas que serão convites estimulantes para a conquista da plenitude sem jaça e de sabor eterno ao alcance de quem a desejar.”

QUESTÃO REFLEXIVA:

À luz da Doutrina Espírita, existe motivo para temermos os “Sinais dos Tempos” e as grandes mudanças que se aproximam?

Parte B - Regeneração Da Humanidade

Em “O Livro dos Espíritos”, terceira parte, cap. VIII, encontramos, detalhadamente, a explicação da Lei do Progresso que, inexoravelmente, impulsiona a Humanidade e todas as coisas do universo no caminho da evolução.

O progresso da Humanidade, portanto, efetua-se em virtude de leis naturais e, como todas as leis da natureza, estas também são obras de Deus. Logo, podemos dizer que quando a Humanidade está madura para transpor um degrau, os “tempos marcados” por Deus chegaram.

Chegado o momento certo, a transição efetuar-se-á.

As mudanças, no entanto, são paulatinas, sem grandes convulsões.

Nesse sentido, em “Obras Póstumas”, no item “Regeneração da Humanidade” encontramos a seguinte comunicação:

“Não percebeis que sopra um vento pela superfície da Terra, o qual agita os Espíritos? O mundo espera alguma coisa e sente-se dominado de um vago pressentimento da próxima tempestade.”

Não acrediteis, entretanto que o mundo acabe materialmente. Ele progrediu desde o primeiro dia e deve progredir indefinidamente.

A humanidade é que atingiu um dos seus períodos de transformação e a terra vai elevar-se na hierarquia dos mundos.”

Esses períodos de transformações são caracterizados por instabilidades, em que os valores, no tumulto dos acontecimentos, são renovados, culminando em profundas modificações na vida, nos costumes e na própria natureza humana.

Não há, no entanto, sobressaltos. Tudo transcorre como um longo processo e, gradativamente, a Humanidade vai renovando seus valores.

Temos, então, que não ha nada de místico ou sobrenatural em dizer que a Humanidade chegou a um período de transformação e que a Terra deve se elevar na hierarquia dos mundos. Trata-se do cumprimento de uma das grandes leis inevitáveis do Universo.

A HIERARQUIA DOS MUNDOS

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. III, item 3, Kardec, compilando as diversas comunicações dos Espíritos Superiores, explica que os diversos mundos possuem condições muito diferentes uns dos outros em relação ao atraso ou adiantamento de seus habitantes. Há desse modo, alguns que são ainda inferiores a Terra, física e moralmente, outros estão no mesmo grau, e há outros que lhe são superiores.

Em seguida, apresenta a classificação dos mundos em cinco categorias. vejamos:

- **Mundos Primitivos** - onde se verificam as primeiras encarnações da alma humana;
- **Mundos de Expições e de Provas** - onde o mal predomina;
- **Mundos Regeneradores** - onde as almas que ainda têm o que expiar adquirem novas forças, repousando das fadigas da luta;
- **Mundos Felizes** - onde o bem supera o mal, e
- **Mundos Celestes ou Divinos** - morada dos Espíritos purificados, onde o bem reina sem mistura.

Esta classificação - ensina Kardec - é antes relativa que absoluta, então, é apenas uma divisão geral.

Conclui o codificador que: ***“A Terra pertence à categoria dos mundos de expiações e de provas, e é por isso que nela o homem está exposto a tantas misérias.”***

No item 13, do mesmo capítulo acima citado, encontramos uma mensagem de Santo Agostinho, com a seguinte síntese sobre os mundos de expiação e de provas, e especialmente sobre a Terra:

“A superioridade da inteligência, num grande número de seus habitantes, indica que ela não é um mundo primitivo, destinado à encarnação de Espíritos ainda mal saídos das mãos do Criador. Suas qualidades inatas são prova de que já viveram e realizaram um certo progresso, mas também os numerosos vícios a que se inclinam são o indício de uma grande imperfeição moral. Eis porque Deus os colocou num mundo ingrato, para expiarem suas faltas através de um trabalho penoso e das misérias da vida...”

E, mais adiante, discorrendo sobre a progressão dos mundos, no item 19, anuncia que a Terra:

“... chegou a um de seus períodos de transformação, e vai passar de mundo expiatório a mundo regenerador. Então os homens encontrarão a felicidade, porque a lei de Deus governará.”

Como ocorrerá a regeneração?

No item 31, do cap. XVIII, de “A Gênese”, Kardec ilustra, através de um exemplo claro como podemos entender a transição. A maneira pela qual se opera a transformação pode ser compreendida por uma comparação comum; e, como poderemos notar, ela é toda moral e não se afasta em absoluto, das leis da natureza:

“Suponhamos um regimento composto na grande maioria de homens turbulentos e indisciplinados: estes contribuindo sem cessar para a desordem, que a severidade da lei penal terá, frequentemente, dificuldade para reprimir. Esses homens são os mais fortes, porque são os mais numerosos; eles se apoiam, encorajam-se e se estimulam por meio do exemplo. Os poucos bons são sem influência; seus conselhos são desprezados; eles são ridicularizados, maltratados pelos outros, e sofrem com este contato. Não está aí a imagem da sociedade atual?”

Suponhamos que se retirem esses homens do regimento, um por um, dez a dez, cem a cem; e sejam substituídos pouco a pouco por um numero igual de bons soldados, até por aqueles que foram expulsos, mas que se hajam seriamente corrigido: no fim de algum tempo teremos sempre o mesmo regimento, mas transformado; a boa ordem terá sucedido a desordem. Assim será a Humanidade regenerada.”

Apesar de todo conforto que o progresso tecnológico trouxe-nos, somente o progresso moral pode assegurar a felicidade colocando um freio às más paixões, rompendo as barreiras dos povos, derrubando os preconceitos de casta, calando o antagonismo das seitas, ensinando os homens a se olharem como irmãos convidados a se ajudarem mutuamente. (A Gênese, cap. XVIII, item 19).

A NOVA GERAÇÃO

Conforme vimos, Kardec explica que a geração atual desaparecerá gradualmente, e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que nada seja mudado na ordem natural das coisas.

Temos, então, que a época atual é de transição; os elementos das duas gerações mesclam-se. Colocados no ponto intermediário, assistimos à partida de uma e a chegada da outra, e cada uma já se assinala no mundo por caracteres que lhes são próprios, uma mais materialista, outra mais espiritualizada.

A nova Terra devera ser um lugar onde os Homens sejam mais felizes. Por conseguinte, é necessário que ela seja povoada em sua maioria por bons Espíritos encarnados e desencarnados. Kardec esclarece em “A Gênese”, no item 27 do mesmo capítulo acima citado, que:

“Esse tempo tendo chegado, uma grande emigração se realiza neste momento entre os que a habitam; aqueles que fazem o mal pelo mal, e que o sentimento do bem não toca, não sendo mais dignos da Terra transformada, dela serão excluídos...”

Renovado o panorama do mundo pela presença de Espíritos mais elevados, o clima de equilíbrio será estabelecido, e tanto os planos espirituais próximos à crosta quanto à própria superfície planetária refletirão a integridade moral de seus habitantes.

E quanto ao “Julgamento Final”?

Conforme podemos encontrar em “A Gênese”, cap. IX, não faz sentido pensar num julgamento final, único e universal, que coloque fim a toda a Humanidade. Não há lógica nessa linha de raciocínio, pois isso implicaria na inatividade de Deus durante a eternidade que precedeu a criação da Terra e a eternidade que seguira a sua destruição.

Além disso, tal julgamento é inconciliável com a Bondade Infinita do Criador, que Jesus apresentou-nos sempre como Pai Amoroso e Misericordioso. A própria expressão ‘julgamento final’ não faz sentido.

Há, sim, julgamentos gerais que ocorrem em todas as épocas de renovação dos mundos e, em consequência delas operam-se as grandes emigrações e imigrações dos Espíritos.

“Os mansos herdarão a Terra”, como disse Jesus. Porém, sabemos muito bem que Jesus não abandona nenhuma de suas ovelhas. No momento adequado, aqueles Espíritos que, apesar da sua inteligência e de seu saber, perseverarem no mal, passando a ser entrave ao progresso moral da Terra, serão enviados a mundos mais atrasados, onde terão oportunidade de aplicar sua inteligência e a intuição dos conhecimentos adquiridos, auxiliando no progresso daquele mundo a que forem chamados a viver, como vemos em “A Gênese”, cap. XI, item 43 :

“... ao mesmo tempo que expiarão, numa serie de existências penosas e por um duro trabalho, as suas faltas passadas e seu endurecimento voluntário.”

Emmanuel, em “A Caminho da Luz”, recorda-nos acontecimento semelhante em um dos orbes de Capela, onde muitos Espíritos rebeldes foram exilados a Terra.

No nosso planeta começa a ocorrer esse mesmo processo.

Na obra “Espiritismo e vida”, psicografado por Divaldo Pereira Franco, o Espírito Vianna de Carvalho anuncia, no cap. 10, “A Nova Sociedade do Futuro”:

“Já se encontram, pois, na Terra, incontáveis preparadores da nova sociedade do futuro, envergando a vestimenta carnal (...) despertando o interesse e a atenção dos mais renitentes negadores do Espírito, de modo que, de imediato, haja lugar para a instalação do Reino de Deus nas mentes e nos corações afervorados a verdade.”

Como será a vida na Terra?

Quando as mudanças sedimentarem-se, tudo estará diferente: os costumes, o caráter das pessoas, os anseios, os objetivos, as preocupações... a fraternidade devera ser a pedra angular tendo por base inquebrantável a fé

nos “*princípios fundamentais que todo o mundo pode aceitar: Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinido, a perpetuidade das relações entre os seres.*” (GE, cap. XVIII, item 17).

É preciso um novo homem para a nova era!

No item 3, do cap. XVII, “Sede Perfeitos”, de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” quando é indicado como se comporta o Homem de Bem, encontramos:

“... faz o bem pelo bem, toma a defesa do fraco contra o forte e sacrifica sempre o seu interesse a justiça. Encontra sua satisfação nos benefícios que distribui, nos serviços que presta, nas venturas que promove, nas lágrimas que faz secar; nas consolações que leva aos aflitos. Seu primeiro impulso é o de pensar nos outros, antes que em si mesmo, de tratar dos interesses dos outros, antes que dos seus.

(...) O homem de bem, enfim, respeita nos seus semelhantes todos os direitos que lhes são assegurados pelas leis da natureza, como desejaria que os seus fossem respeitados.”

Todo espírita verdadeiro é, por definição, um Homem novo e percebe a plenitude da paz e será um candidato natural a residir na “nova morada”.

Enquanto o “leme da embarcação planetária” estiver nas mãos de Jesus, o mundo prosseguirá lenta e seguramente rumo ao fim para o qual foi criado: habitação feliz de almas em evolução, escola e oficina de trabalho para os filhos de Deus.

A Doutrina Espírita apresenta a proposta renovadora do Cristianismo redivivo, do despertar das potências adormecidas de cada Espírito, da busca da plenitude, que se dá pela prática incondicional do Bem, para com isto vir a compor o perfil desejado do Homem da Nova Era e auxiliar a Humanidade em momento tão importante de sua jornada.

Kardec indica-nos que o reino do Bem será o da paz e da fraternidade universal e será derivado do código de moral evangélica posto em prática por todos os povos (GE cap. XVII). Esse será verdadeiramente o reino de Jesus onde os homens viverão sob a sua lei.

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, no cap. III, encontramos este cântico de Santo Agostinho, sobre os mundos regeneradores:

“Entre essas estrelas que cintilam na abóboda azulada, quantas delas são mundos...”

(...) Comparados a Terra, esses mundos são mais felizes, e muitos de vós gostariam de habitá-los, porque representam a calma após a tempestade, a convalescença após uma doença cruel.

(...) Contemplai, pois, durante a noite, na hora do repouso e da prece, essa abóboda azulada, e entre as inumeráveis esferas que brilham sobre as vossas cabeças, procurai as que levam a Deus, e pedi que um mundo regenerador vos abra o seu seio, após a expiação na Terra.”

Confiantes em Jesus... seguindo os passos do Mestre, trabalhemos para implantar a Nova Era na Terra!

QUESTÃO REFLEXIVA:

Neste período de renovação da Terra, como podemos contribuir para a regeneração planetária?

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém.
- Kardec, Allan -A Gênese - Ed. FEESP.
- Kardec, Allan - O Livro dos Espíritos - Ed. FEESP.
- Kardec, Allan - Obras Póstumas.
- Xavier, Francisco C./Emmanuel -A Caminho da Luz.
- Xavier, Francisco C./Emmanuel - vinha de Luz - Lição 120.
- Divaldo P. Franco/Vianna de Carvalho - Espiritismo e vida.

24ª Aula - O Espiritismo

Parte A - Do Cristianismo Ao Espiritismo

Os primeiros séculos do Cristianismo, como vimos anteriormente, foram assinalados pelos mais notáveis testemunhos de fé, pois eram incontáveis as perseguições.

Os primeiros cristãos, renovados pela palavra amorosa do Cristo, buscando seguir seus ensinamentos, exercitando a fraternidade legítima, deixaram-nos exemplos admiráveis de resignação, renúncia e coragem.

A expansão inicial do Cristianismo - fato digno de recordar - foi marcada pela perseguição implacável, especialmente, pelos próprios judeus opositores, muito mais do que pelos conquistadores romanos.

Com efeito, embora Jesus tenha vindo dar cumprimento a Lei e aos profetas, encontrara, no Judaísmo, uma religião institucionalizada, dogmática, prescrevendo rituais exteriores como prática devocional, em detrimento da prática do Bem.

A manifestação da adoração a Deus constituía-se de oferendas, sacrifícios e do cumprimento rigoroso dos rituais exteriores. Deus era concebido a imagem e a semelhança do Homem, ou seja, portador de predicados humanos, que antes deveria ser temido ao invés de amado.

Jesus chega, então, na qualidade de embaixador celestial, apresentando Deus como Pai de todos os Homens, cujo Infinito Amor, Bondade e Misericórdia derramam-se sobre todas as criaturas, conclamando o Homem a edificação do Reino de Deus em seu próprio coração.

Na demonstração viva da vontade Divina, ama e serve indistintamente. O Mestre proclama no **“amar a Deus sobre todas as coisas”** e no **“amar ao próximo como a si mesmo”**, o caminho que conduz a Deus.

No tocante às práticas exteriores, convida os Homens, através de parábolas, sermões, questionamentos e, sobretudo pela sua exemplificação, a refletirem sobre a ineficácia desses ritualismos, se não são capazes de torná-los melhores.

Por essa postura, Jesus foi visto como um inimigo das tradições, como um herético, por não dar importância aos preceitos exteriores, e considerado um blasfemo, por se dizer Filho de Deus.

A despeito de toda perseguição desencadeada contra Jesus, que culminou com o martírio na cruz, a palavra dele triunfou, seus exemplos fecundaram o solo da terra, como sementes de luz, destinadas a germinação incessante nos caminhos humanos. Sob a força poderosa do Amor, o Evangelho expandiu-se.

Os primeiros cristãos eram a terra fértil simbolizada na Parábola do Semeador, produzindo frutos de fraternidade, amor, fé e esperança. Perseguidos primeiramente pelos judeus e depois pelos romanos vivenciavam os mais aflitivos tormentos, de forma serena, pois a imortalidade da alma e o amor a Deus era o fundamento da fé que abraçavam. Durante quase três séculos, foram inumeráveis os mártires que, profundamente inspirados pelas sublimes palavras do Mestre, deram a própria vida a serviço do Cristo.

Nesse panorama, um ponto importante que podemos destacar foi, no tocante aos ensinamentos de Jesus, e ao esforço para manter sua integridade, as lutas imensas no combate as influências de muitos convertidos - judeus ou gentios - que não obstante terem aderido ao Evangelho, buscavam incorporar suas práticas e crenças milenares ao Cristianismo.

As lutas foram intensas e incessantes pela preservação da pureza do Evangelho. No entanto, gradativamente, a partir do século IV o Cristianismo, desfigurado pelos seus próprios adeptos, foi afastando-se cada vez mais do pensamento do Mestre.

Aconteceu, então, a construção da mistificação de Jesus e a institucionalização do Cristianismo.

A mistificação, ou seja, a criação de um mito, pois, esquecendo as próprias palavras do Mestre, que sempre afirmou sua condição humana, ainda assim, muitos o elevaram a condição de Divindade e, dessa forma, Jesus seria a própria encarnação de Deus na Terra. Tal interpretação, no entanto, é claramente rejeitada pelas próprias palavras de Jesus que sempre afirmou, expressamente, que fora enviado pelo Pai.

A institucionalização, ou seja, a transformação em uma instituição humana, pois se tornou uma organização estruturada por forte hierarquização de seus membros, regida por austero regimento interno, e com grande poder e hegemonia exclusivista, influenciando, até mesmo, na esfera administrativa, governamental e jurídica da sociedade. Tal condição faz-nos refletir:

Quanta diferença da “Casa do Caminho” onde a preocupação principal era o atendimento aos aflitos! Quanta diferença de tudo que foi ensinado pelo “Rabi da Galiléia” que sempre se esforçou em demonstrar que a grande ação era a renovação interior, e a grande tarefa era a divulgação do “Reino de Deus”, exemplificando a

simplicidade, a humildade, a pureza de intenções... não poderia, assim, haver imposições, haver disputa de poder com as Instituições do mundo... por isso Jesus havia afirmado: **“Meu Reino não é deste mundo.”**

Em todo esse processo que citamos, não poderíamos jamais esquecer do livre arbítrio dos Homens. Certo é que, em todos esses séculos, imensurável foi à ajuda da Espiritualidade Superior para inspirar os Homens ao caminho do Bem... mas, como citamos, em regra, o livre arbítrio é inviolável. Cabe, pois, a cada Ser, a cada grupo, a cada sociedade buscar a implantação do Evangelho da forma que Jesus ensinou.

Nosso avanço é sempre contínuo, construído a partir do ensino que podemos tirar das gerações anteriores. Caso contrário, estaríamos sempre a recomeçar.

Reverendo a História, portanto, podemos aprender com aqueles que nos antecederam e, em decorrência, esforçarmos para não cometer os mesmos enganos.

Vejam, então, de forma sucinta, alguns fatos marcantes que determinaram essa mistificação do Cristo e a institucionalização do Cristianismo.

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO CRISTIANISMO

Em 312, Constantino, imperador de Roma, converte-se ao Cristianismo. Publica, então, o Édito de Milão, dando liberdade de culto aos cristãos.

A Igreja, a partir daí, começa a sofrer muitas mudanças, pois o Estado que até então confiscava bens dos cristãos, passa a doá-los à Igreja, enriquecendo-a de bens materiais.

Foi assim que, em 325, Constantino solicitou as autoridades da Igreja, a convocação de um concílio para se decidir se Jesus era Deus ou se Jesus era filho de Deus, conforme apregoava Ário, sacerdote de Alexandria.

Os Concílios

Os concílios eram reuniões de autoridades religiosas, onde se debatiam todos os problemas que interessavam ao movimento cristão. Dessas reuniões decorreram as inovações desfiguradoras da beleza simples do Evangelho.

Ocorreu, então, em 325, o 1º Concílio de Nicéia, onde se reafirmou que Jesus é Deus.

Em 381, no 1º Concílio de Constantinopla, reafirmou-se que o Espírito Santo é Deus e os que afirmavam o contrário foram considerados hereges.

Em 391, o imperador Teodósio proibiu o culto pagão e elevou o Cristianismo a condição de religião oficial do Império. O Cristianismo foi institucionalizado: nascia a Igreja Católica Apostólica Romana.

No entanto, conforme assinala Emmanuel em “A Caminho da Luz”:

“O Cristianismo, porém, já não aparecia mais com aquela humildade de outros tempos. Suas cruzes e cálices deixavam entrever a cooperação do ouro e das pedrarias, mal lembrando a madeira tosca da época gloriosa das virtudes apostólicas.

(...) A união com o Estado era motivo para grandes espetáculos de riqueza e vaidade orgulhosa.

(...) Herdando os costumes romanos e suas disposições multisseculares, procurou um acordo com as doutrinas consideradas pagãos, pela posteridade, modificando as tradições puramente cristãs, adaptando textos, improvisando novidades injustificáveis...

(...) É assim que aparecem novos dogmas, novas modalidades doutrinárias, o culto dos ídolos...”

Em 607, o imperador Focas, nomeia Bonifácio III como bispo universal, criando a instituição do papado.

Os séculos transcorriam e a Igreja solidificava-se como Instituição religiosa hegemônica e pretensa detentora da “verdade”.

Aqueles que, então, não aceitavam a “verdade” propagada pela Igreja eram considerados hereges. Nesse embate, alguns chefes da Igreja consideraram a oportunidade da fundação de um tribunal de penitência.

Em 1231, o tribunal da Inquisição é consolidado pelo papa Gregório IX, engendrando um capítulo de perseguições acerbadas aos chamados heréticos.

Antecipando essa era sombria, muitos missionários do Cristo reencarnam em tarefa evangelizadora, empenhando-se na restauração do Cristianismo em sua essência.

Um dos maiores missionários desse período foi Francisco de Assis, que reencarnou em 1182. Francisco de Assis exercitava o amor, a caridade, a fé e a humildade. Seus exemplos de total compreensão do Evangelho eram um sopro de revelação divina, ministrando lições preciosas a Igreja acomodada à opulência e a exterioridade.

Francisco deu a sua colaboração a reforma espiritual de que a Igreja tanto necessitava. No entanto, o seu exemplo não foi compreendido.

Mas, o olhar misericordioso de Jesus prosseguia velando... e o movimento de renascimento cultural propiciaria também um movimento de renovação religiosa. Inúmeros cooperadores de Jesus reencarnaram: Lutero, Erasmo, Melanchton, John Huss e outros.

Lutero encabeçou o movimento de protesto contra a Igreja, originando o Protestantismo, quando, em 1520, ele rompeu com a Igreja. O seu esforço coroou-se de notável importância para os caminhos do porvir.

Em 1870, o Concílio vaticano I decretou o dogma da infalibilidade papal, instituindo que o papa, quando se manifesta, oficialmente, em matéria de fé e moral, não pode errar, pois é assistido pelo Espírito Santo. Esses são, como ressaltamos, apenas alguns dos fatos que marcaram a história da Cristandade.

Ao fazermos esta ligeira incursão, jamais podemos deixar também de ressaltar que nossa postura perante as religiões deve ser de respeito, e, assim, não tivemos quaisquer intenções de lançar críticas as Instituições, a quem muito devemos, pois temos plena consciência de que esta História foi construída por muitos de nos, Espíritos imortais que somos.

Quando a analisamos em seu conjunto, surpreendemo-nos com a riqueza de tantas manifestações humanas: quanto trabalho, quanto esforço, quantas lágrimas...

O estudo dos livros da Bíblia, o estudo da História dos grandes patriarcas tem-nos sido uma jornada reveladora.

Quantos exemplos de fidelidade à palavra divina, quantos exemplos inesquecíveis de fé, de esperança... Não obstante todos os atos humanos de desvio do “Caminho”, pelas paisagens memoráveis da Palestina, nos campos e nas montanhas, entre as oliveiras, nos caminhos inolvidáveis da Galiléia, ressoara sempre a mensagem do Mestre, convidando os Homens ao exercício da verdadeira religiosidade.

Como assinala Emmanuel no livro intitulado “Emmanuel”:

“O que se faz preciso, em vossa época, é estabelecer a diferença entre religião e religiões. A religião é o sentimento divino que prende o homem ao Criador. As religiões são organizações dos homens, falíveis e imperfeitas como eles próprios; dignas de todo o acatamento pelo sopro de inspiração superior que as faz surgir; são como gotas de orvalho Celeste, misturadas com os elementos da terra em que caíram. Muitas delas, porém, estão desviadas do bom caminho pelo interesse criminoso e pela ambição lamentável de seus expositores; mas a verdade um dia brilhará para todos, sem necessitar da cooperação de nenhum homem”.

A Mensagem de Jesus é um canto de amor, de fraternidade, de luz, de libertação que nos conduz a tantas inspirações. Que ela possa despertar-nos para a verdadeira religiosidade!

QUESTÃO REFLEXIVA:

Por que os homens, por vezes, mesmo professando uma religião que prega o Amor, podem se desviar do caminho do Bem?

Parte B - Missão Do Espiritismo

Ao longo da História, como sabemos, muitos foram os servidores de Jesus que reencarnaram na Terra, para trazer, pelo exemplo, um apelo às consciências adormecidas.

Entre os diversos momentos especialmente marcantes para a Humanidade, destaca-se o século XIX, que chegou derramando claridades na face do mundo.

CONTEXTO HISTÓRICO

A Europa, em especial, podemos recordar, que pelos vários séculos da Idade Média ficou envolta em um “véu” sombrio - a chamada Época das Trevas - acolhia, neste novo período, uma verdadeira caravana de Espíritos mais evoluídos.

Assim, em todos os departamentos da atividade humana, notáveis conquistas foram assinaladas nos campos: político, cultural, filosófico, religioso, científico...

Era a época do Positivismo, e a razão ressurgia vigorosa!

O CODIFICADOR

Um dos mais lúcidos discípulos de Jesus havia reencarnado. Allan Kardec, na sua missão de esclarecimento, fazia-se acompanhar de muitos colaboradores, cuja ação renovadora seria sentida sobre a Terra.

A missão de Kardec era árdua, pois cabia a ele reorganizar o edifício desmoronado da crença e da fé, reconduzindo a civilização a revivência do Cristianismo.

O CONSOLADOR PROMETIDO

A dádiva do intercâmbio entre o mundo visível e invisível derramaria consolações e esclarecimentos.

Havia, pois, chegado o tempo do advento do Consolador Prometido por Jesus no Sermão do Cenáculo:

“Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que vos disse”. (Jo 14:26).

“Tenho ainda muito que vos dizer, mas não podeis agora suportar. Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos guiará na verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras. Ele me glorificará porque receberá do que é meu e vos anunciará.” (Jo 16:12-14).

Das palavras de Jesus, depreende-se que muitos dos seus ensinamentos seriam esquecidos; muito do que ele havia ensinado de forma velada seria esclarecido pelo Espírito da verdade, para nos conduzir a verdade plena.

Depreende-se, também, que o conhecimento da verdade traria consolação, possibilitaria a libertação de todas as falsas concepções e crenças, e dos falsos valores.

A Terceira Revelação

Relembremos:

- a 1ª revelação veio por intermédio de Moises, é o Decálogo que está no velho Testamento;
- a 2ª revelação foi trazida por Jesus, e a encontramos nos Evangelhos do Novo Testamento, e
- a 3ª revelação é a Doutrina dos Espíritos.

A revelação, podemos destacar, é o sustentáculo das estruturas cristãs mais diversas. Assinala Kardec, em A Gênese, capítulo I, item 10, que: *“O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação eivada de erros ou sujeita a mudança não pode emanar de Deus”.*

A 3ª revelação provém dos Espíritos Superiores e foi transmitida por intermédio da mediunidade. Afirmo Kardec, em “A Gênese”, capítulo I, item 13:

“Em suma, o que caracteriza a revelação espírita é que a fonte dela é divina, a iniciativa pertence aos Espíritos, e a elaboração é a ação do trabalho do homem.”

A Invasão Organizada

Anteriormente, verificamos como a mensagem de Jesus foi paulatinamente esquecida e como se erigiram dogmas a partir de falsas interpretações de Suas palavras. A restauração da verdade viria por intermédio dos Espíritos Superiores.

Em relação à revelação espírita, é bem apropriado o termo empregado pelo escritor Conan Doyle: “Invasão Organizada”. Eis que, com efeito, por todo o mundo, num período bem definido no tempo, houve uma verdadeira invasão orquestrada pela Espiritualidade Superior, e, pelos “quatro cantos do mundo”, incontáveis eram as aparições, os fenômenos, as comunicações...

Notava-se, ainda, como sempre alerta Kardec, um caráter de universalidade dos ensinamentos, o que comprovava, inapelavelmente, a Ação Providencial.

Nada exprime melhor essa “invasão organizada”, e também os desígnios de Jesus em relação à chegada do Consolador ao mundo, do que a mensagem assinada pelo Espírito de verdade colocada no prefácio de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”:

“Os Espíritos do Senhor que são as virtudes dos céus, como um imenso exército que se movimenta, ao receber a ordem de comando, espalham-se sobre toda a face da Terra. Semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar o caminho e abrir os olhos aos cegos.

Eu vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissolver as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.

As grandes vozes do céu ressoam com o toque da trombeta, e os coros dos anjos se reúnem. Homens, nós vos convidamos ao divino concerto: que vossas mãos tomem a lira, que vossas vozes se unam, e, num hino sagrado, se estendam e vibrem, de um extremo do Universo ao Outro.

Homens, irmãos amados, estamos junto de vós. Amai-vos também uns aos outros, e dizei, do fundo de vosso coração, fazendo a vontade do Pai que está no Céu: ‘Senhor! Senhor! e podereis entrar no Reino dos Céus.’

A MISSÃO DO ESPIRITISMO

Com a chegada do Espiritismo, as grandes verdades reluzem cristalinas: a imortalidade da alma, a comunicação entre o mundo visível e invisível, e a pluralidade das existências.

Sem renascer múltiplas vezes como se pode progredir, desenvolver as potencialidades do Espírito, depurar-se a alma? Desta realidade compreendemos a justiça das aflições, a desigualdade de condições morais e intelectuais das criaturas, a progressão dos Espíritos que, criados simples e ignorantes, estão destinados à perfeição relativa.

Mas, desde o momento em que Jesus determinou que os Espíritos se fizessem ouvir na Terra, instruindo os homens de forma ampla e generalizada, a luz do Alto tem jorrado abundantemente para dissipar as sombras do mundo.

Quantos seres que colaboraram com Jesus na disseminação da Boa Nova, que foram curados por ele, que tiveram a felicidade de ouvir as suas palavras de luz, que deram suas vidas por amor a ele, prosseguem empenhados na restauração do Cristianismo! Quantos orientaram Kardec e deixaram suas lúcidas considerações gravadas nas obras da codificação!

Assim, coube ao Espiritismo, retomar a realidade espiritual que fora declamada e demonstrada por Jesus, o conceito de que o Homem é Espírito pré-existente, sobrevivente, imortal, perfectível, responsável por sua própria evolução.

Coube a Doutrina Espírita desconstituir mitos, derrubar dogmas, desvendar o que era obscuro pelo véu da letra e convidar o Homem a reconhecer a grandeza de Deus através do Evangelho de Jesus.

O objetivo fundamental era, e continua sendo, o de restaurar o Cristianismo em sua pureza, para promover a transformação moral do Homem, convidando-nos a compreender que o Amor é mais alta expressão da adoração a Deus.

Coube ao Espiritismo esclarecer o significado das lições de Jesus, destacar os ensinamentos morais e convidar os Homens a construção do Reino de Deus: “O reino de Deus está em vós”, asseverou o Mestre.

O tempo de sua realização depende dos esforços que fizermos, do aproveitamento das oportunidades que Deus concede-nos, das batalhas travadas no interior de nossos corações para efetuarmos a necessária renovação interior, pelo desabrochar do Amor em nós.

Assevera Kardec em “A Gênese”, cap. 1, item 62:

“Tais são, em resumo, os resultados da nova revelação; ela veio preencher o vazio cavado pela incredulidade, levantar as coragens abatidas pela dúvida ou pela perspectiva do nada, e dar a todas as coisas sua razão de ser. (...) Contudo, os frutos que o homem deve disso retirar não são somente para a vida futura; ele os desfrutará na Terra pela transformação que essas novas crenças necessariamente devem operar sobre seu caráter seus gostos, suas tendências e, por consequência, sobre os hábitos e as relações sociais. Pondo fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, elas preparam o do bem, que é o reino de Deus anunciado pelo Cristo.”

MISSÃO DOS ESPÍRITAS

E qual o papel que cabe aos espíritas?

Para refletirmos sobre esta questão, inserimos nestas considerações finais, o prefácio de Emmanuel na obra “Ave Cristo”, psicografada por Francisco C. Xavier, de vez que tal como outrora, os cristãos são chamados a ser a luz do mundo, instrumentos de paz e amor entre os Homens.

“Hoje, como outrora, na organização social em decadência, Jesus avança no mundo, restaurando a esperança e a fraternidade, para que o santuário do amor seja reconstituído em seus legítimos fundamentos.

Por mais se desenfrie a tormenta, Cristo pacifica.

Por mais negreje a sombra, Cristo ilumina.

Por mais se desmande a força, Cristo reina.

(...) O Espiritismo, que atualmente revive o apostolado redentor do Evangelho, em suas tarefas de reconstrução, clama por almas valorosas no sacrifício de si mesmas para estender-se, vitorioso.

(...) O Excelso Benfeitor acima de tudo, espera de nossa vida o coração, o caráter; a conduta, a atitude, o exemplo e o serviço pessoal incessante, únicos recursos com que poderemos garantir a eficiência de nossa cooperação, em Companhia dele, na edificação do reino de Deus.”

E em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, no cap. XX, item 4, “Missão dos Espíritos”, encontramos:

“Ó verdadeiros adeptos do Espiritismo, vós sóis os eleitos de Deus! Ide e pregai a palavra divina. É chegada a hora em que deveis sacrificar os vossos hábitos, os vossos trabalhos, as vossas futilidades, a sua propagação. Ide e pregai. Os Espíritos elevados estão convosco.

(...) É necessário regar com o vosso suor o terreno em que deveis semeai; porque ele não frutificará, não produzirá, senão sob os esforços incessantes da enxada e da charrua evangélicas. Ide e pregai!

(...) Marcha, pois, para a frente, grandiosa falange da fé! e os pesados batalhões dos incrédulos se desvanecerão diante de ti, como as névoas da manhã aos primeiros raios do sol.

(...) Ide e agradecei a Deus a gloriosa tarefa que vos concedeu.”

Sim. É chegada a hora! Em plena Seara Espírita, busquemos a nossa emancipação espiritual, cuidando de nossa renovação mental, que implica renovação no plano das crenças, dos sentimentos, valores, pensamentos e atitudes...

O convite é único e precioso!

Nós, espíritos, lembremos: Quanto ensinamento, quanto amparo do Plano Superior temos recebido!

Arregacemos as mangas! Partamos para o “Bom Combate”! Que nossos atos sejam todos baseados nos ensinamentos inesquecíveis de Jesus, o Mestre Maior.

Tenhamos por lema a prática constante da caridade. Sejam compassivos, fraternos, solidários, e, especialmente, servidores incansáveis do Cristo.

Sim. Ingressemos para a gloriosa “**Fraternidade dos Discípulos de Jesus**”!

QUESTÃO REFLEXIVA:

Estamos dispostos aos “esforços incessantes da enxada e da charrua evangélicas” e assumir a missão dos espíritos, integrando a legião dos incontáveis trabalhadores de Jesus?

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém.
- Kardec, Allan - A Gênese - Ed. FEESP.
- Kardec, Allan - O Livro dos Espíritos - Ed. FEESP.
- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Ed. FEESP.
- Xavier, Francisco C./ Emmanuel - Paulo e Estevão.
- Xavier, Francisco C./Emmanuel - Ave Cristo.
- Xavier, Francisco C./Emmanuel - A Caminho da Luz.
- Xavier, Francisco C./Emmanuel - Emmanuel
- Cechinato, Luiz - Os 20 Séculos de Caminhada da Igreja.